SARA HOLLAND

EVERMORE

PRISIONEIROS DO
TEMPO E DO SANGUE



MORROBRANCO
EDITORA

Sumário

Capa
Sumário
Folha de rosto
Dedicatória
Epígrafe
A feiticeira
Aos cidadãos de Sempera
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17

Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora
Créditos

EVERMORE

PRISIONEIROS DO TEMPO E DO SANGUE

SARA HOLLAND

VOLUME 2

Tradução
Isadora Prospero

MORROBRANCO
EDITORA

Aos meus irmãos Rachel, Ben e Hannah:
Estou ansiosa para ver aonde suas jornadas os levarão.

A Feiticeira viu uma sombra prateada se erguer do corpo do Alquimista e se afastar sobre a terra, rápida demais para ser perseguida. Dentro da prata, algo vermelho-escuro e pulsante brilhava. Tarde demais, a Feiticeira percebeu que o Alquimista realmente a enganara. Ele tinha roubado seu coração.

— das *Histórias Clássicas de Sempera, o Mito do Alquimista e da Feiticeira*

Mas e se a Alquimista não morreu de verdade — e se ela encontrou um jeito de permanecer viva?

— Dos diários de Liam Gerling

A FEITICEIRA

Esta noite, vou transformar o sangue da Alquimista — o sangue de Jules Ember — em uma arma.

Estou em uma sala bem abaixo dos salões de baile e varandas de Shorehaven. Um credor de tempo está curvado à minha frente, suando enquanto mistura pós em sua mesa de trabalho. Ele é o último de uma longa série de credores de tempo que contratei para obrigar a Alquimista a se revelar. Todos se provaram incapazes até agora; todos morreram por conta disso. Mas algo me diz que esta noite será diferente.

O ar está carregado de perigo. De expectativa.

O povo de Sempera não tem a menor criatividade ao usar seu precioso tempo, seus ferros-sanguíneos. Quando não os bebem como animais, esbanjam-nos para fazer suas flores desabrocharem ou os jogam na lareira para se aquecerem no inverno.

Mas o ferro-sanguíneo certo é capaz de fazer o mundo queimar.

Quando o credor de tempo vira o frasco de sangue de Jules Ember em seu pequeno caldeirão, um clarão ilumina a sala — como se não estivéssemos no subterrâneo, bem abaixo da terra, como se o dia tivesse raiado mais cedo e de uma só vez. Cinzas e fuligem redemoinham ao meu redor antes que o *bum* derrube nós dois ao chão. Por um instante, eu voo. Penso no mundo como a pele de um animal esticada sobre o aro de um tambor de guerra, do tipo que lembro ter visto séculos atrás. Alguém acabou de bater com a baqueta.

Ao mesmo tempo que minhas costas atingem as tábuas do assoalho, meu sangue canta vitória. Uma imagem lampeja atrás de minhas pálpebras: uma

paisagem de chamas, o perfil de uma cidade decrépita com um nome patético: *Crofton*.

Dou risada sozinha enquanto me ergo, cambaleante. O credor de tempo está esparramado no chão, onde foi atirado pelo impacto, e ofega como um peixe.

— Então é *você* — murmura. Meu nome verdadeiro, *Feiticeira*, morre nos seus lábios.

Não importa. Dentro do caldeirão de bronze, emitindo a própria luz fraca, gira um líquido cintilante. Incolor e de todas as cores ao mesmo tempo; a magia é difícil de encarar diretamente com esses olhos humanos. O homem que morre a meus pés a criou com os diamantes mais caros de Sempera e apenas um ano do ferro-sanguíneo que a doce Jules Ember deixou em Everless.

Levo o pequeno caldeirão aos lábios e bebo o tempo da Alquimista. Só um pouquinho.

Tenho planos para o resto.

Sinto uma pontada de dor na garganta.

Respiro, sentindo-me viva, e agarro a beirada da mesa enquanto meu corpo enfraquecido estremece. Espero que o tempo se aglutine em milhares de adagas, como aconteceu naquela noite em Everless, a noite em que enfim percebi quem habitava a pele de Jules Ember, quem vivia em seu coração. Imagino que o tempo dela vá lutar para sair de mim como uma criatura viva.

Mas isso não acontece. Em vez disso, o poder se infiltra em mim.

A energia preenche a sala, a magia em cada partícula só esperando para ser acessada e libertada no mundo, rosnando como uma matilha de cães selvagens.

Verto algumas gotas do líquido em uma garrafa — verde-escura, para esconder o caráter de diamante do conteúdo.

De volta à superfície, entrego a garrafa a Ivan Tenburn, um rapaz de Everless. Agora ele tem medo de mim; segura o frasco como se ele fosse

mordê-lo. Ótimo. Preciso que ele tome cuidado. Preciso que nossa criação chegue intacta a Crofton.

Ao local em que ela vai me entregar a Alquimista.

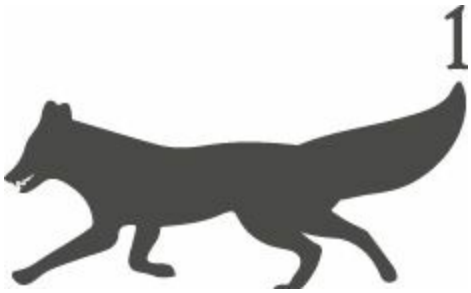
— Ateie fogo para mim — sussurro no ouvido de Ivan.

AOS CIDADÃOS DE SEMPERA

PROCURA-SE Jules Ember, de Crofton, assassina da Primeira Rainha — a falecida Salvadora de Sempera, a Dama de Séculos — e do lorde Roan Gerling — amado filho do lorde Nicholas Gerling e de lady Verissa Gerling, devotado irmão do lorde Liam Gerling.

Uma recompensa de quinhentos anos de ferro-sanguíneo é oferecida pela captura da assassina viva e sua entrega aos soldados da rainha Ina Gold.

1



Ao acordar, minhas mãos estão cobertas de sangue.

É só uma ilusão criada pelo luar e pelas sombras tremeluzentes. Ainda assim, esfrego as palmas de modo frenético em minha capa molhada, como se um gesto simples como esse pudesse limpar as manchas vermelhas em minha memória.

Estou sentada num canto do galpão da minha amiga Amma, nos arredores de Crofton. Meus dentes batem mais de medo que de frio, enquanto as três galinhas da tia dela cacarejam suavemente para mim do galinheiro. Uma chuva de primavera tamborila no telhado. Quando eu era uma criança nos braços de papai, o som da chuva era como uma canção de ninar — que falava sobre renascimento, sobre o trigo jovem que logo seria colhido, amassado e assado em pão num forno quente. A chuva me ninava, tão gentil e real como a voz de um ser amado.

Agora é a batida leve de um tambor, tornando-se mais alta a cada rajada de vento. O som da desgraça se aproximando.

A forma de Crofton me atraiu dos bosques — a linha irregular de telhados contra o céu que já vi tantas vezes. Percebo que nossa cabana fica a meros dez minutos de distância e sinto uma pontada de pesar quando lembro que não pertence mais a papai e a mim. Eu trocaria todo esplendor e luxo de Everless

por mais uma noite junto ao fogo com ele. Mas perdi até Everless — meu primeiro lar de verdade, agora eternamente proibido para mim.

Eu não queria parar após fugir de Everless, mas não consegui me conter quando avistei o galpão familiar projetando-se em um campo recém-arado. Meus pés se moveram por vontade própria. Como se, ao me esgueirar para a escuridão familiar, eu pudesse fazer o tempo andar para trás, voltar semanas e meses, e desfazer tudo o que aconteceu.

Despedir-me de Amma, se tivesse sorte.

Tudo isso foi há poucas horas, na calada da noite. Há soldados procurando por mim. Jules Ember, a assassina da rainha. Ouvi-os, por vezes, pisoteando a vegetação rasteira e quebrando galhos com sua falta de jeito, sempre me dando tempo suficiente para me abrigar numa caverna ou em cima de uma árvore. Agora estou aqui, agora estou a salvo…

Escuto um estalo lá fora. O som é tão alto que o ouço apesar da chuva e das trovoadas baixas.

Espio através de uma fissura nas velhas tábuas da parede em que me apoio, temendo que um soldado ou sangrador errante tenha encontrado meu esconderijo. Não sei o que seria pior. Um sangrador rondando os bosques provavelmente me degolaria e beberia todos os meus anos sem nem parar para examinar o meu rosto. Mas um soldado me meteria em grilhões e me arrastaria ao palácio em uma carroça com grades. No fim, não importa. Tudo que vejo do lado de fora são as árvores balançando ao vento, seus galhos se curvando como braços sombrios que se debatem e parecem apontar para mim, sussurrando:

Assassina! Alquimista!

Engulo em seco. Por um momento, juro ter visto um vislumbre do rosto da garota que assombrou meus pesadelos infantis, delineado no clarão de um raio. Olhos claros de animal que usam a gentileza como um disfarce. Cabelos escuros como o céu noturno. Dentes brancos revelando-se num sorriso.

Quando eu era criança, papai me dizia que meus sonhos não poderiam me

Quando eu era criança, papai me dizia que meus sonhos não poderiam me ferir — mas era mentira. Duas semanas atrás, a garota saiu dos meus pesadelos e pôs os pés no mundo.

Caro. A Feiticeira. Minha antiga inimiga.

Inspiro. Expiro. Fecho os olhos, tentando acalmar minha respiração acelerada, ouvir as batidas constantes da chuva no telhado. Abraço os joelhos contra o tórax, deixando o som preencher a escuridão que me cerca — mas não é o suficiente para desatar o nó de ansiedade que se forma em meu peito. No bosque, eu conseguia ignorar meu medo. Colocá-lo de lado e deixar minha atenção voltar-se para a tarefa mais urgente: andar, caçar, esconder-me. Chegar a Ambergris, a cidade portuária onde um navio arranjado por Liam Gerling aguarda para me tirar do reino de Sempera.

Mas, já que estou aqui, como poderia partir sem me despedir de Amma?

Todo dia, após o nascer do sol, ela vem coletar ovos para o café da manhã dela e da irmã Alia. Logo vai me descobrir, e não há nada que eu possa fazer além de esperar. Esperar para descobrir se minha velha amiga vai gritar ao me ver, se vai correr em busca dos soldados que sem dúvida patrulham Crofton durante todo o dia e toda a noite, na esperança de me arrastar para longe daqui.

Assim que penso nisso, as portas se abrem com um rangido. Estava esperando por isso, mas o medo ainda me atinge e ergo a cabeça bruscamente.

A silhueta de Amma aparece contra a porta, com um cobertor sobre os ombros e carregando uma cesta trançada em um dos braços. Parece saudável, e sinto uma pontada fugaz de alegria ao ver suas faces coradas. Dei-lhe os ferros-sanguíneos que Liam Gerling me mandou em segredo depois que papai morreu perto dos portões de Everless. Tinha esperança de que a bolsa de moedas pesada a ajudasse a construir uma vida melhor para si mesma e Alia.

Minha amiga esfrega os olhos sonolentos enquanto entra — até que me vê e congela.

Eu pretendia me levantar, mas também estou congelada. Encaro Amma e tento organizar todas as palavras que passam por minha cabeça, mas ela fala primeiro.

— *Jules?* — pergunta baixinho.

— Amma. — Minha voz falha ao dizer o seu nome. Perdi o costume de falar após a semana silenciosa passada nos bosques entre Crofton e a propriedade dos Gerling. Apoio uma mão na parede e me ergo, mas não dou um passo em direção a ela. Ainda não. Não até ter certeza de que não vai fugir de mim, gritando.

A boca de Amma se abre, depois se fecha em choque. Por fim, ela sussurra:

— Por favor, me diga que você não fez isso.

Ela não precisa dizer o que *isso* significa. Rumores sobre meu crime se espalharam por todos os cantos de Sempera. Que seduzi Roan Gerling enquanto trabalhava como criada em Everless e o usei para conseguir acesso aos aposentos da rainha visitante. Depois, que cortei o pescoço de Roan e apunhalei o coração da rainha.

— Não fiz — respondo. Minha voz sai rouca e suplicante. — Não fiz, Amma.

Ela continua imóvel na porta, seus olhos redondos e brilhantes perfurando os meus. Em seguida, dá um passo cauteloso em minha direção, mergulhando numa poça de luz que se infiltra por um buraco no teto. Está tremendo.

— Então o que aconteceu? Quem os matou?

— O nome dela é Caro — digo. Titubeio um pouco, embora tenha praticado o discurso em minha mente. É difícil pronunciar o nome dela em voz alta, como se a palavra fosse uma pedra entalada em minha garganta. Todos em Sempera acham que sou uma assassina. Parada aqui, indefesa e trêmula diante de Amma, percebo que preciso que alguém acredite em mim. Preciso que *Amma* acredite em mim.

Se minha amiga não viu o mesmo Jules de sempre, não me viu como

Se minha amiga não vir a mesma Jules de sempre, não me vir como realmente sou, acho que vou ruir.

— Caro era a dama de companhia da rainha — continuo, lutando para manter a voz firme. — Ela matou a rainha e Roan e colocou a culpa em mim. Agora todos pensam que sou culpada.

Quase digo "todos menos Liam Gerling", mas me contenho.

Amma me olha surpresa e fecha a porta. Meu coração dá um pulo quando sua lâmpada projeta sombras tremeluzentes nas paredes do galpão.

— Por quê? — sussurra. Seu rosto está pálido. — Por que a dama de companhia da rainha mataria Roan?

De repente, meus olhos ardem.

— Não sei — minto, segurando as lágrimas que ameaçam transbordar. — Dizem que ela tem influência com lady Gold. Talvez ache que terá mais poder se Ina for rainha.

Quero com todas as minhas forças que essa declaração — essa verdade parcial — seja suficiente. Que a ruga na testa de Amma desapareça e a tensão em seus ombros diminua. Mas, conforme a ruga e a tensão permanecem, percebo como essa esperança é tola. Amma sempre soube se eu estava mentindo desde quando éramos meninas e minhas mentiras se referiam a sopas derramadas e bonecas quebradas.

— Estão dizendo que você é uma bruxa. Que só uma bruxa poderia matar alguém tão poderoso quanto a rainha de Sempera. — A voz de Amma sai fina.

Meu estômago se revira de terror com a ideia de contar a ela a verdade: que sou a antiga Alquimista, a maléfica Alquimista, sua reencarnação. Eu me preparo, inspirando fundo.

— Você se lembra das histórias que eu costumava contar? Sobre raposas e cobras?

Uma centelha brilha nos olhos de Amma.

— Acho que sim.

Mais para ganhar tempo do que qualquer outra coisa, então a mão na minha bolsa. Amma se sobressalta e acompanha meus movimentos. Ignoro a pontada de dor que isso causa.

Com movimentos lentos e firmes, tiro o diário encadernado em couro que roubei dos cofres de Everless. O caderno da minha infância, abandonado quando papai e eu fugimos da propriedade dos Gerling, cheio de histórias e desenhos que, a princípio, eu pensava serem só os rabiscos de uma garotinha. Até que papai morreu tentando recuperá-lo, na esperança de manter a salvo a informação contida nele — de *me* manter a salvo — da Feiticeira, minha maior inimiga. O diário parece aquecer minhas mãos agora, transbordando de informações secretas — e, além disso, é um vínculo com o castelo que conserva tantas de minhas lembranças.

Você tinha razão, papai, eu corria perigo, penso com tristeza, segurando o diário entre mim e Amma. Ele pensou que a rainha era a ameaça, mas a verdadeira Feiticeira estava esperando, observando-me das sombras o tempo todo. Eu me tornei amiga dela, que era só outra criada. Revelei meu segredo a ela antes de sequer sabê-lo por mim mesma.

Raposa e cobra. Feiticeira e Alquimista.

Amma ergue a lâmpada para ver o diário e aperta os lábios. Mas dá um passo cauteloso à frente e o abre com uma mão, segurando a lâmpada de perto com a outra.

— Suas histórias — murmura ela, virando algumas páginas. Ergue os olhos para mim. Preocupação e suspeita se seguem naquele rosto que conheço tão bem. — Você as escreveu? O que é isso, Jules?

— Não são só histórias. São um código. Um código para coisas que tinha esquecido. — O nervosismo seca a minha boca. — A cobra… Era assim que eu me chamava. E a raposa é Caro.

Amma estreita os olhos.

— A garota que matou a rainha.

Não éramos amigas muito tempo atrás, antes de eu conhecer você. Ou

— Nós éramos amigas muito tempo atrás, antes de eu conhecer você. Ou pelo menos eu pensava que éramos amigas.

— Quer dizer, quando você e seu pai moravam em Everless? — Algo cintila nos olhos de Amma: a expressão da garotinha que me implorava por qualquer detalhe que eu lembrasse sobre a propriedade dos Gerling, que era arrebatada por histórias de lordes e damas.

— Mais ou menos. — Puxo o ar, trêmula. — Amma, descobri algo sobre mim mesma quando voltei a Everless. Vai parecer loucura quando eu contar, mas, por favor, só ouça. E, depois, eu vou embora. Se você quiser. — *Mas me deixe ficar, por favor*, acrescento em silêncio. Perdi tanta coisa nas últimas semanas: papai, meus amigos, até Everless, o lugar que ao mesmo tempo amo e odeio. Não posso perder Amma também.

Liam Gerling cruza minha mente de novo, a certeza absoluta em seus olhos quando, num campo aberto, ele me disse que eu era a Alquimista. Queria que ele estivesse ao meu lado, mesmo que só para mostrar a Amma que não sou louca. Ainda não.

— Você acredita na Feiticeira? — pergunto.

— É claro. — A resposta de Amma não demonstra hesitação. Eu me lembro da estatueta de madeira de uma garota que ela deixa na janela, e das folhas e frutos de azevinho-de-gelo, o símbolo da Feiticeira, entalhados em cima das portas. Os mesmos motivos decoram altares por toda Sempera. Para Amma, para todos, a Feiticeira é um ser benevolente e o Alquimista é o ladrão maligno que roubou seu coração. A raiva roça a minha garganta. Caro teve séculos para moldar suas histórias, enquanto a Alquimista tem — enquanto *eu* tenho — que começar do zero a cada encarnação, envolta na ignorância do que ocorreu antes.

— A Feiticeira é real — digo. Fecho os olhos para não ter que ver a reação de Amma ao que falo em seguida. — Eu a conheci.

Amma arqueja baixinho.

— Como isso é possível? — Ela parece maravilhada, ansiosa. Nunca vi

— Como isso é possível? — Ela parece maravilhada, reverente. Nunca vi seus olhos tão arregalados.

— Caro… Caro é a Feiticeira. — Ditas em voz alta, as palavras parecem estranhas. — Ela se disfarçou de criada da rainha para ficar perto do poder sem chamar atenção. Não está tão forte quanto já foi, então tem que se esconder sob o disfarce de uma criada.

Estremeço, lembrando das palavras que Caro gritou para mim logo antes de matar Roan Gerling diante dos meus olhos. *Quero ser eterna outra vez… Sem medo da velhice ou da morte, sem ter que beber sangue de camponeses como um maldito lobo.* Liam me disse que, quando roubei o coração de Caro, roubei a sua imortalidade, quebrando-a em doze pedaços — em doze vidas. Ainda assim, a Feiticeira está viva. Mesmo sem seu coração, é mais poderosa que qualquer outra pessoa no planeta. Mais poderosa que eu, embora eu não entenda por que ou como.

— Jules… — Amma está me olhando confusa, inclinando a cabeça, como se isso fosse uma das charadas de que brincávamos quando crianças. — Eu não entendo. — Uma das galinhas solta um cacarejo suave e inquisitivo. — Como sabe que essa Caro é a Feiticeira? E por que ela mataria Roan?

— Ela me contou. — Por mais que soubesse que as perguntas viriam, estava ficando cada vez mais difícil responder. Sinto um soluço de choro na garganta quando uma lembrança cruza minha mente: a rainha escapando do controle de Caro e caindo ao chão como uma marionete cujos fios foram cortados. — Ela queria me ferir. Estava tentando partir meu coração.

— Por quê?

Minha voz sai num sussurro suave e suplicante.

— Porque acha que é assim que vai recuperar o seu poder.

A cor que restava no rosto de Amma se dissipa depressa. Seus olhos repousam no diário e voltam para mim. As antigas histórias e a amiga diante dela. Sei que as peças estão começando a se juntar.

— Mas as histórias…

— As histórias dizem que o Alquimista enganou a Feiticeira. — Ouço a voz de Liam em minha mente quando penso nas duas versões, a real e a lenda, entrelaçando-se ao longo dos séculos. Onde elas se diferem, onde se encontram. — A maioria das pessoas pensa que o primeiro Alquimista era um homem. Ele ofereceu a ela doze pedras, dizendo que eram pedaços do coração que tinha roubado, e ela rejeitou a oferta.

Amma assente; o conto é familiar.

— E ela o obrigou a comê-las, em vez disso. — Os olhos dela se arregalam no escuro. Relaxou os punhos, que estavam apertados, e se aproximou um pouco de mim. Por um momento, quase consigo fingir que somos crianças de novo, compartilhando histórias encolhidas perto do fogo, desesperadas para afastar o frio e a melancolia do inverno.

— As pedras *eram* o coração da Feiticeira. Sua vida, Amma; seu tempo. — Agora estou sussurrando. — E quando o Alquimista as engoliu, tudo fluiu de novo para ele. Mas, em vez de viver como a Feiticeira, o seu tempo foi estilhaçado. O Alquimista vivia por um tempo, depois morria e renascia. — Eu me atrapalho um pouco. É uma história que não me lembro de ter vivido, embora sinta que é verdade.

— Jules, isso não faz nenhum sentido. — Amma solta um riso nervoso, e posso ver que está tentando recuperar sua praticidade usual. — Deixe disso. Você pode comer e descansar. Conte-me o que está acontecendo quando estiver se sentindo melhor.

— Não, Amma, escute. — Estendo a mão para ela sem pensar. Ela se retrai e meu coração se aperta. Abaixo a mão para o diário, sentindo seu volume reconfortante. Tiro forças da capa de couro macia e envelhecida, das histórias que fluem de dentro dele. Eu o folheei muitas vezes durante a travessia dos bosques. Em alguns momentos, era a única coisa capaz de me convencer de que não estou louca. — Eu sou a Alquimista.

Lágrimas transbordam dos olhos de Amma e escorrem por suas bochechas. Elas refletem a fraca luz da manhã e fazem mais lágrimas

brotarem em meus próprios olhos.

— Por que está me contando isso? — questiona Amma.

É a primeira pergunta que não antecipei e perco o fôlego. Percebo que estou segurando o diário contra o peito como um escudo. Abaixo-o, e ele cai aberto revelando um esboço que enche uma página inteira: uma raposa, com garras, e dentes, e presas, rosnando para uma cobra.

— Você acredita em mim? — pergunto, com a voz trêmula. Não é o que queria dizer, mas é o que sai.

Há outro longo silêncio. Amma pega o diário e o abre.

— Nunca achei que você fosse uma assassina — diz com suavidade, erguendo os olhos para mim quase encabulada. — Sabia que você não a amava, mas Roan…

O nome dele rompe a barragem que segurava as minhas lágrimas, que começam a escorrer silenciosamente. Amma inspira com força e dá meio passo à frente, como se fosse me abraçar, mas se contém.

— Eu não queria que nada disso tivesse acontecido. Não queria que…

Minhas palavras terminam num arquejo quando Amma cruza o galpão e joga os braços ao meu redor. Penso que talvez eu me despedace — mas de alívio agora, parece que faz uma eternidade desde a última vez que me senti alegre. Eu me recosto nela e ela me abraça com força, sem parecer se importar por eu estar coberta de sujeira da floresta. Seu aroma é familiar, o aroma de casa, e por um momento eu só inspiro profundamente.

— Você é minha melhor amiga, Jules — murmura ela. — É claro que acredito em você.

Com essas palavras, minhas lágrimas fluem mais do que nunca. Enchem meus olhos e escorrem pelas minhas bochechas, abrindo trilhas na sujeira acumulada ao longo de dias.

— Obrigada, Amma.

Por fim ela se afasta, parecendo pensativa.

— Então Caro é a raposa e você é a cobra?

Sua voz — paciente, mas cética, como se estivesse fazendo perguntas sobre uma das histórias fantasiosas de Alia — me faz soltar uma risada engasgada.

— É o que parece.

— Minha Jules, o Alquimista das lendas. — O rosto de Amma fica mais sério. Com cuidado, ela deixa o diário num caixote e segura as minhas mãos. — Desculpe se eu levar um tempo para entender.

— Nem eu entendo ainda.

— Eu não acreditei nem mesmo quando os mensageiros de Everless chegaram com a notícia. — Ela abaixa os olhos, parecendo triste. — Foi por isso que ela matou Roan? Para partir seu coração, porque… ele era dela originalmente?

Assinto, com um nó na garganta.

— Mas não funcionou. — Embora me sinta em pedaços, ainda estou viva e me agarro a isso como uma tábua de salvação. As mãos de Amma esquentam as minhas. — Talvez eu não o amasse de verdade. Ou só… não o suficiente.

— A culpa não é sua, Jules — diz. — Talvez seu coração seja mais forte do que você imagina.

Dou de ombros, embora, no fundo, saiba que não é verdade. Neste momento me sinto frágil, como se um sopro no lugar certo pudesse me quebrar completamente. Amma dá um passo para trás — sinto uma pontada de dor quando suas mãos soltam as minhas — e me guia pelo cotovelo até um fardo de feno, fazendo-me sentar. Ela põe-se ao meu lado e pega o diário. Devagar, folheia as páginas.

— Aqui diz… — Olha de soslaio para mim, franzindo o cenho. — Aqui diz… *A Raposa vai caçar a Cobra, para todo o sempre.*

— Ela sempre caçou. — Tento soar natural, mas meu estômago está embrulhado. — Onze vidas, e acho que me matou em todas elas.

Amma bate no caderno.

— O que você vai fazer, então?

Percebo o medo em seus ombros tensos, mas seu tom é prático. É quase reconfortante, como se tudo que eu precisasse fazer para sobreviver a isso fosse pensar bem no próximo passo.

— Estou a caminho de Ambergris, a cidade portuária — digo, hesitante. — Vou partir de Sempera. — *Era por isso que precisava encontrar você.*

Amma aperta os lábios.

— Bem, acho que você sabe o que é melhor… — Não parece convencida.

— Você não concorda?

— É só que… — Ela cruza e descruza os braços, um hábito nervoso que significa que está pensando. — Com todo respeito ao seu pai, foi isso que ele fez durante todos esses anos e não parece ter funcionado.

— Voltarei em breve. — Não sei se é verdade, mas não suporto pensar de outro jeito. — Quando estiver forte o bastante para enfrentá-la.

— Colha o dia, Jules, antes que seja colhido de você. — Os olhos de Amma brilham quando ela me encara. Eu rio; é uma de suas expressões favoritas, embora tenha um significado sombrio. Viva o presente ao máximo, porque, se for um pobre de Sempera, o amanhã pode nunca chegar. — Suponho que é melhor eu fazer tudo que puder para deixar você pronta para esse momento. Do que você precisa?

Sacudo a cabeça, ainda com lágrimas de gratidão nos olhos. Ela acaba de me dar mais do que eu precisava, e sinto que só sua confiança em mim poderia me fazer chegar até o navio de Liam, em Ambergris. Mas é claro que não é assim que funciona.

— De um pouco de comida, se tiver — respondo, sorrindo como uma idiota. — E, talvez, se eu puder ficar aqui hoje…?

— É claro — diz Amma, curvando-se para pegar os ovos. Em um breve intervalo, ela passa a demonstrar a eficiência e a rapidez que sempre teve e que lhe permitiu cuidar da irmã sozinha. — Os soldados já passaram por aqui de manhã, então acho que você pode ficar quanto quiser.

Meu peito dói de gratidão.

— Obrigada, Amma.

— Tenho que estar no açougue daqui a uma hora, mas consigo escapar depois da debandada matinal no mercado. Volto com comida assim que puder. E, de quebra, talvez um pouco de sabão e água quente. — Ela sorri para mim. — Você parece uma fada da floresta, vestida de lama.

Sou pega de surpresa pelo som da minha própria risada.

— Então traga o sabão, e farei o meu melhor.

Amma se vira para mim uma última vez antes de sair às pressas do galpão. Agora que ela começou a sorrir, é como se não conseguisse parar, e o canto de seus lábios ficam continuamente para cima.

— Estarei de volta antes do que imagina.

***

Apesar de eu estar em um galpão apertado e na companhia das galinhas, durmo bem ao longo do dia pela primeira vez desde que saí de Everless, sentindo-me inteira de novo graças à presença de Amma e reconfortada por suas palavras. Não tenho pesadelos com a Feiticeira: uma garota numa planície escura ou correndo pelos bosques, perseguindo-me ou sendo perseguida por mim. Em vez disso, meus sonhos são recheados com as lembranças mais agradáveis de Crofton: brincar em campos cheios de pólen com Amma durante o verão e sentar-me à mesa da cozinha com papai, que não tenta esconder seu sorriso orgulhoso. No sonho, estamos felizes, contentes e aquecidos, nossa cabana impregnada com o cheiro de defumado da carne de veado que cacei e está sendo cozida no fogo.

Mas algo está errado. Em algum lugar além das paredes da cabana, há gritos. Papai fica tenso e o sorriso some de seu rosto pálido. O cheiro de fumaça está forte demais. Há uma nota acre estranha nele.

Quando acordo na escuridão apertada do galpão de Amma, ainda sinto o cheiro.

Tenho a sensação de que tudo é irreal quando corto o olho ao redor. As

Tenho a sensação de que tudo é irreal quando sento e olho ao redor. As galinhas de Amma estão cacarejando em pânico. O lado oposto do galpão está delineado por uma luz laranja tremeluzente, como dedos brilhantes que se infiltram pelas fissuras nas tábuas. Levanto-me, atrapalhada, e pego a bolsa no instante que uma língua de fogo se infiltra e ateia fogo ao feno espalhado no chão.

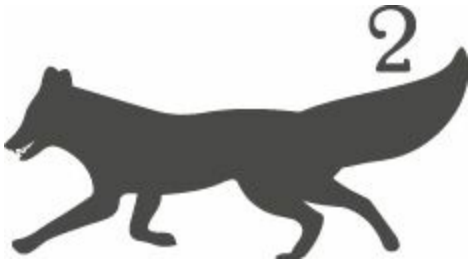
Por um momento, volto a ter sete anos e não consigo me mover enquanto a fornalha de Everless queima ao meu redor.

Mas dessa vez papai não está aqui para me proteger e me levar embora. Estou sozinha.

Não me permito parar e pensar. Segurando a bolsa, viro e chuto a parede atrás de mim uma, duas, três vezes até que a madeira apodrecida ceda, depois abro o galinheiro para as galinhas poderem sair. Elas desaparecem no bosque.

Qualquer medo de ter perdido as galinhas de Amma ou de ter queimado o seu galpão some quando me viro, seguindo com os olhos o rio de fogo que invadiu meu esconderijo.

Porque Crofton está em chamas.



O pânico aperta meu coração. Há fumaça por toda parte.

A uma curta distância, o fogo arde sobre os recortes dos telhados de Crofton. Eu corro pelos campos do avô de Amma em direção ao coração fumegante da cidade, sem atentar para como tropeço nas lajotas velhas e soltas da rua e nos montinhos de terra recém-arada. Preciso encontrar Amma. Uma imagem se forma em minha mente: o prédio baixo do açougue onde ela separa a carne dos ossos, a barraca de feira onde ela e Alia passam seus dias.

Todas aquelas pessoas, todas aquelas chamas, toda aquela madeira.

Meus pulmões ardem e meus membros já estão doloridos, mas sigo em frente, pulando sobre as ruínas do muro que separava a cidade das fazendas vizinhas. Chego à rua principal e corro em direção ao aglomerado de prédios, sem dar muita atenção aos grupos de pessoas surgindo na direção oposta. Eu poderia ser reconhecida, mas isso parece ser a coisa menos importante do mundo enquanto disparo até a cidade. Uma luz laranja cintila pela superfície das casas desbotadas, brilhante como um raio caindo em direção à terra. Uma fumaça espessa oculta o céu.

Feiticeira, ajude-me a encontrar Amma, penso de maneira desesperada e absurda conforme um pânico infantil toma conta dos meus membros. Mas a *Feiticeira* não é mais uma bênção, e sim uma maldição mortal.

Logo sou forçada a reduzir o ritmo, com o calor chamuscando meu rosto e

Logo sou forçada a reduzir o ritmo, com o calor chamuscando meu rosto e fazendo meus olhos arderem. Por todo lado, os prédios de madeira queimam. No final da rua, a escola já é apenas uma pilha de destroços. Escombros queimados bloqueiam o caminho, restos de mobília e das barracas do mercado. Tenho que pular pedaços diversos enquanto volto a correr, procurando desesperadamente por qualquer sinal de vida. A rua é estreita, as chamas estão próximas e meu cabelo começa a cachear com o calor. Um cheiro estranho atinge minhas narinas — viro a cabeça de imediato e vejo que, a poucos passos, a loja do credor de tempo está em chamas. Juro que consigo ouvir o ferro-sanguíneo borbulhando ao queimar.

Uma lembrança me vem à mente: uma festa ao ar livre em Everless, que parece ter sido em outra vida. No centro havia uma fogueira, contida em um recipiente de bronze, mas estendendo-se para fora, alimentada por ferro-sanguíneo, por horas, e dias, e anos, de modo que as chamas queimassem com vigor no inverno. Uma nova onda de pânico percorre minha pele.

Por quanto tempo esse fogo vai arder?

— Socorro! — grito, embora não aviste ninguém que possa me ouvir. — Amma!

Nenhuma voz responde ao meu chamado, mas o fogo oscila subitamente, como se uma brisa o tivesse atravessado, e faíscas pousam na minha manga. Puxo o braço…

E paro. Há algo estranho neste fogo, algo ainda mais estranho do que se estivesse apenas consumindo ferros-sanguíneos. Oscilando entre amarelo e vermelho, as chamas encolhem-se e crescem num ritmo tão uniforme como uma respiração — contidas, constantes, *vivas*.

Um barulho atrás de mim me arranca de meus pensamentos, e eu giro depressa. Um homem acabou de sair às pressas de uma casa alguns metros adiante. Centelhas saem voando pela porta atrás dele.

Ele dispara em minha direção, e o fogo o segue pela rua, fluindo a partir do prédio. Não está se espalhando como um incêndio, e sim fluindo no encalço do homem como uma coisa viva, lambendo seus calcanhares e

avançando pela rua em pequenos saltos animalescos. Enquanto ele se aproxima, com as faíscas o seguindo a poucos centímetros, eu me lembro de uma alcateia de coiotes que vi uma vez enquanto caçava no bosque — meia dúzia deles perseguindo um cervo ferido, ganindo e pulando quase que com alegria enquanto se aproximavam da presa.

— O que está fazendo? Corra! — O homem agarra meu braço ao passar e me arrasta pela rua na direção da fazenda de Amma. As chamas parecem recuar para longe dele quando fico ao seu lado. Não me permito pensar sobre o que isso significa.

— O que aconteceu? — pergunto ofegante enquanto corremos, com a voz rouca por conta da fumaça e do terror.

— Tenburn… — grita o homem, mas é interrompido por uma tosse. Com a outra mão, ele aperta algo contra o peito: uma pequena estatueta de cobre da Feiticeira, um amuleto. Continua: — Não se apaga. Minha esposa correu para a fazenda dos Reades, o riacho… — Ele aperta a estatueta em uma súplica silenciosa por ajuda.

Não é natural, penso. E em seguida: *Caro*. Ela fez isso. Tem que ter sido ela.

A estatueta da Feiticeira na mão do homem está intacta, perfeita. Debochando de mim.

Finco os calcanhares na terra e tento soltar meu braço do aperto dele.

— Me deixe ir, por favor, tenho que voltar. Minha amiga…

— Larys! — Uma mulher corre pela rua em nossa direção. Mesmo com as manchas escuras em suas bochechas, eu a reconheço: Susana, a ferradora local, que visitava nossa cabana quando precisava dos conhecimentos do meu pai. A princípio, seus olhos atemorizados permanecem fixos em Larys, mas, em seguida, seu olhar se volta para mim e vejo seu rosto se transformar em uma máscara de horror. Ela para de chofre e me encara, como se eu mesma fosse feita de chamas.

— Cobra — cospe. Sua expressão é inconfundível: ódio. O homem, Larys, solta meu cotovelo e salta para trás, abraçando o corpo protetoramente. Como se eu pudesse atacar e abocanhá-lo, se tivesse chance.

Antes que eu consiga reagir, a mulher se coloca na minha frente e sua mão se fecha como um torno no meu braço.

— Meu irmão está morto por sua culpa. A casa desabou em cima dele. Você trouxe isso até nós — sibila, tremendo de terror, ou fúria. Olha rápido para os dois lados. Procurando alguém para quem contar. — *Assassina*.

E me empurra para um leito de chamas.

Estendo os braços, mas não há nada em que me agarrar. Meu tornozelo bate no que resta de uma parede e caio de costas no fogo. A dor é ofuscante, arrebatadora — mas, no segundo seguinte, some.

Quando minha visão se desanuvia da névoa vermelha, vejo que as chamas recuaram e se reagruparam em um anel que cerca os destroços do prédio onde estou esparramada. Consigo sentir o calor das chamas, mas o carvão abaixo de mim está frio. Larys e Susana ficam parados na rua, boquiabertos.

— Socorro! — Susana grita de repente. — Soldados!

— Não, por favor… — Começo a falar, mas as palavras morrem em minha boca. Minha visão embaça com lágrimas, fazendo-me sentir que estou em um dos meus sonhos. Imagino as pessoas com quem cresci me vendo e gritando: *Cobra, bruxa, mentirosa, como ousa aparecer aqui?*

Vocês me conhecem, quero gritar. *Sou simplesmente Jules Ember. A filha de Pehr. Aqui é o meu lar.*

Mas não há nada a meu respeito que continue simples. As histórias de Caro se espalharam por Sempera como uma nuvem venenosa. Eu sou o demônio encarnado em uma garota que assassinou a rainha e Roan Gerling, inimiga da Feiticeira e da própria coroa de Sempera. Não entendo o que Caro causou aqui, mas sei que foi para mim.

Ela vai matar todos em Sempera, se isso for preciso para me quebrar.

Ayuna. Quando penso nela, é como se a faca tivesse passado para o meu

Amma. Quando penso nela, é como se o fogo tivesse passado para o meu coração e começasse a arder ali.

Apoio-me nas brasas e me ergo, e Larys e Susana xingam e saem correndo como se fossem perseguidos por seu pior pesadelo. Mas não me importo mais. Assim como, quando criança, vi Roan cair no fogo de meu pai, eu não penso. Não *consigo* pensar. Algo maior toma conta de mim e preenche meu peito, movendo meus membros sozinho.

Viro-me e disparo em direção às chamas, lançando-me para o centro de Crofton enquanto a cidade queima.

A fumaça reveste meus pulmões como areia. Faz meus olhos arderem, e fica mais difícil enxergar. Mas, pela rua, o fogo se aparta e flui perto dos meus pés como um rio contornando uma pedra. Ele não me toca conforme disparo em direção ao centro, rumo ao caminho estreito e familiar que leva ao açougue de Amma. Talvez ela já tenha fugido e esteja a salvo, fora da cidade, observando-a ruir e temendo por mim.

Ao meu redor, os rangidos e estalos da madeira em chamas enchem o ar. Um varal pegando fogo, com suas camisas e cobertores transformados em bandeiras ardentes, cai diante de mim, flutuando rumo ao chão como folhas no outono. Tossindo e gritando o nome de Amma, viro na rua onde ela passa a maior parte dos seus dias.

E paro de repente.

A maior parte dos prédios já foi reduzida a cinzas. Deve ter sido aqui que o incêndio começou. E a rua — o *açougue* de Amma — é uma ruína fumegante, a parte mais alta erguendo-se pouco acima da minha cabeça. A estrutura interna está exposta, os depósitos abertos ao ar, todas as suas formas pontudas cintilando de leve com as brasas.

Uma cortina de fumaça se ergue para o céu e, no intervalo de uma batida do coração, parece assumir a forma de uma garota esguia. Minha cabeça delirante impõe feições à fumaça: bela, mas com um sorriso sinistro. *Caro*.

Ouço a voz dela na mente. *Vou partir seu coração, Jules.*

Por um longo momento, não consigo me mover, não consigo pensar, não consigo respirar. Caro não sabia. Não tinha como saber que Amma era minha amiga. Tinha?

Então uma nova explosão de adrenalina percorre meu corpo e sigo adiante — através do calor e da fumaça espessa que permeia tudo, espalhando-se em rajadas de vento, queimando minha garganta e minha pele, fazendo o nariz e os olhos arderem. Abro caminho às pressas pelos destroços do açougue, entre as vigas de madeira quebradas e mesas de trabalho lascadas, os restos chamuscados da sala onde passei horas e mais horas compartilhando fofocas e histórias com Amma. Há uma cortina devorada pelas chamas, metade de um bule quebrado com a superfície de cerâmica chamuscada. Não vejo sinal de pessoas. Talvez Amma tenha conseguido escapar.

Então uma viga do teto cai com um estrondo de causar agonia. Pelo buraco que abre na parede, vejo algo que faz meu coração quase parar.

Amma está sentada, jogada contra uma viga caída, com olhos abertos que nada veem.

— Amma — exalo.

Corro até ela e caio de joelhos, tomando-a gentilmente pelos ombros. Seu peito está imóvel. Não há queimaduras na pele, mas a lateral do corpo está coberta de sangue. Meus olhos voam para um rastro roxo-escuro no vestido imundo com manchas pretas e vermelhas. É a cor inconfundível do corante mava, deixada pela arma de um soldado real, e…

O cabo de uma adaga projeta-se das costas dela. Embora a prata polida esteja manchada de sangue, reconheço-a de imediato: pertence a Ivan Tenburn, comandante dos guardas de Everless.

Caro já começou a cumprir suas promessas.

A fúria contra ela toma conta de mim e, junto, vem o poder. Estendo as mãos, agarrando os fios do tempo, pedindo não só que ele pare, mas que se desenrole, que volte para trás, assim como fiz para salvar Roan Gerling

quando éramos crianças em Everless. *Salve Amma* — as palavras formam um ritmo na minha cabeça.

Lentamente, a fumaça ao meu redor gira retraindo-se e desce em direção ao chão. O cinza se revolve, rodopiando desconexo da brisa. À distância, vejo algumas chamas tremeluzirem e se apagarem. A poça de sangue parece encolher e fluir de volta para Amma.

Mas nesse instante uma sensação profunda e doentia de erro me preenche, uma náusea tão profunda que atinge minha alma e faz meus joelhos fraquejarem. Meu corpo estremece enquanto minha força é drenada com velocidade e, antes que eu perceba que estou caindo, já estou de joelhos nos destroços, tremendo pelos soluços, enquanto lágrimas manchadas de fuligem escorrem pelo meu rosto.

E agora eu grito de fato: de luto, de frustração, de fúria.

As paredes arruinadas do açougue desmoronam, enterrando metade do corpo de Amma nos escombros retorcidos. Atrás delas, no beco agora exposto, está posicionada uma dúzia de soldados usando uniformes roxos. O rosto de cada um está coberto por uma máscara de pano.

— Agarrem-na! — grita um deles.

Abaixo a cabeça quando eles se aproximam, flácida como uma boneca, sem nenhum resquício de força. Reparo vagamente que há algo prateado perto da minha mão — uma faca de açougueiro reluzindo ao lado do punho solto de Amma. Fecho os dedos ao redor do cabo e a escondo na manga antes que os soldados mascarados caiam sobre mim.

Eles me carregam de Crofton. A Alquimista das lendas, com as mãos ensanguentadas e esvaziada pelo luto. Meus pés se arrastam pelo chão e deixam rastros entre os destroços sujos. Ao meu redor, tudo gira, como se eu estivesse num sonho. As palavras dos soldados parecem vir do outro lado de um vidro. A única coisa que consigo entender com certeza é que estou sendo levada para o palácio, para Shorehaven. Para Caro.

Uma voz fraca em minha cabeça murmura: *Rainha*. Se tentasse pensar o

Uma voz fraca em minha cabeça sussurra: *Resista*. Se tentasse reunir a magia em minhas veias e convocar a Alquimista, poderia parar o tempo o suficiente para escapar.

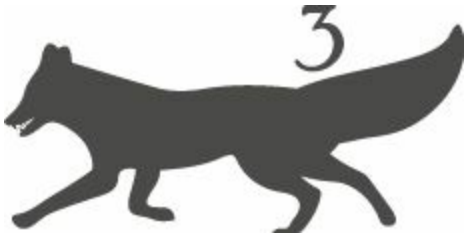
Mas não faço isso. Porque sei, pelo modo como me envolveram com correntes — apertadas, dando três voltas ao redor dos braços e da cintura, como se eu tivesse a força de dez pessoas —, que os soldados têm medo de mim. Eles não me tocam, então não encontram a faca. Seu medo aquieta minha mente enquanto me jogam em uma carroça com paredes de metal e me encerram na escuridão. A máscara mortuária de Amma está gravada na lona preta.

Caro a tirou de mim, mesmo que não tenha empunhado a lâmina pessoalmente. Ela destruiu Crofton. Reduziu meu lar a uma pilha de cinzas.

Agora é a minha vez de invadir o dela.

Colha o dia, Amma sussurra em meu ouvido.

Não vou lutar. Ainda não. Não até que os soldados me levem a Shorehaven.



A porta da carruagem tem uma pequena abertura retangular, dividida por grades enferrujadas. Por três dias, isso se torna minha janela para o mundo. Os soldados me transportam por Sempera — evitando as cidades e atendo-se a bosques e planícies. Imagino a multidão raivosa que se lançaria sobre a carroça que leva a assassina da rainha.

Os soldados enfiam comida e água através da abertura, mas quase não como. Em meu corpo, não há espaço para nada além de raiva e um terror entorpecido e constante. E, conforme nos movemos para o leste, em direção ao sol nascente, a sensação crescente de que algo está se ajeitando dentro de mim, como se a Alquimista enterrada ali conhecesse o caminho até o palácio litorâneo — e ansiasse por ser levada para lá.

Depois de duas alvoradas, na luz matinal nebulosa, a faixa do mundo exterior que consigo ver muda: os bosques e planícies dão lugar a colinas baixas e ondulantes, pontilhadas por arbustos baixos e cobertas de areia. As estradas se tornam mais largas e uniformes. Quando nosso caminho converge com outro, surgem mais carroças cobertas seguindo na mesma direção, todas transbordando com caixotes de maçãs ou animais balindo. Até o ar se torna diferente — entremeado com o aroma de salmoura, pesado e zunindo com algo que parece ser poder.

Estamos perto de Shorehaven. Perto da Feiticeira.

Meu coração fura quando penso que minhas coisas — especialmente o

Meu sangue ferve quando penso que minhas coisas — especialmente o diário encadernado em couro — estão balançando na sacola de um soldado. Embora eles mantenham as vozes baixas, às vezes os escuto conversando através das paredes de metal da carroça.

— Não gosto disso — diz uma voz feminina em certo ponto. — De trazê-la a Shorehaven durante a coroação. O lugar estará cheio de nobres tolos querendo dar uma espiada nela…

— Já estamos quase lá — interrompe uma voz masculina. — Mais um dia e ela será problema da rainha, estará fora de nossa alçada. — O homem dá uma risada baixa e sombria. — Eu preciso dos ferros-sanguíneos. Minha esposa está esperando nosso filho para qualquer dia desses.

Suas vozes me atingem até pararem de fazer sentido, as palavras tendo tanto sentido quanto a batida rítmica de seus passos. As horas se estendem. Sempre que os guardas param e permitem que eu me alivie, meia dúzia de soldadas seguem atrás de mim com adagas e rifles empunhados. Seus olhos arregalados e mãos trêmulas me dão uma pontada de satisfação perversa. Elas têm razão em me temer — todos eles têm —, ainda que não pelos motivos em que acreditam.

Minha ansiedade desabrocha com este pensamento. Desde quando me deleito com o medo alheio?

Na terceira noite após o incêndio de Crofton — após a morte da minha amiga mais antiga —, quando a escuridão sem luar está se transformando na aurora e eu estou prestes a explodir por conta da raiva que ferve sob minha pele, escuto um som: as ondas quebrando-se nos penhascos. Ergo-me e vou até a janela, ignorando o formigamento nas pernas, e observo a paisagem enquanto a carroça atravessa uma ponte de madeira estreita que cruza dois penhascos próximos.

O mar se vê ao fundo de uma queda de trinta metros. Glorioso e infinito, o oceano se estende — negro e calmo ao longe, branco e espumoso perto da costa. Perco o fôlego. Sempre senti que havia uma jaula ao redor de Sempera, separando-nos de outras terras sobre as quais só li nas páginas de livros. E

aqui está: toda essa água, aprisionando-nos aqui para devorarmos uns aos outros.

Com base no mapa de Liam e nos penhascos flanqueando a água à distância, sei que isso é uma enseada, e não o oceano em si. Mas é o mais próximo que já cheguei do mar — pelo menos nesta vida. Só posso contemplar — primeiro a água, depois a forma que assoma no fim da estrada. Do topo de um rochedo, Shorehaven, o palácio de Sempera, ergue-se dos penhascos, brilhando mais forte que a lua.

O castelo de pedras pálidas reluz. Parece estranhamente orgânico e sua assimetria o torna lindo, como se tivesse sido puxado dos penhascos que o cercam. A visão faz uma pontada intensa de dor atingir meu peito. Nunca vi o palácio antes, claro que não. Mas, quando meus olhos percorrem suas centenas de janelas iluminadas, que formam um lustre contra o mar noturno, percebo que isso não é de todo verdade. Eu conheço o castelo e sei que, se me aproximar, ele vai revelar veios de minério em seus muros de mármore, junto com carvão e ouro e rubis e safiras tão sutilmente entrelaçados na pedra que mal são visíveis até o nascer ou pôr do sol. Nesses momentos, o castelo parece estar em chamas.

A lembrança reaparece sem aviso, como quando um aroma familiar me faz retornar a memórias da infância. Já estive em Shorehaven. Sofri aqui. Não como Jules — como a Alquimista.

As imagens, sons e emoções me atropelam: Caro me capturou e me manteve prisioneira nas masmorras do castelo. Na época, como agora, ela tentou me quebrar. Lembro-me de lâminas, fogo, dor. Ergo o colarinho da camisa sobre o rosto para os soldados não ouvirem o arquejo misturado com soluço que não consigo conter.

O cheiro da fumaça de Crofton ainda se agarra às minhas roupas, mesmo após dias de viagem. Ele me ancora ao presente, lembrando-me do que ainda tenho que fazer. Amma está morta; Roan está morto; papai está morto — mas ainda há pessoas vivas, pessoas que Caro poderia matar para me atingir.

Ela será problema da rainha, o soldado disse. O rosto de Ina se forma em minha mente, sorridente e feliz, como da última vez que eu a vi antes de descobrir a verdade sobre Caro e a rainha. E sobre ela mesma — o fato de que nascemos juntas de uma mulher chamada Naomi em uma cidade chamada Briarsmoor, em meio a fogo e gritos. Descobri que ela era minha gêmea assim que tudo desmoronou. Ina deve pensar… minha *irmã* deve pensar que sou uma assassina agora.

A não ser que… Será que ela acreditaria em mim, como Amma?

Juntas, poderíamos destruir Caro, desmantelar seu controle invisível?

Respiro fundo, tentando manter a cabeça no lugar e controlar a explosão de esperança que atravessa meu luto e minha raiva.

À medida que nos aproximamos, a estrada principal entra à vista, lotada de carruagens que avançam lentamente como besouros pretos lustrosos. A procissão é iluminada por lâmpadas a óleo penduradas no topo de postes de ferro altos que ladeiam a estrada. Devem ser os nobres de Sempera, chegando para a coroação de Ina. Será que Liam está em algum lugar além desses muros?

Por um momento, vejo o rosto dele — os olhos escuros como a noite, os lábios entreabertos enquanto sussurra uma palavra. *Alquimista*.

O nome me sobressalta. Porque, mesmo em meus devaneios, é isso que ele diz. Não *Jules*. Se nenhum dos dois tivesse descoberto a verdade, se eu fosse só a filha de um fazendeiro de Crofton, será que ele teria ao menos aprendido meu nome?

Afasto o pensamento. Não interessa — não enquanto Caro está caçando todas as pessoas com quem me importo. Em vez disso, imagino o rosto de Ina, seu rosto pálido e sardento, com seus olhos inteligentes, emoldurado pelo cabelo escuro e curto, tão familiar para mim antes que soubesse por quê. É ela que preciso encontrar — considerando que consiga escapar dos guardas.

Em vez de se juntar ao desfile reluzente de carruagens entrando pelo portão principal, nossa carroça guina para uma das estradas mais estreitas que

se separam do caminho principal como raios de uma roda. Fico parada junto à janela, meus dedos fechados ao redor das barras.

Do lado que dá as costas para o mar, o palácio é cercado por um muro perfeito cor de pérola — ilusoriamente baixo, liso e uniforme como se fosse de metal. Acima, vejo as luzes douradas através do vidro e varandas floridas iluminadas por fios de lanternas. Abaixo, ondas enormes batem na base dos penhascos, e a espuma quase atinge as janelas mais baixas que pontilham as laterais do palácio. A água do mar deixa a pedra úmida e brilhante.

Para me manter calma, repito o que preciso fazer enquanto vai ficando maior. De uma forma ou de outra, prisioneira ou livre, preciso encontrar Ina. Deter Caro.

Toco a faca de açougueiro ainda enfiada em minha manga como se pudesse extrair forças dela.

As formas pequenas e escuras de guardas se movem no topo dos muros, a maioria observando os portões principais. Mesmo com o barulho das ondas, consigo ouvir risadas e o coro de vozes alegres e melódicas. À esquerda, o muro liso do palácio cai junto ao terreno, deixando entre a construção e o oceano apenas um buraco, uma queda livre de pelo menos vinte ou trinta metros. Lá embaixo, pedras enormes e pontiagudas projetam-se perigosamente entre as ondas como os dentes metálicos de um monstro marítimo com a mandíbula escancarada para engolir o palácio inteiro.

O medo me domina quando passamos por um portão estreito no muro ao norte. Ele se fecha às nossas costas com um rangido, abafando o som do mar. Cai um silêncio, interrompido apenas pelas notas de uma música distante e pelo vento soprando entre as árvores.

Penso no açougue incendiado de Amma, no seu corpo desamparado. A raiva e o luto me percorrem, sufocando o medo enquanto seguimos até um jardim iluminado pelo luar.

As portas da carruagem se abrem, vertendo sobre mim um luar tão espesso quanto sangue. Mãos com luvas de couro se estendem para dentro. Saio às

pressas antes que os soldados possam me agarrar, engolindo um gemido quando sinto uma cãibra e minhas pernas tremem. Caio feito pedra na grama fria. Atrás dos soldados alertas que me cercam, o jardim está florescendo, com arbustos floridos e árvores finas. Olho para cima, examinando a sequência de janelas cintilantes, esperando encontrar algum indício do paradeiro de Ina.

E nesse momento:

— Olá, Jules — diz alguém.

Engulo um grito.

Caro está mais adiante no jardim, imóvel como uma estátua. Seu rosto se esconde nas sombras, mas eu a reconheceria em qualquer lugar. Seu porte, o modo como o cabelo escuro sacode com a brisa. Quero recuar, mas é como se meu corpo tivesse congelado e o ar se transformado em gelo em meus pulmões.

Ela gesticula e os soldados saem em fila pelo portão pelo qual entramos, tão velozes e silenciosos quanto camundongos tentando não serem capturados. Um deles entrega minha bolsa para ela antes de ir. Ela a abre e tira o diário, que aperta entre os dedos antes de atirar na grama. Uma explosão de raiva toma conta de mim, mas permaneço imóvel. Papai morreu por esse diário.

— Jules — repete, sua voz suave preenchendo o espaço entre nós, envolvendo-me como se ela estivesse sussurrando em meu ouvido. — Que bom ver você. — Caminha adiante e para a um passo de mim, tirando uma longa adaga do bolso. Um calafrio percorre meu corpo e me tensiono, esperando pelo golpe.

Mas Caro não ataca. Pior — ela sorri com gestos lânguidos e prazerosos que fazem segundos parecerem minutos, como um membro da nobreza bebendo ferros-sanguíneos de uma xícara fumegante.

Então me oferece a faca, com o cabo virado para mim, segurando a lâmina com seus dedos delicados.

O luar ilumina seu rosto, tão familiar devido a minha breve estadia em Everless — e gravado em algum lugar de meu inconsciente, graças a séculos de lembranças. Ela está sorrindo como se fôssemos colegas de escola que se encontram depois de alguns dias separadas. Seus dentes brilham no escuro.

Levanto-me com a maior firmeza possível e puxo a faca de Amma da manga em vez de tomar a que ela me oferece. Ela dá de ombros e a gira nas mãos, fechando os dedos de leve ao redor do cabo.

Não tem medo de mim.

Ainda assim, empunho a lâmina entre nós, esperando que Caro não perceba como minha mão treme. A faca não é o que deveria a assustar. Chamo o tempo em meu sangue, ordenando-o a responder, e ofego, quase de dor, quando ele sai de mim à força — mais magia de tempo do que jamais segurei, fazendo a terra tremer sob meus pés.

No entanto, nada congela. O ar do jardim parece estremecer, mas o tempo não para. Meu sangue se arrepia nas veias. Alguma coisa está me segurando, impedindo-me de parar ou mesmo de reduzir o ritmo do tempo.

Caro reage apenas suspirando.

— Ah, Jules.

— Como você está fazendo isso? — pergunto entre dentes cerrados, furiosa.

A risada dela soa como sinos na noite, misturando-se com a melodia baixa que vem de dentro do palácio e cai ao nosso redor, constante como chuva. Caro dá mais um passo em minha direção, ficando tão perto que posso estender a mão para tocá-la.

— Você deixou algumas moedas anuais em Everless. Não devia ser tão descuidada com seu sangue.

Um calafrio me atravessa. Esqueci completamente que abandonei as moedas naquela noite terrível em que ela forjou uma acusação de roubo do cofre dos Gerling e me manipulou para que lhe vendesse tempo. Quando tentei dar meu ferro-sanguíneo, ela não conseguiu consumi-lo; ele se

reintegrou e ficou entalado em sua garganta. Foi assim que ela por fim descobriu que eu era a Alquimista, não Ina.

Caro parece ler a lembrança em meu rosto.

— Encontrei um jeito de consumi-lo, o que tem efeitos interessantes, por assim dizer — explica, abrindo um sorriso. — Você consumiu meu coração por inteiro, Jules. Com certeza não me negaria um pouco do seu…

— *Basta* — rosno. Sinto o cabo da faca, duro e frio e áspero, sob meus dedos, os nós brancos de tanto apertar, um lembrete do que perdi, do motivo de estar aqui. Em um instante, desisto da tentativa de manipular o tempo e ataco Caro com um golpe amplo de faca.

Arrependo-me de imediato e recuo quando Caro se agacha, brandindo a própria faca no ar. Não é grosseira e chamuscada como a de Amma, e sim incrustada com joias e reluzente e nauseantemente afiada.

— Pensei que pararia de tentar lutar comigo, Jules. Você fracassou em todas as suas vidas. Por que acha que vai ter sucesso agora?

Porque Amma disse que eu sou forte, penso de maneira absurda — mas a verdade das palavras de Caro me corta fundo, e me sinto insignificante ao lado das torres abobadadas de Shorehaven. À minha frente, Caro irradia seu poder em ondas. Tento não demonstrar medo.

— Eu roubei seu coração, não roubei?

Fico satisfeita ao vê-la contrair a mandíbula.

— E mesmo abatida, eu a venci facilmente — rebate. — E quando a quebrar, vou tomar de volta o que restou dele, mesmo que você o tenha desperdiçado em… — faz uma pausa, erguendo os olhos para o céu azul-escuro como se estivesse rememorando — *onze* vidas patéticas. Não vou matá-la agora, Jules. E você não deveria ser atrevida comigo, considerando que só tem mais uma vida. — Ela bufa. — Em vez disso, vou esvaziá-la e transformá-la em um fantoche, como fiz com a falecida rainha. Toda Sempera vai ver o que consigo fazer com o tempo até conseguir partir seu coração de vez. Depois vou me livrar de Ina, e todas as pessoas de Sempera

vão ver o que uma rainha digna do seu trono é capaz de fazer. O que mais eu poderia vincular ao sangue delas, Alquimista?

As palavras congelam minha espinha. Vincular outra coisa ao sangue? Do que ela está falando — o que mais poderia ser tirado de nós, de nossas veias? O medo me entorpece. Quando Caro se lança contra mim, esquivo-me da sua lâmina por um triz.

— Mas esperava que pudéssemos conversar um pouco primeiro — diz ela com tranquilidade. — Tive saudades. E não deveríamos incomodar os convidados para a coroação.

— Você matou minha amiga — rosno, uma maré de fúria se erguendo em mim e cuspindo as palavras. — Incendiou meu lar.

— Eu tinha que trazê-la para cá, não tinha? Não podia deixar você espreitando nas sombras. — Caro bufa, mas em seus olhos reluz algo que se parece com mágoa. Em seguida, a mágoa é substituída por um sorriso extasiado que ilumina seu rosto. — Você estava lá? Viu o que fiz?

— Vi — rebato, atacando outra vez com a faca. Tento me lembrar das lições de luta que Roan compartilhava comigo quando éramos crianças, mas isso só desperta mais uma onda de raiva e pesar. Caro se esquiva do meu golpe sem nem desviar os olhos dos meus.

— Podemos fazer coisas maravilhosas se combinarmos nossos poderes, Jules.

Suas palavras me queimam por dentro. Tento ignorá-las, afastá-las — porque o que importa o que aconteceu há cinco séculos, quando estamos cara a cara e nós duas empunhamos facas?

— Amma não fez nada de errado — rosno. — Você devia ter deixado ela fora disso. E todos em Crofton também.

— Eles não importam. — A voz dela se torna feroz e alegre outra vez. — São formigas perto de nós, Jules. Todos eles.

Uma combinação de raiva e horror faz minha resposta ficar presa na garganta. Lanço-me contra Caro de novo, erguendo a faca para o alto.

Ela gira para desviar, sua própria faca reluzindo prateada no ar.

— Eu conheço você melhor do que ninguém — diz ela, quase cantarolando. — Continua tão impulsiva quanto sempre.

Enquanto fala, ela dança para evadir todos os meus ataques, com movimentos velozes e graciosos e eficientes. Não parece estar tentando me ferir, mas percebo que estamos mais próximas do que antes. Caro está me atraindo para perto dela — *assim como me atraiu até aqui*, penso de forma amarga e inútil. Uma tempestade de frustração se cristaliza em meu corpo, impulsionando-me a saltar com um grunhido — e tropeço de joelhos quando Caro desliza para sair da minha frente.

— Ina chora por ele todas as noites — sussurra, com uma nota de malícia na voz. — Ele não valia um ferro-diário, mas ela *soluça* por aquele Gerling infiel.

A lembrança do sangue de Roan faz meus olhos arderem, assim como a da silhueta de Amma esparramada nos destroços do açougue. Papai também, e outros, um coro súbito de fantasmas na minha mente. Por um segundo, o luto parece maior que eu, como se fosse me rasgar. Dou um salto adiante, um rosnado incoerente escapando dos meus lábios…

E enterro a faca na lateral do corpo de Caro.

Ela não grita, mas arqueja como se eu a tivesse estapeado. Sangue escorre da ferida. Sou tomada por triunfo e choque e asco. Solto a faca e recuo, com a respiração acelerada. O mundo gira ao meu redor, mas uma coisa permanece em foco: o cabo grosseiro da faca de Amma, projetando-se do vestido rendado de Caro.

Caro ainda agarra sua própria faca, mas sua mão pende ao lado do corpo, inútil e flácida. Está escuro demais para enxergar com clareza — mas o sangue brilha como petróleo ao luar, vertendo ao redor da lâmina. Não consigo afastar os olhos.

— Jules — sussurra Caro, tocando o ferimento. Seu sorriso sumiu. Sua voz soa fraca e indefesa, fazendo algo se retorcer dolorosamente em meu

peito.

Então a Feiticeira cai de joelhos com um baque suave e patético.

Estremeço, meus instintos ordenando que eu vá até ela, que a ajude, mas me contenho. *Não, não, não.* A criada esperta que se tornou minha amiga em Everless era só um personagem, um disfarce. Caro é a Feiticeira. Ela matou Roan Gerling. Matou Amma. Arrasou Crofton. Isso não muda por conta de sua respiração arquejante, do sangue pingando de seus dedos e da curva dolorosa da boca atravessando o seu rosto como um corte.

O rosto dela. Algo nele está estranho… algo nele está *mudando*, sutilmente, sob o luar. Dou um passo adiante. Rugas se formam sobre o queixo, as bochechas, a testa dela. Seus olhos se tornam fundos, cingidos em sombras violeta. Sua pele está mais pálida que o normal, assumindo a cor de pergaminho e depois de osso.

Em choque, percebo que seu cabelo está ficando prateado, como se o luar fosse um objeto agarrando-se a ela e tingindo sua trança, escorrendo até o branco cobrir seus ombros. Ela solta um gemido queixoso e abraça o próprio corpo.

Alguma coisa me faz diminuir a distância entre nós com dois passos velozes. Sem saber por que, coloco a mão em seu peito, acima do coração.

Ou de onde o coração dela deveria estar. Porque pelo menos neste ponto as histórias são verdadeiras.

Posso sentir a pele dela congelada através do vestido, como se ali houvesse um bloco de gelo que, em vez de pulsar, irradia ondas de frio que logo começam a entorpecer a palma da minha mão. O frio emana até a ponta dos meus dedos, que encontram a superfície do peito de Caro, e um calafrio sobe pelo meu braço até que posso jurar sentir uma garra de gelo delinear minhas costelas por baixo e lentamente envolver meu próprio coração. Tão frio como a morte. Arquejo e exalo uma nuvem de ar gélido que paira entre nós, fina como um véu.

Embora tenha ouvido a história do coração da Feiticeira incontáveis vezes, agora eu o *sinto*. Na minha pele. No meu peito. *Eu carrego o coração da Feiticeira.*

Por um momento, minha pulsação me atrai para mais perto dela, como se o coração aprisionado em minhas costelas estivesse lutando comigo para retornar ao lugar aonde pertence.

— Eu lembro disso — diz de modo fraco, mais para si mesma que para mim. A mão dela, fria como gelo, fecha-se sobre a minha.

Horrorizada, olho para o rosto dela. Ainda está se metamorfoseando diante de mim, as linhas delicadas se espalhando dos cantos dos olhos e da boca — finas em comparação aos sulcos de dor entalhados em sua testa, mas tornando-se cada vez mais fundas.

E então…

Há um puxão violento em meu âmago. Aperto os olhos e ouço o mundo se refazer ao meu redor: um único estrondo silencioso. Vejo luz, mesmo através das pálpebras fechadas.

E o cheiro — cedro molhado, fumaça de incenso, o travo de sangue.

Mesmo antes de me forçar a abrir os olhos, sei que não estou mais nos terrenos do palácio. Estou em algum… outro lugar.

O piso sob meus joelhos é duro e úmido. A lua também foi engolida, substituída por uma vela fraca. Caro está em meus braços, com a boca aberta, gritando. O som é insuportável.

Mas o grito não é de Caro — eu estou gritando. A vela, as paredes que nos cercam, o corpo de Caro, tudo isso está congelado no tempo. Percebo que o azul do vestido está encardido, não é mais a mesma seda rendada cor da noite que minha faca perfurou.

No instante seguinte, tudo gira outra vez. No próximo fôlego, estou de volta ao pátio de Shorehaven.

Caro está em meus braços com os olhos fechados. Mas o sangue que escorreu pelo vestido está retornando ao ferimento e o prata que tomou seu

cabelo preto se encolhe até sumir.

Ela se remexe. Abre os olhos e me encara. Está viva — e furiosa.



Empurro Caro, revivida, e me levanto atrapalhada. O entorno parece um borrão. Ela me encara, com os olhos brilhantes e agitados, e se põe de joelhos. A náusea contrai meu estômago. Com um único gesto, Caro fecha a mão ao redor da faca e a puxa do corpo, deixando-a cair na grama.

A visão do sangue na lâmina é demais; fico atordoada. Olho ao redor, recuando enquanto me censuro por acreditar que uma simples lâmina mataria a Feiticeira das lendas. Eu deveria lembrar que nunca tive sorte.

Não posso matá-la…

Ina. Preciso encontrar Ina.

Os guardas me trouxeram para os terrenos do palácio quando me descartaram aos pés de Caro. Corro até a entrada mais próxima que leva a Shorehaven, uma arcada que se abre para um corredor estreito, tentando não olhar para Caro, embora consiga vê-la pelo canto do olho, ainda se erguendo cambaleante.

Cada passo faz minhas entranhas se revirarem, mas sigo em frente, disparando pelo que claramente é um corredor de serviço. Ele faz uma curva suave à direita, espelhando a parede externa, e à esquerda posso ver parte de uma escadaria através de um arco de pedra. Sigo nessa direção, esperando que, se Caro me seguir, não saberá se subi ou desci. Escolho *subir*, por instinto, e disparo escada acima, por um andar, dois, três. Logo meus

pulmões e pernas estão ardendo com força, mas a adrenalina e a imagem do rosto de Ina em minha mente me mantêm em movimento.

Desesperadamente, tento recordar qualquer lembrança de Shorehaven, sabendo que estive aqui antes. Conheço este lugar. Onde estaria uma jovem rainha esperando para ser coroada?

Duas vozes baixas sobem até o teto abobadado — há mais pessoas na escadaria. Não tenho certeza se são convidados, guardas ou criados. Eles vão ouvir minhas passadas fortes, então me obrigo a reduzir o ritmo e subir as escadas em uma velocidade normal. Meu coração está batendo tão alto que mal consigo escutar as conversas dos criados nos corredores ou o farfalhar de saias de seda enquanto damas são conduzidas para dentro do palácio.

Quando chego a um andar, tenho que decidir se continuo subindo ou se enveredo por outro corredor de serviço. Dessa vez, não são as lembranças sufocadas que guiam meus passos — e sim as lembranças normais de Ina em Everless. Como ela se aborrecia com os guardas do lado de fora de seus aposentos e mentia tranquilamente para os lacaios dos Gerling que não a deixavam sair da propriedade.

Se a conheço, ela vai querer estar sozinha em algum lugar. Uma torre, talvez, o mais longe possível dos guardas.

Subo.

Evito pensar na frieza do peito de Caro. Passo por alguns criados de uniforme dourado conforme subo as escadas e percorro os corredores estreitos por onde meus pés me levam, mas parecem quase tão preocupados quanto eu e não prestam atenção em mim.

Não há guardas. Uma voz fraca me diz que isso está errado — *é outra armadilha* —, mas não posso parar para refletir, temendo ver o rosto ávido de Caro me encarando se olhar por cima do corrimão. Meus pés me levam para cima e, enfim, por um corredor revestido de janelas que termina em uma porta dupla.

Empurro-a e adentro um cômodo com janelas altas, iluminado por

Empurro-as e adentro um cômodo com janelas altas, iluminado por algumas lâmpadas e pelo luar intenso. Através do vidro multicolorido, vejo os declives e pináculos reluzentes do telhado de Shorehaven, e, mais além, o brilho do mar. Dentro do quarto, há pilhas de livros, bonecas de pano e roupas espalhadas por todo canto como pétalas de flores.

Mas aí a vejo e meu coração se contrai de susto.

Ina.

A nova rainha — minha irmã — está parada diante de um espelho alto, de costas para mim, empoando o rosto. A lembrança do momento em que entrei nos aposentos da antiga rainha convencida de que ela era a Feiticeira me atinge com força ao vê-la se maquiar desse jeito, seu reflexo tão pálido quanto um fantasma. Mas Ina não é a antiga rainha. Não é um fantoche, não está condenada.

Com os batimentos acelerados, dou um passo para dentro do quarto, com os olhos fixos em Ina. Observo seus ombros caídos, os olhos embotados, o modo como se mexe e como cada movimento parece difícil. Minha amiga.

Minha irmã. Nascida da mesma mãe em Briarsmoor no dia em que o tempo se estilhaçou lá, levada pela rainha e por Caro para Shorehaven enquanto papai fugiu comigo. Ocorre-me, de repente, que agora ela é a única família que me resta.

Ina encontra meu olhar no espelho. O recipiente de pó escapa de seus dedos, atingindo a penteadeira lustrosa e explodindo numa nuvem de poeira cintilante ao seu redor. Ela se vira bruscamente, arregalando os olhos.

Por um instante fugaz, penso que vai correr para me abraçar — vejo o impulso cruzar seu rosto sincero e esperançoso —, mas então um ódio gélido inunda seus olhos, apagando o choque. Sua mão voa para um sino prateado sob o espelho. Seus dedos pairam acima dele. Está pronta para chamar os guardas, que virão em massa para cá.

— Ina. — Eu a encaro atordoada e com a boca seca. — Por favor, escute.

Ina se move devagar, quase como se estivesse com dor. Erro o sino de

Ina se move devagar, quase como se estivesse com dor. Ergue o sino da penteadeira, junto com uma adaga prateada que eu não tinha visto antes, e se levanta da poltrona.

— Caro me disse que você tinha sido capturada. — Sua voz soa mais calma do que eu esperava, mais fria que o dia mais gelado e sombrio de inverno que já experimentei em Crofton, mesmo quando papai e eu estávamos quase morrendo de fome.

Minha amiga. Minha rainha. Minha irmã. Encarando-me com algo que parecia ódio no olhar. Mas é a dor enterrada ali, só parcialmente oculta sob a fúria, que não consigo suportar.

— Sinto muito — sussurro, sem querer. Uma súplica desesperada por misericórdia, por compreensão.

— Por quê? — A pergunta sai num sussurro feroz. — Sei que você teve uma vida difícil, Jules. Entendo por que teria odiado minha mãe ou os Gerling. Mas eu nunca fiz nada contra você. Roan a *ajudou*. — A voz dela treme, mas a adaga está firme. — Eu confiei em você.

— Ina — digo, minha voz falhando, erguendo as mãos. — Ina, eu não…

Queria dizer que não matei Roan. Mas, antes que consiga terminar a frase, o rosto de Amma aparece na minha mente. O jeito como ela me abraçou no galpão e como depois acabou morta no chão queimado do açougue, o sangue empoçando-se ao seu redor.

Convenci Amma a confiar em mim. Ela acreditou em mim. E, ainda assim, foi tirada de mim.

Minha voz morre sem nenhum efeito de magia.

Ina se aproxima devagar, parecendo irradiar frieza. Sinto lágrimas fazendo meus olhos coçarem.

— Sempre tentei ser gentil com você, e você arruinou minha vida. Caro sempre disse que as pessoas se aproveitariam da minha gentileza. Eu devia ter ouvido. — Ela para a centímetros de mim, segurando a adaga com força junto ao corpo. Seus dedos apertam o cabo com tanta força que a lâmina parece fazer parte dela: uma única garra afiada.

Uma lágrima e depois outra escorrem pelo meu rosto, mas eu não as enxugo. Não matei Roan nem a mãe dela, não sou o monstro que ela pensa que sou — mas isso não torna as palavras dela menos verdadeiras. Os dois estão mortos por minha causa. E Ina está sozinha com Caro. Com Caro, que provavelmente está subindo os degraus da torre neste exato momento.

Engulo o discurso que preparei para ela. É mais seguro para que acredite na mentira.

Evocando o rosto de Caro, de Ivan, dos diversos Gerling que roubaram cada ferro-sanguíneo do cinto de papai, contorço o rosto numa máscara de fúria.

— Sua mãe e os Gerling arruinaram minha vida — cuspo. A velha fúria se agita dentro de mim, despertada pela minha língua afiada. — Mataram meu pai só por ter pisado em Everless. Mas só depois de falharem em nos fazer morrer de fome, nós e todo o nosso vilarejo.

Ela ainda não dominou a arte de esconder os sentimentos, e eles cruzam seu rosto. Mesmo com a visão embaçada pelas lágrimas, eu os reconheço — confusão, raiva, choque, raiva de novo. Cada um me atinge como um golpe enquanto busco as palavras. Agora quero retirar o que disse, procurando algo que vá revelar a verdade a Ina sem fazer que Caro se torne uma ameaça.

Mas não há nenhuma parte da verdade que a manterá a salvo. Penso e penso, mas não encontro nada.

— A rainha era um flagelo para Sempera que extraía o sangue dos pobres. O que nosso tempo vale para você? Para sua mãe? Para os Gerling? Eu vi pessoas *morrerem* enquanto você e Roan se empanturravam com banquetes e com os ferros-sanguíneos de gente que passava fome. — Engasgo e vacilo, mas continuo: — A rainha merecia morrer.

Ina toca o sino.

O repique alto e nítido me atinge. Ouço passos pesados e rápidos, muitos deles, no corredor do lado de fora. Uma voz feminina alta se sobressai no tumulto com um grito de comando.

Embora eu tenha confirmado que sou o monstro que ela pensava, sinto um aperto na garganta causado pelo choque e pela sensação de traição quando ela avança e — com mais elegância mortífera do que jamais vi nela em Everless — pressiona a ponta da adaga contra meu peito. Mas eu encontro seus olhos, ansiando por comunicar a verdade sobre mim, sobre *nós*, com um único olhar. Lembrando-me da linguagem silenciosa que Amma e a irmã dela usavam entre si, guardada tão ternamente quanto um segredo.

Os músculos ao redor da boca de Ina se contraem. Confusão e cautela se debatem em seu rosto. O silêncio entre nós se estende, mais ensurdecedor que os passos pesados do outro lado da porta. Encaro-a com lágrimas escorrendo pelo rosto, dividida entre rechaçá-la e revelar a verdade apesar de todos os motivos para não fazer isso.

Por fim, no instante em que a porta se abre e os guardas entram aos gritos — a saia de Caro rodopiando no meio deles, um ponto de calma mortal no olho da tempestade —, Ina afasta a adaga do meu peito.

Algo me atinge com força na têmpora, e tudo fica escuro.

***

Quando acordo, o rosto turvo de Caro entra, aos poucos, em foco, com suas feições afiadas e os olhos verdes vítreos, tão adorável quanto uma hera venenosa. Por um momento, penso que estou de volta em Everless, desmaiada na cama com ela após uma longa noite, como no dia em que eu, Ina e ela fomos para Laista e bebemos madel para comemorar o casamento iminente de Ina com Roan. E, por um instante, sinto-me feliz. Sinto-me segura.

Mas logo a dor retorna e, com ela, a consciência. O resto do cômodo onde estamos se torna nítido. Janelas altas mostram um céu salpicado de estrelas, refletido nos espelhos que nos cercam, de modo que tudo parece ser prata e estrelas.

Ainda estou no quarto de Ina, então. Mas ela não está mais aqui.

Caro — seu rosto voltou a ser jovem e adorável, sem qualquer sinal de que cravei uma faca no seu corpo — está curvada sobre mim, segurando-me nos braços. Estou apoiada, quase sentada, em um deles; com a outra mão, ela roça um dedo pela minha testa. Um calafrio me percorre. Caro estende a mão para longe de si, examinando com fascínio o sangue na ponta dos dedos, que ficou negro à luz das estrelas. Sussurra algo em uma língua que não entendo — e chamas irrompem de seus dedos, brilhando forte como velas, e em seguida se apagam, antes que eu consiga me mover, deixando suas mãos limpas. Como se o fogo estivesse se alimentando do meu sangue.

Atordoada, penso em como fui tola. Pensei que estivesse me tornando páreo para ela, com meu controle reles sobre o tempo. Os poderes dela estão muito além da minha compreensão. Pelo olhar dela, não sei nem se a própria Caro os entende.

— Pare de brincar comigo — sussurro com fúria, ainda atordoada. — Se vai me matar, me mate logo.

Caro congela, depois inclina o rosto em direção ao meu.

— Já falamos sobre isso — responde. Apesar da expressão macabra em seu rosto, sua voz soa normal, baixa e musical como sempre. Um pouco impaciente. — Não vou feri-la até ser necessário.

— Até conseguir partir meu coração — completo com os dentes cerrados.

— Exatamente. — Os olhos dela se fixam em mim. — Agora, me conte…

Um arroubo musical súbito e distante a interrompe. É um som tão estranho, no meio deste horror, que levo um tempo para entender do que se trata. Instrumentos de corda, muitos deles, soam abafados através das paredes. Tambores ao longe que fazem o chão tremer, tão de leve que é provável que eu não teria notado se estivesse de pé.

Caro puxa o ar, franzindo a testa de frustração.

— A coroação. Receio que preciso deixá-la por ora, Jules.

Enfia a mão no vestido e tira um frasco cheio do que parece ser sal marrom. Antes que eu possa me mover ou reagir, ela o ergue ao meu nariz —

e, quando inspiro, uma espécie de névoa cintilante me cobre e rouba a pouca força que restou em meu corpo. Então uma fisgada de dor aguda atravessa o centro do meu crânio, como se minha cabeça tivesse sido cortada ao meio.

Não consigo resistir enquanto Caro me afasta do seu colo; caio como uma boneca de pano.

Em meio à dor pulsante, escuto a voz de Caro, alta e aguda e confiante, chamando alguém que está ao pé das escadas. Não consigo distinguir o que está dizendo, mas ela some em alguns momentos, seus passos se afastando e sua voz se misturando aos sons da orquestra.

Duas formas escuras e difusas se aproximam — observo, com a vista embaçada, dois guardas do palácio se aproximando de mim com cautela.

Não consigo resistir enquanto eles me erguem pelos braços e amarram minhas mãos às costas com uma corda áspera. Tento gritar, mas só consigo dizer coisas incoerentes. É como se Caro tivesse lançado uma sombra densa sobre meu cérebro, escondendo o que preciso para me defender.

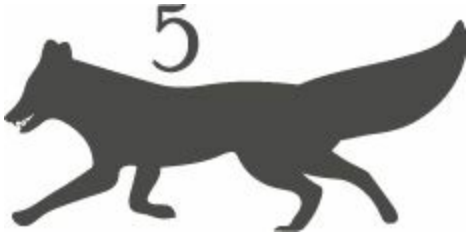
Não importa, penso com tristeza, *por que quem viria ajudar uma assassina?*

O rosto de Liam surge de súbito em minha mente. *Eu devia tê-lo escutado*, penso de forma vaga. Devia ter fugido para Ambergris. Agora nosso plano está arruinado.

Meu discurso arrastado parece encher os guardas de confiança. Logo eles estão me arrastando pela porta, escada abaixo, através de um corredor; qualquer que seja a droga que Caro me obrigou a respirar tornou meus membros fracos e inúteis. Tudo que posso fazer é tentar lembrar os caminhos que seguimos — por uma escadaria de pedra após a outra e corredores que ficam mais escuros e estreitos conforme avançamos —, mas há um murmúrio persistente em minha cabeça que soa como uma mistura da voz de Caro com a minha e pergunta: *por que se dar ao trabalho? Por que tentar? Você nunca vai escapar dela.*

Mesmo isso cessa quando os guardas me empurram para uma cela apertada e batem a porta às minhas costas.

5



Em meus sonhos, eu me torno uma cobra. Meus longos músculos são revestidos por escamas que reluzem como esmeraldas. Deslizo pela escuridão e por sombras que se estendem como garras longas para me pegar. Algo dourado passa correndo por mim. Uma forma esguia com olhos âmbar. *A raposa*, penso, meu raciocínio reduzido a apenas lampejos de sensação e sentimento. O ar gélido sobre meu corpo, a luz à frente quando a raposa olha para trás. Medo, um medo terrível, e um som atrás de mim como os uivos de um vendaval ou um cão de caça latindo, tentando me abocanhar e rosnando no encalço de sua presa, aproximando-se…

O medo me desperta com um sobressalto. Pelo menos acho que estou acordada; está escuro demais para ter certeza. Pisco. Meus olhos focalizam uma faixa de luz que corta a escuridão. O brilho vem de baixo da porta da minha cela. A adrenalina me percorre — um resquício do pesadelo. Aqueles uivos eram terríveis.

Apoio-me nos cotovelos, tentando dissipar o sonho. Pisco mais algumas vezes enquanto meus olhos se adaptam. Essa deve ser uma das celas nas entranhas do palácio de Sempera — o chão é da mesma pedra marfim de que é feito todo o edifício, mas mais opaco devido à poeira e à sujeira. Na escuridão parcial, consigo distinguir no piso rastros de prisioneiros que ficaram andando de um lado a outro. Sinto cãibras dolorosas nas pernas quando tento me sentar.

Faz silêncio, mas não é absoluto. Se eu escutar atentamente, consigo ouvir vozes baixas do lado de fora e notar o bloqueio da luz quando os guardas passam na frente da minha cela.

O tempo passa, deslizando entre meus dedos como areia. Olho para a pequena abertura na porta da cela por horas, forçando meus olhos a se concentrarem no retângulo de luz. Conto os ciscos de pó que pairam no ar, entrando e saindo das sombras. Devoro todas as palavras dos guardas, cada uma mais abafada pela tábua de madeira que nos separa. Tento ouvir a cadência de seus sotaques e adivinhar a origem de cada um. Qualquer coisa em que me concentrar depois da droga que Caro me fez inalar. Qualquer coisa para não pensar no brilho da lâmina de Caro, no olhar gélido de Ina e na mudança que seus olhos sofreram agora que perderam o brilho.

Quando uma nova sombra interrompe a iluminação que transborda pelo chão da minha cela e permanece ali, meu corpo inteiro fica tenso e alerta.

— Vocês dois estão perdendo um belo banquete lá embaixo — diz uma voz feminina que não reconheço. — É melhor descerem, essa aqui não vai a lugar algum.

— Capitã — diz um guarda, com a voz rude, mas ansiosa. — Recebemos ordens de lady Caro para vigiá-la aqui embaixo.

— Ela é perigosa — acrescenta o outro homem, chutando a porta com a bota. — Tentou atacar a rainha de mãos abanando. Vi com meus próprios olhos.

Com cuidado, apoiando-me em um cotovelo, eu me aproximo da porta para escutar melhor. Sinto-me tudo menos perigosa — mas o efeito da droga parece estar passando e meus sentidos retornam devagar, ainda que um pouco embaciados.

Uma mulher — a capitã? — abre a porta o máximo que uma corrente permite e espia. Seus olhos caem sobre mim e me avaliam. Aí seu rosto muda. Ela arregala os olhos e mexe os lábios em silêncio.

Eu a encaro, perplexa. Ela repete os movimentos e desta vez consigo

Eu a encaro, perplexa. Ela repete os movimentos e dessa vez consigo entender.

Pare o tempo.

Minha mente ainda está anuviada e dolorida, por isso obedeço sem questionar por que essa capitã está me ordenando a usar minha magia. Meu coração está acelerado. É fácil pressionar as palmas no chão e desejar que o tempo reduza a velocidade ao meu redor. Em minha confusão, quase consigo imaginar fios irradiando de minhas mãos, contornando a mulher e enrodilhando-se ao redor dos dois homens. Eles ficam imóveis, como dois bonecos de corda cujos mecanismos pararam de funcionar.

Fraca do jeito que estou, não consigo segurar por muito tempo. Mas não tenho que fazer isso. A mulher atravessa o corredor e apaga as chamas imóveis das tochas. Seus movimentos são eficientes. Em seguida, volta ao mesmo lugar assim que perco o controle sobre o tempo.

O mundo acelera. As chamas se apagam em um segundo.

A escuridão cai e ela dá um grito de susto até que convincente. Então há dois baques, seguidos por batidas mais altas. O segundo guarda tem tempo de gritar — um som curto e abafado — antes de cair, também, com um baque alto no chão. Perco o fôlego. Ouço o chiado de uma tocha sendo reacendida.

Os passos da mulher ressoam no chão de pedra e a porta da minha cela se abre com um rangido.

Aperto os olhos contra a luz e vejo uma guarda de Shorehaven com uma longa trança que desce pelas costas, usando o mesmo uniforme dos meus captores. Não a reconheço. A mulher permanece parada ali, ofegante, quando outra pessoa emerge das sombras no final do corredor.

É Liam.

Quase penso que é uma alucinação causada pelo que quer que Caro tenha me dado no quarto de Ina, mas, enquanto ele entra apressado na cela, sei que é real. Liam, que me disse que eu era a Alquimista, que me ajudou a fugir de Caro em Everless. Eu nunca poderia imaginar o jeito preciso e eficiente como ele se move, como algumas mechas de cabelo escapam do penteado e

emolduram seu rosto. Parece mais pálido e mais cansado do que estava em Everless, mas está elegante em um colete militar verde-garrafa, reluzindo com botões e dragonas de ouro. A insígnia dos Gerling cintila em seu peito.

Ele assente para a capitã e ela se afasta em silêncio pelo corredor. Sua trança é a última coisa a desaparecer numa curva escura.

O antigo medo — dos Gerling e, em especial, de Liam — reacende-se em mim enquanto ele atravessa a cela com três longos passos. Recuo um pouco. Sabia que ele podia estar em Shorehaven, mas isso é completamente diferente de vê-lo à minha frente agora.

Engulo em seco. Embora minha visão ainda esteja embaçada, difícil de focalizar, o rosto dele se destaca contra a luz ofuscante. Seus olhos passam da indiferença ao alívio e, depois, ao medo.

— Jules — diz, como se estivesse retomando o ar após um longo momento. — Você está viva.

Na última vez que o vi, ele me ajudou a escapar das masmorras de Everless e me despachou com instruções para encontrar seu amigo não vinculado em Ambergris. Salvou minha vida. Não precisava fazer isso, mas fez. Agora ele se agacha à minha frente e me observa: minhas roupas puídas, o ferimento aberto na cabeça. Calor emana dele, assim como preocupação.

— Você não foi para Ambergris, como tínhamos planejado. Eu pensei que… Talvez sangradores…

Abaixo os olhos de novo. Nunca me ocorreu que ele ficaria preocupado.

— Estou bem.

Não demonstre nada.

Houve um motivo para eu sair de Everless sem dizer mais que um *obrigada*. Eu mal conheço Liam — mas também mal conhecia Roan, e mesmo assim Caro o matou. Ocorreu coisa demais entre mim e Liam no curto tempo desde que nos tornamos aliados. Esse silêncio parece pesado. Perigoso.

Apoio-me na parede para me equilibrar e me levanto, não querendo parecer fraca. Liam estende a mão como se fosse me tocar e eu me encolho sem querer. Se Caro descobrir que ele está me ajudando…

— Você não devia estar aqui — digo.

Mágoa passa por seus olhos, mas logo some.

— Bem, somos dois. Mais um motivo para sair daqui agora. — Ele toma meu braço e me ajuda a levantar, então me solta rapidamente e se ocupa em desfazer as amarras em meus pulsos. — O que aconteceu? Caro machucou você?

Dessa vez, encontro o olhar dele. Sei que está se referindo à ferida na têmpora, mas isso não é nada entre as coisas que Caro fez.

— Ela queimou Crofton — digo. Minha garganta se fecha outra vez, e me lembro dos gritos e da fumaça. Do ódio dos sobreviventes. Do corpo de Amma.

A cor desaparece do rosto de Liam.

— Queimou? Como assim?

— Incendiou a cidade inteira. — Meu sangue ferve. — Não ouviu nada a respeito? Nenhum Gerling estava lá.

Seus olhos se abaixam de vergonha, mas sua voz é dura.

— Eu não tenho me mantido a par dos interesses dos Gerling. Só tenho pensado em você. Em sua segurança — emenda ele depressa.

— Ivan estava lá — digo suavemente, sentindo uma angústia antiga na garganta. — Não restou nada.

Liam congela e suas mãos permanecem nos meus pulsos. Seu peito sobe e desce uma vez, em silêncio. Em seguida, ele parece se recobrar e as cordas caem no chão. Verifica o corredor e gesticula para que eu o siga, posicionando uma mão sob meu braço.

— Nós tínhamos um plano — diz numa voz baixa e brusca.

— *Você* tinha um plano — respondo, querendo afastá-lo. Imagino os olhos de Caro sobre mim, observando tudo de algum esconderijo secreto. As

palavras saem mais altas do que pretendia, atiradas pela irritação crescente em meu peito. Mesmo depois de tudo que aconteceu, a interferência dele ainda me irrita.

Liam me ajuda a sair da cela até o corredor estreito e mal iluminado, com a mão firme em meu braço.

— Agora isso não importa. Precisamos sair daqui.

Eu me inclino contra a parede enquanto ele arrasta os dois guardas para dentro da cela, pega as chaves deles e tranca a porta. Seus olhos encontram os meus por um brevíssimo momento. Embora sua expressão esteja contida, vejo outra centelha de emoção ali, como o luzir de uma moeda no fundo de um poço. Temor, por mim. Some em um instante, mas faz meu estômago se embrulhar.

Liam desengancha uma lâmpada a óleo da parede e a carrega enquanto caminhamos.

— Pelo menos me diga que Caro não a viu.

Meu silêncio responde.

A voz de Liam sai ríspida.

— Jules, Crofton provavelmente foi uma armadilha para você.

A raiva se agita em mim.

— Captei essa parte.

— Ela conhece você…

— Ela conhece a Alquimista — sibilo, embora a pontinha de verdade me atinja desconfortavelmente. Caro montou uma armadilha. Sabia que eu iria a Crofton se estivesse em perigo. Meras horas atrás, com a faca empunhada contra mim, ela me provocou pelo meu sentimentalismo. Mesmo assim, rebato: — Ela não me conhece.

O pesadelo da cela volta aos meus pensamentos, com aquelas fatias do meu passado enterradas profundamente. Vislumbres de sangue e magia e fraqueza e força, raposa e cobra e alguma coisa que uiva.

O que foi? — pergunta Liam com gentileza. Reduzi o passo com

— O que foi? — pergunta Liam com suavidade. Reduzi o passo sem perceber.

Volto a caminhar depressa.

— Minhas lembranças estão começando a voltar. Da outra… de outras vidas. — Tento soar indiferente. A realidade ainda parece estranha, errada de alguma forma. — Como soube que eu estava aqui?

— Encontrei isso fora do palácio. — Enquanto nos apressamos pelos corredores sinistramente silenciosos, ele tira algo do bolso do casaco e me mostra. Meu diário.

— Não devia ter pegado isso — digo, com a voz trêmula. — Alguém poderia ver você com ele e saber que está me ajudando.

— Pense bem, Jules — diz Liam, guardando o diário de novo no bolso do terno, sobre o peito. Ele reduz o passo e abre uma porta à nossa direita. Entramos em outro corredor silencioso, margeado por portas dispostas em intervalos largos. Uma ala residencial. A qualquer momento, uma dessas portas pode se abrir, e estaremos arruinados. Só posso rezar para que todos os convidados estejam lá embaixo, comemorando. — Há outro motivo pelo qual posso estar procurando por você. A história oficial é que você matou meu irmão. Ninguém sabe que somos aliados.

Um calafrio percorre meu corpo enquanto absorvo o significado de suas palavras. Caro e Ivan acham que Liam quer me ferir. E ele *deveria* querer. Deveria me odiar. Não matei Roan, mas ele ainda estaria vivo se não fosse por mim e minha paixão infantil.

Liam não fala mais nada até alcançarmos um andar superior recoberto com um tapete prata e azul felpudo. Tapeçarias retratando a história de Sempera revestem as paredes. Eu o sigo enquanto a vida da rainha se desenrola em fios ao meu redor, cenas de batalha intricadamente trançadas com faixas de sangue vermelho brilhante, grotescas à luz baça.

Mas uma figura em uma das imagens atrai meu olhar: um homem de meia-idade montado em um cavalo preto e empunhando um estandarte de batalha verde e dourado enquanto a luta ocorre ao seu redor. Um cão de caça

prateado está parado, orgulhoso, aos seus pés. Nada no homem é extraordinário, exceto sua expressão: mesmo em miniatura, parece quase entediado.

Eu paro. Minha mão se ergue de modo inconsciente, movendo-se em direção à tapeçaria. Mas então o riso distante de uma mulher me devolve à realidade e eu corro para alcançar Liam.

Perto do fim do corredor, ele saca uma chave às pressas e me faz passar por uma porta azul. Entramos e, por fim, suspiro de alívio.

É o quarto de uma dama, abarrotado de vestidos e acessórios espalhados, como se alguém tivesse passado horas provando roupas e descartando as opções rejeitadas sem o menor cuidado. Quase piso num colar de pérolas no chão. Sinto uma pontada de raiva com a opulência despreocupada, mas ela está mais branda do que poderia ser com a minha cabeça ainda cheia de fogo e fumaça.

Encontro uma poltrona e me sento — meus membros estão pesados e rígidos — enquanto Liam caminha até um guarda-roupa do outro lado do quarto. Está aberto, vomitando veludos e sedas.

Agora que estou parada, sinto o peso do perigo que enfrentamos.

— Por que correr esse risco, Liam? — pergunto enquanto ele remexe nas roupas.

Ele leva um tempo para responder.

— O futuro de Sempera está conectado ao seu — responde finalmente, de costas para mim. Lembro-me do que falou quando me tirou de Everless e me contou que eu era a Alquimista, quando tentou me convencer a fugir.

Se você morrer, todos estamos perdidos.

Um calafrio me cobre como uma capa quando me lembro da voz de Caro descrevendo como vai me quebrar e então me possuir, como fez com a rainha — vestindo minha magia como uma luva para curvar o mundo à sua vontade. Afasto o pensamento e quase fico grata pela distração quando Liam se vira, as mãos transbordando de algo feito de veludo índigo e renda.

— O que é isso? — pergunto, quase rindo.

Liam me dá um olhar confuso. Começa a cruzar o quarto até mim, mas para e deixa o vestido numa mesinha.

— Shorehaven estará em alerta máximo com sua presença — diz. — Não vai demorar para encontrarem os guardas que nocauteamos. Os outros estarão atentos a qualquer coisa que pareça errada, mas Ina e Caro estarão ocupadas com a coroação pelo resto da noite. Não vão esperar que você fuja entre os convidados, às vistas de todos. É nossa melhor chance de escapar.

— A coroação de Ina — repito.

Mesmo depois de vê-la, é um pensamento estranho: Ina — minha amiga, minha *irmã* — é a nova rainha de Sempera. Então entendo o resto das palavras de Liam e solto um ruído de desdém.

— Acha que, só porque estarei de vestido, Ina não vai me reconhecer?

Liam ergue algo escuro e diáfano do topo da pilha de tecido. Um véu, percebo.

— Todas as mulheres estão usando um — diz em voz baixa, com uma emoção latente que não consigo identificar. — É um sinal de respeito. Pelo que devia ter sido um casamento.

O casamento de Roan. Engulo o nó repentino na garganta.

— Se formos descobertos, nem você vai conseguir explicar isso.

— Acha que não sei disso? — A voz dele sai irritada. — Sei que vou morrer se isso der errado. É por isso que devia confiar em mim. — Ele ergue o vestido de novo e o joga no meu colo, evitando meu olhar. — Apronte-se para podermos sair daqui e chegar a Ambergris.

Toco o tecido frio, mas não começo a pôr o vestido.

— Você devia ir embora antes de sermos pegos.

Tento evocar minha antiga imagem de Liam, formada nos dias que passei em Crofton e Everless, quando só o via como um inimigo — sua postura perfeita, seu rosto pétreo, seus olhos frios. Como o antigo lorde Gerling: temido, invulnerável, uma armadura feita de carne e osso, egoísta e cruel.

Quase funciona, até que ele me diz:

— Não me importo com o perigo.

— Não fale isso — disparo, olhando um pouco acima do ombro dele. Ele está tão perto, ao alcance de um toque.

Mas não o toco. Não consigo. Preciso afastá-lo de mim, como fiz com Ina. É o único modo de mantê-lo a salvo.

As palavras jorram da minha boca como veneno fumegante.

— Eu só… Não quero mais sangue em minhas mãos, nem o seu.

— É... — diz Liam em voz baixa. — Imagino que não queira.

Um frio denso se assenta em meu peito. Puxo as mangas sobre as mãos e aperto os punhos, concentrando-me na dor das unhas que apertam as minhas palmas em vez do espinho que se enterra mais fundo em mim a cada palavra pronunciada.

— Eu o odiei por anos. Tinha *medo* de você. Entende por que é difícil, para mim, acreditar em você agora?

Os olhos de Liam procuram os meus como se fossem encontrar uma resposta ali, mas não lhe dou nada.

Por fim, ele diz:

— Não somos mais crianças. Quer me ame, quer me odeie, temos um inimigo em comum agora.

Cruzo os braços para impedir um tremor. Espero que Liam confunda aquilo com raiva.

— Isso é tudo que temos.

Reúno as roupas que ele me deu e vou ereta até o toalete contíguo — forçando-me a não olhar para ele por cima do ombro, embora seja tudo que eu queira fazer. No caminho, pego uma adaga fina de uma bainha que está em um dos armários.

Não é a faca de açougueiro de Amma, mas é melhor que nada.

***

Enquanto lavo o rosto e os braços e tiro as roupas em que viajei, Liam me passa instruções sucintas através da porta. Ina está sendo coroada neste exato momento — a ideia provoca um arrepio — e, depois da cerimônia, todos vão se reunir para celebrar no salão de baile leste. A varanda tem uma vista da enseada e abaixo dela, no fim de um lance de escadas, fica uma praia. Nós vamos atravessar o salão até a varanda e descer as escadas até a praia, onde o amigo dele, Elias, outro convidado para a coroação, atracou o barco que vai nos levar embora.

Enquanto prendo o cabelo e coloco o vestido por cima da cabeça, tenho vontade de perguntar se ele acha mesmo que isso vai funcionar. E, embora sinta como uma lâmina pressionada contra meu peito, quero perguntar se ele planeja fugir comigo, abandonando sua farsa de lealdade e a segurança que a acompanha.

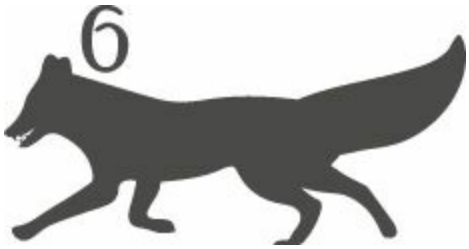
Em vez disso, deixo o véu cair silenciosamente sobre o meu rosto e o mundo fica revestido por um padrão translúcido de tafetá cinza. É só aí — enquanto Liam me instrui a responder, se alguém perguntar, que sou uma visitante de Connemor, prima de Elias — que tomo coragem para olhar no espelho.

O vestido ficou perfeito. É de veludo azul-escuro como o céu noturno no auge do verão, com constelações de renda branca nos cotovelos e no colarinho. O decote nas costas revela minhas espáduas. Com o rosto oculto pelo véu e minha faca escondida, presa à panturrilha com meu cinto de viagem, posso até passar por uma convidada da coroação. Contanto que ninguém preste muita atenção ao que há sob o véu.

Liam está descrevendo a melhor rota para atravessar o salão de baile, mas quando saio do toalete suas palavras cessam. Seus olhos se arregalam e seus lábios se entreabrem. Por um segundo, quero mais do que tudo que isso seja real. Quero participar da coroação da minha irmã, entrar no salão de baile de braços dados com alguém que me olhe como Liam está olhando agora e dançar com ele sem ter que cobrir meu rosto.

Mas nunca pertenci a esse mundo. E, mesmo agora, o olhar de surpresa de Liam esvanece e retorna à neutralidade. Ele pode ser meu aliado, mas nada mais. Não posso dar a Caro mais instrumentos com que partir meu coração. Ela já levou o suficiente.

Engulo em seco e passo por ele em direção à porta. Com Liam atrás de mim, sigo o som da música que vem de baixo.



Quando chegamos ao salão de baile, todo meu medo e minha raiva se dissipam por um momento e dão lugar ao espanto.

O piso e as paredes são feitos da mesma pedra clara que o restante do castelo, com veios prateados e pretos brilhantes. O teto é um domo de vidro que deixa entrar um clarão flamejante de vermelho e laranja e roxo — o sol poente sobre o oceano. Uma luz dourada escorre pelas paredes até o chão, fazendo as pessoas que rodopiam na pista de dança — tantas, certamente mais que duzentas — parecerem feitas de ouro, mesmo através do cinza translúcido do meu véu. Esqueço minha resolução e aperto o braço de Liam com mais força.

Mas o sinto tenso, lembrando-me de que, apesar do sorriso em seu rosto, está com medo e nós corremos perigo. Com firmeza, ele toma meu cotovelo e me puxa pela escadaria, em direção à multidão. A bainha do meu vestido varre o chão, e a adaga sob minha saia está pesada.

Na frente do salão, o piso de mármore continua em um par de escadas amplas em cujos degraus está posicionada uma orquestra. Nunca vi nada parecido: dezenas de músicos criam a melodia em violoncelos e flautas e tambores e instrumentos que nem sei nomear. Uma longa flauta parece ser feita de ossos humanos. A melodia é linda, mas não consigo repelir um calafrio. Enquanto avançamos, a música me envolve como se fosse algo

tangível, como um idioma que não falo, mas que, mesmo assim, me atrai de formas que não entendo.

Acima da orquestra, um trono entalhado de madeira escura polida está vazio.

Na metade das escadas, Liam para, vira-se para mim e se inclina para sussurrar algo em meu ouvido. Tento não me arrepiar.

— A porta, ali. Está vendo?

Sigo o olhar dele até uma porta dupla de vidro do outro lado do salão, aberta para possibilitar a visão de outro jardim luxuriante e o som fraco das ondas batendo na costa. Parece muito longe, com um mar de pessoas dançando entre nós e a saída. Eu assinto.

Liam dá um sorriso forçado para um casal que passa por nós.

— Elas levam à varanda.

Conforme descemos as escadas, espero que a cabeça de todos se vire em minha direção, mesmo com o véu, e que gritos de *assassina* preencham a sala.

Mas nada acontece. A multidão — pessoas de uniforme militar, como Liam, ou de vestido longo e véu, movendo-se em pares e padrões complicados — não está olhando para mim. As pessoas olham umas para as outras, os olhos cintilando sob os véus. Alguns olhares pousam em mim, e meu coração começa a acelerar — até que me lembro das fofocas ácidas que costumavam circular por Everless sobre as várias pretendentes ricas que lady Verissa recrutava para Liam, e ele sempre acabava rejeitando todas. Uma garota de braços dados com ele atrairá atenção, mas não temos como evitar.

Uma aglomeração de convidados segurando taças de vinho se aproxima, conversando em voz alta sobre as opções do banquete. Um deles, um homem usando um paletó roxo-escuro, separa-se do grupo e começa a vir em nossa direção com os olhos fixos em Liam. Sinto uma pedra cair em meu estômago quando reconheço lorde Renaldi, que estava no meu primeiro jantar em Everless. Foi ele quem ameaçou sangrar um ano de Bea por ter derramado vinho nele. Roan teve que atenuar a tensão com seu charme.

— Tempos fascinantes, esses que vivemos — diz alto demais, arrastando as palavras. — Nossa primeira mudança de poder em cinco século e ganhamos uma mocinha magrela dessas como rainha. — Ele dá um sorriso para Liam e bate no braço dele, com uma risada que mais parece um zurro.

Minha coluna enrijece. Ina pode não confiar em mim, mas é doloroso ouvir falarem dela assim. Preciso de toda minha força de vontade para não arrancar a bebida das mãos do nobre e jogá-la na cara dele por seu tom.

— Não é verdade, lorde Gerling?

Liam sorri. Seus olhos são puro gelo, mas suponho que Renaldi esteja bêbado demais para notar.

— Veremos — responde. Dá um aceno, colocando um ponto final na conversa, e se afasta de Renaldi, ainda me puxando de leve pela manga.

Risos alegres se erguem até o teto. O grupo se dispersa. Quando Liam me olha, percebo que meus punhos estão cerrados e minhas unhas cravadas na palma das mãos. *Você também duvida de Ina?*, quero perguntar, mas não é a hora nem o lugar.

— Como eu disse, ninguém vai reparar em você — murmura Liam. Ele se inclina e coloca uma mão na minha lombar. Nenhum observador externo notaria, mas o toque dele na minha cintura é leve e impessoal, e seu sorriso é vazio. Formal e distante.

Um grupo de pessoas se demora ao pé das escadas, e todos que chegam param e se juntam a eles. Liam nos guia em sua direção e eu inclino a cabeça, tentando ver o que há no meio deles. E então minha boca fica seca.

Uma credora de tempo de meia-idade, vestida com tanta elegância quanto os demais, em um vestido verde-escuro com detalhes em renda dourada, está sentada a uma pequena mesa com seus instrumentos reluzentes diante de si. Menores e mais brilhantes que as ferramentas de Duade, de Crofton, ou de Wick, o credor de tempo que sangrou dez anos de mim em Laista, mas ainda afiados e ameaçadores.

Mas uma sensação estranha e inquieta me domina. Alguma coisa está

Mas uma sensação estranha e inquieta me domina. Alguma coisa está diferente — porque, aqui, as pessoas vão até ela uma a uma, sorrindo e conversando enquanto oferecem as mãos de bom grado. Em Crofton, a fila na porta da loja de Duade era longa e cheia de desespero: cabeças ficavam abaixadas e vozes baixas imploravam à Feiticeira que os abençoassem com uma ou duas horas extras. Quando estive com Wick, em Laista, ele tirava uma gota de sangue de cada doador e então media o tempo deles polvilhando um pó especial e ateando fogo à mistura — cuidadosamente contando os segundos da vida da chama para certificar-se de que não extrairia demais e mataria a pessoa. A credora de tempo de verde não mede nada. Todos aqui podem ceder anos, talvez até décadas, se é isso que ela está tirando.

Um casal se afasta da mesa. Quando passam por nós, ouço a mulher dizer:

— Querido! Cuidado, você vai manchar meu vestido de sangue.

— O que é isso? — Meu sussurro sai muito feroz, mas a raiva pela injustiça ferve dentro de mim.

Os olhos de Liam disparam de um lado a outro. Ele percebe a mesma coisa que eu — que essa fila está entre nós e nossa escapatória. O que quer que seja, devemos passar por ela.

— Um tributo para Ina — murmura, tomando meu braço e me puxando para perto. — Todo mundo tem que oferecer um ano do próprio sangue. É uma espécie de presente. Sinto muito, não sabia…

Meu estômago se embrulha. Um *ano*. E essas pessoas nem se importam; erguem as mangas risonhas e sorridentes, expondo os braços e a palma das mãos como a barriga de um peixe para a luz tremeluzente do salão. A pele delas é lisa. Imaculada. Sem sinais de ter sido sangrada antes.

Um ano não é nada para elas. Nunca tiveram que sacrificar nenhum.

Quando um cavalheiro de cabelo prateado se afasta da mesa, vejo a credora de tempo fechar o frasco do sangue com uma rolha e deixá-lo junto com dezenas de outros em uma cama de veludo. O homem está mais preocupado com seu terno, limpando uma mancha de sangue com um lenço bordado.

Tanto sangue, cintilando lindamente nos frascos como um ninho de joias. Um homem atrás de mim percebe meu olhar e fica desconfiado.

— Está na fila?

Liam responde por mim.

— Sim. — Ele se posiciona ao meu lado e fala em voz baixa: — Não tem problema. Eu doo mais um ano no seu lugar e…

— Não é isso — balbucio, uma meia verdade. — É só que… Não acho que meu tempo possa ser consumido. Caro se feriu quando tentou bebê-lo, em Everless. Acha que pode ferir Ina também? — Minhas palavras morrem quando um medo pior finca as garras em mim. E se Caro puser as mãos no meu sangue mais uma vez? Que estragos ela poderia fazer com sua magia sombria então?

Mesmo com o véu entre nós, vejo choque e dúvida cruzarem o rosto de Liam. Apesar de todos os seus anos de estudo, ele não sabia isso sobre meu sangue.

De repente, ele parece mais jovem do que é, e me dou conta do que de fato somos: um garoto que, mesmo com toda a sua inteligência e educação, tem apenas dezenove anos e uma garota com séculos de lembranças e conhecimento e magia, mas que não consegue acessá-los.

A fila anda — é a vez de Liam. Ele aperta meu braço com gentileza e dá um passo à frente, deixando-me congelada, com a cabeça girando com tanta informação. Esse tributo sombrio. A oferta de Liam de dar um ano de vida por mim. O medo arrebatador de que Caro obtenha mais do meu sangue, tornando-me cúmplice na destruição que quer provocar.

Vejo a lâmina romper a pele de Liam e minha visão se fragmenta. *É só a palma dele. Só a palma.* Afasto os olhos para não ter que vê-lo sangrar.

Quando acaba, Liam olha para mim, sorrindo de modo indulgente enquanto a credora de tempo enfaixa o braço dele.

— Espero que perdoe minha garota — ouço-o dizer, espalhando charme. — Ela não suporta ver sangue.

— Ora, vamos. — A voz da credora tem o mesmo charme natural e aristocrático, mas há uma dureza nela. — Ela pode fechar os olhos ou você pode segurar a mão dela.

Ela ergue a voz, dirigindo-se a mim, e não gosto de como seu olhar é sagaz.

— Certamente — diz, com uma insinuação ameaçadora na voz —, a milady não gostaria de perder a honra de ter seu próprio tempo correndo pelas veias da rainha, gostaria? Também ouvi dizer que ela pretende criar uma joia de ferro-sanguíneo para sua coroa.

Fico enjoada quando, ao nosso redor, as pessoas começam a se virar em minha direção. Cabeças se inclinam com curiosidade. Sua atenção parece uma brisa ameaçadora, prestes a arrancar meu véu e revelar meu rosto de assassina para todo o salão.

Então, embora meus membros pareçam estar pesados como chumbo, dou um passo à frente.

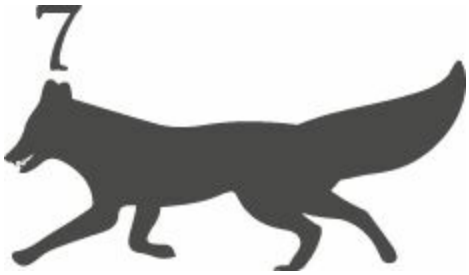
— É claro que não — respondo, deixando minha voz o mais fina e tímida possível enquanto arregaço a manga. Liam passa um braço ao meu redor e, apesar da minha relutância anterior em deixá-lo me tocar, fico grata por isso agora. Quando a lâmina da credora de tempo abre a minha palma, Liam se curva como se fosse beijar minha têmpora para me reconfortar. Em vez disso, seus lábios roçam em minha orelha.

— Vai ficar tudo bem.

Mas, no instante em que a credora de tempo vai pegar uma atadura, o salão se aquieta e, ao meu redor, cabeças se viram para o trono. A credora de tempo larga minha mão e afunda numa mesura baixa quando a porta na parede atrás do trono se abre e duas garotas emergem em vestidos longos.

Caro. E a rainha recém-coroada de Sempera: Ina Gold.

7



O medo me domina — a proteção do véu parece frágil, com Caro no salão —, mas não consigo afastar os olhos de Ina. Ela também está usando um véu, mas translúcido, entremeado com gotinhas brilhantes feitas de ferro-sanguíneo. Não só consigo ver seu rosto como, mesmo à distância, ele parece brilhar. Seu vestido cai ao redor como uma cascata negra nas escadas.

Uma coroa reluz em seu cabelo escuro — suas pontas afiadas também são do tom ouro-avermelhado do ferro-sanguíneo, percebo com um susto, o que causa a impressão de que a coroa foi mergulhada em sangue. Ina desliza até o trono de carvalho entalhado e fica parada ali por um momento antes de se sentar majestosamente, o retrato de uma rainha. Ao meu redor, as pessoas interrompem suas conversas e dirigem-se ao estrado, e uma multidão coalesce ao redor dela enquanto lordes e damas fazem fila para beijar suas mãos e dizer coisas que não consigo ouvir.

Tomo um susto com o toque de Liam em minha bochecha, através do véu finíssimo. Parte de uma atadura escapa da manga de sua roupa. Sua pele é muito mais quente que a minha. Não sei por que isso me surpreende.

Ele me vira para me fazer encará-lo. Está sorrindo, mas consigo ver a tensão em seus olhos e senti-la em sua pulsação acelerada. Deixo-o me conduzir em direção à pista, para longe da credora de tempo, que está

distraída demais com a chegada em grande estilo da nova rainha para notar que fugi da fila.

O que mais quero é abrir caminho pela multidão e correr até o trono de Ina gritando tudo que não pude dizer há apenas algumas horas. Que sou aliada dela, que ela não pode confiar em Caro, que sua criada pode tentar controlá-la assim como controlava a antecessora. Que ela e eu nascemos ao mesmo tempo em uma cidade chamada Briarsmoor. Que o nome de nossa mãe biológica era Naomi.

Em vez disso, imito as ações dos outros casais no salão, apoiando uma mão no ombro de Liam e deixando-o me puxar para mais perto — a mão dele nas minhas costas, os dedos da minha mão direita entrelaçados aos dele. Pela rigidez da sua mandíbula, percebo que ele está com medo.

Olho para os lados, certa de que, a qualquer momento, alguém vai ver que eu não sei os passos e me desmascarar como uma impostora. E estou muito assustada com a presença de Caro na frente do salão. Embora não consiga vê-la, ela exerce uma espécie de gravidade sombria. Mas Liam capta meu olhar e balança a cabeça. Inclina-se para sussurrar algo em meu ouvido e seus cachos escuros roçam meu rosto. Um calafrio me percorre.

— Não olhe ao redor — diz bruscamente. — Não fique nervosa. Só precisamos chegar à porta e sair sem sermos vistos.

Meu vestido vai até o chão, escondendo as botas de viagem que ainda uso. Consegui prender o cabelo de maneira parecida aos penteados elegantes que as outras mulheres exibem, com coroas de trança para segurar o véu. Mas ainda me sinto obviamente diferente, apartada de todos os outros. Só pessoas com séculos correndo nas veias sabem dançar assim. Eu me atrapalho para acompanhar. O casal da fila de sangramento passa girando por nós, resplendentes na coreografia. Através do véu da mulher — mais fino que o meu —, vejo seu rosto, seu sorriso tímido para o parceiro.

Uma pontada de dor pela falta do que nunca tive me atravessa enquanto os músicos começam um refrão lamentoso. Em outro mundo — em outra vida

—, eu poderia estar no lugar dela. Permito-me imaginar a cena, eu dançando aqui como uma convidada de honra. O pensamento borbulha em mim como um gole de madel. Eu não estaria usando um véu. Ninguém estaria, porque não haveria nada para lamentar, apenas motivos de celebração. Ina não estaria fria e distante em seu trono, e sim dançando conosco, tão jubilosa como rainha como era quando princesa.

E Roan estaria dançando com ela. Liam e eu passaríamos ao lado deles e sorriríamos — talvez toques e sorrisos e risadas seriam permitidos para mim, e não só isso, mas também fáceis, fluidos, livres, em vez de contidos e proibidos.

Em vez de mortíferos.

Mas esse mundo não é o nosso. Há um veio de sofrimento que subjaz a tudo aqui, toda a beleza existente, que se revela nos véus e na melodia pesarosa do violino e em Ina, tão distante, intocável, ainda que próxima. Há um vazio enorme em mim, no buraco deixado por tudo que já tive — tudo de que, até recentemente, nunca poderia ter imaginado que sentiria falta. Nunca vou dançar assim, com Liam ou com qualquer outra pessoa, sem nenhuma preocupação.

Não até que Caro esteja morta.

Não até descobrir como matá-la.

De repente, a necessidade de fugir me domina e tenho que me controlar para não sair correndo em direção à porta.

Um jovem bronzeado e de cabelo loiro lustroso passa girando por nós, seu braço roçando no meu, com uma mulher usando seda roxa rindo atrás dele. Vejo-o sorrir calorosamente para Liam ao passar. Liam assente, embora seu sorriso esteja tenso. O homem assente de volta, então se enfia entre a multidão e desaparece.

— Esse é Elias — diz Liam em meu ouvido, quando estamos a alguns passos de distância. — Ele vai nos encontrar lá fora.

Não consigo me controlar e me viro de maneira abrupta na direção de

Não consigo me controlar e me viro de maneira abrupta na direção de Elias, minha boca ficando seca. Sem saber, toquei em alguém que não é de Sempera, alguém que não tem tempo em seu sangue. Só o nosso país carrega essa maldição.

Quando pego outro vislumbre de Elias entre os dançarinos, procuro estranhezas em seus ombros largos, seu sorriso alegre, e não encontro nada. À primeira vista, ele parece normal — ainda que bonito, elegante e claramente rico —, mas será que estou só imaginando a graça com um toque de sobrenatural em seus movimentos, como se o sangue em suas veias fosse de alguma forma mais leve que o nosso? É uma bênção ou uma maldição, nunca saber quanto tempo de vida se tem?

— Podemos confiar nele? — sussurro.

— Tanto quanto você pode confiar em mim.

A música muda de novo, tornando-se mais alta e rápida. Olho furtivamente para todo o salão para não ter que encarar os olhos de Liam conforme nos aproximamos, aos poucos, da varanda. Só mais alguns minutos, digo a mim mesma, com o coração acelerado, e vou escapar, camuflada pelos outros convidados. Só mais algumas músicas nessa proximidade tensa e desconfortável e irei embora.

Mas, à medida que nos movemos em direção à porta, chegamos cada vez mais perto de Caro, parada com uma sombra silenciosa ao lado do trono.

Liam se inclina para sussurrar outra coisa. Eu me obrigo a não reagir, não estremecer com sua proximidade.

— Ao fim dessa música teremos nossa melhor chance — diz.

Lá fora, posso ver uma faixa de oceano pintada pelo pôr do sol. Enquanto observamos, duas mulheres se separam da valsa e atravessam o baile. No fundo do salão, Caro as observa por um instante. Meu coração acelera.

— Você vai ter que fingir apreciar minha companhia — acrescenta ele em meu ouvido. Se não estivesse tão nervosa, riria de como ele consegue soar frio e irritado mesmo enquanto me guia em uma dança graciosa. Mas não há espaço para risos, apenas medo.

Ele muda a direção da nossa coreografia, posicionando-nos em direção à porta. Eu me surpreendo e perco o passo, o que faz Liam me puxar para mais perto, segurando minhas costas com mais força. Perco o fôlego, mas Liam não repara, ou finge não reparar.

Então percebo que atravessamos a maior parte da pista de dança e estamos nos aproximando da porta de vidro aberta que dá para o exterior. Liam me aperta mais forte e eu me obrigo a sorrir, sustentando o olhar dele, projetando uma graciosidade tranquila enquanto atingimos o limite da multidão quando a música termina. Minha pulsação tremula enquanto dúvidas disparam pela minha mente. Será que os guardas já se soltaram? É Caro que está me olhando do estrado? Não ouso virar para conferir, mas agulhas pinicam minha nuca. Liam se descola um pouco de mim, ainda apertando minha mão e, embora eu odeie admitir, apenas isso mantém meu medo sob controle.

Juntos, saímos na varanda que abraça a curvatura do palácio. Do outro lado, ela se estende sobre os penhascos. A paisagem abaixo é toda feita de rochas escarpadas e areia, embora aqui em cima estejamos cercados por árvores finas e enormes flores plantadas, quase verdejantes o suficiente para me fazer esquecer dos penhascos íngremes e manchados de sal que flanqueiam a construção. Mas o trovejar baixo e constante das ondas é suficiente para me fazer lembrar, e meus músculos se enrijecem pelo medo e pela adrenalina. A liberdade está próxima. Posso ouvir as ondas que vão me carregar para longe.

Vislumbro a água entre as árvores. A enseada está pontilhada com barcos, pequenas embarcações de passeio e iates majestosos, hasteando as flâmulas das cinco famílias proprietárias de terras mais poderosas de Sempera, além de alguns outros brasões que não reconheço. Meus olhos pousam imediatamente em uma embarcação esguia exibindo uma bandeira com as cores de Connemor — vermelho e dourado. É o navio de Elias, que vai nos levar embora. A cerca de dez metros da costa, ele parece deslocado acomodado na

escuridão, oscilando com as ondas. Não sei como vamos embarcar sem sermos vistos.

Liam mantém minha mão na sua enquanto caminhamos, passando por alguns outros convidados que saíram do salão conforme a música do interior gradualmente dá lugar ao som das ondas. Uma mulher vira o pescoço para nos observar enquanto andamos. Ela jogou o véu por cima da cabeça, revelando um rosto forte, belo e bronzeado. Vejo seus olhos escuros se demorarem em Liam. Não é um olhar comum. Meu peito se aperta de medo de que tenha visto algo errado.

Mas não é nada, digo a mim mesma. Liam é alto, bonito, e está elegante em seu terno. Não é surpreendente que seja observado.

Estamos tão perto do mar que consigo sentir o gosto do sal na boca. Minhas pernas se contraem de vontade de sair correndo, mas a mão de Liam permanece firme ao redor da minha e me obriga a andar sem correr. A agir como qualquer outro jovem casal escapando do baile para aproveitar os jardins.

É aí que tudo começa a dar errado.

A música do salão se interrompe, não com o esvanecer suave de uma canção que acaba, mas de modo abrupto. Eu tinha parado de ouvi-la, mesclada como estava com o som das ondas abaixo de nós, mas, na ausência do som, meus ouvidos detectam o silêncio.

E, subitamente, sei, com certeza absoluta, que Caro percebeu que não estou em minha cela. Minha mão voa até a perna e tateia o cabo da faca sob o vestido, e só o fato de que há duas mulheres atrás de nós me impede de tirá-la da bainha.

Liam demora um instante a mais do que eu para perceber o silêncio ameaçador, mas então seus olhos se arregalam e sinto seu corpo se retesar. Seu passo vacila.

— Devemos correr? — sussurro, embora nossas opções sejam apenas descer ou voltar para o salão.

Liam sacode a cabeça, um movimento quase imperceptível. Vejo seu rosto pálido na penumbra.

— Ela não sabe onde você está — diz, tão baixo que preciso me esforçar para ouvir. — Só sabe que está em algum lugar no palácio. Ainda podemos sair sem sermos vistos.

Assinto, mas o sangue de Roan cruza minha memória e meus membros urgem para que eu — eu, perigosa e mortal — fuja de Liam e me distancie o máximo possível dele. Preciso de toda minha força de vontade para continuar andando normalmente. Meus dedos se contraem para não puxar a faca. Em vez disso, puxo o véu com mais força sobre o rosto.

Enquanto avançamos, o silêncio dá lugar a um clamor de vozes confusas e as pessoas começam a jorrar do salão de baile em direção à varanda. Liam aperta minha mão com mais força. Atrás de mim, escuto vozes confusas, pessoas gritando umas sobre as outras em um esforço de descobrir o que está acontecendo.

A assassina da rainha?

Aqui?

Escapou?

O medo me toma de súbito, a sensação mais forte que senti desde que Caro me segurou no colo, e meus joelhos se dobram sem aviso enquanto o mundo gira. Liam não hesita. Envolve-me pela cintura e me puxa contra si, como se estivesse apenas segurando sua companheira que bebeu algumas taças a mais de madel. Ele me puxa por meio da multidão. Com toda a tensão entre nós esquecida momentaneamente, eu me pressiono contra ele, tentando tirar forças dos pontos em que seu corpo encosta no meu.

Consigo ver o fim da varanda, onde fica o declive até o jardim. Só uma breve descida…

Mas então os soldados aparecem. Uma dúzia deles, com os ombros largos e os peitorais brilhantes. Brotam de uma porta lateral do palácio e se espalham pela varanda de mármore. Avançam entre os convidados da

coroação, agarrando homens e mulheres pelo braço sem delicadeza. Uma taça cai e se estilhaça. Vejo um guarda abordar a mulher que a deixou cair. Ela hesita por um momento antes de erguer o véu.

Estão inspecionando os convidados. Procurando por mim. O pânico inunda minhas veias.

Liam começa a correr, puxando-me consigo. Convidados chocados saem do nosso caminho enquanto avançamos, tentando passar pelos guardas antes que formem uma barreira. Uma rajada de vento salgada sopra meu véu para longe do rosto…

E então meus olhos são inundados pela luz que verte de cima. Uma porta se abre em outra varanda, menor, acima de nós, e luzes de tochas preenchem o patamar inferior, iluminando meu rosto. Caro e Ina emergem. São rostos muito familiares, mas o de Ina está enrijecido pela fúria. Pelo ódio. E o de Caro, retorcido em um sorriso aterrorizante.

Ao meu redor, as pessoas param de se mover e erguem os olhos, hipnotizadas pela luz que jorra de Shorehaven. Então Ina aponta diretamente para mim.

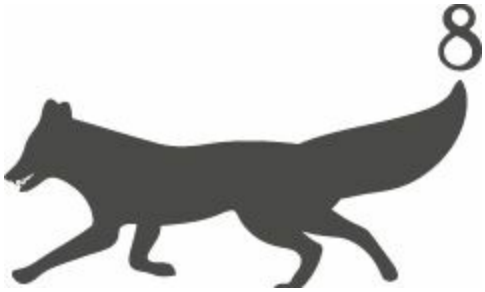
Há gritos. Os soldados formam uma barreira à nossa frente, sua armadura de ouro parece um muro de ferro-sanguíneo bloqueando a rota de fuga.

Não, penso enquanto centenas de rostos se viram para mim de uma só vez. Eles me veem, todos eles — e Liam, ao meu lado. Perto demais.

Um pensamento se cristaliza em minha mente. Não importa o que aconteça comigo, Caro não pode pôr as mãos em Liam.

Saco a faca — e o ataco.

8



Mesmo em meio do caos, vislumbro o rosto de Liam. Todo o distanciamento arrogante que ele demonstrou no salão de baile desaparece. Sua boca entreaberta e olhos arregalados roubam o meu fôlego. Uma pontada de dor atravessa meu corpo.

Preciso que pareça real. Acima de seu peito, desenho com a faca um arco que vai dos ombros às costelas — procurando o bolso em que leva meu diário de couro. Afundo a lâmina na jaqueta dele, mas ela só perfura o tecido e o diário.

Funciona. Ao nosso redor, as pessoas gritam. Liam recua aos tropeços, levando a mão ao peito, e eu pulo sobre ele com a faca empunhada no alto de forma dramática outra vez, mantendo os olhos fixos nele o tempo todo. Enquanto Liam recua, levando a mão ao cabo da espada, vejo a compreensão assentar-se em seu rosto.

Golpeio mais uma vez — em um movimento amplo demais, descuidado, mas não conseguiria chegar mais perto. Fico grata quando uma guarda puxa Liam para trás e salta contra mim em vez disso. Escapando por meros centímetros dos braços esticados dela, eu me viro e sigo adiante, empunhando a faca enquanto corro.

Os convidados se afastam às pressas do meu caminho, mas os guardas me seguem de perto. Corro o mais rápido possível, ignorando o ardor em meu

peito e pés. Centenas de olhares queimam minhas costas e consigo sentir a presença de Caro, imaginando a ventania causada por seu terrível poder, como vi em Everless.

E não sou rápida o suficiente. Vindo de trás, um guarda enorme me agarra com força, jogando-me no parapeito da varanda com tanta força que quase caio sobre a proteção. O ar deixa os meus pulmões, mas suporto a dor e ataco o braço a esmo dele com a faca. Ele xinga e recua — mas a essa altura estou cercada, rodeada por cinco guardas a um raio de dois metros, de costas para o oceano. A varanda pende sobre a água. Abaixo, pedras claras, enormes e afiadas formam um declive até a enseada. O barco de Elias balança na água escura, suas velas esvoaçando como um aceno de despedida.

Estou encurralada.

Não tenho escolha.

Uso meu poder para atacar, tentando congelar os guardas no tempo como moscas que pousam sobre o mel — mas é como se eles não existissem no mundo temporal. Minhas tentativas de defesa deslizam de seus corpos como água ao redor de óleo. O pânico toma conta de meu coração e ergo os olhos para as figuras distantes de Caro e Ina na varanda superior.

Busco desesperadamente o rosto de Liam na multidão boquiaberta. Ele está no centro da varanda, cercado por guardas e convidados solícitos, encarando-me impotente.

— Prendam-na! — exclama Ina, sua voz vindo de trás das costas dos guardas.

Quando dão um passo à frente, avançando sobre mim, olho para o mar por cima do ombro.

É uma queda grande o bastante — um salto não significaria morte certa, mas também não quer dizer que seja segura. Eu poderia quebrar a perna, e Caro me arrastaria de volta às masmorras, completamente indefesa dessa vez. E há uma chance de que quebre o pescoço e tudo termine em um instante.

Mas se ficar aqui, deliberando, os guardas vão me levar de volta a Caro. E Liam já me libertou das garras dela duas vezes.

Será que ela seria tão descuidada a ponto de deixar acontecer de novo? Ou esta será a vez que, enfim, vai conseguir me quebrar?

Não. Se não posso matá-la agora, tenho que fugir até poder terminar o que comecei.

Lanço a faca em direção à capitã, percebendo tarde demais que é a mesma que ajudou Liam a me tirar da cela. Por sorte, não tenho a habilidade nem a força para acertá-la, e a lâmina voa por cima de seu ombro e cai retinindo no piso de mármore. Mais gritos se erguem da multidão, e os guardas trocam olhares alarmados. Aproveito o momento para erguer meu vestido até as coxas — eu poderia rasgá-lo, mas não há tempo — e pulo sobre o parapeito, de modo que fico em pé na borda exterior, com o mar revolto logo abaixo de mim e apenas a face escarpada do penhasco e pilhas de rochas entre nós.

Mais gritos e arquejos. Os olhos de Caro perfuram os meus à distância, parecendo duas lagoas tranquilas em um mar de pânico. Olho para baixo só o bastante para ter uma noção da posição das pedras e imediatamente sou atingida pela vertigem. Mas tomei minha decisão.

Eu me viro e salto da beirada.

O vento afeta meus olhos e ouvidos. As ondas e minúsculos barquinhos parecem borrões por todos os lados. Mal tenho a presença de espírito de dobrar os joelhos e reduzir um pouco o tempo — de maneira imperceptível, espero — antes de atingir o rochedo com uma força que prece ser capaz de estilhaçar ossos. Meus tornozelos escorregam com um triturar repugnante de pedra e pele, fazendo-me cair com força de lado.

Por alguns longos momentos, fico deitada, segurando na rocha sob mim com toda a força para não deslizar até o oceano. Acima, vejo uma multidão de rostos contra o céu noturno, observando-me… e guardas, que já prendem cordas ao parapeito de ferro forjado, preparando-se para descer atrás de mim.

Aceito me pôr levantar, ainda atordoada de queda, e fico olhando os

Ajeito-me para levantar, ainda atordoada da queda, e fico olhando as pequenas silhuetas e a água. Não há para onde ir exceto descer a grande pedra em direção ao mar. Já estou encharcada com água salgada e gelada. O vestido de veludo se agarra inutilmente ao meu corpo, a saia rasgada pelas pedras afiadas junto com a palma das minhas mãos.

Poderia tentar nadar até o barco de Elias, mas mesmo daqui posso ver que as correntes são fortes demais, as ondas de crista branca espumando como uma fera faminta tentando me abocanhar.

A ideia de me afogar — de ser empurrada à morte como um animal em pânico — faz uma enxurrada de adrenalina percorrer meu corpo. A cada inspiração curta, o tempo vocifera mais alto em meu sangue, gritando para ser libertado. Fecho os olhos, tentando reunir a magia esvanecida em meu sangue até formar uma tempestade. O tempo pode ser uma nuvem, expandindo-se a partir de mim, capturando tudo em seu caminho. Pode ser um aríete. E agora…

Olho para os guardas que descem outra vez e perco o fôlego. Memorizo onde estão contra o céu noturno. Em seguida, fecho os olhos e imagino que estou brandindo o tempo como um chicote, uma tira brilhante de luz arqueando-se sobre o oceano e a praia rochosa. Imagino-o se entrelaçando nas cordas, envelhecendo as fibras, dez anos em um instante, cinquenta, cem, e busco minha magia mais fundo do que jamais tive que fazer. Ela exaure minhas forças, e tenho que me lembrar de respirar quando meu peito dói por conta da falta de ar. Mas até a essa distância consigo sentir que funcionou, que estou me livrando das correntes invisíveis que Caro pôs em mim — e sei que as cordas dos soldados vão começar a desfiar e se romper.

Não me dou conta do que isso significa até que o primeiro soldado despenca em direção ao mar escurecido.

Gritos vêm de cima. Abro os olhos enquanto os guardas começam a descer às pressas e se deixam cair nas pedras. Um deles não é rápido o bastante — a corda se rompe, fazendo-o cair aos berros. Não escuto sua queda em meio ao

bater das ondas, mas sinto a náusea em minha garganta. Outra pessoa — duas — provavelmente morta por minha causa.

Mas ao mesmo tempo que o pensamento passa pela minha cabeça, volto minha atenção às pedras que sustentam os três guardas remanescentes, imaginando-as como serão após séculos de erosão pelas ondas, lisas e menores e, por fim, caindo ao mar. Concentro-me com toda a força que me resta. Em minha própria pedra, agarro-me com menos força; se uma onda me atingisse agora, eu não conseguiria me salvar de ser carregada.

Mas um dos guardas perde o equilíbrio e desliza, por pouco conseguindo se segurar em uma pedra mais baixa. Os outros dois — um homem enorme e a capitã com a trança, agora perto o bastante para que eu veja seus rostos aterrorizados, descem desesperados em minha direção. A mulher chega mais perto, segurando-se em uma pedra separada da minha por uns seis metros de água.

— Jules! — grita.

Mas não consigo responder. Toda minha atenção está voltada para manter o equilíbrio e lutar contra as ondas que agarram meus tornozelos como se tivessem vida. Parei de erodir as rochas, mas um rangido profundo e terrível se levanta delas.

Como os dominós grosseiros com que Amma e eu costumávamos brincar quando crianças, não consigo parar a reação que causei. E as pedras começam a desmoronar, rolando pelo declive arenoso e íngreme do castelo e levando outras consigo no caminho. Apenas uma ou duas a princípio, mas depois meia dúzia, e aí há um terrível momento em que me dou conta do que vai acontecer em instantes.

Ordeno ao tempo que pare, mas estou esgotada, sem forças. Nada para.

Uma a uma, todas as pedras no penhasco começam a rolar. Parecem estar se movendo devagar, mas não consigo dizer se é o meu poder ou só o puro terror que está distorcendo a minha percepção. Mas estão caindo, com um

triturar profundo e monstruoso, uma após a outra. A rocha estremece sob meus pés, ameaçando ceder.

Eu me viro, com os gritos da varanda acima vindo de trás de mim, e salto de onde estou para o mar.

O frio me atinge primeiro. Fora da água, era uma noite de primavera amena — mas o mar aferrou-se, ciumento, ao auge do inverno, guardando-o para poder me envolver com ele agora. Como mãos feitas de gelo que seguram meus membros e me puxam para baixo, enfiando-se goela abaixo e tateando em busca das coisas quentes e vitais que me mantêm viva. Não consigo me mexer nem para tentar subir à superfície ou lutar contra as ondas que me giram de cabeça para baixo vez após vez. Estou rodopiando, com bolhas emergindo da boca e do nariz, e não sei dizer se o prata que cintila em meus olhos é causado pelo luar, pela água ou por meu cérebro, inventando imagens em uma súplica desesperada por ar.

Tenho uma vaga noção de que pedras caem ao mar ao meu redor, cada uma atingindo a superfície com um *bum* profundo e ressonante, abafado pela água que chacoalha meus ossos. Os baques fazem o líquido rosnar contra as correntes existentes, que me atiram como uma boneca de pano. Não há nada que eu possa fazer para me esquivar das pedras, nenhuma maneira de saber onde elas vão cair — nem ar.

Forço meus membros a se esticarem e tento nadar na direção em que imagino estar a superfície, e minha cabeça irrompe da água por um momento — vislumbro a guarda nadando em minha direção —, logo antes que uma onda me leve para baixo. Apesar de toda a magia e das lembranças antigas que se agitam em mim, estou indefesa contra o mar. Quando irrompo pela superfície pela segunda vez, não tenho tempo nem de inspirar antes de ser arrastada outra vez para baixo. O pânico desabrocha em minha mente enquanto meus membros começam a queimar, o gelo esgueirando-se sob minha pele. Pontos negros piscam em minha visão lateral. Vou morrer assim, afogada.

Não quero morrer.

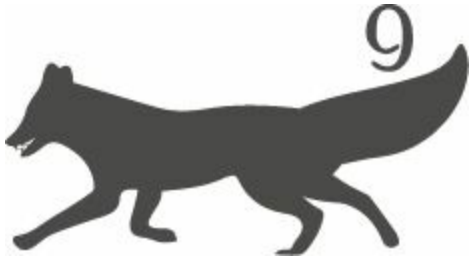
Não *posso* morrer.

Uma explosão súbita e selvagem de poder incendeia meu corpo, começando em meu coração e irradiando-se para fora. Ela me faz gritar, o que me faz produzir uma descarga de bolhas inúteis, esticar os braços e as pernas e começar a lutar contra as correntes de novo. O tempo parece saltar em minhas veias.

Mas não consigo controlar o oceano — é vasto demais, arisco demais. Posso sentir os milhares de anos já serpeando em suas águas fluírem por mim. Tudo que me resta é meu próprio corpo, e recuo para ele agora, internalizando minha magia, ordenando a meus segundos que se preservem, implorando ao meu coração que adie o momento de rendição. Uma sensação estranha formiga em minha pele: sinto meu sangue ficar mais lento e frio, como se estivesse se transformando em chumbo nas veias.

Nunca tentei me congelar no tempo antes. Penso, de forma vaga, que é provável que isso me mate — mas até mesmo minha mente frenética e embotada sabe que vou morrer se isso continuar. Tenho apenas alguns minutos, menos ainda consciente, ainda menos se uma das pedras caírem no ponto em que luto contra as ondas. Meu próprio sangue me arrasta para baixo.

Dedos se fecham ao redor do meu pulso. É a última coisa que sinto antes de deixar de sentir.



Percebo vagamente alguém me puxando para cima e me tirando do mar. Mãos me deitam de lado em uma superfície dura e começam a bater em meus ombros até que eu cuspa a água do mar que engoli. Sou erguida, acomodada em um banco e envolvida em um cobertor — fraca e com frio demais para me mover ou até abrir os olhos, ou fazer qualquer coisa que não seja respirar. Há passos indistintos e vozes ao meu redor, e a batida colérica das ondas na madeira do que deve ser o casco de um barco, como se estivessem furiosas por terem me deixado escapar.

Em seguida — dor. Montanhas de dor perfuram meu corpo, sólidas e afiadas e intransponíveis. Grito antes de conseguir me conter.

Alguém coloca minha cabeça em seu colo e, gentilmente, enxuga a água do mar do meu rosto, apertando o cobertor ao meu redor até que a dor se torne uma pulsação fraca. *Caro*, penso de passagem, com sua gentileza deturpada.

Mas essas mãos são grandes e cálidas e gentis, só um pouco familiares. Quando por fim abro os olhos, não vejo Caro acima de mim — e sim Liam, com a testa enrugada de preocupação e o rosto muito pálido.

— Você está viva — sussurra, pela segunda vez desde que os soldados me arrastaram até Shorehaven.

Consigo dar uma risada fraca.

— Acho que sim.

Atrás dele, vejo a guarda — que não era uma guarda, suponho — rapidamente hasteando uma vela escura que se mescla com o oceano, tão preta que parece tecida com a própria noite. Mais ao fundo, vejo o amigo de Liam, Elias, jogar outro tecido negro sobre o convés para encobrir as laterais do barco. Uma bandeira vermelha e dourada está aos pés de Elias.

— Jules, essa é Danna, de Connemor — diz Liam, seguindo meu olhar até a mulher. — Ela puxou você da água.

Danna me dá um aceno breve. Pode ter me salvado, mas imagino que não esqueceu que, por acidente, eu a lancei ao mar durante a fuga.

— E, é claro, este é Elias — acrescenta Liam.

— É um prazer enfim conhecê-la, srta. Ember — diz Elias. Há uma ponta de tensão em sua voz, mas ele tem um sotaque musical e carrega um sorriso grande e brilhante ainda que o vento açoite seu cabelo. Pega uma corda enrolada e a joga para Danna. — Ouvi muitas coisas sobre a lendária Alquimista de Sempera.

Minhas bochechas ficam quentes. Quero fazer mais perguntas, mas estou abalada e exausta demais para falar. Não afasto as mãos de Liam quando ele me ajuda a sentar. Estou tremendo violentamente, mesmo com o cobertor. Sinto como se minhas entranhas tivessem sido substituídas por água salgada.

Ele dá a volta para ficar de frente para mim. Atrás dele, vejo o palácio de Shorehaven, mais longe do que esperava — as luzes do salão de baile formam apenas um brilho distante em contraste com a ruína da praia, onde as pedras desabaram. Uma nuvem de poeira paira no ar.

O vento na enseada infla as velas pretas com um estalo suave, carregando-nos em direção ao alto-mar. É mais silencioso aqui, distante da arrebentação das ondas batendo na costa. O alívio me preenche aos poucos enquanto observo o palácio fumegante ir sumindo à distância.

Enquanto contornamos a construção, luzinhas se acendem e começam a se mover pela baía — sei que as forças de Caro estão nos barcos, vasculhando a

água atrás de mim ou do meu corpo. Meu coração estremece, como se soubesse que está sendo procurado. Levo a mão ao peito, tentando abafar aquela magia incompreensível que me conecta a Caro.

— Quanto tempo passou? — pergunto, rouca.

— Uma hora. — Liam traz um mapa. É claro que ele tem um mapa. — Quando Shorehaven estiver fora de vista, Elias vai nos deixar na costa, onde podemos alugar uma carruagem. Com o caos que ocorreu no palácio, as pessoas provavelmente não vão notar que ele sumiu.

Minha garganta está seca. Tento seguir a rota que ele está traçando no mapa, mas minha visão embaça e perco o fôlego enquanto tento manter minhas emoções sob controle.

— E isso vale para você também? Ninguém que estava na coroação vai reparar que você sumiu?

Liam ergue a cabeça. Seus olhos estão inexpressivos.

Meu estômago se revira. Agora o conheço bem o bastante para saber que ele prefere não dizer nada a mentir.

— Você ficou apagada por nove minutos. E ainda estava inconsciente quando Elias me pegou na costa — conta, com a voz rouca e tensa.

Nove minutos. Sem pensar, aperto as mãos dele para me assegurar de que estou ali, presente. Fora da água. Segura.

— Achei que estava morta — digo, ouvindo-me como se estivesse distante. — Como não morri?

— Você se salvou. — A voz de Liam sai baixa; só o escuto porque nossos rostos estão muito perto, a uns trinta centímetros de distância. Algo em mim manda que eu me afaste, mas mal consigo permanecer sentada com o cobertor envolvendo o corpo trêmulo. — Não estava respirando quando Danna a puxou. Seu coração não estava batendo. Eles não perceberam logo de cara que você estava… parada. Pensaram que…

A voz dele falha, e percebo que ele também está tremendo. Seu cabelo, que ele normalmente mantém amarrado, soltou-se, e as mechas úmidas

pendem contornando seu rosto.

Um impulso súbito e cálido me preenche, sobrepujando-me como uma onda, e me inclino jogando os braços ao redor dele, pressionando meu rosto em seu ombro, apenas querendo sentir-me segura. Sinto o corpo inteiro dele se retesar e então, aos poucos, relaxar. Ele apoia as mãos em minhas costas e, por um breve momento, cogito parar o tempo.

Mas recuo. Quando falo de novo, minha voz sai pequena e rouca e assustada — não por culpa de Caro, mas do toque de Liam.

— Eu… eu achei que fosse morrer.

Um gemido suave e dolorido escapa de sua garganta, e ele fecha os olhos por um momento. Olho para Elias e Danna por cima do ombro, mas eles se afastaram para a proa, Danna no leme, enquanto Elias examina o horizonte escuro com um par de binóculos. Seu corpo permanece imóvel, olhando fixamente para a frente; é uma tentativa valente de dar alguma privacidade para mim e para Liam.

— Sinto muito — continuo. — Pelo que fiz na varanda. Por atacar você.

Liam pisca e toca no diário, que ainda está enfiado em seu bolso. Não consigo decifrar sua expressão.

— Você não teve escolha.

— O vento está favorável — grita Dana. — Podemos chegar a Ambergris amanhã, se continuar assim.

— Ambergris? — Eu me sento tão depressa que Liam se encolhe. — É para lá que vamos?

Ele inclina a cabeça em minha direção.

— E depois para Connemor. Não é para lá que devemos ir?

Escondo a cabeça nas mãos enquanto tenho a sensação súbita de que, se o barco não estivesse abaixo de mim, o peso desta decisão me puxaria para o fundo do mar. Embora estejamos longe do castelo agora, contornando a costa e dirigindo-nos para o sul, imagino Caro olhando por uma das janelas de

Shorehaven — uma daquelas pedrinhas distantes de luz dourada — e me fitando diretamente.

— Tenho que impedi-la. Ela me disse que, enquanto estiver viva, não vai parar de ir atrás das pessoas que eu amo.

Liam apoia uma mão no meu braço.

— Sei que quer derrotar Caro, Jules, mas você é importante demais para jogar sua vida fora.

— Tem tanta certeza que vou falhar? — Eu me desvencilho dele.

Ele solta um suspiro exasperado, o retrato perfeito do lorde arrogante que é.

— Não foi isso que eu quis dizer. Você precisa se manter a salvo. Outra pessoa pode cuidar de Caro.

Meu instinto grita que ele está equivocado, completamente equivocado.

— Quem? Nem todos são como os Gerling, Liam. Não tenho ninguém que cumpra minhas ordens.

Ele passa uma mão pelo cabelo, e sei, imediatamente, que estou certa.

— Matar Caro… Você não é assim, Jules. Eu já a vi cuidar de um ratinho depois que alguém o expulsou da cozinha.

— Isso foi há muito tempo — retruco com frieza. — Você não me conhece mais tão bem. Eu já tentei matá-la.

Liam enrijece. Na outra ponta do barco, Elias deixa um remo cair.

— Você… Você fez o quê?

Só depois que falo percebo como minhas palavras soam insanas. Liam, Danna e Elias pararam e estão me encarando, com os olhos arregalados e descrentes. Engulo o nó repentino na garganta.

— Os guardas me levaram direto até ela. Eu tinha a minha faca… no começo, achei que a tinha matado… Ela sangrou tanto… Mas o rosto dela começou a mudar, depois todo o sangue voltou para o corpo, como se eu nunca a tivesse apunhalado. Não consigo entender o que aconteceu. —

Estremeço, lembrando-me de Rinn, a mulher que conheci em Briarsmoor, que passou os últimos dezessete anos revivendo sua morte todos os dias.

Recosto-me na madeira áspera da amurada e me concentro apenas no cobertor negro de céu e água ao nosso redor, tentando recordar o que vi com exatidão. Vejo o rosto de Caro repleto de choque embaixo de mim. O som de um grito, do *meu* grito, faz um calafrio de medo percorrer meu corpo. Fecho os olhos. Havia outra coisa. Alguma coisa logo no canto do olho, um vislumbre de algo escuro, como uma sombra intermitente. Se me virasse, poderia visualizar…

— Isso é ainda pior, Jules. Você não pode matá-la. Ela é a *Feiticeira*. — Liam solta um ruído de frustração. — Ela é a Feiticeira, e você tentou matá-la com uma facada.

Suas palavras estraçalham meus últimos resquícios de coragem. Todo o poder de Caro; toda a minha história, tirada de mim. Sou apenas uma campesina de Crofton. Lágrimas pinicam meus olhos, mas Liam não para.

— Você e Caro estão presas nessa batalha há anos. Confie em mim, passei metade da vida estudando isso. A melhor solução é fugir e seguir sua vida escondida. Em *segurança*.

Agora as lágrimas escorrem. A mão de Liam se contrai e me pergunto se está considerando enxugá-las do meu rosto. Eu poderia fugir para Ambergris, para a segurança que Liam me oferece. Embarcar em um navio e deixá-lo me carregar até Connemor, um porto onde o tempo ainda é indivisível — uma terra onde Jules Ember pode esquecer o nome *Alquimista* para sempre.

Mas se Caro assolar toda Sempera e não me encontrar — o que a impediria de me perseguir além-mar? O oceano seria capaz de deter a mulher que esperou onze vidas para me quebrar? Impediria Caro de cortar o pescoço de Liam, se ela descobrir o que ele fez?

A batida do meu coração responde em meu peito. *Não. Não. Não.*

A voz de Amma soa em minha cabeça. *Colha o dia antes que seja colhido de você.*

Não vou — não posso — fugir para aquela terra sem vínculos.

Luto contra o nó na garganta — um emaranhado de pensamentos que não consigo vocalizar — e digo:

— Ela destruiu o meu lar. Matou minha amiga. Não vou para Ambergris.

Liam inspira profundamente.

— Jules…

— Quando você me contou que eu era a Alquimista, disse que eu tinha a sabedoria das minhas vidas passadas. Eu luto com ela há anos, como você diz. Dentro de mim, tem que haver alguma informação que vá ajudar a destruí-la.

— Sim, mas… — As palavras morrem; os lábios dele se tornam uma linha fina. Posso ler o pensamento no seu rosto: eu *não* tenho a sabedoria das minhas vidas passadas. Elas rodopiam em minha mente como sombras.

— Minhas memórias retornam quando visito lugares onde já estive. — Lembro das impressões sombrias que tive de ser torturada no palácio. — Se for para Connemor, não vou conseguir descobrir mais nada sobre elas. Deve haver conhecimentos que podem me ajudar a derrotá-la, mas estão aqui em Sempera. Estão aqui também. — Pego o diário de couro de dentro do paletó de Liam, deixando os nós dos dedos roçarem no peito dele. — Conhecimentos tão perigosos e tão importantes que meu pai morreu por eles.

As palavras pairam no ar frio da noite. Nutro uma pequena esperança no peito: verbalizar as palavras pode torná-las verdade.

A boca de Liam abre e fecha.

— O que você vai fazer? Aonde vai?

Elias grita do outro lado do barco imediatamente, como se estivesse esperando a chance de falar.

— Sempre tem Bellwood.

O nome soa familiar; preciso de um momento para reconhecê-lo como o da escola onde Liam passou a infância, longe de Everless.

— Bellwood? — pergunto.

Elias troca um olhar com Liam, trocando uma mensagem implícita. Então

Elias troca um olhar com Liam, trocando uma mensagem implícita. Então o rosto de Liam se suaviza e assume uma expressão resignada, congelada.

O de Elias, entretanto, está se derretendo com uma alegria travessa.

— Só achei que o lar ancestral da Alquimista seria um bom lugar para começar a se redescobrir.

A palavra *lar* me atrai, apesar da minha confusão. Assinto. Não sei por onde começar, e Bellwood é uma opção tão boa como qualquer outra. Antes que Liam possa objetar ou continuar me questionando, pergunto a ele:

— O que você vai fazer?

Liam olha por cima do meu ombro, encarando o litoral de Sempera, como se fosse encontrar uma resposta lá. Por fim, diz:

— Vou com você.

É o que eu temia que ele fosse dizer.

— Você não pode simplesmente desaparecer. Como vai se explicar? Você… Você tem responsabilidades em Everless. — Não consigo esconder a emoção por completo da voz. Ela aparece, e só posso torcer para que Liam interprete o tom brusco como irritação, e não como uma esperança feroz e desesperada.

— Você é mais importante que Everless.

Fecho os punhos. Como as palavras dele conseguem me enregelar e incendiar ao mesmo tempo?

— Se me deixar e voltar ao palácio agora, ela pode não suspeitar de você.

— Você tomou sua decisão ao ficar, Jules. Deixe-me tomar a minha.

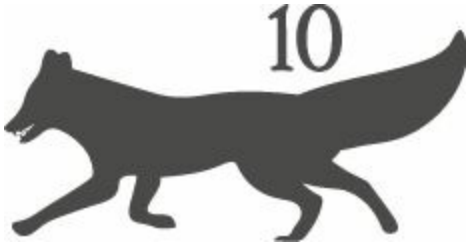
Antes que eu consiga responder, ele se levanta e se afasta de mim. Quero gritar para ele não me seguir, que ele vai morrer; ao mesmo tempo, quero implorar que fique comigo até o fim, de um jeito ou de outro. Quero dizer que tive onze chances de derrotar a Feiticeira e fracassei em todas elas. Que, até onde sabemos, essa é a última chance da Alquimista. Que estou tão confusa quanto assustada, com medo de Caro, dele — da possibilidade, espreitando à distância como um lobo faminto, de que de alguma forma isso seja outra armadilha dela…

Mas, principalmente, estou com medo dos segredos que podem estar trancafiados dentro de mim.

Em vez disso, falo apenas:

— Para Bellwood, então.

10



Assim que saímos do alcance do palácio e chegamos em águas mais calmas — tão calmas que Elias tem medo de prosseguir muito adiante, no caso de seu barco a vela parar devido à falta de vento —, nós nos separamos dele e de Danna. Troquei meu vestido por um longo e cinza de Danna, mais prático, um avanço significativo em relação ao vestido roubado, embora fique um pouco grande em mim. Danna vai seguir para o norte — para obter dinheiro e suprimentos com aliados da família de Elias, pelo que entendi por trechos de conversas entreouvidos, enquanto Elias vai voltar a Shorehaven para não levantar suspeitas e reunir informações. Mas meus olhos se fechavam quando eu não me concentrava em mantê-los abertos.

Liam e eu embarcamos num bote salva-vidas, e ele rema em direção à costa. Meus joelhos estão pressionados contra as costas dele, e minhas costas raspam contra o fundo do barco. Agora parece que vamos emborcar a qualquer minuto, se a brisa ficar mais forte e nos atingir do ângulo errado. Seus braços se movem com a determinação constante de ponteiros de um relógio, e os músculos de suas costas raspam, cadenciados, em meus joelhos.

Logo sou embalada pelo movimento e rapidamente tomada pela exaustão. A única iluminação é um pouco de luar evanescente, que transforma o perfil de Liam em uma escultura branca como osso e preta como tinta. Anseio por

tocá-lo — por sentir o calor de sua pele e recordar que ele não é uma estátua, que está vivo, cheio de calor e energia —, mas não faço isso.

Em vez disso, acabo vagando em devaneios. Em meus últimos resquícios de consciência, espero e temo, ao mesmo tempo, que encontrarei Caro ali, na escuridão do sono. Mas sonho sobretudo com Amma, limpidamente viva: de fugir para os bosques com ela e ajoelhar-me junto ao córrego, brincar com barquinhos de papel que fizemos com pergaminhos que eu roubava do estoque de papai, fantasiar sobre o dia, no futuro, em que por fim conseguiríamos ver o mar.

Atingimos a praia com um baque suave, e meus olhos se abrem. Depois de uma noite inteira de travessia, a escuridão do céu está começando a dar lugar à aurora, e uma pontada de dor me atravessa quando penso em Amma. Nossa amizade foi um refrão de *algum dia*. *Algum dia* veremos o mar. *Algum dia* sairemos de Crofton.

Os alguns dias de Amma foram roubados dela.

Saímos do barco — minhas pernas estão um pouco bambas ao pisar no musgo suave da costa — e o deixamos à deriva depois de um empurrão forte, dando as costas para as ondas enquanto ele se torna cada vez menor no horizonte que clareia.

Enquanto caminhamos e pedras borrifadas com água do mar dão lugar a planícies rochosas pontilhadas com cidades litorâneas, tento me concentrar na tarefa à frente. Destruir Caro. Caro, a Feiticeira viva das lendas, que percorre Sempera há séculos, amealhando conhecimentos e poderes que perdi. Eu me encolho, recordando de novo como cravei a lâmina em seu corpo, o sussurro suave do metal perfurando o músculo. As sensações cruzam minha mente sem parar conforme caminhamos e de repente fico atordoada. Tropeço nas margens do riacho que ladeia nossa trilha. Ajoelhada, jogo água fria no rosto quente.

Vislumbro a mim mesma na superfície da água — e mal reconheço o rosto que pisca de volta. Minhas bochechas parecem tão afiadas quanto lâminas

cintilando na luz refletida do riacho. Meu rosto espelhado oscila na corrente que se move devagar, parecendo mudar e reformar-se a cada segundo. Imagino sussurros erguendo-se da floresta — *assassina… bruxa…*

Eu me firmo e acrescento: *Alquimista*. É o que terei de ser, se quero acabar com o reinado de Caro.

Uma mão agarra meu ombro, fazendo-me pular. Eu me viro e vejo que é só Liam.

— Você está bem? — pergunta.

— Sim — murmuro. Mas minha boca está seca e meu estômago, vazio. Liam estende a mão para me ajudar a levantar. Ignoro a ajuda, voltando ao caminho de terra.

As florestas e vilas lentamente dão lugar à periferia de uma cidade — Montmere. Não é nada parecida com Crofton ou Laista, que são cercadas por bosques e campos, mas uma cidade de verdade, alimentada por estradas e rios. Lembro de sentar-me com Amma com um mapa de Sempera aberto em nosso colo, enquanto a avô dela contava sobre as viagens que tinha feito quando jovem. Montmere fica no coração de Sempera: é sua parte mais antiga, onde se diz que a Feiticeira e o Alquimista perambulavam. Bellwood fica no centro de uma teia de ruas estreitas e rios. Apesar de ser cedo, carroças e carruagens passam ao nosso lado na estrada que seguimos margeando; sinto o aroma de pão e peixe, café e fruta, e escuto o som de ferros-sanguíneos tilintando em seu encalço. Acima de nós, janelas são abertas para deixar entrar a brisa, e não há pedintes ao longo do caminho, nenhuma repetição de *uma hora, uma hora*.

Liam me dá sua capa. Coloco o capuz e dou olhares furtivos às ruas limpas e íngremes por baixo de sua borda. Embora tenha que abaixar a cabeça sempre que alguém passa por nós, não consigo evitar uma sensação leve e borbulhante no peito. Montmere é estranha, mas algo nela me atrai como se eu já estivesse estado aqui. Vagamente, lembro de ler um livro de história na biblioteca de Everless que teorizava que era o lugar de nascimento da

Alquimista, mas a ideia me deixa inquieta e paro de pensar nisso. É o tipo de lugar aonde sempre implorei que papai me levasse quando era criança, quando ainda morávamos em Everless, quando eu queria devorar o mundo.

Ouvimos um estrondo à nossa frente, passos pesados e gritos com o sotaque de Shorehaven. De maneira instintiva, viro para um beco à nossa direita. Liam vem logo atrás, e ficamos parados com os ombros encostados no muro. O medo anuvia minha mente, mas os soldados passam direto por nós.

— Acha que sabem que estamos aqui? — pergunto a Liam em voz baixa, quando voltamos à rua.

Ele dá de ombros, mas vejo a preocupação enrugando sua testa.

— Duvido. É só que estão em todos os cantos.

O rosto de Ina cruza minha mente, o modo como me olhou quando a confrontei em seu quarto. A raiva que beirava o ódio. A noção de que ela me odeia traz novas fisgadas de tristeza e medo. Pior que isso, porém, é a possibilidade de que Caro controle Ina como um fantoche, como fez com a rainha anterior e ameaçou fazer comigo. Lembro-me das palavras dela, no dia sangrento em que a confrontei em Everless — como Caro sussurrou no ouvido da rainha e roubou sua mente para controlá-la — e me aferro à esperança de que a de Ina seja mais forte que a de sua antecessora, que Caro ainda não a tenha invadido com as gavinhas de sua magia.

Depois que as vozes dos soldados esvanecem, Liam me conduz mais adiante, colina acima, até uma parte mais tranquila da cidade, onde as avenidas estão quase vazias. Um muro de pedra alto corre por um lado da rua por diversas quadras, e além dele posso ver copas de árvores e ouvir a canção suave de pássaros. Seguimos sua curva gentil até atingir um portão grande de carvalho e ferro forjado, exibindo uma única palavra escrita em bronze retorcido:

BELLWOOD.

Conforme nos aproximamos do portão, vejo que o metal está coberto com uma série de fendas. Liam não hesita. Tira três moedas-diárias da bolsa e as insere em três das fendas: a terceira, a sétima e, por fim, a primeira. Ouço um som de moagem baixo quando as engrenagens giram e os portões se abrem com um clique suave. Uma fechadura de combinação.

Liam empurra a porta. Além dela, vejo um gramado verde vívido e uma aglomeração de prédios de tijolinhos cobertos de hera. Ao redor, árvores acinzentadas começam a florescer com pequenas explosões de violeta e amarelo, dando ao lugar todo a aparência de estar decorado com guirlandas. Não vendo ninguém, ele me chama com um gesto, e eu o sigo para dentro.

Estou quase caindo de cansaço, mas espero que esteja apresentável. Meu cabelo está domado e coberto pelo capuz de Liam. Com o vestido de Danna, eu poderia passar por uma estudante — pelo menos foi o que Liam disse. Não faço ideia de como os alunos ali se vestem, ou de como agem, ou se me pareço minimamente com alguns deles.

O medo me manteve alerta e em movimento, nunca esvanecendo por completo. A luz do dia parece uma nova ameaça — mas Bellwood, e o que quer que esteja escondido aqui, representa um novo caminho. Tenho que acreditar nisso, confiar no passado, ou não conseguirei continuar dando um passo atrás do outro.

— Tem certeza de que esse lugar é seguro? — sussurro enquanto entramos de maneira furtiva, caminhando sob a cobertura parca das árvores frutíferas que margeiam o caminho.

Liam passa a mão pelo cabelo.

— Mais seguro que qualquer outro — diz, aumentando o ritmo. — Pelo menos, acho que sim. E vamos poder acompanhar as travessuras de Caro daqui.

Um incômodo antigo sobe até minha garganta.

— Queimar um vilarejo inteiro é uma *travessura* para você?

— Não. Mas é para Caro.

Cerro os dentes, engolindo a raiva como se estivéssemos de volta à adega de Everless.

— Vamos, precisamos entrar antes do primeiro sinal, às oito.

Apostamos corrida com o sol nascente enquanto subimos a colina em direção à coleção ordenada de prédios, velados por hera e cercados por um muro baixo de tijolo vermelho encimado por estacas de ferro polido. Liam cresceu aqui — depois do incêndio que destruiu a forja do meu pai e de os pais dele o mandarem embora de Everless. Foi aqui que ele se transformou no garoto que passou a vida estudando os mitos da Alquimista e que arriscou a vida mais de uma vez para me manter a salvo.

A luz inunda o céu agora. Seguimos pela sombra do muro exterior, Liam um pouco à minha frente. Apresso o passo, determinada a ficar ao lado dele.

— Todo mundo deve estar dormindo ainda — diz ele em voz baixa. — Mas vamos tomar cuidado, só para garantir. — Ele não pode se esconder aqui, famoso como é. A ideia faz meu estômago se revirar de ansiedade. Quanto tempo até que Caro e Ina juntem as peças e percebam que ele está me ajudando? Será que já perceberam?

— É lindo — digo, querendo romper o silêncio entre nós. — Como foi crescer aqui?

Liam me olha com uma expressão surpresa e incerta, como se não tivesse certeza de que eu quero mesmo saber. Sustento o seu olhar, e um esboço de sorriso surge em seu rosto e agita meu coração.

— Meus pais achavam que me mandar para cá seria uma punição — disse ele calmamente. — Bem longe de Everless, dos banquetes, das caçadas, do luxo. Mas nunca foi assim para mim. — Examina as silhuetas douradas dos prédios e uma suavidade inédita toma seu rosto. — Eu *queria* aprender. Gostava das aulas, dos professores. Alunos do primeiro ano não podem entrar na biblioteca, porque há livros velhos demais que podem se desmanchar se você *olhar torto* para eles, mas eu ia escondido de noite para ler histórias.

Deixo-me ficar um pouco atrás dele para que não me veja encarando. Não

Deixo-me ficar um pouco atrás dele para que não me veja encarando. Não sei se já o ouvi dizer tantas palavras de uma só vez, e isso desperta em mim uma saudade dolorosa de Everless. E talvez seja só o amanhecer, mas quase não consigo desviar o olhar do brilho nos olhos dele.

— Como conheceu seus amigos? — Busco desesperadamente por palavras, querendo que ele continue falando. Percebo que deve haver todo um mundo de pessoas que ele conheceu aqui, pessoas que respeitou e com as quais estudou e fez amizade. Talvez até pessoas que tenha amado.

Seu sorriso volta de uma só vez, agora ainda mais luminoso. A mudança me faz perder o fôlego.

— Elias e eu nos conhecemos no primeiro ano. Foi na nossa primeira aula — conta, o canto dos olhos se enrugando. — Princípios da História Semperana. Chegamos antes e nos sentamos na primeira fileira, não no fundo, como todos os outros. Ninguém nos contou que o professor daquela disciplina tinha um hálito terrível.

Solto uma risada alta demais, mas não consigo evitar. Pela felicidade na voz dele, sinto que estamos largando o peso dos anos, que somos crianças e que a história se alterou e nos tornou amigos. O canto da boca dele se curva e ele me olha.

— Sempre quis que você pudesse estudar aqui também, Jules — diz ele em voz baixa. — Você teria amado.

Dou um sorriso torto para ele.

— Só está dizendo isso porque sabe que sou a Alquimista.

— Não — responde com uma convicção surpreendente. — *Você*, Jules Ember, teria amado. — Abana a mão. — A maior biblioteca que já viu. Ficar acordada até tarde com seus colegas, contando histórias, como costumava fazer em Everless com a gente e os filhos dos criados.

Meu coração se contorce com as memórias, é uma sensação agridoce. Saudades de uma vida que nunca tive, mas também um calor no peito, porque Liam está certo. Mesmo agora suas palavras me atraem, pintando quadros de

felicidade em minha mente. Imagino que ele me conheça melhor que qualquer outra pessoa viva.

— Talvez — admito, tentando abafar os sentimentos que se levantaram em mim como uma revoada de pássaros. Não adianta ficar nostálgica pela propriedade dos Gerling se nunca vou poder voltar para lá.

— Mas, sim, dizem que a Alquimista pisou nesta cidade quando só havia uma floresta. Esse era o seu lar. — Ele pigarreia e muda de tom, como se tivesse falado demais. — Sempre pretendi voltar a Bellwood depois do casamento de Roan, embora minha mãe tivesse outros planos — conta enquanto me guia através do campus, sobre uma ponte arqueada coberta por uma copa de galhos pendentes; por uma praça verde aberta; por caminhos de paralelepípedos; e ao redor de prédios altos de tijolos que parecem ao mesmo tempo antigos e atemporais. — Não se preocupe. Ninguém vai questionar por que estou aqui…

Vozes atrás de nós me fazem pular. Eu me viro, os músculos já tensionados, e a mão de Liam voa para o meu braço como se quisesse me puxar para trás dele — mas não são soldados. São estudantes, duas garotas e um garoto, cambaleando devido ao excesso de madel, rindo e trançando as pernas enquanto emergem de um prédio a poucos passos de nós.

— Vida longa à rainha! — a garota de pele negra grita como forma de cumprimento, erguendo uma taça imaginária para Liam. — Vamos ver quanto tempo essa dura!

Liam se congela como uma lebre que avistou uma raposa, mas eles continuam andando. O olhar da garota, no entanto, demora-se em mim. Apesar da maquiagem borrada e do andar cambaleante, seus olhos escuros são sagazes e penetrantes, e me fazem congelar.

— Ela me viu — sussurro depois que se afastam. — Viu meu rosto.

Liam franze o cenho, mas balança a cabeça para dispensar minha preocupação.

— Não se preocupe com ela. — Seus olhos escuros estão tristes. — Mesmo se o

— Não se preocupe com ela. — Seus olhos seguem o trio. — Mesmo se a reconhecesse, e eu duvido, ninguém leva Stef a sério.

Penso no olhar penetrante dela.

— Por que não?

Ele ergue um ombro.

— Ela é a filha ilegítima de um dos Chamberlayne.

O nome faz um calafrio percorrer minha pele. Os Gerling são a família mais influente de Sempera, e todos sabem que são cruéis com seus criados. Mas, segundo os boatos, são quase gentis em comparação aos Chamberlayne.

Liam continua.

— A linhagem dela é cheia de bruxas. E você a ouviu, ela tem o costume ruim de insultar a coroa quando bebe madel demais.

— Bruxas?

Na maior parte de Sempera, bruxas são toleradas como um divertimento para os supersticiosos. Um divertimento que drenava cidades pobres como Crofton de seus poucos ferros-sanguíneos, de acordo com papai. Corriam boatos de que a antiga rainha coletava bruxas poderosas, mas alguns alegavam que ela as matava se lhe desagradassem. Estremeço, percebendo como essa crença se aproximava da verdade. O que os semperanos diriam se soubessem que a rainha mantinha a Feiticeira ao seu lado — ou, melhor dizendo, que a Feiticeira mantinha a rainha ao seu lado, sob seu controle, e se livrou dela com uma punhalada fria de sua adaga?

— Estou surpresa de encontrar uma bruxa em Bellwood — digo, tentando rechaçar os pensamentos. — Não é preciso ter dinheiro para estudar aqui?

Liam enrubesce. Ele limpa a garganta, mas não diz mais nada. Caminhamos mais um pouco até que ele finalmente reduz o passo. À nossa frente há uma ruína que parece antiga, o resquício de um prédio mais ou menos do tamanho da garagem de carruagens de Everless, com paredes de pedra caindo aos pedaços, dois pináculos meio tombados e uma torre remanescente, como um pequeno castelo. A estrutura decadente está cercada

por um círculo de terra — ou talvez cinzas —, como se tanto a grama quanto a neve tivessem conspirado para rejeitar o lugar.

Mas algo nele me atrai, puxa-me em sua direção, e tenho que me conter para não avançar e enfiar as mãos nas cinzas.

— Isso é…?

Liam assente.

— O Forte da Ladra. Onde a Alquimista já viveu.

Perco o fôlego. À nossa frente, a ruína é uma mancha cinza com três pontas contra o céu azul fresco. Tento imaginar como teria sido antes de se degradar, um refúgio — um lar.

— O que aconteceu aqui? — pergunto enquanto passo por cima de um buraco na parede e entro na penumbra do interior. Está intocado pelo sol, e a poeira, ou talvez as cinzas, abafam o som de nossos passos completamente. Parece estranho que o vento e a chuva não as tenham lavado. O que permanece das paredes sugere um espaço grande e redondo, cercado por um pátio com arcos parcialmente desabados que conduzem a direções diferentes. Uma escadaria íngreme sobe serpenteando por uma parede, mas termina em lugar nenhum. Liam me segue a certa distância enquanto perambulo. Sinto os olhos dele fixos em mim. Minha pele esquenta, apesar do frio — a temperatura parece esquisita aqui, mais quente do que está lá fora.

— A rainha mandou queimar esse lugar séculos atrás; a maioria dos segredos do tempo sanguíneo foram perdidos — responde Liam. Ele me avalia por um momento. Seu olhar provoca mais ondas de calor em mim. — A maioria deles, pelo menos. Alguns livros sobreviveram. E as pessoas não percebem quantos segredos um livro pode conter.

Assinto. Sinto um aperto na garganta, agora pensando no esvoaçar de páginas em meu diário, as pétalas de conhecimento oculto pressionadas no interior, planas e secas e sem vida, cada uma mais inescrutável que a anterior. Será que estar aqui, entre essas ruínas, vai me ajudar a descobrir o que pode estar escondido no livro pelo qual meu pai morreu?

— Veja.

Liam ergue a mão para apontar uma passagem no lado oposto da sala, um arco intacto voltado para o leste que emoldura perfeitamente o sol matinal. Ele pega a minha mão — eu tomo um susto — e me leva para fora através de um dos arcos danificados, depois de volta para dentro através da entrada intacta.

Abro a boca para perguntar por que estamos caminhando em círculos — mas então o ar seca em minha garganta.

O cômodo se transformou. Em vez de sombras, está repleto de luz, a luz do sol do verão que jorra por alguns arcos cobertos com vidros. Os outros conduzem para outras salas, através dos quais posso ver estantes de livros, uma banheira de porcelana, um jardim verdejante. Tapeçarias decoram os espaços entre portas e janelas. O chão de pedra sujo deu lugar a azulejos limpos e brilhantes, cobertos com um tapete azul neste ambiente, e uma mesa cheia de comida está disposta no centro do cômodo. Há alimentos estranhos, só parcialmente familiares, pão e vinho e flores. E do lado de fora, pelas cortinas translúcidas, posso ver o céu azul-ciano de um meio-dia de primavera.

— O que é isso? — Deixo escapar num sussurro.

— Um encantamento. — Liam parece feliz. Aponta para o arco por onde entramos, onde uma cortina se materializou. — Se atravessar essa entrada com algum pertence da Alquimista, consegue entrar nesse… nesse… — Ele gesticula ao redor, sem palavras.

Penso na cidade congelada de Briarsmoor, doze horas atrás do resto do mundo, sua única residente presa em um ciclo de vida e morte como uma mosca no âmbar. Mas a cidade era assustadora, grotesca. Esse lugar parece sereno e harmonioso. É a mesma sensação que tinha ao entrar na nossa cabana quente para escapar do vento de inverno uivante, quando morava com papai em Crofton.

Descobri por acidente quando entrei carregando seu diário — diz

— Descobri por acidente quando entrei carregando seu diário — diz Liam, um pouco encabulado. — Espero que não se importe.

— Me importar? — repito, confusa. — Por que me importaria?

Liam me olha de um jeito estranho.

— Porque isso é… era… a sua casa. A casa da Alquimista.

Respiro fundo, inspirando o aroma no ar, pão e flores e alguma outra coisa, algo dolorosamente familiar. Lembro de ler sobre esse lugar há muito tempo, na escola de Crofton ou na biblioteca de Everless, não tenho certeza. Cerca de duzentos anos depois que a rainha expulsou os invasores estrangeiros e tomou o trono, a desigualdade de Sempera tinha piorado, de modo que o ferro-sanguíneo não era mais uma promessa cintilante, e sim uma pena de morte para os pobres. Em meio a isso, um grupo de estudiosos tentou libertar o país ao desvincular o tempo do sangue. E a rainha os mandou para a fogueira, para dar um aviso a semperanos e estrangeiros — que os segredos do tempo-sanguíneo eram só seus.

Ou só de Caro, penso. A rainha só teria queimado esse lugar — queimado a minha casa — por ordem dela. Será que Caro estava tentando encontrar a Alquimista — me encontrar — tantos anos atrás? Ou apenas tentava apagar da face da terra cada marca da minha influência, tudo com que eu me importava? Por um segundo, a perda se dissolve em mim como ferro-sanguíneo no chá. É como o que ocorreu em Crofton, o impacto amortecido por séculos, mas ainda doloroso. Minha alegria com o encantamento esvanece.

— Por que se chama Forte da Ladra? — O eco da mulher que gritou comigo em Crofton emerge na minha mente de novo, um refrão que não consigo tirar da cabeça. *Ladra. Cobra. Assassina.*

Liam pisca, parecendo ler a dor em meus olhos.

— Não sei como começou. — Ele fala devagar, como se escolhesse as palavras com cuidado. — Mas, de acordo com a inscrição na parede, a Alquimista também o chamava assim. Assim como seus seguidores, nos escritos deles. Ela… *Você*… reivindicou a alcunha para si mesma.

As palavras acendem uma pequena chama em meu peito, como um fósforo riscado.

— Outra coisa — diz Liam. Aponta com o dedo para a escadaria, que se estende pela parede em ambas as direções. — Descendo aqui se chega aos túneis, então você pode andar por Bellwood sem ser vista. Os estudantes usam os túneis, mas ultimamente nem tanto. — Sobe a mão. — E ali… — Em vez de não levar a nenhum como antes, uma porta de madeira com detalhes em bronze se materializou no topo da escada.

Sem esperar uma resposta, ele me guia até a escadaria e começa a subir. Tira uma chave antiga e intricada de um cordão de couro e a passa para mim.

Uma leveza ansiosa me preenche enquanto eu a pego. Viro a chave na fechadura — ela raspa um pouco, mas gira com facilidade — e roço em Liam ao entrar; levo um momento para identificar a sensação como expectativa ávida, de tanto tempo que faz desde que algo me fizesse sentir verdadeiramente feliz. Agora, cresce a sensação de que estou retornando a um lugar familiar e amado, e embora eu saiba que devo tomar cuidado, não consigo evitar subir as escadas depressa, correndo os dedos pelas paredes, que são, assim como as escadas, de tijolos de pedra, alisados pelo tempo, e que deveriam ser frios, mas não são. A luz quente do sol se infiltra por janelas pequenas nas paredes arredondadas, dourando as partículas de poeira no ar. Parece familiar, parece *certo*, e algo em meu peito infla jubilosamente e me puxa para cima.

A vista no topo me faz parar de chofre, e Liam colide com minhas costas um momento depois. Emergimos no que deve ser um dos três pináculos que avistei, uma sala de pedra inundada pela luz da tarde.

O ar da sala é seco e cheira a papel velho e canela. Em vez de uma janela, não há metade de uma parede, suas bordas irregulares propiciando uma vista dos prédios de tijolo vermelho de Bellwood e das terras aráveis além deles, dourados pelo sol. Não consigo sentir nenhuma brisa fresca vinda de fora. Dentro, um tapete vermelho-escuro cobre o chão; e, no centro do cômodo, há

uma cama enorme coberta de panos verdes e dourados e um baú ao seu pé transbordando de roupas. Há uma pequena pia em uma parede e uma escrivaninha na do outro lado. Livros encadernados em couro estão empilhados de maneira aleatória pelo chão.

— Como isso é possível? — Minha voz sai num sussurro. Liam me move gentilmente para o lado para se espremer pela porta. Fica ao meu lado, olhando ao redor com reverência.

— Veja. — Ele toma minha mão, assustando-me, e me puxa com delicadeza até a janela. Olhando por ela, posso ver o mosaico de telhados de Montmere e um campo começando a verdejar. Liam ergue nossas mãos unidas e as estende juntas para fora da torre. Sinto o ar frio do início da primavera por um segundo antes que ele abaixe nossas mãos depressa. — É o seu quarto, Jules — diz suavemente. — Você construiu uma casa aqui.

Mal consigo ouvi-lo com o rugido em meus ouvidos. As lembranças específicas me evadem, girando quase ao meu alcance, mas a sensação existe — de que esta foi minha casa, de que estive a salvo aqui.

— O Forte da Ladra pegou fogo, mas você foi capaz de preservá-lo como estava naquele dia — continua Liam, a empolgação tornando sua fala mais rápida e fazendo seus olhos brilharem. — Só pessoas fiéis à Alquimista, que têm algo dela, conseguem acessá-lo. Eu tinha o seu diário. É sempre primavera aqui; nunca há neve nem chuva. E olhando de fora, é só uma ruína.

— Preso no tempo — digo, maravilhada com o fato de já ter sido capaz de fazer algo assim. Liam assente. Finalmente desvio o olhar dele e confiro ao redor. Tudo está limpo e… Não novo, mas tampouco velho, como se eu tivesse só saído para cuidar de alguma incumbência e estivesse voltando para casa. *Casa*.

A cor se espalha pelas bochechas de Liam.

— Eu costumava ficar sentado lá embaixo, às vezes, e ler. Espero… Espero que não se incomode.

Levo alguns instantes para absorver o sentido de suas palavras, e então uma risada explode de mim. A princípio fico surpresa — faz tanto tempo que não rio, tanto tempo desde que estive verdadeiramente feliz com qualquer coisa. Os olhos de Liam se arregalam.

— Eu não me importo — digo depressa. — Claro que não.

O sorriso dele murchou de leve e me lembro subitamente de sua expressão aos nove anos de idade, em Everless, olhando de um rosto para outro para analisar a reação dos filhos dos criados sobre um antigo fato que tinha recitado. Sempre achei que ele era pomposo — ostentando seus conhecimentos como um saco de ferros-sanguíneos, esperando para ver como ficávamos impressionados —, mas, reconsiderando a memória, vejo o anseio nos olhos do jovem Liam, o desejo por conexão ardendo neles junto com uma certa hesitação.

— É maravilhoso — continuo depressa. — Eu adorei esse lugar. Parece… seguro.

O sorriso dele fica maior, fazendo algo saltar em meu peito.

— Embora odeie admitir que Elias tem razão, acho que é seguro, Jules — diz. — Caro não parece saber que restou alguma coisa.

Consigo dar uma risada engasgada.

— Muito tranquilizador. — Percebo que Liam ainda está segurando minha mão. Ele roça o dedão contra minha palma, tão de leve que não sei se estou imaginando o calor que perpassa minha pele.

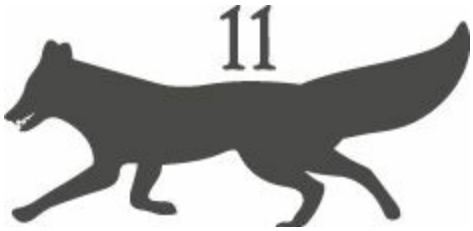
Sinto um aperto na garganta. Da segurança dessas paredes, sinto-me isolada do tempo — longe do alcance de Caro, invisível a todos em Sempera exceto Liam, à minha frente. De repente, sem aviso, sinto vontade de puxá-lo para perto.

Mas nada acontece, e sou atravessada por uma pontada de decepção tola. Recolho a minha mão.

— Há algo aqui que possa nos ajudar a derrotar Caro?

Forço-me a olhar nos olhos dele quando ele sorri novamente.

— Talvez. Quer saber o que viemos procurar?



Na sala de baixo, sento-me à mesa de madeira enquanto Liam anda de um lado para outro na minha frente. Seus olhos estão cintilando do modo como só fazem, aprendi, quando ele está discutindo algum tipo de fato histórico. Atrás dele, há uma tapeçaria simples: um mapa puído e grosseiro de Sempera bordado em azul e dourado. Ele se vira para mim com as mãos abertas diante dele, como se estivesse na frente de uma sala de aula prestes a começar uma palestra. Por um momento, tenho sete anos de novo e estou observando um Liam muito mais jovem correr atrás de Roan nos jardins de Everless, recitando algum fato arcano que é carregado pelo vento.

— Elias e eu coletamos relatos da Alquimista e da Feiticeira nos últimos anos.

Liam está sorrindo amplamente. É estranho ver toda essa alegria em seus olhos, desconectada do humor sombrio que ele, em geral, veste como um casaco. Não consigo evitar curvar os cantos da minha boca em um sorriso também.

— Achei que estava hesitante quanto a vir para cá.

— Bem… Derrotar a Feiticeira é um enigma, não é? Enigmas podem ser resolvidos. — Limpando a garganta, tira uma pilha de papéis de uma estante e se agacha à minha frente, afastando pratos delicadamente antes de dispor cada página com cuidado na mesa. Algumas são antigas como o diário; outras são mais novas, a julgar pelo pergaminho. Uma tem uma ilustração grosseira

do rosto de uma garota — nem eu, nem Caro —, rabiscada no verso do que parece ser um registro de impostos dos Gerling.

Corro os olhos pelas páginas, mas só identifico desenhos e fragmentos de histórias sobre a Raposa e a Cobra. O nervosismo se revira em mim, dissipando a alegria que senti ao ver Liam trabalhar.

— O que eu deveria estar vendo aqui?

Liam aponta, seu indicador flutuando de uma página a outra.

— Estudei tudo isso de cabo a rabo. Primeiro, só pelo mistério da Alquimista. — Ele cora, mas continua: — Mas depois detectei um padrão. Aqui, aqui e aqui, os símbolos alquímicos para veneno e morte foram encontrados nos escritos que você deixou, ou outros relatos escritos de conhecimentos que acredito terem sido transmitidos pela Alquimista — diz, mais animado do que parece apropriado para alguém falando sobre veneno e morte. — Pelo que pude concluir, todos eles são de vidas diferentes… Pelo menos sete. Presumimos que eram informações que você estava tentando passar adiante.

— Ou recordar — digo automaticamente, algo se agitando em mim.

Liam franze as sobrancelhas, mas continua.

— Os símbolos… Eles ficam aparecendo nas histórias que narram a morte da Raposa.

Uma sensação estranha — inveja? — me domina, junto com um arroubo de confiança.

— Não me lembro de inventar histórias sobre a morte da Raposa, mas isso só pode significar que estou certa. Estive pensando na morte da Raposa. Na morte da Feiticeira.

Liam se senta sobre os calcanhares.

— Essa história fala sobre a garra de um cão de caça que perfura a pele da Raposa. Esta, de um dente que tira a vida dela em uma única mordida. O que não é tão interessante sem saber que, em alto semperano, a mesma palavra é usada para *dente* e *garra*, o que significa que podem estar se referindo ao

mesmo item. Só estão traduzidos de forma diferente pelos estudiosos que fizeram o trabalho.

Ele me olha com expectativa, mas não falo nada, atordoada com a torrente de informações. Há amargura também, reunindo-se tão depressa em meu peito que tenho medo de abrir a boca. Esse tempo todo, enquanto papai e eu vivíamos um dia de cada vez, de refeição em refeição, Liam estava sentado ali, investigando o mistério sobre mim, o mistério da Feiticeira que rondava Sempera à minha procura, encoberto por símbolos esotéricos e camadas de segredos. *Ele sabe mais sobre a Alquimista do que eu*, penso amargamente.

— Há mais coisas — diz, hesitante.

— Ótimo — murmuro.

Liam já está se aproximando da tapeçaria, que levanta com cuidado. Por baixo, a parede é de pedra lisa — exceto por algo que foi entalhado nela. Um glifo antigo, estranho, mas de algum modo familiar, na forma aproximada de um círculo com detalhes e floreios irradiando dele. Sinto uma pontada de reconhecimento. Levanto e me aproximo dele.

Mais perto, posso ver que o glifo não tem uma forma, mas várias, entrelaçadas em um labirinto impossível de curvas e floreios e pontas. Círculos e quadrados simples se metamorfoseiam em linhas fragmentadas que explodem em símbolos que são — ou podem ser, até onde sei — semperano antigo. Todas as formas estão empilhadas umas sobre as outras de maneira intricada, como agulhas de pinheiro e palha trançadas para formar um ninho de pássaro, juntando-se para criar a forma sólida que vi à distância. Com meu nariz praticamente espremido contra a figura, vejo que as linhas delicadas foram na verdade cinzeladas na pedra. A ferramenta devia ter sido extraordinariamente pequena e afiada. Em cada sulco há um fino pó dourado, que faz o glifo brilhar de leve sob a luz que entra pela janela.

Estremeço sem querer.

— Isso é familiar — digo, e olho por cima do ombro para ver os olhos de Liam se arregalarem. — Não exatamente este, mas algo parecido foi

entalhado acima da porta da loja de Calla. A bruxa de Crofton. Não era tão complexo, nem tão… bonito.

O glifo *é* bonito, quase sobrenatural, mais intricado e complicado do que qualquer outra coisa que já vi. Fecho os olhos, tentando me lembrar da loja de Calla em detalhes, quando papai ainda não tinha me proibido de visitá-la. Sempre acreditei que ele estava só sendo rigoroso, tentando garantir que eu não crescesse supersticiosa e desperdiçasse meus ferros-sanguíneos nos engodos de uma bruxa, mas agora percebo que ele me impediu de descobrir os segredos que se escondiam dentro de mim. Eu adorava ouvir as histórias da bruxa, sem saber as verdades que poderiam conter.

— Calla me disse que o objetivo era proteger do… — *Do espírito do Alquimista*, eu me lembro, as palavras morrendo. — Mas um dia, quando voltei, a placa tinha sido tirada.

— Minha mãe ordenava que revistas rotineiras fossem feitas, nas cidades em nossas terras, para remover quaisquer símbolos alquímicos antigos. Geralmente quando estava tentando bajular a rainha para conseguir favores. — Liam gesticula para a parede aberta atrás de nós, onde o Forte da Ladra, danificado, parece abrir-se para a noite.

— Então esses… — Fixo os olhos de volta no glifo, tentando decifrar uma única forma acima de todas aquelas. Minha mente gira. — O que esses símbolos significam? Eles não seriam entalhados numa parede se não fossem importantes, seriam?

Ergo a mão para tocar a parede, mas hesito, paralisada de medo. Após um momento, Liam se junta a mim ao lado da parede e traça as linhas com a segurança da familiaridade de longa data.

— É uma espécie de língua arcaica, usada por antigos estudiosos e alquimistas. Muitos desses símbolos são até mais velhos que o semperano antigo, mas ninguém sabe onde se originaram. — Ele aponta para uma linha simples e curva. — Este significa água. — Pausa, traçando o dedo sobre um círculo com outro menor no interior. — Esse parece uma cabeça canina. Mas

este é o próprio tempo. Os alquimistas… Você e seus seguidores… transmitiram a história deles de qualquer forma possível, embora a rainha… ou Caro, talvez… a destruíssem a cada vez. Eles a transmitiram em fragmentos, em histórias. Tinham que proteger seu conhecimento da Feiticeira. Então nada jamais foi simples com eles.

— Claro que não. — Mas minhas antigas histórias já estão emergindo em minha mente. *Quando a Cobra tinha roubado o coração da Raposa, engoliu-o inteiro.*

— Levamos anos para entender o que significavam, e até mais tempo para identificar todos eles. Mas este, que é repetido várias vezes, significa *arma*, como nos papéis. E este, o maior de todos, significa *amor*, ou *coração*. Este… — Afasta-se da parede. — Este significa *mal*. Nessa disposição, eles formam uma frase como: *uma arma contra um grande mal.*

— Uma arma contra um grande mal? Contra *Caro* — digo soltando o ar. Um calafrio desce pela minha espinha. De repente, todas as minhas lembranças parecem dançar tentadoramente próximas da superfície, como se eu só precisasse dar um passo para mergulhar nelas. Algo parece se mover atrás de mim, ao alcance da minha visão lateral — mas, quando viro a cabeça para olhar, não encontro nada.

Ao longe, ouço a voz de Liam sobre meu ombro.

— Há outros símbolos cujo significado eu ainda não conheço. Levei anos pesquisando com discrição, mas não consigo encontrar nenhum registro deles, Elias também não…

Mas as palavras dele soam distantes, como se estivesse no final de um longo túnel. Estremeço.

Minha visão fica embaçada. Tudo fica borrado exceto o glifo na parede à minha frente, que parece se tornar, de alguma forma, mais nítido, mais visível. Minha respiração e as batidas do meu coração aceleram e estendo um braço para trás em busca de Liam, subitamente desesperada por algo — alguém — em que me ancorar neste momento. Mas, antes que eu o toque, ele

se dissolve diante de meus olhos e sua voz esvanece, substituída por um emaranhado de outras vozes. Por todos os cantos, familiares, de alguma forma, mas em pânico.

Minha visão clareia. Inspiro um aroma pungente e doce. Liam não está aqui. O Forte da Ladra está intacto, mas não tem o brilho que tinha um momento atrás; a luz das janelas combina com a do interior. O lugar parece mais real, de alguma forma. E há pessoas por todo lado. Homens e mulheres em vestes de cores brilhantes.

E estão em meio ao caos.

Correm, gritam, puxam livros e pergaminhos das estantes e os enfiam sob as capas, aglomerando-se ao redor da janela para olhar a noite. Ao lado da porta, um homem de pele escura entrega espadas a pessoas conforme elas passam e, perto de mim, uma mulher pálida, mas de olhos brilhantes, está parada junto a uma mesa, as mãos tremendo enquanto embrulha jarros de vidro em tecido e os guarda em um saco de lona. Enquanto observo, uma lágrima escorre pela bochecha dela.

O que está acontecendo?, tento perguntar, mas as palavras saem distorcidas e abafadas, como se estivesse falando embaixo d'água. Ainda assim, a mulher volta-se para mim e estende a mão para me ajudar a levantar.

— Temos que partir, senhora — diz, com a voz rouca de medo e lágrimas reprimidas. — Ela está aqui. A Feiticeira.

Lá embaixo, soa uma batida alta; alguém grita. E através da porta aberta, subindo pela escada, sinto o cheiro de fumaça.

Lembre-se, penso de maneira frenética, o pânico me dominando antes que eu consiga ao menos recordar o que preciso lembrar — pânico porque sei que a Feiticeira está aqui, atrás de mim, e que não vou sair viva pelos portões de Bellwood. Vejo minhas próprias mãos se estenderem à parede de pedra, sinto dor enquanto traço os símbolos repetidamente com os dedos, até minha pele se romper e sangrar e meu sangue dissolver a pedra sob ela na forma de uma mensagem. *Água. Chumbo. Rubi. Mau. Arma. Garra.*

Meu dedo ensanguentado traça mais um símbolo, na forma de uma lua crescente — e para.

Viro-me para encarar a Feiticeira. Seu cabelo escuro escorre pelas costas e está entrelaçado com sangue e cinzas, embora uma fita de seda azul o serpenteie. Meus olhos caem num rasgo no vestido dela, revelando uma cicatriz na pele — rosada e irregular e nítida — diretamente sobre seu coração. A marca tremeluz no calor crescente.

— Achou que podia fugir? — rosna Caro e pula em minha direção, arrancando a fita azul do cabelo e envolvendo-a no meu em um único movimento fluido.

E aí…

Escuridão e vazio. Estou em outro lugar, mas o espaço ao meu redor é tão escuro que parece não ser lugar algum.

A dor explode por meu corpo. O calor pulsa em minha palma, afiado e persistente. Olho para baixo e abro os dedos. Meu punho está dolorido. Estão em carne viva e latejantes.

Estou segurando uma joia vermelho-sangue do tamanho de uma moeda anual, com uma ponta afiada, como se eu a tivesse puxado de uma grande fera. O corpo da gema está envolto por uma cobra de pedra que se desenrola até um cabo. Uma adaga. *Garra. Dente. Arma.* Horror e assombro me inundam em partes iguais. A joia verte luz carmesim sobre meus dedos, como se estivesse de fato sangrando em minha mão. Olhando fundo para a luz que dança na lâmina, vejo um reflexo sorrindo para mim…

Não. Caro sorri para mim. O rosto da Feiticeira, refratado doze vezes na superfície vítrea da adaga.

E… Caro está aqui, realmente está *aqui*. No chão aos meus pés, com a cabeça inclinada para trás e os olhos arregalados.

Eu fiz isso.

E agora preciso escondê-la, mantê-la a salvo. *Lembre-se*. Preciso correr…

Uma mão invisível agarra meu braço e eu grito.

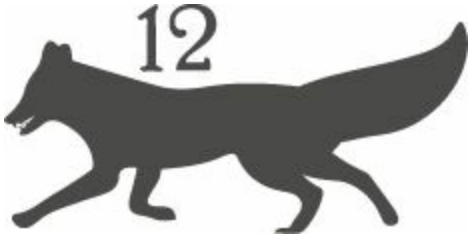
— Jules! — alguém rosna. A voz de um garoto, familiar. O grito e os rugidos morrem em minha cabeça, a escuridão se dissolve em uma luz pálida e a sala aos poucos entra em foco…

Mas está silenciosa agora, vazia, exceto por mim e Liam.

Liam está me encarando, pálido e com os olhos arregalados, mas não olha para o rosto. Sigo o seu olhar para minhas próprias mãos e uma onda de choque me atravessa, momentos antes que a dor me atinja. Meus dedos estão ensanguentados, minhas unhas foram quebradas. Meus punhos estão apertados, brancos e com rastros vermelhos, assim como na minha visão. Lentamente, com o coração martelando, abro a mão…

E não há nada nela. Somente ar.

12



A decepção enche meu peito, tão súbita e forte que preciso de esforço para conter um soluço. Estou de joelhos ao lado da mesa, tremendo, odiando como a visão roubou com tanta facilidade o conforto e o calor do Forte da Ladra. Meu estômago está embrulhado. Liam se ajoelha ao meu lado e passa a mão em meu braço. Preciso empurrá-lo para longe — mas não consigo. Não faço isso.

— O que aconteceu? O que você viu? — ele pergunta gentilmente.

Mas as palavras fluem ao meu redor como vento e não as absorvo. Sinto-me pesada e confusa, como se tivesse acordado de um cochilo diurno e visse que a luz se transformou em crepúsculo. Os rostos frenéticos das pessoas em meu sonho — alquimistas menores, percebo, meus seguidores — cruzam minha mente. A Feiticeira veio aqui, ao Forte da Ladra, para me caçar. Pôs sua fita ao redor do meu pescoço para me estrangular. Teria conseguido? Quantos alquimistas escaparam? Quantos sucumbiram à fumaça da Feiticeira?

Minha respiração está funda e irregular. Liam envolve um braço ao meu redor e me puxa contra si, soltando a capa e jogando-a sobre mim como um cobertor. Aquecendo-me, escondendo-me. Não percebi até agora que estou congelando, tremendo com força. O coração de Liam bate ao meu lado outra vez; dessa vez, sinto a tensão nos músculos dele, o fluxo baixo de palavras que pretendem reconfortar. Eu deveria me afastar, sei disso, mas sinto que posso

desmoronar se o fizer. O Forte da Ladra — meu lar — balançou uma promessa de revelação à minha frente, só para roubá-la.

— Está tudo bem — Liam murmura em meu cabelo. Ele me puxa para mais perto, ainda que eu já tenha parado de tremer, e envolve o outro braço ao meu redor, como se pudesse me proteger do perigo. Ainda sinto tensão nele, mas há calor também, compensando o nó frio de medo em meu peito.

Imagens giram em minha cabeça, uma ultrapassando a próxima e a seguinte, passando atrás de minhas pálpebras fechadas tão rápido como um dos livros de ilustrações coloridas que Roan Gerling tinha quando éramos crianças. Tento colocá-las em ordem, fazer sentido do que acabei de ver. Ao meu lado, Liam permanece quieto. Nenhum de nós se move, e o silêncio reina por vários minutos. Quando falo, é para dizer:

— Eu vi algo. Algum tipo de arma.

Os olhos dele se arregalam.

— Uma arma?

— Sim. — Olho para a minha mão, ainda meio esperando ver a adaga com a joia ali. Com um susto, lembro de Caro aos meus pés, com a boca aberta num grito. A mesma cena que vi depois de apunhalá-la nos jardins de Shorehaven. — Não sei o que era a adaga ou de onde veio, mas eu a *senti*. Parecia tão real quanto estar segurando a sua…

Eu me calo abruptamente, percebendo que peguei a mão de Liam para ilustrar o argumento. Rápido, desenlaço meus dedos dos dele. Afrouxando um pouco a capa dele, que me envolve, gesticulo para os papéis ainda espalhados diante de nós e depois para o glifo brilhante na parede.

— E se for a arma que você reparou nos papéis? O símbolo na parede… — Viro para olhar o glifo dourado entalhado na pedra. — Por que eu teria uma visão tão nítida dele se não fosse isso?

Liam pausa alguns segundos antes de assentir e pigarreia.

— É possível, acho. Talvez algo que você tenha criado numa vida passada. Está aqui?

Solto o ar de modo brusco. Empolgação com o que vi e frustração por Liam estar hesitante enfrentam-se em meu peito como ar quente e frio. Uma tempestade se formando.

— Eu… Eu não sei.

A expressão dele desaba.

— Você viu onde estava?

— Não. — Aperto os olhos, tentando segurar as imagens, mas elas já desbotaram. — Eu estava nesta sala… O Forte da Ladra estava queimando e Caro entrou buscando por mim, mas então a visão ficou só… preta. Preta, exceto pela adaga. Eu sabia que tinha que escondê-la em algum lugar e lembrar onde, mas não sei…

As palavras trazem um gosto amargo à minha boca. Paro de falar e deixo os olhos caírem às mãos pálidas e ensanguentadas. *Eu sou a Alquimista*, digo a mim mesma. Mas não me sinto poderosa, encolhida aqui, escondida, com predadores rondando praticamente do outro lado da nossa porta. O que sinto é uma frustração súbita e crescente com tudo que não sei, não compreendo…

Sinto um instinto intenso de fugir de Sempera para sempre, assim como Liam queria que eu fizesse antes de ir para Crofton, como me pediu para fazer quando escapamos de Shorehaven.

Encaro os olhos escuros dele, meu estômago se revirando e retorcendo de dúvida. Quantos anos perdi? Quantos anos passei lutando para sobreviver em Crofton enquanto Liam Gerling estudava as minhas facetas desconhecidas em livros mofados? Por quantos estive condenada a permanecer uma estranha a mim mesma, à Alquimista enterrada em sombras dentro de minha mente? Até meu lar ancestral não me recebe agora, não por completo. A ponta dos meus dedos, ensanguentados e feridos por encenar a visão, dói.Meu coração também dói.

Se a Alquimista permanecer para sempre enterrada em mim, revelando-se em cacos de lembranças quebradas, nunca inteiras — então quem sou eu? Não Jules Ember. Ninguém.

Ergo-me e recuo para a porta. De repente, a necessidade de estar sozinha — e de sair do Forte da Ladra, enganadoramente belo — é avassaladora.

Liam se levanta também, olhando-me com hesitação.

— Não — digo. — Preciso pensar.

— Você não pode sair, Jules, não é seguro…

— Não! — Minha voz sai mais alta agora, quase como um grito.

Liam pisca, a mão que estendeu para mim caindo ao seu lado. Vejo a mágoa que enche seus olhos, mas ainda assim me viro e desço as escadas quase correndo.

Lá fora, tomo grandes sorvos do ar fresco da primavera, embora isso não ajude muito a dissipar a confusão. Mais do que tudo, é o cheiro de fumaça que permanece em meu nariz e o som de gritos em meus ouvidos.

Há quantas centenas de anos ocorreu aquela noite, aquele incêndio que queimou o Forte da Ladra e dispersou os alquimistas menores ao vento? Quantas pessoas morreram então, por minha causa? A perda deles — porque *estavam* perdidos, sei do fundo da alma — ainda me arrasa. *Eles me seguiram*, sussurra alguma consciência mais antiga que meu corpo. *Confiaram em mim.*

Foi diferente das outras visões que tive, em Everless e na estrada. Eu não estava correndo pelos bosques ou acorrentada em uma masmorra, indefesa, seguindo um caminho tão já traçado quanto uma roda de carroça. Estava *lá*, no Forte da Ladra, com os alquimistas menores, compartilhando do terror e da adrenalina deles. Estava viva na memória, conseguia mover-me e falar e sentir. E depois… O peso da estranha adaga de joia em minha mão, tão real quanto a dor das unhas quebradas ou o calor do toque de Liam no meu braço.

Ajoelho-me no chão e inspiro a grama fria, desesperada para sentir a pressão real e enorme da terra abaixo de mim. As imagens e sensações da lembrança esvanecem um pouco, substituídas pelo cheiro agradavelmente úmido do solo, junto com o assovio do vento através das árvores. As memórias estavam pairando no ar daquele quartinho, revestindo meus pulmões, mas agora saí do alcance de sua nuvem.

Ergo a cabeça e viro para olhar de volta para o Forte da Ladra. Deixei Liam lá com as lâmpadas acesas, mas, de fora, como antes, parece apenas uma ruína bela e vazia.

Uma suspeita se infiltra em mim. Tudo isso poderia ser um truque cruel de Caro — outra parte do jogo cruel dela. Assim como ela manipulou a antiga rainha, insinuando gavinhas de sua magia na cabeça dela…

Ou não é Caro, e sim minha própria fraqueza? Estou desmoronando, enlouquecendo, sem forças para conter séculos de memórias?

Não. Enxergo a forma do glifo, escrita em ouro ardente com meu próprio sangue. O símbolo e o Forte da Ladra — juntos, eles me puxaram em direção à lembrança, as formas e linhas entrelaçando-se sobre mim como uma rede.

Uma mensagem deixada para trás — para mim.

A adaga. Ela estava em minha mão; ainda consigo sentir seu calor, sua luz, um grito inaudível de significado do meu passado. O cabo tinha uma cobra — isso tem de querer dizer algo. Fecho e abro os dedos, como se pudesse fazê-la aparecer por pura força de vontade. Aperto os olhos e tento visualizar a mim mesma entalhando aquelas formas estranhas, ver mais do que aconteceu antes, o que eu estava tentando recordar com tanto desespero. Tento afastar a escuridão da última lembrança, abrir as cortinas escuras e grossas da mente, revelar qualquer indício de onde aquilo ocorreu.

Mas não adianta. As memórias dançam, tentadoras, nos cantos da minha mente, com matizes de significado acendendo-se e apagando-se como vaga-lumes no crepúsculo.

Uma comoção de vozes à distância me faz abrir os olhos. Percebo, com um frio na barriga, que me afastei do Forte da Ladra. Há pinheiros por todos os lados, cobertores de suas agulhas sob meus pés. Ao longe, ouço o barulho distante da cidade. *Não é seguro*, Liam me avisou.

O medo me toma. Não devia ter fugido dele, não com as memórias anuviando meus sentidos desse jeito.

Então, à frente, na direção que parece levar ao portão principal, avisto uma

Então, à frente, na direção que penso levar ao portão principal, avisto uma figura. Levo um momento para reconhecer a silhueta de uma pessoa, porque ela — uma garota com a capa de estudante — não se move. Está sentada na grama, virada de costas para mim, curvada sobre algo no chão. É evidente, por sua imobilidade, que está completamente absorta no que quer que esteja fazendo. Uma mancha de luz do sol permanece atrás dela, o inverso de uma sombra.

Sei que deveria fugir, mas o instinto me impele adiante. Está escuro no meio das árvores, e frio. Tão escuro, espero, que ela não conseguiria ver meu rosto em detalhes.

Estou questionando se devo chamá-la quando um galho quebra sob meu pé. Antes que consiga pensar, a garota se ergue num pulo e vira-se, espalhando as coisas dispostas ao seu redor no chão — vejo o brilho de metal, a brancura de ossos.

Os instrumentos de uma bruxa.

— Quem está aí? — chama a garota. Reconheço-a como uma das estudantes bêbadas de antes. A garota, Stef, que Liam disse descender de uma família de bruxas e que gritou, zombeteira: *Vida longa à rainha.* De toda forma, ela não está nada bêbada agora. Seus olhos escuros perscrutam os bosques e sua postura é tensa, como se estivesse pronta para fugir ou lutar.

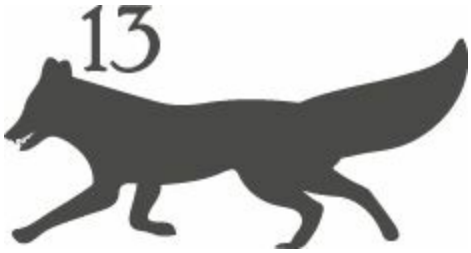
Eu poderia ficar parada ou tentar escapar. Mas a memória ainda tem as garras fincadas em mim e rosna em meus ouvidos. Uma ideia floresce em minha mente — uma ideia perigosa e desesperada.

Antes de saber que eu era a Alquimista e que Caro era a Feiticeira, eu, Caro e Ina visitamos uma bruxa em Laista. Foi na noite antes de tudo mudar para sempre: Ina procurava uma regressão de sangue, o ritual que permitia à pessoa recuar pelo próprio tempo e deixar memórias perdidas emergirem, momentos para serem folheados como páginas de um livro. Como tantas que pontilham as cidades isoladas de Sempera, a bruxa de Laista era uma fraude — mas sua loja enfumaçada inspirou lembranças em mim, detalhes vívidos

que estavam enterrados. Aqueles momentos recuperados me levaram a Briarsmoor, onde descobri a verdade sobre meu nascimento.

Se Stef realmente é uma bruxa, talvez possa me ajudar de um jeito que Liam não pode. Que nem eu posso.

Então dou um passo à frente até a poça de luz entre nós e a chamo.



— Stef.

Prendo o fôlego quando Stef vira a cabeça de modo brusco para me olhar, só agora me dando conta da imprudência do que acabei de fazer. Tarde demais para recuar. Seu olhar afiado e inflexível acende uma centelha de medo em mim como uma pederneira batendo em uma pedra. Talvez as palavras rebeldes dela sobre a rainha mais cedo fossem só um jeito de se exibir. Se for o caso e ela me reconhecer como Jules Ember, de Crofton, procurada pelo assassinato da rainha, logo posso precisar de ajuda desesperadamente.

Mas, por sorte, ela não me reconhece — ou, se reconhece, não revela. Seus olhos percorrem meu rosto devagar, sua boca se apertando numa careta suspeita.

— Ouvi dizer que você é uma bruxa. — É minha tentativa de começar uma conversa. Deixo minha voz sair atrevida e alegre, como imagino que seria a de uma aluna se isso fosse apenas uma diversão.

Ela me olha furiosa.

— Quem disse isso?

— Liam Gerling — respondo, lembrando-me da lição que papai me ensinou e que Everless confirmou: diga a verdade o máximo possível, para que as mentiras sejam mais difíceis de identificar. Enquanto falo, tento, de modo

furtivo, espiar os itens espalhados aos pés dela, e meu coração acelera com o que vejo. Pedacinhos de metal torcidos em formas estranhas, bugigangas entalhadas que podem ser madeira clara ou ossos de animais, uma tigela de bronze pequena com um pó.

Os olhos dela se arregalam e depois se estreitam.

— Companhia elevada. Nunca vi você antes.

Dou de ombros.

— Então os boatos são verdade?

Com um ar de eficiência brusca, Stef reúne seus itens no pedaço de veludo cor de vinho em que estão dispostos. Pegando um cordão de couro da grama, amarra o tecido para formar uma bolsinha e a pendura no cinto.

— Que boatos? — retruca, sem nunca tirar os olhos de mim. — Há vários. Você vai ter que ser mais específica.

— Que você conhece alquimia menor… e que não morre de amores pela rainha. — Acrescento a segunda afirmação impulsivamente, depois me calo, com o coração acelerado. Será que ela nota que estou tentando descobrir suas lealdades?

Stef me contempla com calma, parecendo tão desconfiada quanto eu. Mas detecto um brilho de divertimento em seus olhos. Com a minha ousadia, espero.

— Eu não morria de amores pela *antiga* rainha. Ainda não me decidi quanto à orfãzinha. Mas duvido que minha vida vá mudar, de qualquer forma.

Meu estômago se aperta com a cutucada em Ina. Contenho a raiva.

— E quanto à alquimia? — pergunto. — Preciso de um serviço e estou disposta a pagar.

Ela me dá um olhar impassível.

— Se eu tivesse o que quer que você precisa, por que eu diria a uma desconhecida?

Meu coração bate mais forte.

— Porque preciso da ajuda de uma bruxa. É… importante.

— O que quer? — questiona ela calmamente, erguendo-se.

Enxugo as mãos no vestido de Danna. Vejo os olhos de Stef reluzirem quando ela repara.

— Preciso me lembrar de algo que esqueci — digo. — Quero fazer uma regressão de sangue.

Stef dá um passo em minha direção. Ela é alta, de pele escura, com longas tranças caindo sobre os ombros. Sua capa verde parece imaculada, embora ela estivesse sentada no chão da floresta.

— Regressões de sangue são para nobres entediadas ou tolas desesperadas. — Seus olhos descem pelo meu corpo e depois voltam para encontrar meu olhar, avaliando-me sem vacilar. — Você não é nobre coisa nenhuma. Deve ser importante, se está me procurando por ajuda. Mas, se for o caso, como pode ter perdido a lembrança para começo de conversa?

Meu coração bate mais rápido. Ela parece estar estudando minha expressão, e torço desesperadamente para que tenha ficado presa no campus estudando pelas últimas semanas e não tenha visto os folhetos com o esboço do meu rosto colados por toda a cidade.

— São histórias de alguém que se foi. — Não é mentira.

— Todos perdemos pessoas. Lembrar das histórias delas não vai trazê-las de volta. — O rosto de Stef permanece pétreo. Então, em uma voz mais baixa, acrescenta: — As pessoas esquecem para conseguir sobreviver.

Apesar das palavras, há uma nota de cautela em sua voz, uma curiosidade sombreada em seu rosto que acende uma esperança em mim. Agora sou eu que dou um passo à frente.

— Por favor. Posso pagar pelo seu tempo, mas preciso mesmo de ajuda.

— Vai ter que buscá-la em outro lugar. — A voz dela fica fria. Dá as costas para mim, aparentemente concluindo que não sou ameaça a ela, para terminar de reunir suas coisas. Uma pequena tigela, uma faca pequena

brilhando em um leito de flores. — Liam Gerling também contou a você que a antiga rainha matou metade da minha família por praticar magia?

Engulo em seco.

— Não.

Ela se vira para mim, um sorrisinho triste esboçado no rosto.

— Bem, não estou a fim de acabar do mesmo jeito.

— Mas está aqui, nos bosques, praticando magia — respondo depressa.

Ela se vira para me olhar, arqueando as sobrancelhas, mas não diz nada. Seu silêncio me incentiva.

— Sinto muito sobre sua família — digo em voz baixa. Movo dois dedos em um círculo sobre o torso, fazendo o sinal do relógio, uma maneira tradicional de demonstrar respeito ao lamentar os mortos. — Tudo que preciso é de uma regressão de sangue. Como eu disse, posso pagar.

A boca de Stef quase se curva para cima.

— Se ouviu boatos sobre mim, tenho certeza de que também ouviu sobre meus pais. Admito que ser a filha de um Chamberlayne me permite certas discrepâncias. — A mão dela vai inconscientemente até a bolsinha no cinto. — Mas não vou arriscar fazer regressões de sangue para estranhas que me seguem bosque adentro. Agora… Adeus. — Ela se vira e se afasta, a capa de seda verde inflando-se atrás dela.

— Sou Jules! — Minha voz falha ao gritar.

O eco — *Jules, Jules, Jules* — parece encher as árvores. Imediatamente me arrependo. Fico parada, congelada, enquanto Stef se vira devagar para me encarar. Meu nome paira entre nós, uma cobra venenosa que expandiu seu capuz, pronta para dar o bote. Um sinal de atenção. Ou perigo.

— Jules — Stef repete devagar, pensativa. Contempla meu rosto outra vez e acho que vejo seus olhos se arregalarem um pouco, de maneira quase imperceptível. Permaneço parada. — Não seria Jules Ember, por acaso?

Meu silêncio diz tudo.

A respiração de Stef sai num sibilo. Ela cruza seus pés dão passos

A respiração de Stef sai num sibilo. Ela avança, seus pés dão passos silenciosos, mas não deixo de ver sua mão cair até a cintura. Tensiono os músculos, preparando-me para usar minha magia se ela sacar uma arma da capa. Mas ela só para a cerca de um braço de distância de mim.

O sorriso de Stef curva-se lentamente em seu rosto, como uma fita sobre o fogo.

— É verdade que matou a rainha?

Suor escorre pelas minhas costas. Balanço a cabeça.

— Não.

A animação dela some.

— Ah. Que pena. Se tivesse, talvez consideraria ajudá-la.

— Eu ia matar. — Deixo escapar. Já falei verdades demais, o que importa se compartilhar o resto também? — Mas ela era só um fantoche. Outra pessoa estava puxando as cordinhas. — Limpo a garganta e engulo o medo. — É *esta pessoa* que eu quero matar.

— Você? — pergunta. Suas sobrancelhas se erguem de novo. Confusão e curiosidade e até uma pontada de medo guerreiam no rosto de Stef, mas o seu lado sensato deve vencer, ou ela decidiu não acreditar em mim, porque gira nos calcanhares. — Boa sorte com isso — diz por cima do ombro.

A frustração se retorce nas minhas entranhas. *Sim, sou eu*, quero gritar. *Quem mais? Quem mais posso ser além da Alquimista?*

Há uma maneira de mostrar a ela. Meu corpo se move mais rápido do que consigo mudar de ideia.

Ergo as mãos, lançando minha mente para o ar. Antes de duvidar do que estou fazendo, encontro as árvores no ar e paro o tempo ao redor delas para que os galhos perto de Stef fiquem imóveis apesar da brisa. O mundo se aquieta ao nosso redor; a canção é roubada da garganta dos pássaros. Stef para de andar.

Uma mão sobe para puxar uma das tranças apertadas que emolduram suas bochechas. Ao redor dela, os segundos ficam mais espessos, como mel. Não

consigo ler sua expressão. Emoções contorcem seu rosto, dividido entre assombro e fúria e…

Reconhecimento.

Estremecendo, solto a magia. O vento sussurra ao nosso redor de novo, a música dos pássaros irrompe no ar. Os sons são frenéticos por um momento, apressados, como se estivessem tentando recuperar o tempo.

Por fim, ela diz:

— Minha mãe me disse que você viria um dia… — As palavras morrem e ela dá outro passo em minha direção, a voz se tornando quase um sussurro quando ela finalmente fala o nome. — Alquimista.

Há sentimentos implícitos — tanto assombro como raiva.

Sinto um incômodo. Ouvir esse nome da boca de uma estranha faz um arrepio subir e descer por minha espinha, junto com o terror.

— Sua mãe? — respondo, arrependendo-me imediatamente de dizer as palavras, que soam tão juvenis e tolas.

Stef ignora minha pergunta. Não parece notar ou se importar.

— É verdade, não é? — Ela me dá um olhar duro e toma minhas mãos ainda abertas nas suas, girando-as como se fossem revelar algum grande segredo… ou truque. Então, no intervalo de um respiro, seu rosto passa de surpresa para fúria. Empurra minhas mãos para longe com força. Aperto-as contra o peito. — Se você é a Alquimista, tenho ainda mais motivos para manter distância. — A voz dela se ergue acima da música dos pássaros e do sussurro da brisa. Lembro-me de como devemos estar perto de Bellwood. Stef, porém, não parece se importar. — Você tem sido uma praga para a minha família. Já não houve danos colaterais suficientes da sua luta contra a Feiticeira?

Sinto um aperto no coração ao absorver as palavras dela. Lembro dos seguidores da Alquimista, que vi menos de uma hora atrás, na minha visão no Forte da Ladra. Será que havia ancestrais de Stef entre os mortos? Mas ainda

preciso de ajuda — e já me comprometi, recordo-me com amargor, lembrando-me das palavras de Amma —, então respiro fundo.

— É verdade. Não estou pedindo a você que faça parte de nada — digo. — Só preciso de uma regressão de sangue. Como eu disse, vou pagar.

Stef examina meu rosto por um momento, o próprio cenho franzido de concentração. Então cruza os braços.

— Cinco anos.

Ofego. A quantidade me faz estremecer. Quantas pessoas em Crofton morreram por menos? Mas, embora não os tenha visto, sei que Liam tem ferros-sanguíneos suficientes na sua sacola. Sentindo meu estômago embrulhar, concordo.

— Tudo bem. Cinco anos.

— Esses são ritos de verdade, práticas que remontam a séculos, realizadas há séculos pela minha família. Não são tão poderosos quanto a sua magia — Stef diz bruscamente, os olhos voando para minhas mãos de novo —, mas também não são um embuste ou truque para se exibir em festas. Você pode acabar não vendo nada, ou ver algo que não quer.

Assinto, mostrando que compreendi.

— Vamos lá.

***

Com o capuz sobre a cabeça, sigo Stef até os alojamentos dos estudantes para que ela possa reunir os itens necessários para a regressão de sangue. Uma sensação de triunfo corre por mim, afogando o medo. Estou adiando meu retorno ao Forte da Ladra, sem pressa para encarar Liam. Juro que, mesmo à distância, sinto o ar se aquecendo pela raiva dele — por eu correr em direção ao perigo, por revelar minha identidade para Stef de forma precipitada. Mas não foi ele que disse, em uma noite de ventania em Laista, que corro em direção ao perigo sem pensar? Liam sabe que a resposta é sim. Sempre.

Fico surpresa ao ver que os corredores escuros e estreitos do alojamento

Fico surpresa ao ver que os corredores escuros e estreitos do alojamento que levam ao quarto de Stef não diferem muito dos corredores abafados dos criados em Everless. Mas, sem os criados correndo pela propriedade dos Gerling, carregando roupas para lavar ou segurando membros doloridos, a atmosfera dos túneis escuros de Bellwood parece mais leve. O passado paira no ar, saturado com uma sensação de alegria contida.

Stef tem um quarto só seu. É pequeno e estreito, iluminado apenas por uma janela estreita com vista para a cidade. Tenho que me abaixar para não bater a cabeça nas vigas do teto. Uma escrivaninha quadrada está encostada num canto. Ela abre a gaveta de baixo e tira uma caixa de madeira, que está cheia de itens.

Fico para trás, encabulada, curiosa mas não querendo me intrometer, enquanto ela enche sua bolsinha de couro com uma tigela do tamanho da sua palma, um pilão de madeira e vários pacotinhos de ervas. Estende para mim um papel velho com rabiscos em semperano antigo. É obviamente muito velho. Sinto sua textura suave sob meus dedos. Tem um leve cheiro de metal e cinzas, ou dos perfumes agridoces que todas as lojas de bruxas parecem ter. Então ela cruza o quarto e ergue uma tábua de madeira do assoalho, revelando uma fileira de garrafas de vinho brilhantes. Enfia uma sob a capa, murmurando:

— Te devo uma, Ruthie.

Depois de esconder a bolsinha e a garrafa, Stef se endireita e me olha com expectativa.

— Então, aonde vamos agora?

Sinto o sangue drenar do meu rosto. Não me importaria em levar Stef para o Forte da Ladra — é a *minha* casa, afinal —, mas Liam está lá. Mesmo que ela saiba que sou a Alquimista, é perigoso deixá-la ver Liam comigo.

— Já estou a um triz de ser expulsa — diz, bruscamente. — Não vou fazer magia no meu próprio quarto. Onde você está ficando?

A dúvida me alfineta, mas não vou mentir para Stef. Olho o dia como

A dúvida me alfineta, mas não vou recuar agora. Colha o dia, como Amma dizia.

O silencio entre nós é tenso, parecendo crepitar com perigo, conforme a levo até o Forte da Ladra. Um grupo de estudantes passa por nós vindo da direção oposta, rindo. O pânico se revira em minhas entranhas. Sinto que estou de volta em Shorehaven, à beira do penhasco e abaixo de mim somente rochas pontiagudas depois de uma queda alta. Os olhos de Stef também correm de um lado para outro. *Está nervosa*, penso, e isso relaxa um pouco a tensão em meus músculos. Sou eu que devo ser temida aqui — não ela.

Peço a Stef que espere embaixo enquanto subo as escadas. O Forte da Ladra é um segredo meu, mas Liam terá que sair antes que eu a deixe entrar. Ninguém pode saber que ele está comigo.

Mas, quando atravesso o arco até meu recanto de tempo roubado, não vejo Liam em lugar algum.

Provavelmente está só me procurando, digo a mim mesma, tentando dissipar o medo crescente. Mas a imagem de um soldado arrastando-o para longe faz a bile subir até minha garganta.

Sem saber o que mais fazer, chamo Stef para cima. Quando ela chega ao quarto da Alquimista, seus lábios se entreabrem, seus olhos arregalando-se para devorar o espaço, demorando-se na paisagem veranil de Bellwood que aparece além da parede quebrada, derramando raios de sol sobre o assoalho.

— Minha mãe me contou sobre esse lugar quando eu era criança. Eu não sabia… — Seus olhos correm pela parede, maravilhados, e um sorriso se forma, rápido e fugaz, mas verdadeiro.

— Antes, você disse que ela lhe contou sobre mim. O que ela disse? Eu… — Pauso pela estranheza das palavras prestes a sair da minha boca. — Ela conhecia a Alquimista?

Stef não responde de imediato. Em vez disso, vai até a escrivaninha e começa a arrumar suas coisas. Por fim, diz:

Quando menina, sim. Ela cresceu ouvindo histórias da Alquimista e da

— Quando menina, sim. Ela cresceu ouvindo histórias da Alquimista e da Feiticeira, como toda criança… embora nossas histórias sejam transmitidas oralmente, não são encontradas em livros. Mas, quando minha avó morreu a servindo, minha mãe parou de sonhar com você. As histórias que me contou eram mais avisos.

— Ah — digo com suavidade. De um jeito patético. Retorço as mãos, a culpa ardendo dentro de mim. Ao mesmo tempo, não consigo evitar sentir uma fisgada de inveja. E se, em vez de camuflar a verdade com mentiras, papai tivesse sido honesto comigo quando eu era criança, depois de me salvar da Rainha e de Caro, em Briarsmoor? E se Liam tivesse me contado sobre meu passado em vez de guardá-lo consigo, como um punhado de ferros-sanguíneos escondidos sob um colchão? Eu teria rejeitado a verdade, como Stef? Teria fugido?

Ou *seria* a Alquimista, mais forte e mais poderosa que minha inimiga?

A emoção aflora em mim, quente e emaranhada. Stef cresceu rodeada de magia, e sinto a necessidade de desabafar com ela.

— Eu só descobri sobre meu passado recentemente. Não conheço ninguém dele, exceto a Feiticeira em si…

— Quanto menos eu souber, melhor — interrompe Stef, calando-me com um gesto.

— Certo, claro. — Aperto os lábios, tentando evitar que a decepção transpareça em meu rosto.

Ela suspira.

— É difícil me livrar dos antigos hábitos. Minha mãe costumava me contar que tudo em Sempera… Talvez tudo na própria natureza… já conteve magia. Que, até hoje, ainda é possível sangrar magia de uma pedra, se souber como fazer isso.

Gesticulando para que eu me junte a ela na escrivaninha perto da abertura, Stef reúne uma folha de árvore preta com o formato da ponta de flecha, uma fruta vermelho-vivo do tamanho de uma ameixa e um cordão familiar de folhas peroladas na palma da mão. Sua voz é brusca, mas acho que detecto

uma nota de empolgação. — Filodendro, da árvore mais velha de Sempera, para conectá-la com seu passado. Flagelo-das-horas, venenoso em alta dosagem, para expulsar o presente de sua mente, e por último…

— Azevinho-de-gelo. — Tento manter a voz tranquila. — Só cresce em locais onde a Feiticeira usou sua magia.

Sei disso porque a própria Caro me contou. Na minha imaginação, ela sorri.

— Uma magia forte sempre deixa um rastro — diz Stef, apenas.

Ela rasga o filodendro, o flagelo-das-horas e o azevinho-de-gelo, e deixa os pedaços flutuarem até a tigela de bronze apoiada nos seus joelhos. Pegando o pilão, tritura a mistura impacientemente, virando a tigela enquanto o pressiona. Por fim, satisfeita, coloca o pilão ao solo e tira a rolha do vinho roubado, que faz um *pop* suave. O aroma doce floresce entre nós, preenchendo a sala.

Devagar, ela verte o líquido vermelho-escuro na tigela, fazendo as plantas boiarem em uma superfície malva cintilante. A princípio, nada acontece — mas logo um fio de fumaça verde-claro ergue-se da mistura. A poção não se parece nada com o líquido que a bruxa de Laista guardava numa garrafa em sua loja. Assim que penso que a estranha fumaça espiralada lembra a haste de uma flor, a ponta que se estende até mim explode em cores: cinco pétalas douradas rodeando um centro vermelho pulsante. O ar some do meu peito.

— É lindo. Nunca vi nada assim.

Assisto espantada enquanto Stef colhe a flor de fumaça do seu caule com o indicador e o dedão. O botão quase translúcido parece flutuar para o alto, em direção ao teto abobadado — como um pássaro pego pela ponta da asa.

— Ouça com atenção — instrui ela. — Concentre-se no que quer recordar.

Abro a boca para protestar — há tantas sombras povoando o meu passado que todas explodem na minha cabeça de uma só vez. Faço o melhor para

afastá-las e focalizar o objeto que pareceu mais real: a adaga de joia. Preciso saber o que é, de onde veio. Onde está.

Enquanto tento expulsar tudo o mais exceto a imagem da adaga, Stef começa a sussurrar em semperano antigo. Minha mente se agarra aos sons, começando a girar e rodar, ficando tão fina como a fumaça que me cerca…

Com a mão livre, Stef inclina meu queixo para trás e abre minha boca com um movimento delicado, depois solta a flor de fumaça nela. A fumaça se dissolve imediatamente em minha língua, doce como mel, depois fria como gelo, depois quente como uma chama…

E embora eu esteja sentada e imóvel, sinto-me cair, cair, cair.

Sinto pedras me pressionando de todos os lados. Estou em uma sala pequena, menor que o Forte da Ladra e sem iluminação. Pressiono as mãos em uma parede e estou me concentrando, vertendo tempo na pedra, ordenando-lhe que se eroda e desmorone, até que ela cede e despeja poeira em minhas mãos.

De modo abrupto, sou puxada para cima, envolvida em fumaça, e atirada em uma nova lembrança. Caro está parada em uma planície escura, com o rosto escondido pelas sombras, e ergue as palmas para mim. Seus olhos estão ferozes, com rastros vermelhos de lágrimas. Sangue escorre por suas mãos. Eu me viro e corro.

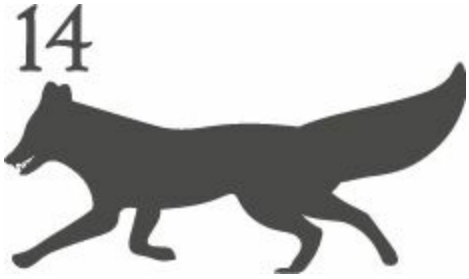
E então — ainda estou correndo, mas a escuridão se transforma em luz do sol com a força de uma explosão. Meus cabelos voam ao meu redor, e não estou chorando, e sim rindo, ao ser perseguida. Um seixo voa ao meu lado e atinge a superfície do rio ao meu lado. Inclino-me, ofegante, para rabiscar uma forma infantil em uma pedra com um graveto com a ponta chamuscada. De repente, a água se ergue em uma grande onda…

Poderosa demais, uma voz chama de lugar nenhum, e as imagens intermitentes se dissolvem em uma escuridão total, sem estrelas. A adaga de rubi aparece girando no espaço à minha frente, como se tivesse nascido subitamente do nada.

Então algo puxa a minha mente com violência. Sinto que estou subindo em direção a uma luz aquosa, arquejando, pronta para atacar…

Mas só vejo o rosto de Liam diante de mim, seus olhos soltando faíscas.

14



Congelo. Raiva fervilha no rosto dele — e, sob ela, confusão também. Liam está se balançando, como se estivesse prestes a saltar. Seu olhar voa de mim para Stef. Cada parte dele lembra o lorde frio e arrogante que eu conhecia em Everless. Fico agoniada.

Ele se volta para Stef.

— O que você está fazendo?

— O que *você* está fazendo aqui? — dispara ela de volta. Já está de pé também, assumindo a postura de uma guerreira, com os ombros aprumados e os olhos desafiadores.

Eu me ergo com dificuldade, ainda atordoada pelo ataque de lembranças rodopiantes.

— Stef, Liam está viajando comigo. Liam… ela está me ajudando a fazer uma regressão de sangue.

Ela volta os olhos para mim, acusadora.

— Você disse que ouviu os boatos por ele. Não que estava *viajando* com ele.

— Também não disse que não estava. — Eu me sinto tão imatura quanto a provocação me faz soar. Com a cabeça girando, tropeço e me apoio na mesa.

Por que compartilhei os segredos do Alquimista logo com um

— Por que compartilharia os segredos da Alquimista logo com um Gerling?

Liam faz uma careta, e percebo que Stef tocou num ponto sensível.

— Eu não sou a minha família. Jules sabe que pode confiar em mim. Você pode dizer o mesmo, bruxa?

— Não fale sobre família comigo, lordezinho — Stef quase cospe. — Minha avó morreu servindo à Alquimista. Meu pai não me assume porque tem vergonha de ter uma filha bruxa, então me mandou para uma escola onde todos fofocam sobre mim. — Ela se vira para mim: — Jules, você encontrará aliados que não apoiam a coroa. Não tem que confiar num Gerling…

— Liam salvou a minha vida — digo. — Eu confio nele.

Stef congela. Um silêncio tenso assenta-se no quarto. Os olhos de Liam estão vazios e sua boca está apertada — de frustração, imagino, e por perder o controle da situação. Por fim, o rosto dele se suaviza e ele me dá um olhar e um breve aceno de reconhecimento.

— Stef — continuo. — Quero tentar a regressão de sangue de novo. Por favor.

A boca dela se torce formando uma careta. Em voz baixa, mais para si mesma do que para nós, ela diz:

— Mamãe e vovó ficariam horrorizadas ao saber que sua Alquimista tinha se posto nas mãos de um Gerling.

— Jules. — Há uma tensão na voz de Liam, como se estivesse tentando não perder a calma. — Não acho que…

— Diga o que você viu — interrompe-o Stef, com a voz tensa.

Liam fica quieto também, e ambos olham para mim. Fecho os olhos, tanto para bloquear seus olhares curiosos quanto para conseguir descrever a série de imagens. Quando acabo de contar sobre as imagens rodopiantes, terminando com a escuridão vazia cercando a adaga, estou tremendo de calor e frio. Stef me encara com firmeza, o único traço de hesitação em seu rosto sendo a leve tensão em seus lábios contraídos.

— Jules, não acho que outra regressão de sangue pode ajudá-la.

— Mas… Mas tem que ajudar — concluo de modo patético. Lágrimas quentes e desesperadas pinicam meus olhos. — Por que diz isso?

Balançando a cabeça, Stef tira um frasco de vidro da sua bolsa de couro e o enche com o líquido remanescente na tigela de bronze.

— Uma memória pode assumir muitas formas, mas nunca é vazia e alterada como você descreve. Isso parece um sonho.

— Não — digo com amargor. — Eu não estava sonhando. Não é fruto da minha imaginação. Liam, conte a ela o que descobriu em suas pesquisas. — Minha voz sai suplicante.

Liam se remexe, desconfortável. Seu rosto fica vermelho.

— Registros de antigas histórias falam sobre uma arma que vai matar a Feiticeira. Há símbolos inscritos naquela parede que sugerem o mesmo. — Aponta para os glifos entalhados na pedra.

Embora Stef estreite os olhos, está claro que o escutou. Vira-se de volta para mim.

— Não acho que é fruto da sua imaginação, Jules. Não disse isso. Só sei que sua mente parece… dispersa, de alguma forma. Afetada pela magia.

— Afetada? Como assim?

— Quando você retirou o coração da Feiticeira, removeu a magia pura dela e a dividiu em pedaços. É como… — Ela gesticula, procurando as palavras. — Como cortar o céu em pedaços. Ninguém sabe como aquela magia pode afetá-la. — Pausa, encarando a janela, o olhar pensativo. — Pode ser apenas que esteja distante demais dessa arma para vê-la com clareza. Mas, para a Alquimista, a memória são momentos, e os momentos são o tempo. Quem sabe como sua magia poderia interagir com eles?

Enquanto considero isso, os olhos de Stef pousam no meu diário. Suas mãos se paralisam e, no instante seguinte, ela se move. Atravessa o quarto para sentar-se em uma das cadeiras e toma o caderno no colo, começando a folhear as páginas.

Por reflexo, a sigo de perto. É estranho ver alguém praticamente desconhecido folheando o diário. Quero arrancá-lo dela, mas resisto. Seus movimentos parecem relaxados, mas seus olhos estão concentrados.

— Vamos tentar uma coisa… Um velho truque. Me dê a sua faca — diz ela de repente. Abaixa o diário, e vejo que o deixou numa página em branco. O pergaminho cor de creme se enruga de tão velho.

Liam fica tenso.

— Jules…

Toco a cintura dele e ele se cala. Pego a faca que deixei na mesa de cabeceira. Meu peito se contrai por algo que não é exatamente esperança, mas parecido. Tenho medo de que, se examinar a sensação muito de perto, ela se dissolva.

Quando dou a faca para Stef, ela agarra meu pulso e aperta a ponta da lâmina no meu dedão esquerdo.

Liam xinga baixinho, mas ela já extraiu uma gota de sangue brilhante. Então pressiona meu dedão cortado no topo do pergaminho.

Liam dá um salto adiante, mas para quando eu inclino o caderno para ele ver o que está acontecendo. Meu sangue não está encharcando o pergaminho e arruinando-o, e sim escorrendo pelo papel em linhas vermelhas e finas, ramificando-se para seguir o que parecem ser trajetórias predeterminadas.

Palavras. O sangue está formando palavras, fazendo curvas para formar letras e linhas em uma letra familiar. A letra da Alquimista, a minha letra, está aparecendo no diário. Perco o fôlego.

Procure o rio vermelho.

— Procure o rio vermelho — diz Liam suavemente, lendo de ponta-cabeça. Seus olhos voam para a pilha de livros na escrivaninha. Sei que ele está considerando quantos outros segredos podem estar escondidos ali. — Como fez isso?

Stef responde com calma.

— Com certeza não é da conta de um Gerling.

O ar escapa dentre os dentes de Liam com um sibilo de frustração.

— Se isso for um truque…

— Não é um truque. Como eu disse — continua ela, com um tom frio como o aço —, minha família serve a Alquimista desde sempre. — Seus olhos se erguem para mim. — Não quero me envolver com o que quer que seja isso — diz com uma voz desdenhosa, balançando a mão —, mas nunca a machucaria.

Liam e Stef continuam discutindo baixinho, mas tudo em que consigo pensar é: *Procure o rio vermelho.*

Meu sangue ferve. Sinto o conhecimento inundando-me, os segredos cantando em minhas veias, só um pouco fora do meu alcance. Devo ter escrito esse bilhete, preparado essa magia, em uma vida passada. Muitos rios atravessam Sempera, a maioria recebendo o nome das cidades que cortam, mas não sei nada sobre um rio vermelho. Fecho os olhos e imagino os mapas que papai me ensinava a desenhar quando criança. *Devemos conhecer nossa própria terra.* Com o estômago embrulhado, pergunto-me se ele insistiu naquilo porque sabia que, um dia, eu teria que fugir.

As imagens puxam algo muito fundo dentro de mim, mas, quando tento segui-las, topo com outra parede branca exasperante. As palavras deles zunem em meus ouvidos.

— Parem — grito.

Liam e Stef se calam, e então a menina se levanta com o diário nas mãos.

— Tenho uma proposta, Alquimista — diz.

— O quê? — Minhas bochechas coram com o título, mas Stef me encara nos olhos.

— Deixe-me ler isto — propõe. — Como pagamento, em vez dos ferros-sanguíneos.

Olho automaticamente para Liam. Ele parece transtornado, mas deve ter aprendido a lição, porque continua em silêncio.

Engulo em seco.

— Vai tomar cuidado?

— O maior do mundo. — A voz dela é firme. — Trago-o de volta mais tarde, ainda hoje.

Eu assinto.

Stef inclina a cabeça em agradecimento, depois sai sem se despedir.

Depois que a porta se fecha atrás dela, Liam solta um suspiro longo e devagar.

— Não gosto de deixar aquele diário fora da nossa vista — diz de forma seca.

— Ela já sabe que eu sou a Alquimista — respondo. Quaisquer outros segredos parecem pequenos e desimportantes em comparação. — Além disso, ela descobriu a parte do rio vermelho. Talvez encontre alguma outra coisa.

O desespero me preenche aos poucos, junto com a esperança. Levanto-me e vou até a parede destruída.

— Isso deve significar alguma coisa. Sabe algo sobre um rio vermelho?

— Talvez haja algo nos meus papéis… — murmura Liam, recuando para sua pilha de livros na prateleira. Ele os pega um por um enquanto fico junto à janela, tentando extrair qualquer mínimo significado do que vi durante a regressão de sangue. Embora a imagem esteja cintilando — esvanecendo —, lembro-me do seixo voando ao lado da minha cabeça, até um rio aos meus pés. De desenhar uma cobra e uma raposa numa pedra. *Assim como rabisquei nas margens do meu diário, quando criança.*

Sacudo a cabeça, tentando desenterrar uma resposta, mas nada aparece. Voltando à janela, vejo Stef atravessando o campo abaixo até os alojamentos. Desta altura e distância, a capa verde dela parece uma folha sendo soprada através do gramado. O sol derrete o horizonte. Ela se vira, tapando os olhos com uma mão, e olha de volta para a torre — aceno, percebendo só um segundo depois que, devido ao encantamento de tempo, ela não verá nada além de uma janela vazia.

Jules — diz Liam, escutando-me — Não há menção a um rio

— Jules — diz Liam, assustando-me. — Não há menção a um rio vermelho em versões acadêmicas dos mitos, exceto pelo rio em que Caro a afogou na sua primeira vida. — Ele morde o lábio. — Fica bem distante, às margens de uma cidade chamada Pryceton. É parte do território dos Chamberlayne, e sei por fontes confiáveis que eles estão mantendo a cidade sob forte vigilância. Acho que não deveríamos viajar para lá a não ser que tenhamos absoluta certeza de que correr o risco é necessário. Mas veja isso…

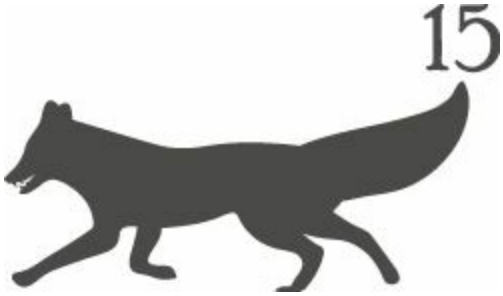
Guiando-me gentilmente pelo ombro, ele me conduz até o mapa de Sempera, apontando um fio azul grosso que corta o país ao meio.

— É aqui que se pensava que você foi morta pela Feiticeira. — Mostra um pontinho marcado com um alfinete vermelho-escuro. Seus dedos traçam o azul, até pararem a apenas alguns centímetros de onde Bellwood está no mapa, batendo no lugar para dar ênfase. — A água brilha vermelha ao nascer ou pôr do sol, como se tivesse sido amaldiçoada. É o que diz a lenda, pelo menos.

— Fica muito longe? — pergunto.

— A uma ou duas horas, se cortarmos caminho por Montmere.

— Eu já morei aqui — murmuro, pensando no Forte da Ladra, escondido por mim para ser usado posteriormente. Talvez haja mais retalhos meus escondidos por perto, espalhados em um momento de desespero e luta pela sobrevivência. Olho para o sangue seco no meu dedão, lembrando-me da mensagem desconhecida escrita com minha própria letra. — É um bom lugar para começar.



Não consigo nem pensar em dormir até Stef reaparecer com o meu diário. Enquanto o estende para mim, seus olhos estão pensativos. Quero perguntar o que leu, mas estou estranhamente encabulada, então só lhe agradeço e dou boa-noite.

Liam e eu passamos a noite no Forte da Ladra: eu, enrodilhada na cama com o meu diário e Liam no lado oposto do quarto, no chão, usando a capa como cobertor. Ele tem seus próprios aposentos em Bellwood, mas se recusou a me deixar sozinha.

Na manhã seguinte, uma hora depois que ele me traz um prato de frutas e pãezinhos, partimos de Bellwood, ambos vestindo as capas marrons com capuz dos estudantes, que Liam pegou emprestadas. Tento não notar como a simplicidade da roupa faz Liam parecer mais bonito — como se, destituído das cores dos Gerling e de suas vestes refinadas, ele se parecesse mais consigo mesmo. Mais livre, embora ainda carregando uma espécie de luto voraz.

O cheiro de Montmere — estrume de cavalo e pão assado, terra revirada e uma camada de fumaça — é reconfortante após o leve cheiro de incenso do Forte da Ladra, que só percebi quando saímos de lá. Meu coração se aperta. Estar na estrada de novo me faz sentir-me exposta demais, como um alvo esperando para ser atingido por uma flecha.

Ainda assim, minhas veias zunem com entusiasmo. Estamos indo ao encontro da arma hoje, digo a mim mesma, ou de informações que nos aproximarão dela. Aí poderemos voltar a Shorehaven e eu me livrarei da Feiticeira de uma vez por todas. Enfim estarei a salvo, e Ina também, assim como Liam.

Interrompo o pensamento bruscamente antes que ele se torne algo perigoso.

Algumas das portas por que passamos estão recobertas com violetas murchas ou decoradas com tecido roxo. Meu coração se alivia um pouco — são lembretes do que deve ter sido uma celebração pela coroação de Ina. Passamos por um poste alto e fino de madeira no meio da rua. Está coberto de cima a baixo por fitas, cada uma fixada no poste com um nó de tamanho diferente.

— Um para cada ano do governo dela, senhorita — diz uma voz fraca. Encolho-me, mantendo os olhos afastados. Não achei que houvesse alguém nos observando, mas a senhora só nos dá um sorriso gentil. Ela estende a mão, que está transbordando de fitas. — Amarre uma, e a rainha Ina vai reinar por mais um ano. Custam só uma moeda-horária.

Enfio a mão na bolsa e tiro uma moeda-horária. A princípio, só quero evitar chamar atenção — mas, quando pego a fita da mulher, percebo que é mais do que isso. Sinto saudades da minha irmã e quero fazer algo, qualquer coisa, para sentir-me mais próxima dela. Para prometer a ela que isso vai acabar logo. Para nós duas.

Com o capuz abaixado sobre o rosto, aproximo-me do poste. O mesmo anseio que senti no baile de coroação me atinge. Enquanto amarro a fita de seda na madeira, fico querendo que o ato fosse uma simples celebração. Minha irmã é a rainha. Acredito que será uma boa monarca — tanto quanto possível, nesta terra corrompida. Em vez disso, tenho que esconder uma lágrima da vendedora de fitas enquanto amarro um nó com cuidado e dou um passo para trás.

Liam escolhe uma estrada de mercadores que contorna Montmere, argumentando que estão acostumados a ver estranhos — e a cuidar da própria vida.

— Sei que o rio fica do outro lado, mas não conheço bem o caminho fora da cidade. Vamos ter que encontrar alguém para nos dar direções.

Enquanto andamos, posso ver — *sentir* — o peso sobre Liam. Sinto-o no modo como caminha, com os ombros curvados como se estivesse carregando um fardo pesado nas costas, ainda mais azedo que o normal. Percebo que, nos últimos dias que passamos juntos, ele só mencionou sua casa e sua família quando eu abordei o assunto.

— Que notícias teve de Everless? — pergunto enquanto seguimos pela estrada vazia. Mantive minhas dúvidas para mim mesma, sem querer chateá-lo, mas Everless é parte da minha infância também. Eu me importo com as pessoas de lá. Seus corredores serpenteiam pelo meu destino tanto quanto o sangue em minhas veias… assim como seus segredos.

Uma pontada de dor cruza o rosto de Liam por um momento, e então some.

— Está uma bagunça, se quer mesmo saber — diz, com a voz fraca. — Meu pai está drenando os cofres tentando capturar você. Ivan controla tudo por lá e é dominado por Caro. Sem Roan… — As palavras dele morrem.

Uma tristeza profunda e gélida se assenta em mim. Apesar de todos os seus defeitos, Roan manteve o povo de Everless unido e era amado por todos. Deve ser um lugar mais sombrio sem ele.

Talvez, se sobrevivermos a isso, Liam possa melhorar Everless. A ideia me aquece apesar do ar matinal fresco, uma pequena vela de esperança se acende em meu peito. Quero nutrir a chama. Juntos, eu e Liam podemos…

Não posso me permitir pensar nisso. Em vez disso, pergunto:

— O que os seus pais sabem?

— Antes de deixar Shorehaven, disse a eles que ia retomar meus estudos em Bellwood depois da coroação. — Olha para a frente, sua garganta se mexe

quando engole em seco. — Não quis dizer mais nada para o caso de… Caro voltar a Everless.

A ideia me faz estremecer.

— Por que ela retornaria?

Liam me dá um olhar impassível.

— Porque acha que *você* vai retornar.

Fico desconsolada. Sabia que minha presença em Everless colocaria a todos lá em perigo, mas esse lembrete de que nunca poderei voltar só me faz sentir-me mais sozinha.

À frente, vejo uma figura pequena muito distante na estrada aproximando-se depressa. Prendo a respiração, mas suspiro aliviada quando vejo que é só uma criança, um garoto que corre do mesmo jeito que Hinton, o jovem criado de Everless. Ele usa uma faixa amarela no peito — o uniforme de um jovem pajem, contratado para transmitir notícias e mensagens dentro de cidades.

— Pergunte a ele sobre o rio — sussurro. Viro e me espremo num vão estreito entre as construções, agindo como se estivesse só voltando para casa. Escuto enquanto Liam caminha alguns metros adiante. Um momento depois, a voz de uma criança o cumprimenta.

— Bom dia, senhor!

Espio pelo canto. Sem olhar direto para mim, Liam gira sutilmente de modo a ficar de frente para mim e fazer o garoto virar na outra direção. Recuo de volta para o beco, encolhendo os ombros contra uma parede de madeira rústica.

— Manchetes do dia? — escuto o garoto perguntar, esperançoso. — Só uma moeda-horária, senhor. — E um momento depois: — A rainha Ina continua a receber suplicantes de toda Sempera — lê. — Como sua primeira ordem do dia, ela introduziu um tributo temporário, além de prometer aliviar a fome. E de oferecer uma recompensa de quinhentos anos à pessoa que lhe trouxer a traidora Jules Ember.

Escondido nas sombras, eu me encolho. Ela foi-se com orgulho e sentimo-s

Escondida nas sombras, eu me encolho. Ele fala com orgulho e continua a dizer as notícias, em voz alta e presunçosa:

— Há relatos de um clima estranho na costa leste…

— Tenho outra pergunta para você — diz Liam, interrompendo o menino. Ele olha rapidamente para as duas direções da estrada antes de se virar para o garoto. — Sou um viajante. Pode me dizer se… se há um ponto por aqui onde o rio flui vermelho?

Ao ouvir isso, o garoto fica tenso.

— Perdoe-me, senhor, mas não iria atrás disso — responde. — O espírito do Alquimista vaga por lá. Se tocar a água, ela vai carregar seus anos. Quase aconteceu com um amigo meu, juro…

Meu coração martela nos ouvidos. Será que a mensagem escondida no meu diário poderia levar a um lugar tão próximo? Há um breve silêncio, no qual Liam enfia a mão no bolso, e então o brilho e o tilintar leve de outra moeda.

— Mas se eu quisesse encontrá-lo — Liam insiste com serenidade —, aonde iria?

Depois de outro momento, o garoto dá de ombros e ergue o braço para apontar além de Liam e das casas, em direção aos bosques cerrados que circundam a cidade.

— Lá — fala com a voz mais baixa, girando o ferro-sanguíneo na mão. — Vá reto e siga o rio pro sul até chegar numa clareira com uma pequena cascata. Dizem que é aí que a luz bate. Mas, sério, senhor, eu não iria.

— Não se preocupe — diz Liam calmamente. — Eu não vou. Obrigado pelas notícias.

O menino se vira para ir embora e eu recuo no beco enquanto ele passa. Dou-lhe tempo para se afastar um pouco na estrada e então volto para junto de Liam.

Seguimos em silêncio para não chamar atenção. Depois de meia hora, saindo da estrada e contornando construções na direção que o jovem pregoeiro apontou, a cidade já está atrás de nós e os bosques se estendem à

nossa frente, silenciosos e escuros como se estivessem repelindo a luz do amanhecer de alguma forma. Paramos nos limites do bosque. A escuridão me invade, como fumaça erguendo-se ao céu. Sinto um aperto na garganta.

Meus dedos se contraem com o desejo súbito de estender a mão e tomar a de Liam. Em vez disso, fecho-as de leve e sigo em direção às árvores primeiro, com Liam logo atrás de mim.

Sombras se dobram ao nosso redor imediatamente, imergindo-nos em um silêncio repentino e estranho. Os sons que passei a esperar em bosques — o farfalhar gentil de folhas e a conversa dos pássaros — estão presentes, mas suavizados, como se estivessem a certa distância de nós. Embora só tenhamos acabado de entrar no bosque, a vegetação rasteira é espessa, e de repente fico muito grata pelo vestido de mangas longas, pela capa e pelas botas. Eles protegem minha pele conforme marcho adiante entre galhos e vegetação e espinhos.

Após apenas alguns minutos, encontramos o rio, como o garoto descreveu — embora seja mais um riacho neste trecho — e o seguimos para o sul, em direção oposta à corrente. O ar fica mais frio e denso. Pesado, carregado como o ar de Everless.

Então a certeza toma conta de mim, uma sensação similar a quando entramos no Forte da Ladra. *Eu já estive aqui.*

Deixo minha mente vagar de propósito e permito que meus pés me levem aonde desejam enquanto minhas mãos afastam galhos. Não há trilha pelo matagal, exceto pelos rastros leves deixados por cervos, mas não sinto inteiramente os galhos enquanto arranham minhas mãos e braços. Não estou em nenhuma lembrança ou visão — ainda sou Jules, meus pensamentos desanuviados o bastante para que um leve temor se desenrole em mim conforme adentramos cada vez mais. Às nossas costas, a vista da cidade filtrada pelas árvores desapareceu por completo.

Meus nervos começam a disparar, devagar no começo, mas mais depressa a cada passo, até que sinto que alguém jogou uma rede de fogo sobre meu

corpo. O que encontraremos quando alcançarmos o rio vermelho? Se não acharmos a arma, não teremos nada, nenhuma esperança de derrotar Caro. E se encontrarmos…

E se encontrarmos, teremos que a usar. Eu terei que acabar com Caro.

O pensamento é inesperado, as palavras — *acabar com Caro* — evocando a sensação de enfiar minha adaga na lateral de seu corpo. Estremeço, estômago e coração se contraindo. A ideia de fazer aquilo de novo é aterrorizante. Meus próprios sentimentos são um labirinto sombrio. Tenho que matar Caro — não tenho escolha —, no entanto, mesmo a ideia parece impossível. Tanto porque me sinto nauseada só de imaginar e porque a arma de que preciso — a adaga estranha e cintilante no Forte da Ladra — não está em lugar nenhum, ainda que, até onde sei, só tenha estado em minha posse.

Uma ideia estranha me ocorre. E se escondi a arma de propósito? Não de Caro — e se a escondi de mim mesma?

Mas não faz sentido. Se roubei o coração de Caro, devia estar tentado feri-la. Matá-la, para impedi-la de empunhar seu poder por toda Sempera. Ela é minha inimiga.

Depois do que parece um longo tempo caminhando em silêncio, com o borbulhar suave do rio ao nosso lado, chegamos a uma clareira, um pequeno vale salpicado de luz. Embora o sol deva estar alto no céu a esta hora, o emaranhado de galhos acima filtra a luz, projetando uma rede de sombras sobre nós. À frente, o riacho reduz de velocidade e se alarga, tornando-se um fluxo calmo de água. Na extremidade, como o garoto disse, há uma pequena cascata. Ela cai borrifando uma névoa prateada que faz as árvores cintilarem.

Perco o fôlego. A cena é linda e me viro automaticamente para Liam, querendo ver a imagem refletida nos olhos dele. Ele tirou a capa enquanto caminhávamos, e seus ombros se mexem sob o tecido branco da camisa quando ele afasta o cabelo da testa. Seus lábios estão entreabertos, seus olhos arregalados — e eu aproveito o momento só para olhar para ele.

— Acha que está aqui? A arma? — pergunta.

Não consigo evitar abrir um sorriso. *Ele* está me fazendo uma pergunta agora, não o contrário.

— Não sei, mas logo vamos descobrir.

Meus pés me puxam para a frente outra vez, em direção a uma pedra grande enterrada no lodo, metade submersa e metade fora da água. Ergo minha saia com a mão, tirando as botas para poder vadear e examiná-la de todos os lados. Sinto Liam me observando, mas estou empolgada demais com a atração que puxa meu peito assim que piso no rio para refletir sobre como isso deve parecer estranho. A água fria envia um choque agradável pelo meu corpo.

E então eu vejo — uma marca pálida na pedra escura, uma série de rabiscos na superfície formando uma cobra e uma raposa, lado a lado.

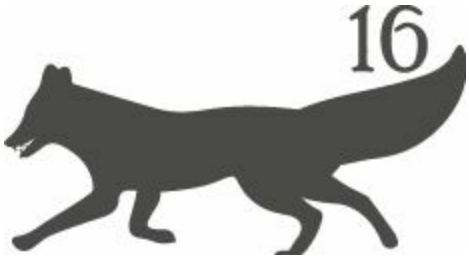
Meu coração se aperta. Encantada, estendo a mão para tocar a imagem. Quando roço os dedos na pedra úmida, o ar muda ao meu redor, parecendo contrair-se e expandir-se, e meus sentidos são invadidos pelo aroma de flores silvestres.

Outra lembrança enterrada.

Ergo os olhos para chamar por Liam, mas ele não está mais lá. Em vez disso, há uma garota na margem, do outro lado do riacho. Magra e ofegante, com o cabelo escuro úmido caindo pelos ombros, seu rosto é mais familiar para mim do que o meu.

Minha velha inimiga.

Caro.



Liam sumiu. Eu entrei em outro mundo — outro tempo.

A clareira mudou; é a mesma, mas ainda assim diferente. As árvores são mais finas e, em vez de formar uma cobertura espessa, criam um tipo de treliça frouxa, deixando grandes feixes de luz do sol cobrirem a água. Pássaros cantam escondidos em seus galhos. O aroma de terra quente e flores silvestres flutua preguiçosamente na brisa.

Então, a pequena parte de mim capaz de observar os arredores como Jules Ember é carregada por uma onda de sensações. Não são minhas.

O pânico explode no coração da Alquimista, no *meu* coração. Ele martela contra minhas costelas, trovejante e ritmado, tentando irromper de mim e escapar. Meu sangue dispara pelas veias, e imagens desordenadas e incompreensíveis cruzam minha mente em sequência rápida. Um salão grandioso com um assoalho de madeira lustroso. Uma mesa com metais e pós cintilantes. Caro — Caro ao meu lado e um homem me estendendo um frasco brilhante. O sorriso no rosto dele vai de orelha a orelha.

Então — culpa. Ondas de culpa que quebram em mim sem parar. Desabo de joelhos na margem da água, ofegante. Sinto uma dor aguda na coxa.

Abaixo os olhos e vejo a adaga de rubi encostada no tecido da minha calça. O choque me atravessa. A lâmina não está embainhada, mas enfiada às

pressas no meu cinto. O cabo de cobra retorcido esquenta meus dedos e quase parece vibrar, como uma coisa viva. É lindo, elegante, afiado e…

Há sangue manchando a lâmina. Sangue vermelho, pegajoso e brilhante.

— Não, não, não — murmuro. Com as mãos trêmulas, mergulho a adaga na água ao redor dos joelhos. O sangue se esvai. Quando puxo a lâmina de volta, ela está brilhando de novo, e o alívio me preenche — mas, em questão de segundos, meus dedos roçam uma mancha de sangue que não foi lavada, uma gota vermelha que beija o cabo. Submerjo a lâmina de novo e esfrego, mas, toda vez que a ergo, encontro algo. A cada vez, avanço mais na água, até que ela me cobre o pescoço. E então, de repente, estou chorando, meus ombros erguendo e descendo com soluços silenciosos.

Um graveto estala em algum lugar atrás de mim e me faz parar. Ergo os olhos, alerta. Um cão de caça me encara com olhos pretos feito carvão.

Meu peito se contrai. Pânico.

Uma figura sai dentre as árvores, logo atrás do rabo rígido do animal: Caro, com o cabelo escuro e curto. Submersa até o pescoço, eu a vejo antes que ela me veja, os olhos cor de musgo examinando a clareira, sua cabeça girando lentamente como se *ela* tivesse me farejado.

Caro me avista e para antes de começar a andar com tranquilidade até a margem d'água.

— Antonia. — Seu tom é leve e informal, mas sei que não posso confiar nele. — Achei que a encontraria aqui.

Não me mexo, meu olhar passando de Caro ao cachorro.

— Ever te mandou para me punir?

Como resposta, Caro apenas suspira, tira as botas na margem e ergue a saia.

— Não. Você é sempre tão dramática. Só vim descobrir o que, pelos céus, está acontecendo com você. O que houve lá atrás? — chama, sua voz atravessando a água.

— Você ficou ferida? — pergunto, tentando manter um tom neutro.

— Ferida? Eu? Você jamais conseguiria. — Caro sorri, mas o humor morre imediatamente. — Caso esteja se perguntando, Ever está bem. Mas você nos assustou, Antonia.

Sob a água, aperto a adaga com força.

— Sinto muito. Eu… perdi o controle.

Ela sorri de novo para mim, mas vejo que o sorriso parece menos brilhante do que um momento atrás. A suspeita espreita em seus olhos. Ao mesmo tempo, ela dá um passo para a frente, inclinando a cabeça, brincalhona, e corre a mão sobre a superfície da clareira, criando uma onda de água brilhante em minha direção.

Pulo para trás, rindo alto, mas a risada parece vazia e forçada aos meus ouvidos. Caro dá um passo à frente. Sinto um calafrio que não tem nenhuma relação com a água fresca ou com a brisa de verão brincando sobre minha pele úmida.

Como se lesse meus pensamentos, ela me chama com um gesto.

— Venha, Antonia. Volte para casa.

— E se eu não for? Ele vai mandar os cachorros virem atrás de mim? — protesto. Minha voz sai rabugenta e fraca.

— Você sabe que é só uma brincadeira — bufa Caro, mas não consegue evitar e se afasta um pouco do cão, como se estivesse tentando se distanciar da mentira. — Ele não está aborrecido, juro. O que você esperava quando começou a fazer experimentos com magia tão poderosa quanto a nossa? As pessoas vão se ferir. Os fortes sobrevivem.

O temor me domina, mas vadeio até ela e lhe estendo o cabo da adaga. Caro avança graciosamente, a água subindo devagar pelo seu vestido como dedos escuros. Ela a toma de mim e a segura como se fosse um tecido fino. Seus lábios se curvam num sorriso enquanto ela a encara.

— Destrua quantos cômodos quiser, Antonia — diz, um pouco sem fôlego. — Se isso for o necessário para criar algo assim. Veja.

Ela ergue a lâmina e, por um instante, meu corpo inteiro arrepia

Ela ergue a lâmina e por um instante meu corpo inteiro enrijece, esperando um ataque. Mas Caro só a golpeia contra o ar, admirando como brilha sob os feixes de sol, como se não fosse nem um pouco pesada. Eu gostaria de poder tomá-la de volta e soltá-la, deixando-a afundar até o fundo da clareira até se perder para sempre na areia macia. O medo se expande dentro de mim. Todo o meu corpo sabe que isso é errado. Não deveríamos ter esse objeto.

— Você vinculou força a esta lâmina. — A voz de Caro soa maravilhada, quase reverente. — É exatamente por isso que estamos trabalhando. E veja o que consigo fazer sem me machucar mais.

Correndo de volta à margem, colhe uma flor de um amarelo vívido do solo. Eu observo a flor murchar e morrer na palma de mão aberta dela — e, então, encher-se de força e cor de novo antes de estourar, cobrindo as mãos dela de confetes verdes e amarelos. Caro tirou vida e a concedeu de volta, tudo com a naturalidade com que respira.

Quando olha para mim a fim de julgar minha reação, seu sorriso largo e orgulhoso dá lugar a uma careta.

— Por que não está feliz?

Meu coração bate mais forte.

— Eu estou.

— Não minta para mim. — A voz dela está tão leve quanto sempre, mas sinto uma pontada de medo. Ela dá um passo mais para perto e gira a adaga nas mãos com naturalidade. Será que estou imaginando que, por um segundo, sua ponta está mirando exatamente para o meu pescoço?

Pisco, e a lâmina é girada de novo. Caro a oferece a mim com o sorriso de sempre.

— É maravilhoso, Antonia — diz quando eu a tomo de volta. — O seu poder. Não tenha medo dele. — A mão dela vem parar no meu ombro e repousa ali por um segundo, quente como o fogo através do tecido molhado do meu vestido.

— Eu não tenho medo — digo rapidamente. — Talvez você devesse ter medo.

Caro inclina a cabeça.

— Por que eu teria? Nosso poder é invencível. Nós seremos invencíveis um dia, você sabe disso.

— Nada é invencível, não mesmo — digo em voz baixa, encaixando a adaga no cinto. — Só é preciso achar algo mais forte.

17



Quando abro os olhos, um vapor está erguendo-se suavemente da superfície da água, que agora está morna ao redor da minha cintura. Meu cabelo e minha combinação estão encharcados, mas o vapor me envolve. Estou segura. Protegida.

Mas ele se torna mais espesso, o suficiente para fazer a figura que se aproxima de mim parecer uma sombra vagante. Um pânico animalesco me toma, fazendo o nome *Feiticeira* pulsar pelo meu sangue. Ela está aqui. Veio atrás de mim.

Então a forma agarra meu pulso e eu solto um grito que parece irradiar ondas e mais ondas de frio na água, obliterando todo o calor. O estalar de gelo se formando encobre os sons dos bosques como uma renda fina, enquanto o vapor ao nosso redor se transforma imediatamente em neve. Os flocos caem de uma só vez na superfície da água, incontáveis corpos congelados submergindo.

— Jules!

Liam. Não estou mais na lembrança. Respiro fundo, lembrando que sou Jules, e é claro que é Liam se aproximando, com os lábios arroxeados devido ao frio repentino. Ao meu redor, a luz mudou e as árvores parecem maiores e mais antigas do que pareciam ser momentos atrás. Recordo a expressão no

rosto da jovem Caro — um poder puro e faminto — e em um instante sei onde estou, *quando* estou.

Estou tremendo violentamente. Está muito frio.

— Desculpa, desculpa… Eu não queria fazer isso. Nunca aconteceu antes. — Minha voz sai mais irritada do que pretendia, mas em segundos a água volta a uma temperatura normal. Agora que recuperei a razão, percebo que estamos ambos mergulhados. A capa de Liam está amarrotada em uma pedra próxima. Meu queixo cai. — O que… O que aconteceu?

Liam pigarreia.

— Você entrou na água.

— Eu… acho que estava correndo. — Olho para baixo. A corrente flui ao redor da minha cintura, mas na lembrança não passava da altura dos joelhos nas bordas. — Eu era Antonia de novo. A lembrança deve ser de séculos atrás.

Liam se remexe.

— Um vapor começou a se erguer da água e estava tão espesso que não conseguia ver você. Não sabia o que estava acontecendo.

Sinto uma nova pontada de vergonha. Meu rosto fica quente.

— Eu estava com raiva. Com medo, também. — Lembro-me do sangue que manchava a adaga, de como tentei lavar a lâmina como se não suportasse aquela visão. — Tinha ferido alguém. Caro, acho.

Um momento se passa e eu me preparo para o momento em que ele vai se afastar de mim. Mas, em vez disso, ele se aproxima um pouco, murmurando algo sobre o frio, embora eu possa ver que um rubor se espalha por seu rosto. Fico dividida e viro um pouco de lado, desviando o olhar, resistindo ao impulso de jogar os braços ao redor dele. Todos os meus sentidos parecem ter sido aguçados. Sinto-me hiperciente de cada pequeno som e movimento, do calor que sobe pelo pescoço e pelo rosto dele, do barulho suave da água conforme ele se aproxima, parando apenas a pouco mais de um braço de distância. A água sobe devagar pelo tecido branco da camisa dele. A névoa

pousa e brilha em seu cabelo escuro, e algo quente e inquieto se remexe sob minhas costelas.

— O que você viu? — pergunta. Sua postura é rígida e seus olhos estão cuidadosamente fixos no meu rosto.

O rosto mais jovem e sorridente de Caro passa pela minha mente, seus olhos que pareciam variar de tons de verde.

— Eu estava com a adaga, fugindo de algo que tinha feito. Mas Caro me encontrou, como sempre.

Balanço a cabeça para me livrar do emaranhado de emoções. Liam aperta meu ombro com gentileza, e eu não o afasto, mesmo quando seu olhar se torna um pouco mais suave. Envolvendo o braço ao redor da minha cintura de modo que mal consigo sentir sua pele através da minha camisa encharcada, ele me guia de volta à margem. Sento-me numa pedra plana. Ele joga sua capa ao redor dos meus ombros. Quando paro de tremer, pergunta:

— Esqueça Caro. Descobriu algo sobre a arma?

— Sim — respondo suspirando, grata pela concentração dele, por não ter que suportar isso sozinha.

Com o máximo de detalhes possível, conto a ele sobre a adaga feita por mim — por Antonia —, uma lâmina de joia vinculada à força. Sobre como ela zumbia com poder, como Caro girou a lâmina contra a minha garganta. Enquanto reconto a visão, a imagem da Caro levemente mais jovem parece flutuar para longe, achatando-se até parecer uma ilustração num livro em vez de uma lembrança real. Meu coração se acalma, pelo menos até que a imagem da Caro que eu conheço desta vida surge para tomar o lugar dela — fria, cruel, faminta.

— O que acha que significa? É só disso que precisamos? Força?

— Não sei — diz Liam suavemente.

Será que a arma poderia mesmo ser vinculada à força? Mas a dúvida de Liam ecoa em mim, e logo dispenso a ideia. Se fosse apenas força, Caro

poderia ter usado a arma contra mim. Não, seria preciso mais do que isso para derrotar a Feiticeira.

— Isso não importa se não conseguirmos encontrá-la. Havia mais alguma coisa, qualquer coisa específica?

Tenho que vasculhar meus pensamentos confusos.

— Nós falamos sobre um homem, Ever. — Fecho os olhos de leve, borrando a clareira ao meu redor e tentando evocar a memória. Lembro da mistura de assombro e medo quando falei esse nome. — Caro devia estar me levando de volta para ele.

Liam olha para a água, um pouco de cor manchando suas bochechas.

— Lorde Ever. Meu ancestral.

As palavras pairam no ar entre nós, óbvias agora que foram ditas. O homem das histórias — o lorde cruel — não tinha um nome até agora. Não estava nas minhas memórias nem nos pesadelos da infância. Mas é como se, ao falar o seu nome na lembrança, eu lhe tenha dado vida. O medo enrijece minha pele, e gotas de suor frio se formam nas minhas costas.

— Não tenho orgulho disso — acrescenta Liam, seco.

Respiro fundo. Ele é mais do que o seu sangue, digo a mim mesma. Já vi alguns Gerling dissolverem anos de tempo no chá como se fossem cubos de açúcar. Liam não é assim. Seu coração é bom.

— Talvez signifique algo… Talvez haja algo em Everless — falo. Minha pele se tensiona como que em aviso. *Não posso voltar.* — Não há um rio, mas um lago…

— Ivan está lá — Liam me interrompe de modo abrupto. — Meu pai está lá. Everless é provavelmente ainda menos segura para você do que Shorehaven. Além disso, eu revirei aquele lugar e não há nada além de porcelana inútil e ferros-sanguíneos empoeirados. Não podemos arriscar. — Há apenas uma pontada de tristeza em sua voz. Seus ombros se curvam um pouco e ele desvia o olhar, voltando-se para a cascata e enxugando a leve

camada de névoa do rosto. — Lorde Ever está morto e enterrado. Não há nada que já não soubéssemos das histórias.

— Talvez as histórias estejam erradas — digo automaticamente.

As faces de Liam coram como um aviso, mas não retiro o que disse. Não deveria ter que fazer isso. Continuo:

— As histórias têm sido úteis, mas não são infalíveis.

— Eu não disse que eram perfeitas, mas elas me levaram até você, não levaram? — Ele muda de assunto de modo abrupto. — Viu algo sobre matar Caro?

— Bem… — Minha mente trabalha, girando a recordação para inspecioná-la de cada ângulo, como se fosse uma moeda de ferro-sanguíneo. Baixo os olhos para encarar as minhas mãos, contemplando o que descobri. As mãos da Alquimista quando ela era Antonia, que entalharam a força na lâmina. As mesmas mãos que entrelaçaram o tempo ao sangue. — Eu vinculei força à lâmina — raciocino em voz alta. — É só uma prova de que a arma *existe* de fato. Vinculada à força ou… Não sei, algo forte o bastante para matar a Feiticeira. Eu disse isso para Caro. Praticamente a ameacei.

Liam balança a cabeça, encarando o nada.

— Jules, nenhuma história fala de uma arma como a que você descreveu. Nem na guerra mais sangrenta de Sempera.

— Só porque não está registrado em algum lugar não significa que não aconteceu. — Preciso que isso seja verdade, porque sei que há algum conhecimento oculto por aí que nos ajudará a destruir Caro. — A falecida rainha destruiu os segredos do tempo sanguíneo para mantê-los só para si, não é? Vai saber quantos outros segredos foram enterrados pela história?

— Você já considerou que… — Ele para abruptamente e então olha para mim com a boca curvada para baixo.

— O quê? — Uma empolgação, uma esperança, até, desabrocha em mim. Aguardo a conclusão dele, esperando que uma reviravolta brilhante de lógica saia de sua boca, algum fato não esquecido que vai deixar tudo nítido.

Liam leva um momento para responder.

— Você já considerou que essas lembranças podem ser mentiras? Ou só mais uma das armadilhas de Caro?

Inspiro com força, magoada. Parte de mim reconhece que eu poderia pensar a mesma coisa se estivesse no lugar de Liam — mas a outra parte, furiosa, quer gritar com ele. Porque, se não confiar em mim mesma — se estiver equivocada e a verdade não estiver em mim, trancada a salvo dos truques e enganos de Caro —, sinto que poderei desmoronar por completo.

— Por quê? Porque você não tem *fontes* sobre isso? Seus documentos falavam de uma arma.

Ele corre uma mão pelo cabelo ainda molhado e exala, frustrado.

— Até Stef falou que havia algo esquisito nas suas memórias.

— *Esquisito*. — Eu me ergo e deixo a capa dele cair dos meus ombros. Meu corpo todo arde como brasas. — Você disse que Stef não sabia o que estava falando. Além disso, não chegamos até aqui seguindo um capricho. Meu diário disse para procurar o rio vermelho. Você nos trouxe aqui, lembra? E nós *encontramos* algo rastreando o meu passado.

— Tivemos sorte, mas não temos tempo para correr por toda Sempera juntando as peças. Viemos aqui com um objetivo e fracassamos. Não estamos mais perto de encontrar a arma — rebate Liam. — Enquanto isso, os cães de Caro estão atrás de você.

— Não sei o que fazer além de juntar as peças do melhor jeito que posso. — Fecho os punhos. — Talvez você devesse ter me contado quem eu era antes.

— Talvez você não devesse ter voltado para Everless —diz ele com frieza.

Eu me viro para esconder as lágrimas nadando em meus olhos, e minha blusa de repente parece fria e grudenta contra a pele. Há um momento de silêncio e então, atrás de mim, ouço Liam se levantar. Lenta e gentilmente, ele chega ao meu lado e dessa vez deposita a minha capa sobre meus ombros.

— Sinto muito, Jules. — As palavras dele estão mais suaves, implorando de uma forma que instila em mim um tipo de medo que Caro nunca me fez sentir. E o mais assustador é que acredito nele. — Eu só não posso deixar você… Não suporto a ideia de…

Por favor, não termine a frase, penso, porque já sei o que ele quer dizer. *Não suporto a ideia de perder você.*

Engulo, piscando. A dor e o medo na voz dele ameaçam dissolver minha raiva. Em vez disso, eu a cristalizo e a deixo fria e dura e permanente como pedra.

— O mundo seria melhor se a sua família nunca tivesse existido — cuspo. — Nada disso teria acontecido.

Um momento se passa, alongando-se insuportavelmente, tão longo que acho que congelei o tempo por acidente. Então Liam pega sua própria capa e a veste, com movimentos tensos e estalando de raiva contida. Sinto uma fisgada de culpa e medo, mas não importa.

É o custo de mantê-lo a salvo.

Antes que possa questioná-lo mais, Liam se vira e se afasta de mim, seguindo diretamente para a floresta.

***

As emoções fervilhantes entre nós não se dissipam enquanto voltamos para Bellwood sem nos falar. Quando emergimos da floresta e começamos a caminhar entre os prédios encimados por domos de Montmere, mantemos o silêncio. Uma jovem passa, vendendo flores de uma cesta em seu braço. As rosas vermelho-sangue me lembram da flor na palma de Caro — de como tirou a vida da planta e então a devolveu sem esforço.

Eu tirei aquele poder dela, pelo menos em parte. Sinto uma mistura estranha de orgulho e confusão. Agora ela depende de outras pessoas para extrair a sua força. Lembro-me da velha rainha, pálida e fria ao toque, mesmo em vida. Do que Caro disse após sua queda. *Bebi centenas de anos e odeio o gosto.*

O sol se põe, lançando a escuridão sobre nós com delicadeza. Ao anoitecer, é mais fácil deixar minha mente vagar. Eu me vejo desejando, mais do que nunca, que o caminho fosse mais claro, que eu tivesse mais poder, que meu passado não estivesse encoberto em mistério. Faço uma prece a todos que perdi — Roan, papai, Amma — e peço que, quando voltarmos a Bellwood, o caminho para destruir a Feiticeira se abra à nossa frente, claro e brilhante e nítido.

Não, não uma prece — uma promessa.

Encaro as costas de Liam, desejando poder dizer isso a ele. Sob a capa, seus músculos se movem com determinação sombria.

Adiante, avistamos o portão principal de Bellwood. Elias está lá.

Sinto uma pontada de alívio ao vê-lo seguro, vivo — mas o que há atrás dele faz meus pés fincarem no chão. É uma silhueta escura montada num cavalo, acompanhada por um grupo de soldados. A figura está encoberta da cabeça aos pés e move-se com uma elegância quase sobrenatural que faz um fio de gelo descer pela minha espinha.

Vieram me buscar, uma vozinha sussurra em mim.

18



Liam joga um braço protetor à minha frente antes de me puxar para uma fileira de arbustos. É nossa melhor defesa, fora arriscar uma exibição de magia. Ao lado dele, pressiono o rosto contra a grama úmida de primavera para abafar minha respiração.

Nem ouso virar a cabeça para olhar para o portão de entrada, mas estamos tão perto que detecto a voz de Elias e, mesmo com o coração martelando nos ouvidos, acho que consigo identificar a tensão nela.

— Agradeço a escolta, embora tenha sido desnecessária. Connemor já viu sua cota de assassinos e bandidos…

Parece que leva uma eternidade para os soldados — há tantos deles, com certeza uma dúzia — e o estranho homem a cavalo adentrarem a escola. Meu coração não se acalma quando seus passos esvanecem. Está completamente escuro quando Liam e eu por fim voltamos para o Forte da Ladra. Elias está logo além do arco, nos esperando para entrar.

No andar de cima, Liam começa a andar de um lado para outro imediatamente. É mais fácil ficar calma vendo-o tão aflito. Elias sorri para mim enquanto Liam explode:

— Quem era aquele? O homem a cavalo?

— Olá para você também. — O sorriso de Elias vacila por um instante. — Um mercenário que Ina contratou para encontrar você, srta. Ember. A rainha

insistiu que ele me escoltasse de volta a Bellwood… dado que estou tão ansioso para retornar aos estudos.

— Eles sabem que estou aqui? — pergunto.

Elias faz uma pausa.

— Acho que não. Mas esse caçador não é muito de falar. Não faço ideia de quais informações ele tem. Ninguém sabe nada sobre ele, de onde vem ou por que ela o escolheu. — Ele troca o pé de apoio. — Mas Caro parece confiar muito nele. Ordenou que a maioria dos soldados vigiasse rios e portos, deixando o Caçador reinar no interior. Pensei que seria uma farsa para manter o povo calmo, mas ela parece genuinamente confiante de que ele vai encontrar você.

Gelo escorre pela minha espinha. Que tipo de magia ou dispositivo Ina — por meio de Caro — poderia ter dado a esse Caçador? Os soldados postados por Sempera já eram ameaça suficiente, mas o homem encapotado, cuja mera silhueta já me fez congelar… quem sabe do que ele é capaz? Há ameaças suficientes espreitando em meu passado. A ideia de mais um inimigo me perseguindo pelo país me faz sentir uma onda de exaustão.

— Tem mais uma coisa. — Elias abaixa os olhos para o chão, encabulado. — Linfort, o diretor de Bellwood, requisitou a presença de Liam em um jantar para receber o Caçador e seus soldados reais.

O sangue drena do meu rosto.

— Ele sabe algo? Que Liam está me ajudando?

— Não — diz Elias calmamente. — O mestre Linfort não seria capaz de guardar um segredo desses nem se lhe oferecessem mil moedas anuais. Ele só gosta de ostentar seu estimado Gerling para convidados chiques. Não se preocupe, Jules.

Liam estanca de súbito.

— Precisamos partir. Agora.

Não, penso. Apesar da chegada do Caçador — uma extensão de Caro —, estar no Forte da Ladra me fez sentir segura pela primeira vez desde que fugi

de Everless. Além disso, a lembrança da cascata enche minha mente de novo e, dessa vez, uma nova sensação a acompanha: um pequeno espasmo de poder. Posso não ter enfrentado Caro na ocasião, mas as palavras dela permanecem: *O seu poder. Não tenha medo dele.*

Eu não tenho medo.

Mas quero que seja verdade. Não quero mais ter medo.

Sei, porém, pelo olhar de pânico selvagem de Liam, que ele não vai aceitar isso.

Então só falo:

— Elias tem razão. Não podemos partir agora. Vai levantar suspeitas se não aparecer no jantar.

Sou interrompida pelo *pop* de uma garrafa. Elias dá um sorriso maroto. Ele tirou uma garrafa de vinho da bolsa e serve uma taça um tanto grande que estende para mim.

— Enquanto estiver fora, Jules e eu vamos nos divertir. Afinal, sobrevivemos à Feiticeira até agora.

— Ignore-o, Jules — diz Liam altivamente. Para Elias, fala: — Não é hora para seu humor mórbido.

— Pelo contrário, é sempre hora. — Elias se alonga, reclinando-se na cadeira. — Vocês semperanos não têm senso de humor.

— Ah, é? — O questionamento vem de mim. — Como são os connemorianos, então?

Elias sorri para mim.

— Fico feliz que perguntou, srta. Ember — diz. — Em primeiro lugar, incrivelmente atraentes. Nossa alegria… acho que vem de não ter invernos que duram uma eternidade. E em Connemor, quando você sente alguma coisa, é considerado rude enterrar o sentimento sob camadas de rigidez e formalidade. — Elias olha para Liam. — Não faça essa cara. Não é o que você sempre sonhou, estar aqui com a… — Ele ergue a mão e gesticula de modo vago na minha direção, e a abaixa quando Liam se ergue às pressas.

Corando violentamente, percebo o que ele pretendia dizer: *estar aqui com a Alquimista.*

Liam se empertiga de repente e tamborila os dedos na mesa.

— Vou ao jantar, mas vamos partir assim que eu retornar. Pelo menos um de nós deveria levar isso a sério.

As palavras farpadas cravam-se em minha pele, mas não protesto. Quando ele sai, a tensão vaza de mim e eu desabo na cama. É mais fácil esquecer a emoção evocada pela ideia da presença de Liam aqui, sentado com livros abertos no colo, sonhando com a Alquimista — comigo.

Lá fora, os sinos da torre da escola badalam — para ocasiões especiais, segundo Elias me conta — e então o som some na noite. A agitação dos pássaros nas árvores deu lugar aos primeiros grilos da estação. Conto tudo a Elias: sobre Stef, a arma na forma de uma presa curva feita de pedra e joia, com uma cobra de metal entalhada ao seu redor, e a pista encontrada no meu diário que espero que nos leve até ela.

Elias me ouve com interesse. Seus modos, o charme escorado por uma intensidade séria, fascinam-me. Quando termino, ele pega várias outras garrafas e um pouco de comida.

— Onde arranjou o vinho? — pergunto.

— Roubei do palácio quando dei as caras por lá, obviamente. Sobraram algumas depois da coroação, que *foi* interrompida de maneira um pouco abrupta.

— Sim, eu lembro. — Solto uma risada.

Ele enche minha taça.

— O seu progresso merece ser celebrado.

— Progresso? Que progresso? — Mantenho a voz sarcástica, tentando não deixar transparecer que espero que ele responda sinceramente.

— Você sabe que há uma arma por aí que pode matá-la. Tudo que tem que fazer é a encontrar — diz, apenas. Inclina-se para a frente e aperta minha mão. — E, o mais importante, você está aqui.

O ar carrega o calor gentil do verão, e nos sentamos juntos à pequena escrivaninha, comendo pão e queijo e maçãs. Por fim — e depois de vários goles de vinho —, reúno a coragem para falar.

— Você e Liam conhecem a minha história. É justo que eu conheça a sua.

— É um conto tedioso, srta. Ember — retruca Elias.

— Você ajudou a salvar a minha vida. Acho que podemos largar esse papo de *srta. Ember*. — Eu lhe ofereço o meu melhor sorriso. — Só Jules basta, obrigada.

Seus dentes lampejam em um sorriso radiante.

— Tudo bem, então, Só Jules. — Seu sotaque suaviza o *jota* no meu nome. — Não a invejo por estar viajando com Liam por alguns dias. Estou surpreso que você ainda lembre como conversar.

O tom dele não é mordaz, como quando Ina ou Caro debochavam de Liam em Everless. É afetuoso, talvez até um pouco protetor. Lembra-me de algo que Amma e eu costumávamos fazer, provocando uma a outra antes que outra pessoa pudesse fazê-lo, porque uma piada de alguém que você ama não machuca. O luto se move dentro de mim. Tomo um gole de vinho para afastá-lo.

Ocorre-me que Elias provavelmente conhece Liam Gerling melhor do que qualquer pessoa que encontrei em Everless — talvez melhor do que qualquer pessoa no mundo —, e sou tomada por curiosidade.

— Se você vem das terras não vinculadas, como acabou por estes portos?

— Terras não vinculadas? — Elias ri sem crueldade, mas eu me sinto corar. — É um jeito exótico de dizer, quando na verdade são vocês, semperanos, que são os estranhos no ninho do mundo. A única terra com magia.

— Eu nunca saí daqui — argumento —, então não saberia dizer.

— A maioria nunca se moveu em qualquer direção. — Ele se inclina para a frente. — Todos têm medo. — Ele deve ter visto minha expressão chocada, porque ri. — Não de *você*, Jules. Têm medo de Sempera e sua magia. Você

tem que ouvir as histórias sobre esse lugar. Alguns dizem que, assim que se pisa em Sempera, a própria terra drena cada gota de sangue de você. O medo favoreceu sua antiga rainha.

Isso eu sei que é verdade.

— Então a sua família era corajosa. Enviaram você para estudar aqui e…

— Bem, a minha família… Nós somos como embaixadores. Estudiosos, também. Mas, sim, recebemos uma dispensa especial da sua rainha para entrar em Sempera quando ninguém mais podia. — Elias estica as pernas. Fico calada, sem querer revelar que nunca ouvi falar de uma família assim. — Por séculos, quase todas as crianças da família passaram um tempo em outra terra de sua escolha, aprendendo sobre os costumes, a história, o tipo de comércio, antes de retornar a nossa própria terra para assumir nossos deveres oficiais. Dizem que a prática torna nosso país mais forte. Mais seguro. Melhor — acrescenta ele depressa.

— Melhor? — A suspeita se agita em mim. Posso entender o raciocínio, apesar da inveja que sinto, mas, de certa forma, o que Elias descreve soa um pouco com o que os Gerling fazem com ferros-sanguíneos. De certa forma, parece um roubo.

Elias aponta para fora, em direção a um prédio grande coberto de hera com um telhado pontiagudo e janelas brilhando douradas no escuro.

— Olhe, dá para ver a biblioteca onde passei a maior parte dos últimos seis anos.

— O que você estuda? — pergunto, um pouco animada demais. Mas me vejo querendo saber tudo sobre Elias e este lugar e a vida dele aqui. A vida que compartilha com Liam. É um desejo meio estranho, meio ternura e meio inveja.

— Oficialmente? — Elias ergue uma sobrancelha. — Filosofia.

Bufo. Nunca ouvi falar de um filósofo em Sempera.

— E… extraoficialmente? — encorajo.

Ele considera a pergunta, passando o dedo ao redor da taça de vinho.

— O seu país não é o único infectado por magia. O nosso já foi também… e juramos, há muito tempo, não deixar isso acontecer de novo.

— Infectado? — É uma escolha de palavra estranha, muito similar à de Stef.

Ele faz uma pausa e bebe um gole de vinho.

— Séculos atrás, dois connemorianos nasceram com a habilidade de mudar de forma. Diz-se que isso foi só o começo; quando eram crianças, supostamente aprimoraram suas habilidades e tentaram ampliá-las. Vou poupá-la dos detalhes, basta dizer que tiveram sucesso. O poder os consumiu por completo. Eles se tornaram puro mal.

Assinto, fascinada. Não consigo imaginar Caro sendo mais consumida pela magia, mais maligna do que já é. Estremeço só de pensar.

Elias continua.

— Connemor os derrotou… após um tempo, e com grandes sacrifícios. Eu escolhi vir até a sua terra para aprender o que podia sobre o tempo sanguíneo. É melhor estar ciente das magias que espreitam nos confins obscuros do mundo.

Penso em Caro — em como, quanto mais tento aprender sobre ela e o meu passado, mais rapidamente qualquer informação que obtenho escorre pelos meus dedos. Lembro da rainha chegando para queimar o Forte da Ladra, como um alerta de que os segredos do tempo eram só dela. Massacrando os estudiosos que pesquisavam daqui.

— Não consigo imaginar que você pense que é muito seguro permanecer em Sempera agora.

Os dentes de Elias brilham de novo naquele seu sorriso.

— Você não sabia, Jules? Tudo que vale a pena fazer é perigoso.

— Algumas semanas atrás, eu não teria concordado com você — murmuro. Minhas antigas ambições passam pela cabeça: uma cabaninha bem-cuidada nos arredores da cidade. Um lote de terra fértil o bastante para

manter a mim e a minha família alimentados, e um teto para nos manter aquecidos e seguros no inverno. — Então, está aqui por um senso de dever?

— Bem, não é só o dever que me mantém aqui agora. É mais… pessoal. — Elias toma um gole de vinho, de novo me olhando como se estivesse me avaliando.

— Por quê? — pergunto, desconfiada.

Ele solta um suspiro exaspero.

— Porque — diz — meu melhor amigo está apai…

Eu praticamente grito "pare" antes que a palavra saia da boca dele. Recuo de maneira brusca, as palavras de Elias me impactando como um golpe físico.

Fico sentada em silêncio, absorvendo essa informação, sendo envolvida pela enormidade do que ainda não sei. O rosto de Liam aparece na minha mente. Por fim, recupero a voz, embora ela saia lenta e baixa.

— Não diga isso. Eu já perdi tantas pessoas, não posso… Não posso pensar nessas coisas.

Elias me escrutiniza. Ficamos sentados em silêncio por um tempo, bebendo vinho e, pela janela, observando a lua se erguer lá. Quase consigo sentir as palavras dele se assentando sobre mim, como tinta preta misturando-se com o meu sangue, inscrevendo-se em meus ossos. Como se as pronunciar acendesse um farol para Caro, para o Caçador, marcando Liam para a morte.

Elias rompe o silêncio.

— Sempre pensei que, talvez, se conhecêssemos o passado, poderíamos mudar o futuro. Mas você, Jules, está na melhor posição de fazer exatamente isso.

— Como assim? — Fico tensa, desconfortável ao ver como as palavras dele se aproximam de meus pensamentos mais íntimos.

Elias fica quieto por um longo momento, seu rosto ainda sob o luar; nossas lâmpadas estão se apagando. Instintivamente, sei que ele está tomando algum tipo de decisão, considerando uma escolha.

Você, mais do que qualquer pessoa, deve saber que o passado tem o

— Você, mais do que qualquer pessoa, deve saber que o passado tem o hábito de se repetir…

Uma risada amarga escapa de mim.

— Mas isso não significa que o passado *tem* de se repetir. Temos que acreditar que podemos mudar o futuro. Senão, qual é o sentido de tudo isso?

Abro e fecho a boca, ainda não conseguindo encontrar palavras. O discurso dele agita algo em mim, mas, o que quer que seja, tenho medo de olhar muito de perto. O rosto de Caro se forma e flutua em minha mente, seus olhos de um verde-garrafa profundo, seus lábios curvados num sorriso. A ideia de quebrar o ciclo de morte faz um arrepio me penetrar até o fundo da alma.

— No mínimo, só saiba que eu quero ajudar você, Jules. Porque Liam é como se fosse família para mim. — Toma um gole de vinho. Outro sorriso malandro se abre em seu rosto. — Ou talvez eu só esteja entediado. Ainda assim, pense nas possibilidades, nas coisas que você poderia realizar — continua, irreverência e seriedade mortal se emaranhando em sua voz. Há algo familiar no discurso dele. Percebo com um sobressalto que Caro disse coisas parecidas a Antonia. — Se tivesse as suas habilidades…

— Mas não tem — digo com rispidez. — Você não tem as minhas habilidades e não faz ideia de como é.

Espero que Elias sorria de novo, mas ele não ri. Só me encara, inescrutável como sempre.

— Então, Só Jules — ele diz calmamente —, o que *você* vai fazer com elas?

Uma imagem se materializa, veloz e afiada, como um atiçador quente em minha pele. Um futuro — mas um futuro em que fracassei, em que Caro recupera seu coração e sua vida, em que os corpos de todos que já tentei amar estão enterrados sob a terra fria.

Se há um motivo para eu estar viva, é impedir esse futuro de acontecer. Respiro fundo.

— Vou encontrar a arma capaz de matar Caro. E se Caro me encontrar antes disso, vou morrer antes que ela consiga me capturar de novo.

Elias franze o cenho, mas sua reação às palavras não é o horror abjeto que Liam teria demonstrado. E de repente percebo por que preciso dele.

— Prometa-me — peço fervorosamente. — Prometa-me que, se ela me encontrar, você vai me matar antes que ela possa fazer experimentos comigo, drenar meu sangue, torturar qualquer pessoa que eu ame na esperança de me quebrar, até por fim conseguir.

Elias se remexe, desconfortável.

— Jules…

— É só que… — Engasgo, a garganta apertada de emoção. — É só uma questão de tempo até Caro descobrir que ele está me ajudando, se é que já não descobriu. Você sabe que, se ela me destruir, vai recuperar seus poderes; o reinado dela pode nunca acabar. E quem sabe para quantas terras pode se alastrar.

Elias me encara, parecendo chocado pela primeira vez. Abaixa os olhos, mas não diz que não.

— Prometa. Se não por Sempera, então por sua família. Sei que quer que Liam sobreviva a isso — acrescento em um sussurro enérgico.

Ele dá vários goles grandes de vinho enquanto meu coração bate loucamente no peito.

— É possível sobreviver e não viver de verdade, e não sei se Liam viveria de verdade sem você — ele diz com suavidade. Vira o resto do vinho, e uma gota cai na sua camisa, deixando um rastro vermelho. — Mas tudo bem, Jules. Dou minha palavra.

Depois que a frase evanesce no ar, parece que não resta nada a dizer. Mas não preciso dizer mais nada, porque algo pequeno e cintilante se materializa do nada e voa em um arco acima de nossas cabeças, cortando o silêncio pesado. Por um momento, penso que é uma estrela cadente, mas então ela

atinge a tapeçaria do outro lado do quarto e cai no chão com um tinido. O rosto da falecida rainha, gravado em sangue e ferro e tempo, nos encara.

Um ferro-sanguíneo.

Elias se ergue da escrivaninha e pega a moeda. Um olhar de fascínio e medo passa por seu rosto enquanto gira o objeto na palma da mão.

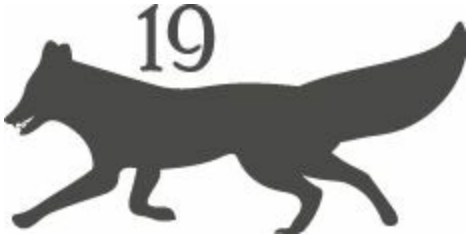
Vai até a borda do assoalho, olhando para a noite. Mas balança a cabeça.

— Está escuro demais…

Passos suaves soam lá embaixo, além das escadas. Um calafrio sobe pela minha espinha.

E alguém começa a bater na porta.

19



— Quem mais sabe sobre este lugar? — pergunto, tomada por uma estranha mistura de temor e ciúme.

— Ninguém. — Elias se levanta num movimento fluido, impossível de ser assustado como sempre. Mas não deixo de notar como sua mão alcança o cabo da adaga sob o belo colete.

Ele vai até a parede aberta, olha para baixo e balança a cabeça. Não há ninguém lá.

Viro para a porta, meu coração batendo rápido. Pela primeira vez, sinto-me vulnerável aqui. O encantamento do forte parece uma proteção frágil. Ouço passos fracos através das paredes de pedra, leves e velozes. Há uma batida na porta. Olho de relance para Elias, lembrando que o Caçador está em Bellwood.

Ele dá de ombros. *Você que sabe*, seus olhos parecem dizer.

Minha boca está seca, mas não vou me esconder como um rato-do-campo no Forte da Ladra, na casa da Alquimista. Quem quer que esteja vindo deve ter algo meu.

Abaixo a mão para tocar o cabo da faca no meu cinto e fecho os olhos por um breve momento, convocando o tempo em meu sangue, preparando-me para atacar se for preciso. Em seguida abro a porta e recuo, meu corpo inteiro congelado por um segundo quando vejo uma forma feminina esguia nas sombras. *Caro*.

Mas não, percebo quando a distingo melhor — alta, pele negra, as vestes de uma estudante. Não é Caro. Não é o Caçador. Stef. Ela inclina a cabeça para mim, os olhos viajando pelo meu braço até minha mão parada no cabo da faca.

Abaixo-a rapidamente.

— Desculpe — digo. — Você nos assustou.

Stef ergue o ombro numa desculpa silenciosa.

— Pensei que a moeda seria aviso suficiente. Não queria interromper um momento privado com Liam Gerling. — Meu queixo cai. Stef se vira para Elias. — Connemor. Ainda não está enrugado demais, pelo visto.

Elias sorri, embora sua postura ainda esteja tensa.

— Ainda me restam alguns anos, bruxinha. Liam saiu.

Stef sorri para mim.

— Linfort também, por isso planejamos uma pequena reunião nos túneis. Gostaria de dar uma escapada, agora que seu guardião está fora?

Um impulso protetor me atravessa e puxo o ar para defender Liam — ele só está tentando fazer o que acha ser melhor —, mas Stef arqueia uma sobrancelha antes que eu possa falar, como se soubesse o que vou responder e não estivesse surpresa.

— Vamos — diz ela. — Foi um truque legal o que você fez com o tempo aqui, mas isso tem o que, dez passos de largura, com um monte de corredores vazios e ecoantes? — Ela percorre a sala para demonstrar seu argumento, varrendo o chão com suas vestes até alcançar a parede e dar um giro exagerado. — Não me diga que não está se coçando para dar uma saidinha — acrescenta.

Assinto, hesitante. Não posso evitar sentir uma leve satisfação por ela querer passar um tempo comigo após o desastre da noite passada e depois de ler as esquisitices no meu diário. Além do mais, ela tem razão — estou formigando de vontade de sair do Forte da Ladra, de esquecer do rio

vermelho, das lembranças que ele carregava, e do Caçador. Stef abre um sorriso maroto e olha para Elias por cima do ombro.

— Eu não me importaria — diz ele, um canto da boca se curvando para cima. — Mas tem o probleminha de que Jules é a pessoa mais procurada em toda Sempera…

— E ninguém sabe que ela está aqui — interrompe Stef. — E com certeza não esperam vê-la numa festa. Vejam. — Revira sua bolsa até extrair um embrulho de veludo. Vai até a mesa e o desenrola. A princípio, penso que vão ser mais objetos para sua magia de bruxa, mas ao se abrir o tecido revela um conjunto de frascos de vidro cheios de tinta facial e pós compactos, com pincéis encaixados em bolsinhos. — Pode se juntar a nós — diz para Elias sobre o ombro —, mas não vou desperdiçar maquiagem com você. Já é bonito demais. — Ela se vira para mim com um sorriso. — Sente-se.

Aperto o encosto da cadeira, sentindo uma energia ansiosa vibrar em mim.

— Acha que vai funcionar? — Quero deixar o Forte da Ladra mais do que tudo, mas a ideia de sair só com um pouco de maquiagem como disfarce é como estar nua.

— Tenho certeza — diz Stef.

Ela puxa uma cadeira com impaciência e eu me sento. Elias só observa, com um sorrisinho incompreensível no rosto, enquanto Stef opera um tipo mundano de magia. Não tenho um espelho, então só observo um sorriso satisfeito gradualmente tomar o rosto de Stef e um semblante de apreciação divertida aparecer no de Elias. Não consigo evitar a lembrança do dia que me juntei a Ina e Caro para ir a Laista comemorar o casamento de Ina, como elas pintaram meu rosto e me transformaram. O afeto que existia entre nós antes que eu descobrisse a verdade e que tudo se estilhaçasse.

Depois de um tempo, Stef abaixa suas ferramentas. Pós compactos abertos e tubinhos de tinta ocupam a mesa. Puxa uma mecha do meu cabelo e observa o cacho castanho-avermelhado enrolar-se de volta para cima. Seus olhos se iluminam de repente e ela enfia a mão no embrulho de novo e tira outra

garrafa misteriosa. Mergulha um pente nela — o líquido cheira a rosas — e os fios ficam lisos e brilhantes quando ela passa o pente pelo meu cabelo.

Tira um espelho pequeno do embrulho de veludo e o vira em minha direção.

— Diferente o bastante para você?

Meu queixo cai de surpresa. Pego o espelho das mãos dela para poder olhar mais de perto.

Não há nada drasticamente diferente no meu rosto, mas, por algum motivo, eu pareço diferente. Mais velha. As maçãs do rosto e a testa estão mais pronunciadas, enquanto as bochechas encovadas e as olheiras foram camufladas. Esta garota não passou a tarde vadeando num rio ou se escondendo de um caçador. Meus lábios estão vermelhos e carnudos. Pareço ter uns vinte e cinco anos, corada de ferros-sanguíneos, estranha e elegante e nova.

Liam ficaria furioso se soubesse o que estou considerando fazer, mas uma parte de mim queria que ele me visse assim. Que fôssemos mesmo só estudantes e, em uma noite qualquer, pudéssemos sair escondidos para dançar. Mesmo sabendo que é impossível, não consigo deixar de querer nutrir essa visão.

— Impressionante — admite Elias. Ele encontra meus olhos. — Jules, eu não sou seu guardião. Se quer ir à festa, podemos ir.

Meu coração bate depressa.

— Eu quero.

***

Stef nos conduz pelo campus escuro, animada. Embora já deva ser tarde, ainda há pessoas vagando — seguindo em direção aos dormitórios do prédio que Elias identifica como a biblioteca ou passeando em grupos, seus risos erguendo-se na noite. Minha pele formiga, mas, como Stef prometeu, ninguém repara em nós. Ela nos leva a um dos dormitórios; quando

chegamos, descemos um lance de escadas até sair em um túnel escuro feito de pedra.

Eu rio de nervosismo.

— Aonde você me trouxe?

— Está tudo bem, Jules. — Dessa vez, é Elias que fala. — Há túneis sob toda a escola. Na teoria para ajudar as pessoas a se deslocar no inverno, mas os usamos principalmente por outros motivos. — Ele sorri, a luz das tochas nas paredes refletindo em seus dentes brancos. E, de fato, quando presto atenção, consigo ouvir vozes no fim do túnel, música e risadas. Stef avança na direção delas, e eu e Elias a seguimos até chegar em um espaço mais amplo onde vários túneis se encontram.

Está repleto de alunos que abandonaram as capas do uniforme e agora rondam em vestidos e coletes. Uma longa mesa encostada numa parede está coberta com uma série de garrafas, cerveja e vinho e madel, e duas garotas num canto tocam uma música em uma rabeca e um tambor. Outros estudantes as cercam, gritando nomes de canções que querem ouvir — "A guarda da rainha", "Uma hora para o amor". As pessoas se cumprimentam, rindo e abraçando-se.

A música reverbera das paredes, engolindo a si mesma, e as pessoas oscilam ao ritmo, com os corpos amontoados. Não tem nada da beleza refinada do baile de coroação de Ina ou mesmo do bar de madel de Laista — é barulhento e escuro e íntimo e estimulante. Na luz baixa, é difícil distinguir feições, e o som é alto demais para ouvir qualquer voz específica. Lentamente, sinto meus músculos relaxarem.

Foi imprudente vir aqui, sei disso, mas o barulho afasta todo o medo para um canto da minha mente. Stef estava certa. Quem pensaria em procurar Jules Ember aqui?

Elias vai até a mesa e depois volta com uma bebida materializada nas mãos. Ele a estende para mim, vinho tinto em um caneco de estanho velho, e tomo um gole, sentindo o calor me percorrer. O som está alto demais para

conversar, então ficamos de costas para a parede, observando a multidão. Não faço a menor ideia de como se dança, mas *quero* dançar, como se a música fosse uma força magnética impelindo meu corpo para a frente.

Resisto a ela, ficando próxima a Elias. Meus olhos pousam em Stef no meio da multidão. A luz das lâmpadas se reflete em sua pele negra enquanto ela dança junto de uma linda loira, os pés de ambas se movendo rápido em um padrão complicado que não consigo seguir por completo. Sobre o ombro, ela lança um olhar para mim e pisca, e sinto um sorriso se abrir em minha boca.

Aqui, muito abaixo da terra, onde ninguém sabe meu nome ou meu rosto, quase posso fingir que serei outra pessoa quando reemergir. Não a Alquimista, nem sequer Jules Ember. Como se pudesse me transformar numa garota como qualquer outra nessa festa e, quando saísse ao luar, fosse seguir para uma casa segura e com um teto inteiro sobre mim. Um lar, um passado e um futuro que não estão mergulhados em sangue e não estão escritos em uma língua que não sei falar.

Quando a música acaba, Stef reaparece ao nosso lado. A loira está ao seu lado, e atrás delas há outros alunos com os olhos em Stef.

— Faça sua magia! — incentiva um deles, rindo. — Convoque a Feiticeira para abençoar esta festa!

Meu coração acelera no peito. Tenho cuidado para não reagir, mas sinto Elias, que está ao meu lado, ficar tenso com os gritos deles.

— Vinho! Alguém me arranje um jarro de vinho quente — ordena Stef. A loira se afasta e volta com um recipiente de madeira com vapor erguendo-se do topo e o põe nas mãos de Stef.

— Reúnam-se — diz ela dramaticamente. Os alunos se aglomeram ao nosso redor e os ombros de estranhos apertam-se contra os meus. Não há tantas pessoas a minha volta desde a cozinha de Everless, e é aterrorizante e reconfortante ao mesmo tempo.

Stef segura uma moeda comemorativa na mão, o bronze reluzindo à luz baixa, e

Stef segura uma moeda semanal na mão, o bronze reluzindo à luz baixa, e há um sibilo suave quando ela desliza da palma dela e cai no vinho. Eu me obrigo a sorrir junto com todo mundo, embora meu coração ainda esteja batendo violentamente. Em seguida, Stef abre a outra mão para revelar uma coleção de pequenos objetos — azevinho-de-gelo, percebo quando olho com mais atenção, com suas frutinhas escuras estranhas e folhas prateadas. Um arrepio desce pela minha espinha quando lembro o que Caro me contou: que o azevinho-de-gelo cresce nos lugares onde a Feiticeira já esteve. Não posso passar uma hora, pelo visto, sem algum lembrete dela.

Stef fecha o punho e depois o abre sobre o recipiente, deixando os pedacinhos prateados e azuis caírem no vinho como fez na minha regressão de sangue. O cheiro que exala do jarro agora é estranho, metálico e intoxicante ao mesmo tempo, e me vejo inclinando-me para a frente com os outros para ver o que vai acontecer.

— Azevinho-de-gelo e ferro-sanguíneo juntos — entoa Stef em uma voz grave, quase cantarolando. — Os poderes do Alquimista e da Feiticeira combinados.

Inspiro bruscamente e tenho que disfarçar rápido com uma tosse quando um garoto de cabelos cacheados vira para me encarar. Faz tanto tempo desde que estive com amigos que não faço ideia se Stef está me provocando de propósito. Lanço um olhar duro para ela, querendo que sinta sua intensidade, mas ela fechou os olhos e está murmurando sobre o vinho em uma aproximação de semperano antigo. Meus dedos se cravam no braço de Elias inconscientemente.

— O que ela está fazendo?

Elias revira os olhos.

— Nada. Azevinho-de-gelo adoça o vinho barato. Ela faz isso em toda as festas para assustar os calouros. É só uma brincadeira.

Minha risada me parece falsa. Deslizo a mão ao cotovelo de Elias e o puxo para longe, em direção ao grupo de dançarinos no centro. As instrumentalistas começaram outra melodia, mais rápida e leve e doce, e os

movimentos não parecem mais tão complicados com um pouco de bebida no organismo. Elias toma minhas mãos e me gira sem parar. Quando a multidão se aparta, vislumbro Stef do outro lado do cômodo, bebendo o vinho fumegante, ainda com seus cortesãos incrédulos. Aceno na direção dela até que ela ergue a cabeça, parando qualquer que seja o truque que está fazendo.

A essa altura, Elias está dançando com um grupo e não repara quando eu me afasto para ir até Stef. Meu sangue parece quente e meu coração está leve. Stef está sentindo algo parecido, a julgar pelo matiz rosado de suas faces, seus olhos cintilantes enquanto move as mãos em uma coreografia complicada, cortando a fumaça que se ergue do seu caneco. Uma mistura estranha de inveja e tristeza emerge em mim quando as pessoas ao redor dela riem de seus movimentos — a magia dela é só mais uma diversão em uma noite cheia de diversões, algo a que assistirem entre um gole de madel e uma dança.

Entro no círculo, tomando o braço de Stef.

— Preciso tomar um ar — falo alto, quase um grito, no ouvido dela. A festa ficou mais barulhenta desde que chegamos uma hora atrás, mais lotada. — Vem comigo?

Stef vira irritada, mas seus olhos se arregalam quando vê que sou eu. Lança um olhar por cima do ombro, dando uma piscadinha para a loira.

— Volto em um momento. Não sinta muitas saudades.

Depois que ela guarda suas coisas — enfiando o azevinho-de-gelo restante em um bolso escondido dentro da blusa —, eu a conduzo para um dos túneis que saem do local, e rimos enquanto passamos correndo por um casal entrelaçado num abraço apertado. Quando os deixamos para trás e saímos de vista, Stef reduz o passo e desaba contra a parede, enxugando a testa com as costas da mão. A música e o barulho da festa flutuam até nós pelo túnel, mas aqui é mais silencioso e tranquilo. Sento-me ao lado de Stef, grata pela chance de recuperar o fôlego.

— Você achou algo interessante no meu diário? — pergunto a ela, mais valente depois da bebida.

Ela dá de ombros.

— Eu não li.

Minhas sobrancelhas se juntam indicando confusão. Stef ri.

— Só queria sacanear Liam Gerling. — As duas últimas palavras caem dos seus lábios pingando desdém.

— Por que não gosta dele? — pergunto sem pensar. Aí escuto minhas próprias palavras e me atrapalho na pressa de emendar. — Quer dizer, eu entendo. Eu também não gostava. Até recentemente.

Stef me observa, um sorriso malicioso se formando em sua boca.

O calor se espalha pelo meu rosto e olho para as minhas mãos.

— Você não vem de uma das cinco famílias também?

— Não oficialmente. Mas entendo seu ponto. — Ela suspira, reclinando a cabeça. Uma melodia suave flutua no silêncio, as notas caindo ao nosso redor como uma chuva leve. — É só que pensava que, se um dia conhecesse a Alquimista, minha mãe estaria ao meu lado.

Olho na direção da festa, da multidão.

— É isso mesmo que você quer da vida? Fazer pequenos truques e manter segredos que ninguém ao seu redor jamais vai entender?

Stef ri, mas há um pouco de tensão nela.

— Acontece que gosto dos meus segredinhos — dispara. — Espero que não tenha se incomodado com a parte sobre o Alquimista e a Feiticeira e o azevinho-de-gelo. Já é um hábito, a essa altura. — Dá um sorriso apologético. — Esqueci que estava em companhia eminente esta noite.

— Não tem problema — digo de modo automático. E talvez seja verdade. Talvez eu devesse ser mais protetora em relação a minha história, mas sinto uma afinidade com essa bruxa amarga e sorridente. — Vai saber — acrescento, tentando soar tranquila e não como se estivesse tentando desesperadamente. — Talvez o azevinho-de-gelo possa ter despertado algo em mim.

Stef me dá um olhar de soslaio.

— Eu não estava mentindo mais cedo, Jules. Não sei como mais ajudar você. Sinto muito. Mas pensei em outra pessoa que talvez consiga.

— Ah, é? — Meu coração acelera. — Quem?

— Meu primo Joeb. Ele é o filho de uma das bruxas mais poderosas da nossa família, Althea. Ela morreu faz pouco tempo em… circunstâncias misteriosas.

Meu estômago se contrai.

— Que circunstâncias?

— Pareceu que morreu de velhice, como se seu tempo tivesse se esgotado, mas sabíamos que ela tinha muitos ferros-sanguíneos guardados. E um parente disse que algumas coisas tinham sumido da casa, como cartas velhas, relíquias.

Caro, penso sombriamente. A realidade despenca sobre mim, expulsando os sons de alegria jovial que flutuam pelo corredor escuro.

— Sinto muito.

Stef dá de ombros, um movimento pequeno e controlado, e percebo que ela está agindo com naturalidade para me proteger. Quantas vezes eu não fiz a mesma coisa?

— Não éramos próximas — diz. — Althea e Joeb eram excêntricos, mais que o resto de nós. — Ela abaixa os olhos. — Mas nem preciso dizer que isso deixou todo mundo nervoso.

— Joeb é bruxo também?

Stef balança a cabeça.

— Não que eu saiba. Mas ele mantém registros da história da nossa família que remontam à época da Alquimista e da Feiticeira. Se ele gostar de você, pode compartilhá-los. Além disso, corre a lenda que ele coleciona e comercia artefatos. A maioria são cataplasmas e amuletos de mentira, mas ele pode saber algo sobre sua arma.

Eu rio.

— Confie em mim, preciso de todas as pistas que conseguir.

Ela dá um sorriso torto para mim.

— Fico feliz que esteja aqui, Jules. — Tira algo do bolso interno das vestes e o estende para mim, inclinando a palma em direção à luz das tochas. A princípio, penso que é mais azevinho-de-gelo, mas não — é uma pedra cinza, pequena e lisa, entalhada grosseiramente na forma de um rosto.

— Minha mãe me deu isso — diz Stef, depositando-a em minhas mãos. Está fria, quase gelada, embora estivesse no bolso dela. — Disse que era um lembrete de que o mal nem sempre tem a face que se espera. Isso me manteve a salvo. — Ela cora e abaixa os olhos. — Enfim, mostre a Joeb quando o encontrar e ele vai saber que alguém da família enviou você.

Enquanto me dá orientações para chegar à cabana de Joeb, observo o pequeno objeto em minha palma, tentando esconder minha confusão. O entalhe é muito simples, só um leve sulco para o nariz e mossas no lugar dos olhos e da boca, como a estátua de pedra da Feiticeira que papai mantinha no peitoril da janela.

Um barulho alto vindo da festa faz nós duas congelarmos — alguns gritos erguem-se acima do zunido geral, e no momento seguinte a música tropeça até parar de vez. Levanto-me sem pensar, enfiando a pedra no bolso e sacando minha faca. Stef também se levanta. Trocamos olhares preocupados, e então ela parte pelo túnel. Saio correndo atrás dela, não querendo ficar sozinha.

A música parou e a sala praticamente se aquietou quando chegamos de volta. Quase todos estão aglomerados no centro, com as costas viradas para nós, e um murmúrio de vozes abafa o que quer que esteja acontecendo no interior. Stef abre caminho bruscamente, acotovelando os outros para passar, e eu sigo atrás dela.

E então vejo o que capturou a atenção de todos, quem está no centro do círculo.

Liam está parado ali e, quando chego ao meio, seus olhos voltam-se para mim, passando de frios para furiosos. Ondas de calor emanam dele, e ele me

puxa através de um arco até os túneis.

— Você está sendo ridículo — sussurro o mais rispidamente que consigo, mesmo que saiba que não é verdade.

Elias nos segue com mais calma, tranquilamente acenando em despedida para as pessoas que nos lançam olhares curiosos. Quando já avançamos o bastante pelo corredor escuro, Liam para de repente e se vira para mim. Embora esteja bravo — enfurecido, pelos movimentos do seu peito —, vê-lo é um alívio.

— Você está a salvo — sussurro sem querer.

— Sim. O Caçador foi convocado assim que descemos para jantar, para realizar uma vistoria nos dormitórios. — Os olhos dele brilham. — Precisamos ir embora. Eu não devia ter deixado você e Elias me persuadirem. Está com suas coisas?

Aperto a alça da minha bolsa, sentindo o peso do diário ali.

— Sim, e tenho uma ideia de aonde ir agora. Stef me contou sobre uma bruxa, uma parente distante dela chamada Althea. Ela morreu há pouco tempo em circunstâncias misteriosas. — Estremeço. — Talvez tenha sido Caro.

Liam me olha gélido.

— Jules, temos que ir embora de Sempera, não só de Bellwood.

— Mas e Althea?

— Foi provavelmente um sangrador que a pegou — diz Liam.

Faz tanto tempo desde a minha vida normal com papai que é quase reconfortante ser lembrada das ameaças de Sempera que não têm a ver com magia. Sangradores, indivíduos que espreitam os bosques e as cidades, matando pessoas pelo tempo delas.

— Não, não foi um sangrador. O tempo foi *puxado* dela. O filho dela ainda está vivo, nós…

— Não vale uma moeda-horária.

Meu estômago se embrulha com a expressão, só usada por nobres, para quem uma hora não vale nada.

— Você está errado. Foi Caro. Tem que ser Caro. — Meus pensamentos disparam. Por que ela atacaria alguém que não conheço, em vez de alguém que eu amo ou que fosse conectado a mim? — Ela matou qualquer um dos meus aliados. O filho de Althea reuniu os documentos da mãe. Talvez saiba alguma coisa, sobre a arma ou sobre o rio vermelho. E Caro deve ter tido um motivo para fazer isso.

— Um *motivo*? — As palavras de Liam saem subitamente ferozes. — Você devia saber que Caro não precisa de motivos para matar. Se *foi mesmo* ela, é provável que estivesse apenas entediada.

Abro a boca para apontar que conheço Caro melhor do que ele, mas minha voz morre quando o rosto de Roan cruza minha mente. Ela o matou para partir meu coração, embora tenha fracassado. Então me lembro de outro rosto — o da rainha, tombado e terrivelmente pálido, com sangue salpicado nos lábios e boca. Será que ela tinha merecido morrer nas mãos de Caro?

Liam deixa escapar um som baixo e estrangulado. Antes que eu possa impedi-lo, ele desliza as mãos pelos meus braços, puxando-me para mais perto. Consigo senti-lo tremer.

— Escute o que vou dizer — começa. Sua voz está rouca e dolorida e desesperada. — Mais soldados vão chegar em peso a Bellwood amanhã; eles estão procurando em todo canto. Não estamos a salvo aqui. Nem em qualquer outro lugar de Sempera. Reservei um quarto para nós num hotel local, o Hora Verde. Vamos ficar lá esta noite e então seguir com Elias pela manhã e chegar a Connemor o mais rápido possível.

Por um breve segundo, quero concordar, tomar a mão dele e levá-lo para uma terra distante. O cômodo já está pequeno e abarrotado de mesas. Lotado demais com a tensão que cresce entre nós, o grito frustrado que cresce na minha garganta. Só que não é um grito — é uma pergunta, inteiramente articulada e óbvia.

Você me ama?

Empurro Liam o mais forte possível.

— Eu não vou embora com você.

— Eu não vou embora sem você — responde ele. Por um único segundo, seus olhos congelam, uma sombra transformada em gelo. Reconheço o talho cruel de sua boca e, de repente, sei que ele está planejando me levar mesmo contra a minha vontade, assim como me arrastou de Everless.

Mas não cabe a ele fazer essa escolha.

Recuo rapidamente e ergo as mãos para impedir que se mova. A distância, Elias está saindo pela porta. Nenhum dos dois pode impedir a bolha de tempo que irrompe de minhas palmas abertas, os elos invisíveis que os congelam no lugar.

Dou as costas para eles e saio correndo.

20



Sigo as direções de Stef o melhor que consigo na escuridão. Tenho sorte — a noite está clara, sem nuvens, e a lua brilha sobre mim, iluminando o mapa grosseiro que ela desenhou.

Depois de uma hora de caminhada, enfim chego numa área com trechos de terras aráveis, recém-ordenadas em fileiras. O lugar me lembra do pequeno lote de terra onde papai e eu morávamos em Crofton, e sinto um aperto na garganta. Sob o luar, distingo o contorno de uma cabana pequena e decrépita, onde a luz de uma única vela cintila atrás de uma janela coberta com lona.

O nervosismo sobe pela minha garanta enquanto ergo a mão para bater à porta. Como ninguém responde, gentilmente a empurro. Não está trancada e se abre com facilidade ao meu toque.

Dentro, o ar cheira a ervas amargas e queimadas e a terra molhada. Paro por um momento na escuridão, escutando. A única luz vem de uma vela no centro da sala, que está no nível da minha cintura, tremeluzindo de modo fraco.

Com cuidado, dou um passo para a escuridão. O luar desaparece, como uma chama de vela apagada.

Conforme meus olhos se ajustam, percebo que alguém criou um altar no meio da sala: um arranjo habilidoso de ervas, garrafas de vidro colorido com poções e uma única vela acesa. Vagamente, lembro-me de altares parecidos na

loja da bruxa de Crofton, todos requisitados e pagos pelos ferros-sanguíneos de parentes enlutados. A única diferença é que as oferendas diversas à minha frente parecem mais genuínas, por algum motivo — arranjadas com uma intenção mais clara —, embora não consiga apontar ao certo como sei disso. Talvez seja só o medo que me rodeia agora, ou meu desejo de encontrar significado nesta viagem e confiar em Stef, apesar da insistência de Liam de que essa empreitada é vã.

Adentro mais a sala. Dessa distância, posso ver que o altar está polvilhado de leve com algo que cintila como ouro em pó. O brilho me atrai, e estendo um dedo para reunir um pouco da poeira. A chama aquece minha palma quando estendo a mão em sua direção, embora um arrepio estranho e inesperado passe sobre minha pele.

Então alguém tosse atrás de mim.

Eu me viro rapidamente.

É um homem — alto e de ombros largos, mas que parece estar faminto. É impossível dizer sua idade. Com o cabelo preto desgrenhado e um rosto pálido entalhado de rugas, poderia ter entre trinta e cinquenta anos. Sua camisa, que parece imunda mesma à luz baça, pende frouxa do corpo. Ele emana um cheiro de álcool quando se inclina para acender a lâmpada em uma mesa de cozinha rústica.

Deve ser Joeb.

Um pequeno nó de medo se forma em meu estômago quando percebo que ele está parado entre mim e a porta.

Joeb me espia com olhos sonolentos e vermelhos e dá um passo para a frente.

— Quem é você? — A voz dele é levemente arrastada, mas ainda tem um tom grave e sério.

— Uma… Uma aprendiz de bruxa — balbucio, estendendo a pedra entalhada que Stef me deu. Espero que ele tenha bebido demais para me reconhecer dos desenhos que Ina espalhou por aí, caso os tenha visto. — Uma

parente distante. Ouvi sobre a morte de Althea e… — Movo as mãos, esperando que ele continue a frase, mas ele não diz nada. — Queria transmitir minhas condolências.

Joeb estreita os olhos para mim, mal olhando para a pedra.

— Nunca vi você antes.

Meu coração se aperta brevemente quando me lembro dos dias logo após a morte de papai, e como me senti isolada do mundo. Relaxo um pouco. Não tentei beber para suavizar o luto, mas entendo por que alguém faria isso. O homem pode ser gentil, digo a mim mesma enquanto contenho o impulso de fugir. Não quero arriscar aborrecê-lo ainda mais antes de descobrir alguma coisa dele.

— Nunca estive com Althea — digo com suavidade. — Mas talvez ela me conhecesse.

— Bem, ela se foi — diz Joeb rispidamente. Dá uma olhada no altar, depois volta a olhar para mim. — Você não trouxe oferenda alguma. Então o que quer de fato?

Gesticulo sem jeito para o altar, já perdida em minha mentira. Tento desesperadamente encontrar qualquer coisa que possa me ajudar a estabelecer uma conexão melhor com ele, descobrir o que sabe sobre a arma sem o enfurecer.

— Homenageá-la e… aprender sobre ela.

Ele risca um fósforo, estendendo a mão além de mim para acender um embrulhinho de ervas. O incenso começa a queimar de imediato, preenchendo o ar com fumaça adocicada. Uma névoa azul-acinzentada floresce entre nós.

— Ninguém mais homenageia bruxas em Sempera. Não desde os velhos tempos, e eles se foram há muito. Então você quer roubar algo dela. — Faz uma pausa, deixando um sorriso se esgueirar em suas feições. — Mas há pessoas que roubam pelo bem e outras que roubam pelo mal. De que lado está?

Roubam pelo bem? Seria uma referência velada à Alquimista? O olhar dele é direto demais, intenso, mas não revela nada. Com um frio na barriga, receio que Liam tinha razão. Tudo isso é uma perda de tempo arriscada, e estou falando com um bêbado enlouquecido — ainda que suas falas sejam preocupantemente focadas. Considero sair agora mesmo, calculando se sou rápida o bastante para congelar o tempo e passar correndo por ele até a porta.

Mas não posso, ainda não; não antes de descobrir se Althea sabia alguma coisa sobre derrotar Caro. Obrigo-me a encontrar os olhos dele e falo uma versão da verdade. Ousada, para tirar respostas dele.

— Acho que sei quem matou Althea — digo. Os olhos dele se arregalam e ele dá um passo para trás. — E quero saber por quê.

O homem sustenta meu olhar, desafiador, por um momento a mais que o normal, e então algo se esvai dele e seus ombros relaxam.

— Sente-se — diz asperamente, a voz baixa e tomada pelo luto. Ele se senta à mesa, pegando uma garrafinha de uma bolsa que pende do seu cinto.

Outra vez, meus pés estão formigando para fugir. Cheguei à porta esperando algum aliado secreto, apesar do aviso dúbio de Stef, mas o tom enlutado deste homem — sua apatia ao ouvir que posso conhecer a assassina da mãe dele — é muito mais aflitivo do que violência física. Mas vim até aqui, lembro a mim mesma, e fugi de Liam. E o Caçador pode ainda estar revistando os dormitórios de Bellwood, então não posso voltar agora. Lutando contra a dúvida, sigo o braço esticado do homem e me sento à mesa.

— Seu nome é Joeb, não é? — pergunto gentilmente, sentando-me.

O homem, agora curvado pelo luto, leva um momento para assentir, como se tivesse que vasculhar a memória para fazer o movimento. Enquanto ergue as mangas e tira a rolha de sua garrafa de vidro, é mais fácil ver as rugas que cobrem sua pele. As linhas começam nos nós de seus dedos e sobem marcando seus braços, desaparecendo sob as mangas enroladas.

Tenho que conter uma exclamação quando percebo que não são rugas, e sim cicatrizes incrivelmente finas.

Ele segue meus olhos.

— Ela usava meu sangue de vez em quando. — Dá um gole da garrafa. — Sempre disse que era por mim. Para me transformar em habilidoso com a magia, como ela foi, e a mãe dela antes disso.

— Ela estava tentando… te dar magia? — pergunto. Algo se agita em mim, açoitando meu peito como a cauda de uma serpente. — É possível fazer isso?

A risada dele é curta e amarga.

— Se você for poderoso, tudo é possível. Se não for… — Ele gesticula para si mesmo. — Receio que os esforços de minha mãe foram em vão.

Joeb parece mais velho agora que não está assomando sobre mim. Uma sensação de pena misturada com *déjà vu* me atravessa — a cabana apertada e estreita, a lentidão dos movimentos e das palavras do homem. Por um instante, é como se estivesse de volta à minha própria cabana, com um altar para papai queimando em um canto escuro.

Afasto o pensamento, engolindo em seco. Preciso me concentrar em extrair informações dele. Conforme a luz laranja da lanterna revela a sala, analiso ao redor, apertando os olhos para distinguir os detalhes com ajuda da nova iluminação. A decoração é mais simples do que a da bruxa falsa que eu, Caro e Ina visitamos em Laista quando estávamos juntas em Everless. Uma mesinha cheia de frascos e jarros reluzentes e uma balança de madeira fica em um canto, e embrulhos marrons de ervas secas ainda pendem sobre o fogo. O ar está espesso com o cheiro de fumaça e incenso, o aroma metálico de ferro-sanguíneo e mais alguma coisa que não sei nomear.

Poder, uma voz em mim sussurra. Fraco, mas está aqui.

Joeb fala algo, e eu me sobressalto.

— Por que é — diz, com a voz monótona e vazia — que só depois que minha mãe morreu recebemos um desfile de cumprimentos? Se durante a vida ela teve que lutar por cada ferro-sanguíneo? — As palavras saem confusas, mas o significado, o sentimento, é transmitido perfeitamente.

Conforme fala, ele polvilha algo na caneca. Reconheço o brilho ouro-avermelhado de ferros-sanguíneos, mas não são moedas, só raspas. Meu estômago se contrai. Será que Joeb é um sangrador?

— Quem mais veio? — pergunto, cautelosa.

— Todo tipo de gente — diz ele, com indiferença. — Outras bruxas e credores de tempo, soldados e loucos. Todos vão embora quando percebem que não há nada para levar. Ou quando descobrem que não tenho o talento dela.

Meu coração dói. Stef disse que Joeb tinha os papéis de Althea, que podem conter uma pista para destruir a Feiticeira. Minha mente está girando, tentando pensar na combinação de palavras que vai me ajudar a obter informações sem enfurecer o filho de Althea. Olho ao redor…

E aí reparo na pequena estatueta da Feiticeira encostada em seu altar. Um frio se infiltra em mim.

— Sua mãe venerava a Feiticeira?

Joeb cospe, então ri suavemente.

— Não. Mas a Feiticeira é parte do nosso legado.

— Legado? — Percebo que estou me aproximando mais da mesa, tentando esconder o medo enquanto pareço ouvir suas palavras com atenção. — Como assim?

— Há bruxas na minha família desde o tempo da Feiticeira. Bruxas de verdade, não as impostoras que é possível encontrar por aí que têm lojas com placas — cospe. — Minha tataravó andava com a Feiticeira e a Alquimista. Althea tinha talento. Mas eu não, e não tenho filhos — diz com amargor. — Mas tenho certeza que você já sabe de parte disso, se sabe quem matou minha mãe. — Joeb me encara de modo tão direto que, a princípio, não reconheço o perigo.

Minha voz sai rouca.

— Eu… Não tenho certeza. Acho que foi a dama de companhia da rainha. Uma garota um pouco mais velha que eu. Cabelo escuro, olhos

verdes… — Paro de balbuciar quando vejo Joeb ficar tenso, seus olhos afiando-se.

— Ambas — diz lentamente. — Ambas. A rainha morta e a garota.

Perco o fôlego.

— Você… Você viu quando aconteceu?

— Eu as vi saírem, quando tinham acabado com ela — relata agitado. A apatia sumiu de sua voz e seus olhos reluzem como aço agora. — Era tarde demais para salvá-la. Ela vinha falando mal da Feiticeira de novo. — Ele se inclina para a frente, as longas unhas fincando-se na mesa. — Eu sempre dizia a ela para não espalhar aquelas histórias, mas ela nunca ouvia.

— Fa… falando mal dela? — É quase impossível não gaguejar.

Paro. Ele me olha com uma sagacidade que não gosto. Quando arquejo, ele ergue metade do corpo da cadeira.

— Você sabe de algo, não sabe? — pergunta, animado agora. Bate na mesa, e eu pulo com o barulho. A chama da lâmpada tremeluz, depois volta a queimar firme.

Meu coração bate forte com a certeza de que alguma informação, alguma verdade, está guardada nesta cabana. Só preciso conseguir pôr as mãos nela.

— A garota que assassinou sua mãe… Ela é a Feiticeira — digo num fôlego só. — E estou procurando uma arma capaz de derrotá-la.

Paro de modo abrupto, percebendo que falei demais. Chamar a dama de companhia da rainha de uma deusa antiga e dizer que quero matar a Feiticeira. Devo soar insana, apesar do que Stef me contou sobre a história de Joeb.

Lentamente, como se tentasse não assustar um cervo no bosque, coloco o velho diário na mesa e o abro na página que contém meu sangue. *Procure o rio vermelho.*

— Esperava que você pudesse me ajudar a descobrir o que isso significa.

Ergo os olhos e vejo que, devagar, um sorriso está se abrindo no rosto de Joeb, um sorriso que me agrada menos ainda do que a rispidez bêbada dele.

Quando fala, sua voz está perfeitamente inteligível.

— O rio vermelho, vermelho de sangue — recita, como uma cantiga infantil perversa.

— Vermelho de sangue? — Minha cabeça está girando. — O que isso significa?

Ele dá de ombros.

— O sangue de quem foi derramado por toda Sempera?

Não preciso responder em voz alta. O da Alquimista. O *meu*. Minhas entranhas gritam para eu ir embora… mas cheguei tão longe, não quero partir de mãos abanando.

— E a arma? Você já ouviu algo sobre…

— Como matar a Feiticeira? O que poderia matar alguém tão poderosa quanto ela? — O rosto marcado dele se retorce de raiva e em seguida se assenta num sorriso beatífico. Fico atordoada com as suas mudanças de humor. — Ela é pura fome, não é?

— Ela é puro mal. — As palavras escapam da minha boca, involuntárias. Perigosas.

Joeb se remexe no assento e minhas mãos se flexionam de maneira inconsciente, minha pulsação acelerando e meu estômago se revirando.

— Agora ela quer mais que o coração de volta — diz Joeb. — Precisa da alma da Alquimista também. Aí nada será capaz de detê-la; será capaz de fazer coisas que eu só posso imaginar. Criar poções de imortalidade. Até controlar o próprio tempo. Não apenas sobreviver a ele, mas mover-se através dele para a frente e para trás. Tirar a vida com um toque da mão. Vai governar Sempera por milhares de anos e sentar-se no trono por muito tempo depois que eu virar pó.

— Não, isso é impossível. — Não sei por que estou tentando convencer Joeb, mas não consigo segurar as palavras ou esconder a súplica em minha voz.

Nada é impossível. — Ele se ergue sobre o lêmnado fazendo que

— Nada é impossível. — Ele se ergue agora, a lampada fazendo sua sombra se esparramar pelo chão. — A Feiticeira me disse pessoalmente. Eu a ouvi sussurrar. Em meus sonhos.

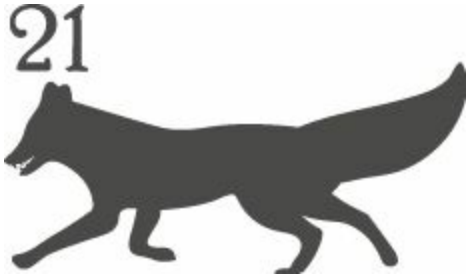
De repente, os movimentos deixam de ser lentos, imprecisos. Uma faca surgiu em sua mão e sua voz tornou-se fria e autoritária. Entretanto, algo em suas palavras me faz obedecer quando exige que eu me aproxime.

Levanto-me e, tremendo, vou até o altar, com Joeb logo às minhas costas. Abro minha palma com a faca, sem nem sentir dor. Ergo-a para que o sangue pingue sobre a vela tremeluzente.

A chama explode em um clarão brilhante, um farol de magia apontado diretamente para mim.

E ele pula em direção ao meu pescoço.

21



Meu sangue salta em minhas veias, agindo em minha defesa antes que minha mente consiga acompanhar, e um calor violento inunda meu corpo. Estendo as mãos e a cabana chacoalha com força.

Dessa vez, não contenho minha magia.

Joeb voa em minha direção, com as mãos estendidas para a minha garganta, mas pego a sua garrafa da mesa. Grita quando a bato em sua cabeça, empurrando-o para longe de mim. Ele cai de quatro no chão.

Avanço sobre ele, o sangue rugindo nos ouvidos. Agora consigo sentir o tempo fluindo pelas mãos como uma coisa física. Tão mutável quanto a água e tão forte quanto o aço. Sinto que estou crescendo, minha força pressionando as paredes e o teto, como se pudesse explodir essa cabana em pedacinhos — e Joeb com ela — com um estalar de dedos.

Joeb se recupera depressa, erguendo-se com um rosnado selvagem. Talvez tenha mais magia fluindo nas veias do que deu a entender. Ele se joga contra mim mais uma vez, e meu tempo não é capaz de pará-lo. Todo o seu peso me atinge, levando nós dois ao solo com uma colisão que faz o mundo girar. Vejo estrelas ao meu redor quando minha cabeça atinge o chão. Uma luz inacreditável preenche minha visão, embora eu tenha fechado os olhos, e é seguida por uma dor ofuscante.

Um grito fica preso em minha garganta. Minhas mãos encontram as

Um grito fica preso em minha garganta. Minhas mãos encontram os pulsos de Joeb e os forçam a se afastar do meu pescoço, enquanto minhas pernas chutam loucamente o ar. Desesperada, tento agarrar a magia em minhas veias, vasculhando meu corpo inteiro em busca dela, mas Joeb está próximo demais, pesado demais, disparando um medo selvagem em mim que faz o tempo escapar do meu controle.

— Por que está fazendo isso? — rosno, tentando dissipar o pânico com a fúria. — Sua mãe me seguia, ela…

— Os dias da Alquimista acabaram. Você não entende? A Feiticeira vai me poupar — grunhe Joeb, apertando os dedos com mais força ao redor do meu pescoço. Seu bafo de álcool, misturado com o aroma de incenso, agora acre e venenoso, enche minhas narinas e garganta. Quase sinto pena dele. Quase.

Com o cotovelo, acerto um golpe nas costelas dele que tira o seu fôlego, e ele rola para longe, ofegante. Eu me apoio na mesa para me levantar e consigo agarrar o tempo novamente. Mesmo com Joeb cambaleando em minha direção e colidindo comigo, ergo as mãos, reunindo o tempo ao meu redor nas palmas como uma costureira reuniria tecido e meada.

A fumaça paira imóvel no ar. As chamas da vela param de se mover. O peito de Joeb congela, embora seus olhos ainda brilhem com vida. Com medo. Concentro-me em reduzir a expansão dos seus pulmões, as batidas do seu coração, enquanto deixo o resto do tempo avançar — e não ouço nada além de silêncio enquanto a mandíbula dele se move, buscando por ar onde não há.

De repente, me dou conta de que poderia matá-lo, se quisesse.

Em seguida, solto o tempo. Joeb despenca no chão, caindo de costas e apertando o peito.

— Sinto muito — diz, engasgado. Quase acredito nele, mas não importa se é verdade. — Ela sabia que você viria fazer perguntas. Disse que me deixaria viver… se…

Agarra uma faca do cinto, com um lampejo prateado, e a lança. A lâmina erra meu rosto por um triz e sinto o sopro de ar em sua passagem, e então qualquer noção de comedimento desaparece. Fecho os olhos e deixo o tempo fluir livremente de minhas mãos, envolvendo-se em Joeb enquanto ele se contorce no chão. Ele grita.

Em algum lugar que parece muito distante, uma porta se escancara e Elias grita meu nome. Mas não consigo parar, nem forçar meus olhos a se abrirem. Joeb está gritando, sua voz mudando de modo estranho enquanto eu o arrasto para a frente pelo tempo, envelhecendo-o tão rápido que sua respiração não consegue acompanhar. Para a frente, sempre para a frente. Não tenho mais controle.

Mãos agarram meus braços no instante em que o grito de Joeb se interrompe. Por fim, abro os olhos e vejo Elias à minha frente, com o rosto aterrorizado. Suas mãos ainda agarram meus braços, apertando-os. Atrás dele, um corpo enrugado jaz imóvel no chão de pedra fria.

Fico em choque quando percebo como fui longe — o que fiz. Joeb está morto, sei disso imediatamente: sua pele está frouxa e cinza, seus olhos arregalados como pires, dos quais sai uma nuvem de um branco sujo, como de um tecido manchado. Enquanto permaneço aqui, meu coração pulsando como um tambor de guerra, a cabeça dele pende para o lado. Cinzas escorrem em um fluxo constante da boca dele. Espessas e abundantes.

No momento seguinte, rastejo para longe do corpo e da mesa virada. Saio correndo — para onde, não sei. Ao meu redor, parece que o mundo reduziu de velocidade, mas não sei se fui eu que fiz isso.

Não me importo. Não conseguiria parar nem se quisesse. Meu corpo está tomando suas próprias decisões, como se pensasse que, movendo-se rápido o bastante, poderei fugir do que acabei de fazer. Matei um homem. *Assassina*. Importa o fato de que Joeb teria me matado também?

Sou obrigada a lembrar do que Caro disse para mim no palácio: que roubei o coração dela só porque podia, porque queria o seu poder. Não — não vou

sucumbir aos seus truques e mentiras. Não vou acreditar no pior de mim mesma.

Ainda assim… algo aperta meu coração. Do que sou realmente capaz? *Por que* não consigo me lembrar do que aconteceu? Por que minhas lembranças de vidas passadas são tão difíceis de encontrar?

A cidade voa ao meu lado, uma casa escura e um vira-lata e uma janela iluminada passando quase rápido demais para serem visíveis, como se o poder sobre o tempo englobasse todo o meu ser, fazendo-me disparar sobre a terra enquanto o mundo está se movendo mais devagar. De alguma forma, embora pareça que só segundos se passaram, estou em Montmere, pedindo orientações sobre onde fica o hotel que Liam mencionou, sem pensar em nada exceto no desejo de fugir. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, irrompo pela entrada escura do Hora Verde e sigo pelo corredor até o nosso quarto.

Aí bato a porta atrás de mim e arranco as roupas, desesperada para remover cada traço de Joeb de mim, cada lembrete do que fiz.

Quando estou descalça e apenas usando uma combinação fina, percebo que Liam está sentado apoiado na parede dos fundos — esperando por mim. Acordado. Sua camisa está desabotoada e seu cabelo solto, as ondas suaves emoldurando seu rosto.

Meus batimentos não se aquietaram nem um pouco desde que fugi da cabana de Althea. Parecem até ficar mais altos agora, abafando o som dos meus passos nas tábuas do assoalho. Alguma coisa — culpa e alívio, pânico e medo, todos entrelaçando-se na atração que ainda me recuso a nomear — me impele através do quarto e me faz cair de joelhos na frente dele, enquanto um soluço explode da minha garganta.

Estendo as mãos para ele, ansiando por ser tocada, para ter a lembrança da morte queimada da memória.

Os olhos de Liam estão inacreditavelmente escuros e suaves de sono. O quarto está quase no breu completo, mas com a adrenalina ainda fluindo em mim consigo vê-lo em detalhes: cada sombra dos cílios nas bochechas, o

modo como seu pescoço mexe com a sua pulsação, seus lábios se abrindo com o som do meu nome. Os dedos dele, estendendo-se para entrelaçarem-se no meu cabelo.

E eu me inclino em sua direção. Os braços dele se fecham ao meu redor e, no intervalo de um respiro, nossos lábios se encontram.

Ondas de calor me cobrem. Ele está quente, quase febril. Minhas mãos estão em seus cabelos e os lábios dele se movem contra os meus, murmurando meu nome. Puxa-me para a cama, para cima dele, segurando-me apertado contra si, aquietando meus tremores e enchendo-me com uma agonia inteiramente diferente. Ele tem gosto de sal e sândalo, e sinto suas mãos suaves nas minhas costas, movendo-se para apertar a minha cintura, segurando-me como algo precioso. O toque gentil da sua língua em meus lábios extrai um suspiro de mim — um som vagaroso, que se desmancha no ar que não existe mais entre nós — que é diferente de tudo que já ouvi.

Meu coração se acalma para combinar com o ritmo do dele, a batida forte e firme de quem acabou de acordar, sussurrando para mim de todos os lugares em que os dois corpos estão grudados. Meu sangue dança frenético e se ancora no pulso constante do dele, reduzindo e rodopiando e alto e silencioso ao mesmo tempo.

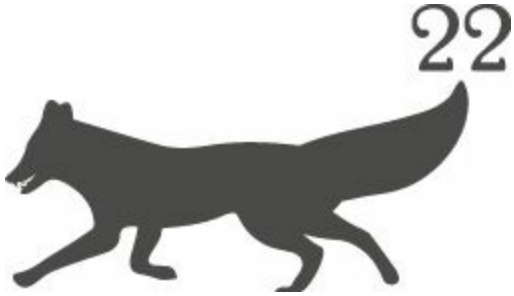
Eu poderia fazer esse momento nunca acabar. Liam não teria medo, posso ver pela ternura com que ergue a mão para tocar minha bochecha, seu arquejo maravilhado quando se afasta por um instante para pegar fôlego e então encontra minha boca de novo. Ele ficaria aqui comigo para sempre, e vai ficar, se eu não recuar.

Mas não consigo. Não posso parar o mundo todo. Não para sempre.

Então, embora seja uma das coisas mais difíceis que já fiz, eu o solto. Afasto-me. Ainda sentada na cama, no colo dele, na verdade, absorvo a expressão de Liam, sonolenta e faminta e terna ao mesmo tempo. Dou-me um segundo para me maravilhar com a beleza dele. E então pego as mãos dele da minha cintura e as seguro entre nós, uma conexão e uma barreira ao

mesmo tempo, enquanto os olhos dele se enchem da compreensão de que nada disso foi um sonho.

22



Liam e eu ficamos sentados pelo que parece um longo momento. O arrependimento me destroça. Espero que ele fale algo ou mesmo que seu rosto assuma outra expressão além de espanto sonolento.

— Jules. O que aconteceu?

Não sei se ele está se referindo ao beijo ou ao que aconteceu antes — o que me fez sair correndo de Bellwood, o que me trouxe até aqui e me empurrou para os braços dele, a causa da minha pulsação acelerada. Os membros dele estão congelados no lugar, seus dedos ainda curvados sobre as costas das minhas mãos. A pele dele irradia calor. Gentilmente, ele traça o osso do meu pulso, virando a palma das minhas mãos para cima e revelando o corte que Joeb fez em minha palma.

— Você está sangrando. — O toque dele é tão gentil que meus olhos começam a arder com lágrimas novas. — Fale comigo. Elias e eu… não conseguimos encontrar Stef, então nos revezamos procurando você.

Considero mentir — mas não consigo suportar o fardo do que aconteceu sozinha. Eu *matei* uma pessoa.

A adrenalina ainda dispara por mim mesmo após o beijo; só basta um segundo de silêncio para a excitação delirante se transformar em medo. Há algo mais assustador nisso — quebrar o silêncio entre nós, não esconder a verdade horrenda do que aconteceu — do que qualquer coisa que já fiz. Mas

não há como contornar a verdade sem mentir. E o pior, o que é aterrorizante, é que *não quero* mentir para Liam.

Conto tudo a ele.

Quando termino de relatar o que aconteceu, Liam sai para falar com Elias. Depois de informá-lo sobre Joeb e seu ataque e sua morte — toda aquela escuridão —, nenhum de nós menciona o beijo, e eu não tento puxar o assunto, fingindo me ocupar com os lençóis e evitando os olhos de Liam quando ele sai do cômodo. Só quando a porta se fecha atrás dele reparo em um pedaço de pergaminho amarrotado na mesa de cabeceira. Sem pensar, ainda trêmula de adrenalina, pego o bilhete e o aliso para ler.

Filho,

Retorne para casa imediatamente. O séquito da rainha chegou e não posso mais responder pela sua ausência. Você sabe bem que ela vem tomando providências para punir aqueles que são desleais. Não quero que outra tragédia recaia sobre meu lar.

Lorde Nicholas

O terror azeda meu estômago. Será que eu assinei o mandado de morte dele?

O som de passos lá fora me faz pular. Deixo o bilhete cair dos meus dedos entorpecidos quando Liam volta.

— Pedi a Elias para nos dar uns minutos. Não sabia se queria companhia ou… quer que eu saia para deixar você descansar?

Sua voz vai diminuindo. Há uma nota de esperança me dizendo que ele quer que eu fique. Um rubor cobre suas bochechas; seu cabelo ainda está desgrenhado nos lugares onde passei os dedos.

— Liam. — Seu nome me escapa em uma exalação, como se tivesse sido golpeada no peito, e não faço ideia do que dizer.

Mas não tenho que descobrir. Ele se ajoelha à minha frente, estende a mão e entrelaça os dedos nos meus, apertando como se eu fosse a sua única âncora ao mundo. Eu também aperto a dele, segurando o soluço que se forma em meu peito.

As provocações de Caro ecoam em minha cabeça. Vejo os dentes dela rosnando de deboche, ouço suas promessas de me esvaziar e partir meu coração. Lembro da fome diabólica em seus olhos quando levou a faca à garganta de Roan, pensando que a morte dele me quebraria.

Ah, como ela riria se soubesse o que acabei de fazer.

Liam ainda está me olhando com seus olhos suaves e suplicantes, esperando que eu diga algo. Ele vem me protegendo desde que somos crianças, mesmo quando eu o odiava e temia. E o tempo inteiro, tinha razão de ter medo, ainda que não soubesse por quê. O tempo inteiro, era ele quem seria capaz de partir meu coração.

Dedo a dedo, tiro minha mão da dele. Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas, quentes e furiosas, motivadas pelo que sei que devo fazer para salvá-lo. A mesma coisa que papai fez, que Liam fez, por toda a minha infância.

Tenho que mentir.

Talvez o amor seja feito disso. Talvez seja isso que tenha me permitido manter o coração da Feiticeira por séculos.

Eu me levanto e me movo pelo quarto, pegando as roupas dobradas dele ao lado do seu saco de dormir e enfiando-as na sua bolsa de viagem de couro.

Liam vira a cabeça bruscamente com o *snap* do fecho.

— O que está fazendo? — sussurra.

Minha voz sai embargada, minha garganta está revestida com mais lágrimas contidas.

— Você tem que voltar para Everless. Eu… — As palavras ficam presas em minha garganta, como se se recusassem a enganar Liam. — Vou com Elias para Connemor.

Ele me encara sem reação. Fica rígido.

— Vai?

Através do luto, meu coração grita comigo para desmentir o que disse. Mas não posso. Beijá-lo foi como desenhar um alvo no peito dele e, se ele não

voltar para Everless, o pai dele vai encontrá-lo. E, depois, Caro.

— Você tem razão, eu devia ter fugido desde o começo. — Abandono as roupas e volto a me sentar ao lado dele. Meu corpo parece simultaneamente pesado e irrequieto, minha própria impotência me pressionando por dentro. Não há nada que possa fazer, nada exceto convencê-lo a voltar para Everless, onde vai ficar mais seguro do que se estivesse comigo. — Tenho certeza que Elias vai concordar em me levar.

— É claro — diz Liam, confuso. — Claro que vai nos levar…

Sua voz vai morrendo enquanto eu consigo abrir um sorriso lacrimejante. Pena e tristeza apertam meu peito quando me lembro da promessa de Elias no Forte da Ladra: de matar a Alquimista para garantir que Liam não se machucasse.

— Liam. — Abaixo a voz, forçando-me a continuar respirando para que ela não falhe. — Você tem que voltar para Everless e fingir que nada disso aconteceu.

Liam me encara impassível, sem dizer nada. Não importa quanto sua esperteza geralmente me irrite — seus pensamentos ágeis com frequência encontrando a próxima resposta antes que eu ao menos tenha processado o enigma —, sinto uma falta feroz dela agora. O silêncio é demais para suportar. Minha voz corre o risco de rachar, então não falo mais. Cruzo os braços e tento aliviar a dor que aperta meus pulmões a cada inspiração.

— Você vai sozinha? — pergunta.

— Sim. — Agora minha voz falha mesmo. Engulo e tento de novo, rearranjando as palavras antes que não consiga mais resistir a contar a verdade. — É hora de nos separarmos.

— É isso que você quer? — insiste.

— É.

Liam não fala por um longo tempo depois disso. Só me encara, os olhos perseguindo a resposta a um enigma. Finalmente, assente, com a rigidez do

golpe de uma guilhotina, e termina de reunir suas coisas espalhadas pelo quarto. Fico sentada observando-o sem reação, um fantasma de mim mesma.

Por um momento, ele parece congelado, então estende uma mão hesitante e toma a minha, apertando-a antes de assentir de volta.

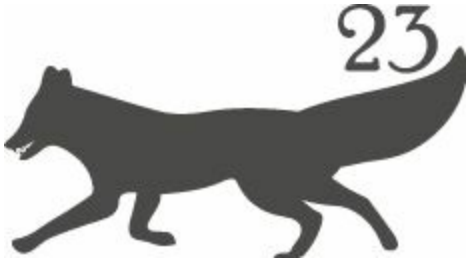
A outra mão dele se ergue para o meu rosto, e ele traça minha bochecha com a ponta dos dedos, tão breve e suavemente que quase não sei dizer se foi só imaginação.

Olho em seus olhos.

— Prometa que vai ficar a salvo.

— Eu te prometo qualquer coisa — diz.

Liam tira o seu pequeno diário de sua pilha de coisas e o empurra para a minha mão, curvando meus dedos ao redor dele com os próprios. Leva os lábios à minha testa em um movimento veloz antes de sair silenciosamente pela porta, não me dando nenhuma chance de sequer sussurrar um adeus.



Adormeço em algum momento, aconchegada contra a cabeceira com os braços ao redor dos joelhos, o colchão úmido de lágrimas sob mim. Algumas horas depois que Liam desaparece, quando acordo sob a luz aquosa do sol, Elias está sentado à mesa, parecendo sério. Mas só diz:

— Qual é o plano, Alquimista? — E um sorriso triste e provocador brinca em seus lábios.

Deixo mais uma lágrima escorrer pela bochecha. Enxugo-a e, por um segundo, fico pasma ao pensar em como Liam e Elias são diferentes. Amma e eu aparentávamos ser opostas na superfície também. Um lampejo da risada dela ecoa em minha imaginação.

Eu me preparo mentalmente e conto a Elias sobre minha interação com Joeb, a cantiga infantil deturpada que recitou quando lhe mostrei a estranha frase no meu diário. *O rio vermelho, vermelho de sangue*. Conto que ele tinha insinuado que se referia ao sangue da Alquimista. À morte da Alquimista. Embora Joeb tenha me atacado — embora não pudesse confiar nele —, não mentiu para mim. Não tinha motivos nem estava sóbrio o bastante para isso.

— *Procure o rio vermelho*. Acha que de alguma forma se refere à sua morte? — Elias franze o cenho. — Você morreu mais de uma vez.

— Mas sabemos de pelo menos uma morte que aconteceu em um rio. Pelo menos de acordo com as histórias.

Elias se reclina.

— Quando Caro a obrigou a comer o coração dela na sua primeira vida.

Confirmo com um aceno.

— De acordo com os contos, ofereci devolver o coração dela depois de transformá-lo em doze pedras. Ela me obrigou a comê-las, pensando que eu a tinha enganado como o lorde, e me afogou no rio de raiva.

— E você quer ir até lá?

Assinto.

— Mesmo se as histórias não forem verdade, elas *contêm* verdades. E se eu estivesse tentando me apontar para aquela história, aquele momento… porque algo importante aconteceu ali? Alguma pista para derrotar Caro? Talvez *tivesse* sido um truque o tempo todo, e eu pretendesse destruí-la lá mesmo.

Enfio a mão na bolsa e tiro as anotações de Liam. Meu peito dói ao segurá-las, mas as levo para perto de Elias e as espalho na mesa.

— O lugar nunca é nomeado nas histórias, mas encontramos um estudioso obscuro que especulou que era o Vale de Blythe.

— Então nós vamos ao Vale de Blythe.

***

Lá fora, o dia amanheceu enevoado e frio, um reflexo da paisagem cinzenta em meu peito. O Vale de Blythe fica a vários quilômetros de Montmere, perto de uma vila chamada Pryceton, e temos que cruzar a cidade primeiro.

Como Ayleston está lotada de soldados e civis querendo lucrar com a minha captura, Elias e eu testamos um novo disfarce: rasgamos nossas capas e esfregamos terra no tecido como se passássemos nossos dias nos bosques, até parecermos razoavelmente bem com sangradores. Quando emergimos na rua de novo para pegar uma carroça pública, reparo que grupos de pessoas se reúnem com expressões infelizes. Meu coração começa a martelar, presumindo que me viram — mas aí escuto trechos de conversas.

— Mais de mil anos…

— Que a Feiticeira amaldiçoe a assassina por fazer isso sobre nós e roube suas horas enquanto ela dorme…

— Os soldados vão começar a nos sangrar semana que vem…

Viro para Elias, mas ele já está falando com alguém na multidão. Quando volta, conta-me que a rainha anunciou que seus soldados estão percorrendo as cidades de Sempera e vão começar a sangrar os anos dos cidadãos aleatoriamente se Jules Ember não for encontrada até o começo da semana. Isso vai continuar até que alguém a entregue.

Meu estômago se torce de raiva.

— Não pode ser Ina. Tem que ser Caro. Mais um motivo para nos apressarmos.

Por sorte, Elias mantém uma boa distância da cabana de Joeb enquanto deixamos a cidade para trás e seguimos para o ponto na estrada principal onde uma carroça de feno pública vai nos levar na direção do Vale de Blythe.

Enquanto viajamos, cercados pelo silêncio, a realidade do que aconteceu na noite passada pesa em meu coração. *Eu matei uma pessoa.*

Você não teve escolha, sussurra uma voz no meu ouvido.

Deixo minha cabeça afundar nas mãos. É verdade que Joeb estava a serviço de Caro. Mas, em retrospecto, essas circunstâncias não parecem importantes. Ele estava vivo e agora está morto. Por minha causa. Por causa da Alquimista.

Com pensamentos como esses, o dia se passa agonizantemente devagar — pulamos de carroça a carroça enquanto as árvores ficam mais espessas, mantendo a cabeça abaixada quando passamos por grupos de guardas. O momento em que disse adeus a Liam ainda me pega de surpresa em todo lugar.

Por fim, no fim da tarde, Elias e eu chegamos o mais longe possível com as carroças públicas. Depois de desembarcarmos, ele aponta através das árvores para a boca sombreada de um desfiladeiro e depois para um mapa que

segura. *É de Liam*, percebo com uma pontada no peito. O Vale de Blythe fica no fundo do desfiladeiro. Algo em mim morre como uma vela se apaga e fico gelada. Todo esse tempo me escondendo. Toda essa jornada desesperada, e agora terei que enfrentar minha própria morte — minha primeira morte.

Mas vou mesmo encontrar a arma que destruirá Caro?

Absorvo a vista, recuperando o fôlego e tentando acalmar as batidas rápidas do meu coração. O local já foi uma planície rasa atravessada por um rio, mas, ao longo dos últimos mil anos, o vento e a água entalharam uma ravina, dividindo a terra trinta metros abaixo.

Vejo uma estrada correndo ao lado do cânion — vazia agora, mas há marcas de rodas de carroça que reviraram a lama recentemente. Não podemos ficar muito tempo aqui.

Abaixo, o rio é uma fita verde plana. O leito é amplo e a água move-se devagar aqui. Não fica tão fundo quanto pensei a princípio, mas as laterais do cânion são íngremes e escarpadas, com arbustos retorcidos e pequenas árvores projetando-se em ângulos estranhos. No ar, não há nada da névoa de magia que senti na clareira. Ainda assim, algo me atrai a esse lugar e me faz vasculhar as paredes da ravina, procurando um jeito de descer.

— Tem certeza disso, Jules? — pergunta Elias, espiando cuidadosamente. — Se alguém aparecer, vai ser difícil fugir.

— Sim — respondo, embora uma dúvida real se erga em mim assim que olho para o desfiladeiro. Mas não tenho escolha; preciso saber o que jaz lá embaixo, em meu passado.

— Parece que há um caminho para descer um pouco adiante. Vou primeiro para confirmar que não há ninguém lá.

Já me agachei perto da beirada, agarrando o galho de uma árvore que se projeta da pedra e começando a descer. Não consigo ver abaixo de mim, mas algo em mim sabe que, se esticar o pé direito, haverá um apoio. E há mesmo. Aquele agora familiar fiozinho de reconhecimento, frio e emocionante ao mesmo tempo, desce pela minha espinha. *Estive aqui antes.*

Eu morri aqui.

Uma náusea atordoante me toma e quase me curvo para vomitar.

— Jules — escuto de cima. Há uma nota de preocupação na voz de Elias.

Mas já desci demais pela encosta da ravina para subir de volta, mesmo se quisesse. Inclino a cabeça para cima e o vejo ajoelhado na borda — mas o caminho para descer parece menos óbvio de baixo, ou talvez seja uma lembrança que me guia. O cenho dele se franze.

— Vou descer para garantir que não tem ninguém vindo — diz. — São uns quatrocentos metros por aqui. — Ergue a mão e aponta na direção do fluxo do rio. Seu tom é descontraído, mas não consegue esconder completamente um fundo de preocupação nas palavras. — Me encontra lá embaixo?

Espero, agarrada à parede como uma aranha, até que os sons dos passos de Elias esvanecem com o burburinho suave da água abaixo. Alcanço o fundo da ravina e me viro. A água cintila à minha frente, convidativa.

Eu morri aqui, lembro de novo com um arrepio.

Quero gritar por Elias, e meus olhos se fixam na sua pequena figura à distância. Ao mesmo tempo, porém, minha visão embaça e se transforma de um jeito atordoante. Vagamente, sinto minha mão se enfiando no bolso da capa para recuperar a bússola enquanto a cor do céu passa da palidez descorada de uma tarde de primavera para o azul com tons de dourado de uma noite de outono.

A beleza simples do rio me cativa enquanto sigo aos tropeços pela margem, com as pernas doloridas e os pulmões gritando de tanto correr. A paisagem enche meus olhos, forçando-me a estreitá-los enquanto examino a beira da água, procurando qualquer sinal de vida. Mas não de Elias, percebo quando vejo como as árvores não estão mais verdes e sim nuas devido ao inverno iminente.

Não estou mais esperando por Elias. Estou esperando por Caro.

24



Minha consciência colide com a lembrança em uma explosão de pensamentos e emoções que arde até que uma única certeza reste entre as cinzas.

Tenho que devolver o coração de Caro.

Ajoelho-me às margens do rio, meio escondida ao lado de uma pedra chata e inclinada para o caso de alguém passar por aqui. Percebo, pelo matiz das folhas ao meu redor — elas têm uma tonalidade vermelha, como se estivessem sangrando —, que estamos no fim do verão. A Feiticeira já se tornou uma sombra que me esgueira, um boato sussurrado nas ruas escuras dos vilarejos. Ela dorme com os lobos nas florestas orientais. Viaja de cidade em cidade, disfarçada, deixando os pobres beberem o que restou do seu sangue. Corro a mão pela pedra ao meu lado, sobre a imagem entalhada de maneira grosseira em sua superfície: uma cobra e uma raposa.

Com mãos trêmulas, pego a pequena sacola de couro do bolso da saia e a seguro nas palmas, de modo que fique um pouco aberta. A bolsa é surpreendentemente leve, considerando o seu conteúdo: o coração da Feiticeira. Puro poder, pura vida, cortado em pedaços.

Dentro, as pedras cinza pálidas brilham, iluminando a noite que cai ao meu redor. Elas aquecem as minhas mãos, mesmo através do tecido da bolsa. Cintilam ao pôr do sol, pontinhos dourados refletindo e refratando entre meus dedos. Fios pálidos de luz dourada sólida parecem pairar sobre cada pedra — um rastro frágil do coração da Feiticeira, lutando para se libertar.

Uma sombra se move à distância.

Como que em resposta, o calor irrompe da bolsa. Eu a aperto contra o peito, ainda que as pedras pareçam brasas vivas, quase quentes demais para segurar.

Uma forma escura e esguia se revela do outro lado do rio. Ergo os olhos e chamo com suavidade:

— Caro?

Ela me olha do outro lado da água. Sua raiva é evidente em sua postura ereta, na forma severa como inclina o queixo — e há uma dor feroz em seus olhos, visível mesmo a essa distância. Ela se aproxima do rio até que as ondas quase lambem seus pés e então para.

Ergue as mãos e minha pele formiga quando seu poder se agita no ar. Um instinto desperta em mim dizendo-me para fugir e me esconder, mas me obrigo a permanecer onde estou. Levanto-me cambaleante enquanto gelo avança sobre a água, formando um caminho fino e escorregadio, que ela atravessa delicadamente enquanto sua saia varre o rio. Quando pisa na areia, o gelo se derrete por completo atrás dela. Por um longo momento, os únicos sons são do rio e do vento.

Ergo as pedras vitais entre nós.

— Não achei que viria — digo por fim.

— Por que aqui, dentre todos os lugares? — A voz dela é tranquila e contida. Seus olhos olham com desdém para as pedras em minhas mãos. — O que é isso?

Engulo. Inclino as pedras para refletirem a luz.

— Seu coração.

Os olhos de Caro se arregalam. Algo reluz em suas profundezas. Ela se aproxima até só estar a um braço de distância. Até poder estender a mão e tomar as pedras, se quisesse. Mas não as toma.

Sua boca se curva para baixo para indicar algo que poderia ser luto ou suspeita. Contra a luz do sol poente ardendo atrás dela, as bordas de sua

silhueta estão enevoadas, como se ela tivesse saído de um sonho. Ou talvez seja só eu, que estou fraca de medo.

Caro pergunta:

— O que tenho que fazer?

Engulo um nó doloroso na garganta.

— Só… Só as coma.

Caro me observa com um olhar tão firme e implacável quanto o sol atrás dela. Seus olhos parecem sombrios, suas feições estão exageradas, com sombras escavando suas bochechas e formando hematomas sob os olhos. Estendo as mãos em concha até que meus dedos quase roçam o peito dela.

O olhar impassível de Caro se abaixa para as pedras em minhas mãos, depois voa de volta para o meu rosto. Delicadamente, ela pega apenas uma das pedras. Leva-a aos seus lábios. E para.

— Você tirou tudo de mim. Tudo.

Aperto as mãos.

— Só fiz o que era necessário para salvar você. Por favor, confie em mim.

— Mentirosa — sibila.

Uma fúria selvagem explode em seus olhos. Sua outra mão se estende sem aviso e ela agarra meus pulsos unidos, apertando de um jeito esmagador que não tem nada de magia. Grito de dor conforme meus dedos se abrem, deixando as pedras remanescentes caírem com baques abafados. Sem sucesso, tento me desvencilhar do aperto dela enquanto ela brande a pedra em sua mão — e a força entre meus lábios, pressionando-a em minha boca até eu ter que a engolir.

A dor da pedra se dissolvendo em minha língua é ofuscante.

— Caro — gaguejo —, por favor. — Mas só consigo me debater debilmente enquanto a Feiticeira me arrasta para o rio, forçando pedra após pedra goela abaixo. Minha vista passa de vermelho a branco, e minhas lágrimas escorrem na água.

Esse sempre foi o plano, não foi? — rosna Caro. — Você queria me

— Esse sempre foi o plano, não foi? — rosna Caro. — Você queria me matar de uma vez por todas e carregar meu coração para sempre. Diga-me que não é verdade, Antonia, *tome-o de volta.*

As palavras dela se mesclam em meus ouvidos, o sentido — mas não a raiva — afogado pela batida das ondas, pelo rugido do meu próprio sangue correndo nos ouvidos. Tento gritar, mas uma onda bate no meu rosto e a água sedimentosa do rio enche minha garganta. Meus dedos rasgam um tecido.

Penso que consigo ver algo cintilando vermelho através da água do rio que cobre minha boca e meu nariz. Uma lâmina de rubi incendiada pelo sol moribundo logo acima da superfície. Estendo a mão para ela, minha visão ardendo e se escurecendo, mas a ponta dos meus dedos não roça em nada, em lugar nenhum e em todo lugar ao mesmo tempo, e…

Eu morro.



Irrompo da água com um arquejo, as mãos estendidas para rechaçar a pessoa que está me afogando, e a extensão clara e pálida do céu da tarde é quase ofuscante.

Essa pequena dor é demais, somada à queimação em minha garganta e à dor da privação de oxigênio que crava facas por todo o meu corpo. Ergo o braço para bloquear o céu — mas só quando ele de fato obedece, pousando sobre meus olhos, percebo que algo mudou. Meus membros doem, mas há força neles. E há algo sólido sob mim — areia — embora parte da minha cabeça ainda esteja sob a água. Meu estômago está embrulhado. Meu corpo deve ter pensado que estava sendo estrangulado e afogado, embora não fosse verdade.

Eu me lanço para a frente com um grito de alívio e atinjo a margem com força antes de rolar para ficar de costas.

Fico assim por um longo momento, até que a dor na garganta e nos pulmões esvanece um pouco, a sensação escorrendo de mim como a água do rio das bochechas e braços. A ravina entra em foco, a água voltou a ser de um verde-acinzentado comum, e não há sinal de Caro.

Por alguns minutos, só consigo sentar-me devagar e respirar, tentando suprimir o pânico, juntando com os punhos grãos da areia ao meu redor. Resquícios da memória se agarram a mim. Lembro-me do calor das pedras de coração de Caro. Os dedos que pareciam garras ao redor da minha garganta.

Um novo pensamento atravessa a inquietação: eu tentei devolver o coração de Caro. As histórias são verdadeiras.

Mas isso importa?

Conforme a lembrança vai se dissipando, o pânico poluindo minhas veias começa a piorar, não melhorar. Minha respiração acelera de novo e lágrimas brotam em meus olhos. Lembro o motivo pelo qual Elias e eu viemos aqui para começo de conversa — e o que eu vi logo antes de Caro me matar, cintilando acima da superfície da água.

A arma, a presa, a garra. A adaga de rubi, que entra e sai de minha mente como uma linha. A única coisa que pode me ajudar a matar Caro e pôr fim a tudo isso. Mas, quanto mais me agarro à lembrança e tento extrair significado dela, mais duvido de mim mesma. Estendi a mão para pegar a adaga enquanto estava me afogando no rio, envolta pela escuridão. Será que podia ter sido só uma visão, uma imagem criada por minha mente desesperada? Será que está perdida ao tempo ou em algum outro lugar? Ou em lugar nenhum?

Qualquer esperança remanescente morre depressa quando lembro que Liam está em Everless. Caro também. Ela sabe? Será que a arma poderia estar lá, apesar do que Liam disse? É por isso que foi para lá, para livrar o mundo da única coisa capaz de matá-la? Fecho os olhos, inclino-me contra a rocha plana ao lado na margem do rio, atordoada com todas as perguntas para as quais não tenho resposta…

E tomo um susto. Porque, sob a palma das minhas mãos, entalhado na pedra, há algo familiar. As formas grosseiras de uma cobra e uma raposa. Traço as formas levemente com a ponta do dedo.

O mundo muda de novo, veloz, com um puxão violento na minha mente. As árvores recuam. Rejuvenescem. Meu dedo ainda está traçando as formas na pedra, erodindo a rocha — mas, agora, pela primeira vez, estou fazendo a pedra derreter. Eu a transformo em poeira com apenas um toque sutil.

De trás de mim, uma voz chama:

— Olá.

Viro a cabeça depressa. Estou tremendo, com os joelhos dobrados contra o peito. Mas é só uma menina com cabelo escuro liso e olhos tão verdes quanto a grama, parada a alguns passos de mim.

— O que está desenhando? — pergunta.

Lentamente, estico as pernas. Ela se aproxima e se curva sobre a pedra.

— Uma cobra?

— Era assim que me chamavam. No meu vilarejo. Cobra… ou bruxa.

A garota se ajoelha ao meu lado, olhando para o meu vestido, que está coberto de terra e pontilhado com buracos.

— É por isso que você fugiu?

Confirmo com a cabeça.

— E nunca vou voltar. Você não pode me obrigar.

Ela sorri.

— Meu pai me chama de raposa, porque sou esperta. Um dia, vou saber tantos truques quanto a raposa. Pode fazer uma para mim?

O calor me domina, viajando até a minha mão enquanto traço a superfície da pedra. Os olhos da garota reluzem enquanto ela me observa entalhar uma raposa ao lado das linhas curvas da cobra.

— Meu pai disse que você pode vir para casa com a gente. — Ela fecha a mão ao redor da minha e nossas palmas soltam faíscas quando se encontram.

— Eu não tenho dinheiro…

Puxo a mão, mas ela a toma de novo.

— Não precisa se preocupar com isso. Meu pai tem o bastante. — Vira e aponta para uma figura parada à distância, depois olha para mim de novo, tirando um saquinho do bolso para revelar o brilho de moedas de prata no interior. O saco tem a imagem de uma árvore florida.

Ergo a mão e tiro algo do cabelo. Uma fita de cetim azul.

— Tenho que dar alguma coisa se vou morar com você.

Sorrindo, ela toma a fita e me ajuda a levantar.

— Você não precisa mais ter medo. Eu sou especial, como você. Meu pai também é. Não somos como as outras pessoas.

O mundo muda de novo diante dos meus olhos. De volta ao Vale de Blythe, cada centímetro de mim é Jules Ember.

Solto um grito engasgado e incoerente de frustração, sem me importar com seu eco pelas paredes da ravina — porque não quero mais ser puxada para meu passado, aquele espelho quebrado, cheio de cacos de mim que não se encaixam. Quando não tenho mais forças para chorar, levanto-me cambaleante e olho ao redor, tentando decidir o que fazer a seguir.

Embora minha mente esteja acelerada, lembro que Elias deveria estar aqui a essa altura. Ele deveria ter me encontrado às margens do rio. Elias pode me ajudar. Elias pode encontrar sentido em tudo isso.

E então — pânico. Olho para o local onde ele disse que desceria. Não há nada ali além do rio, cintilando inocuamente no sol da tarde, nada que indique que essas águas já me envolveram e foram vertidas pela minha garganta, enchendo meus pulmões de morte.

Começo a ir na direção em que Elias disse ter encontrado um caminho, onde disse que manteria guarda.

Cada passo é penoso, meus pés afundando de modo pesado na areia. Ainda assim, não demoro muito para alcançar uma curva no rio, acompanhada por um lance de escadas estreito entalhado na ravina, entremeado por raízes de árvores. É onde Elias deveria estar, mas não há ninguém aqui. Nem uma única pegada na areia.

Consigo ouvir algo lá em cima, porém, além da borda do pequeno cânion. Uma confusão de vozes, homens e mulheres gritando e o relinchar urgente de cavalos. Estão longe demais para distinguir palavras individuais, mas acho que ouço a voz de Elias entre eles — calma e arrogante.

A princípio, sinto alívio — mas então há gritos em nome da rainha. Um calafrio me atravessa, e eu congelo.

Permaneço parada, petrificada de medo, parecho que o coração parou

Permaneço parada, petrificada de medo, percebo que a comoção parece estar se afastando na direção do pequeno vilarejo rural que contornamos para chegar aqui. Um medo diferente me toma — e se Elias for capturado? E se for punido, levado por minha causa? O pensamento é suficiente para me fazer subir correndo a escadaria até poder espiar cuidadosamente sobre a borda.

E meu coração se contrai de pânico. No meio de um campo, posso ver um emaranhado de soldados de Shorehaven cercando Elias com as espadas empunhadas. No centro, Elias está parado com as mãos erguidas e a cabeça inclinada em direção a uma figura imponente. O Caçador.

A faca do Caçador está pressionada contra a garganta dele.

Movo-me sem pensar, erguendo-me sobre a borda e correndo em direção a eles, a terra rolando sob meus pés. Quando estou perto o bastante, e eles se viram e me avistam, estico as mãos. Convoco meus poderes sobre o tempo e faço o mundo saltar ao meu comando, sem me importar com as consequências.

E ele para. O tempo coalesce ao meu redor, ao redor *deles*. Os soldados reduzem de velocidade, as mãos enluvadas estendendo-se para as espadas, expressões de espanto e medo no rosto. Congelo todos eles, exceto por Elias, que corre em minha direção…

Mas algo está errado, porque, quando vejo os olhos do Caçador através dos buracos em sua máscara, vacilo — e ele se agita, como o lampejo de um peixe sob a superfície de um rio, uma, duas vezes, e então se liberta do meu controle do tempo. Dá uma ordem silenciosa a seus soldados — fazendo um sinal que não entendo — e suas palavras parecem perfurar a vedação que criei. Os soldados caem para os lados, saindo do caminho do meu tempo. Meu controle sobre eles se dissolve por completo.

Já estou me movendo para tentar outro ataque, mas o Caçador sai correndo em minha direção, parecendo quase voar sobre a terra. Um terror que não sinto desde que Caro matou Roan me domina.

Quase abruptamente, meu primeiro pensamento é de gratidão por Liam

Quase absurdamente, meu primeiro pensamento é de gratidão por Liam não estar aqui. Por eu ter feito a coisa certa, mandando-o de volta a Everless. Ele está a salvo, contanto que não descubram sua conexão comigo. Tenho que me certificar de que ele continue a salvo. Se eu for capturada, se Caro suspeitar que o amo…

Em silêncio, decido não ser levada viva.

— Jules! — Escuto a voz de Elias. A urgência dele faz meus olhos se afastarem do Caçador para encontrar os seus. Percebo duas coisas ao mesmo tempo: ele sacou sua adaga e seu rosto está tomado pela tristeza. Lembro-me da promessa de que ele me mataria para impedir Caro de me capturar. Vejo que ele também se lembra.

Prendo a respiração enquanto ele ergue o braço e deixa a lâmina voar. Sua mira é reta e precisa. A adaga faz um arco no ar e vejo, mais do que sinto, o metal se enterrar em meu peito.

A dor me atinge em todos os lugares ao mesmo tempo. Cambaleio para trás. A poucos passos de mim, o Caçador para de chofre. Vagamente, percebo que os cascos do cavalo dele jogam terra em minha direção. Minha visão borra e fica cada vez mais escura. O calor se esvai de mim, junto com a dor, enquanto caio sobre um joelho.

Penso em Liam, atravessando os portões de Everless. Seguro, seguro sem mim.

E alguma coisa toma o controle. O tempo que estive revirando nas mãos para prender os soldados sobe pelos meus braços, através de minhas veias, e enche meu peito e minha cabeça. Puro e atordoante, estica-se sobre mim, um arrepio que sobe e desce pela espinha. Ouço meu próprio coração batendo, o zumbido do sangue correndo em minhas veias.

A dor me atinge novamente, uma onda gigantesca, e o mundo ao meu redor volta a ter cores.

Eu me levanto.

Embora não consiga controlar, sinto o tempo se descongelando e partindo

Embora não consiga controlar, sinto o tempo se desenrolando a partir de mim, como uma cobra despindo uma camada de pele. A dor no peito se suaviza até sumir. O sangue retorna para dentro da ferida. As lágrimas em meus olhos, que nem tinha notado que escorriam pelas minhas bochechas, secam-se e clareiam minha visão a tempo de eu ver um lampejo de prata no ar, voando de volta em direção a Elias.

O próprio tempo estremece. Estou parada, incólume, o Caçador corre até mim e a faca está na mão de Elias. Ele olha para ela, espantado, com a expressão de alguém tentando se lembrar de algo.

— Ele está armado! — grita um dos soldados.

Estou chocada demais, lenta demais, para impedir o que acontece em seguida, mesmo quando percebo como tudo vai se desdobrar. Os soldados avançam em conjunto. Espadas reluzem. E Elias tomba, sua própria adaga caindo inutilmente sobre os trevos.

Não.

O tempo explode para fora de mim outra vez. Quase não tenho mais controle sobre ele, ilesa e reanimada pelo medo e a fúria. Enquanto o tempo irrompe de mim, eu também começo a correr, passando pelo corpo congelado do Caçador e pelos soldados em suas poses violentas até o lugar em que Elias está ajoelhado na terra, apertando um corte profundo na lateral do corpo.

Se conseguir segurá-los mais um pouco, posso salvá-lo.

Caio de joelhos diante dele e toco seu ombro para descongelá-lo. Ele acorda, piscando, e seu rosto se contorce imediatamente de dor. Uma onda de gratidão por ele ter mantido a promessa me atravessa, seguida por um arrependimento profundo e doloroso. Outra pessoa morta por minha causa — embora esteja claro, pela confusão com que me olha, que não se lembra de ter jogado a adaga.

— Vou voltar o tempo para curar você — digo, apoiando uma mão sobre o ferimento em suas costelas. Elias se encolhe e assente, e fecho os olhos e convoco o tempo pela terceira vez, esperando acelerá-lo ao redor do ferimento de Elias e curá-lo antes que perca muito sangue. Mas meus pensamentos

estão dispersos demais; meu coração, batendo rápido demais. O corpo de Amma lampeja diante dos meus olhos. Uma voz interior amarga grita que sou um fracasso, um arremedo de Alquimista, que fiz tudo errado desde o dia que deixei papai para ir a Everless. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Mordo o lábio e tento me concentrar no ferimento de Elias, mas minhas mãos estão tremendo de luto e raiva e dúvida. Sinto-me queimada por dentro, oca e inútil.

— Jules. Só Jules. — A voz de Elias está rouca de dor, mas uma nota do seu antigo humor ainda permanece, de alguma forma.

Viro para ele com lágrimas nos olhos. Posso sentir que sua ferida está sarando, mas não rápido o suficiente. Não o suficiente. O sangue está escorrendo pela lateral do corpo dele e encharcando a terra, manchando o trigo de vermelho.

— É só um arranhão. Vou ficar bem — diz, fechando fracamente a mão sobre meu pulso. Sigo o olhar dele; acima de nós, os soldados e o Caçador estão parados no ar, avançando em nossa direção com a velocidade das nuvens de tempestade se formando. — Sério. Você precisa fugir.

— Não posso deixar você aqui! — grito, não me importando em soar desesperada.

— Pode e vai. — Tira minha mão do corpo dele. — Duvido que Caro vá me matar. Pelo menos, não de imediato.

— Não é um grande consolo — rosno para ele. Sinto o suor brotar em minha testa enquanto me concentro em curar sua ferida. Mas não é suficiente. *Eu* não sou boa o suficiente.

— Vá, Jules. Termine o que começamos. — Ele dá um meio sorriso.

Deixá-lo é a última coisa que quero fazer, mas posso sentir meu controle sobre o tempo se dispersando. Os soldados e o Caçador logo vão acordar. E as coisas serão piores para Elias — para nós dois — se eu estiver aqui com ele.

Aonde quer que eu vá em seguida, preciso ir sozinha.

Elias assente, a irreverência sumindo do seu rosto.

— Agora vá, Jules.
Suas palavras são como a última luz na escuridão crescente.



Fugir. Eu tinha me esquecido como era.

O cavalo do Caçador galopa sob mim. As batidas dos cascos e a dor em minhas pernas enquanto luto para permanecer sentada ajudam-me a esquecer o que acabei de fazer — cavalgamos por horas antes que eu me lembre do ferimento de Elias. Permito-me chorar, culpando o vento que me açoita pelas lágrimas, e não a mim mesma por deixar o melhor amigo de Liam nos braços do inimigo.

Ou, pelo menos, nos braços dos soldados — porque o Caçador segue em meu encalço. A única coisa que me salva é que roubei o cavalo dele, que é claramente superior aos corcéis dos outros soldados, embora eu não seja uma boa cavaleira. Por horas, ele me impele adiante pela pequena estrada que cruza a floresta, ficando para trás e em seguida reduzindo a distância, sempre mantendo o ritmo mas nunca me alcançando.

A floresta está diminuindo depressa ao nosso redor agora — e o som do Caçador atrás de mim esvanece com ela. Reduzo o ritmo até parar, desconfiada do barulho do vento na escuridão, que carrega o aroma de fogueiras distantes. Embora o Caçador tenha ficado para trás, deixei um rastro de marcas de cascos atrás de mim, serpenteando pelos bosques…

Preciso de um lugar para me esconder.

Através das árvores, o luar ilumina um terreno familiar; estou de volta em território Gerling, não longe de Laista, e a cada passo me aproximo de

Everless. À distância, vejo um abrigo: uma pequena área murada sobre uma colina, como uma pequena fortaleza, com estandartes verdes e dourados esvoaçando sobre o portão de ferro forjado. Um calafrio desce pela minha espinha à visão das cores dos Gerling.

Nunca estive aqui, mas sei de imediato o que é — o cemitério dos Gerling, a apenas oito quilômetros de Everless, murado e encoberto agora por uma névoa fria. O reconhecimento não vem das memórias da Alquimista, mas de histórias que papai me contava quando eu era pequena e dos sussurros de outros criados de Everless.

Diz-se que, se consumido, qualquer tempo que resta no sangue dos mortos pode matar… no entanto, neste país sempre há aqueles desesperados o suficiente para tentar desenterrar os mortos e conferir por si mesmos. Não faz diferença em lugares como Crofton — nenhum dos mortos têm qualquer tempo para ser roubado —, mas os túmulos dos nobres ficam longe da civilização, distantes e no alto e protegidos. Tão inacessíveis quanto o pico de uma montanha.

Apeio com as pernas doloridas de me agarrar ao cavalo e amarro as rédeas a uma árvore, longe o bastante do cemitério para que ninguém veja.

Depois corro até o cemitério Gerling. A névoa transborda sobre o muro, curvando-se como um dedo chamando-me para dentro.

De cada lado da entrada há dois recuos onde guardas de Everless geralmente flanqueiam os portões. Deveriam estar aqui agora, garantindo que os Gerling não sejam perturbados pelos vivos, mas penso que é provável que receberam ordens para revirar Sempera atrás de mim. Agradeço à Feiticeira por isso — se Caro não estivesse me caçando, talvez não tivesse conseguido entrar sem problemas. Escalo o portão e caio dentro do cemitério.

No interior, os muros altos bloqueiam boa parte do céu, e a manhã silenciosa fica estranha e sobrenatural. Grandes lápides de mármore ou granito polido se esticam na névoa, formas escuras com bordas afiadas surgindo do nada. Outro arrepio percorre a minha pele enquanto me detenho

entre elas. Os sons normais da primavera — a música dos pássaros, o sussurro do vento — desaparecem; se não fosse pela névoa lentamente flutuando ao meu redor, eu me perguntaria se o tempo tinha parado. Para os mortos, suponho que parou.

Não sinto nada além de uma inquietação sinistra, como se estivesse sendo observada.

Um ponto de cor carmesim atrai a minha atenção, destacando-se contra todo aquele verde e cinza. Aproximo-me dele. Uma lápide — um obelisco mais alto que eu, feito de puro mármore branco — ergue-se sobre terra recém-revirada e, ao seu redor, há flores espalhadas, vermelhas e brancas e verdes, fios delicados de pérolas e pedras semipreciosas, pequenas esculturas da Feiticeira de cobre e ouro, e várias canecas de estanho com vinho inacabado. O aroma de flores colhidas e perfume flutua acima do cheiro de chuva e terra conforme me aproximo para ler as palavras entalhadas na lápide.

Meus olhos encontram o nome *Roan Gerling* na névoa. Ele me atrai inexoravelmente. Tão adequado ao garoto que eu conhecia, sempre a postos com um sorriso, uma risada.

Meu luto por Roan ocupa um canto estranhamente ignorado no meu peito, um quartinho onde mal entrei desde que fugi de Everless, o que parece ter sido em outra vida — embora só tenham se passado duas semanas. Ainda assim, ao me permitir parar aqui e olhar, olhar com cuidado, para o túmulo dele e lembrar que está morto, que ele se foi, o luto me arrebata como se estivesse acontecendo tudo de novo. Sua última súplica confusa e sussurrada, cortada pela faca de Caro. Seus olhos se apagando enquanto caía, e como o silêncio que se seguiu pareceu pesado e completo e eterno. Morto. Para sempre. Por causa de Caro.

Sem querer, caio de joelhos, toda a minha força se esvaindo. De súbito, sinto a presença dos mortos — sinto que estão me cercando, uma multidão de olhos invisíveis, um sopro silencioso sem respiração. O peso da expectativa e um lembrete do meu fracasso. Que eu, que voltei vez após vez enquanto eles

não, posso de alguma forma salvá-los, redimi-los. Papai, Roan, Amma. E aqueles que eu não conhecia bem — Rinn, a mulher que me contou o nome de minha mãe, presa em seu ciclo temporal infinito em Briarsmoor; Althea, a bruxa, e até seu filho, Joeb.

Elias, que pode estar morto.

Quem sabe quantos mais voltando no tempo através da história da Alquimista.

No entanto, ela não me quebrou. Por séculos, continuei lutando cegamente, nem vencendo nem a deixando me quebrar por inteira, e há séculos os semperanos vêm morrendo por isso.

A lembrança da minha morte me toma outra vez, e de repente me sinto estúpida — envergonhada.

Mentirosa. Você tirou tudo de mim.

— Você também tirou tudo de mim. — Pronuncio as palavras em voz alta, embora elas se assentem de um modo estranho em minha boca. Permaneço um tempo com elas, revirando-as na mente. Agora que estou quieta, o momento peculiar ao que fui levada na margem do rio, aquele enraizado no desenho da cobra e da raposa, reemerge em minha mente. Porque, obviamente, a garotinha era Caro. E o homem à distância, seu pai…

Que me convidou para ir morar com eles.

Meu estômago se contrai e eu me levanto.

As superstições diriam para eu não ficar tão perto dos túmulos, que o tempo morto e envenenado de Roan poderia se erguer da terra como uma criatura viva para azedar meu sangue. Mas não me afasto — não consigo me afastar. Porque, conforme a névoa arde sob o sol matinal, uma fileira de lápides entra à vista atrás da de Roan. Fileiras e mais fileiras delas. Curiosa, sigo até topar com um nome familiar:

Lorde Ulrich Ever

A lápide dele é simples, quase sem detalhes exceto por uma árvore florida familiar, a mesma forma gravada no saquinho de moedas que Caro me

mostrou quando me encontrou.

O mundo fica embaçado. Através do verde e do cinza, vejo outro rosto. O de papai. Ouço a voz de Caro. *Meu pai.*

Lorde Ever.

O pai de Caro.

Como Liam pode — como *eu* posso — não ter adivinhado? Mas sinto a verdade em minha alma.

Um movimento ou som, tão sutil que não sei se o imaginei, arranca-me dos pensamentos.

Primeiro acho que caí em outra lembrança, mas o céu permanece do mesmo cinza. Olho para um lado e depois para o outro, procurando um sinal de outra coisa viva no cemitério. Não há nenhuma, mas meus sentidos estão alertas, cientes de dezenas de lápides enormes e da névoa remanescente que poderia esconder com facilidade um intruso. Talvez seja só um amigo ou amante de coração partido, que fugiu ao me ver.

Então algo toca as minhas costas, algo frio e pequeno e afiado, que me faz ficar rígida.

— *Vire-se* — diz o sussurro baixo. Eu me viro.

E vejo o Caçador diante de mim.

Um grito cresce em meus pulmões, mas estou determinada a não o soltar. Ele está mascarado e encapuzado, parado a um braço de distância de mim — e com a ponta da faca a um centímetro do meu peito. Está mortalmente imóvel; não vejo nenhum sinal de respiração. Como se fosse um fantasma, uma arma dos mortos que veio levar a Alquimista.

O Caçador se lança à frente, pele e músculos e ossos, e tudo parece real demais. Mal desvio a tempo. Sinto o peso e o calor de uma pessoa sob a seda preta, ouço a faca cantar contra o ar e então um baque suave e nauseante quando ela perfura a terra. Ele pula sobre mim outra vez.

Recuo aos tropeços, ainda rígida e lenta depois de me encolher na terra fria. Minhas costas batem contra uma lápide e eu praticamente caio atrás dela,

agachando-me de modo que o próximo golpe do Caçador erra meu rosto por pouco. Consigo me erguer e andar para trás, não querendo dar as costas para ele e erguendo as mãos no caminho. O rosto sombreado do Caçador atrai meus olhos. Não consigo afastá-los. Estremecendo, lembro da figura que tentou me afogar. De alguma forma, aquela escuridão onde deveria haver um par de olhos é mais assustadora que qualquer rosto.

Ele avança com a faca outra vez, e agora afasto a lâmina de sua mão enluvada. O Caçador não hesita nem por um segundo; salta sobre mim apenas com as mãos cobertas com luvas de couro, tentando agarrar minha garganta.

Caímos ao chão juntos, ele em cima de mim. Através da seda preta de sua capa, sinto a solidez da armadura, o couro ou metal envoltos em seu torso e braços — piorando a dor que vem com cada golpe enquanto nos debatemos, suas botas com detalhes de metal encontrando minhas canelas, os cotovelos descendo sobre minhas costelas, as mãos enluvadas estendendo-se para a minha garganta, mais fortes do que as minhas próprias mãos presas pelos pulsos dele. Sua respiração irregular escapa sob a máscara, e mal consigo ouvi-la por baixo de meus próprios arquejos e as batidas do coração nos meus ouvidos.

O Caçador se imobiliza sobre mim, suas mãos, pequenas, enluvadas, ferozmente fortes, empurrando as minhas em sua missão de encontrar minha traqueia. Seu peito arqueja contra o meu e, pela primeira vez, minha mente clareia o suficiente para reconhecer que esse corpo é menor e mais leve do que pensei.

O Caçador sai de cima de mim às pressas, pulando em direção à faca que caiu na grama a alguns passos dali, e se endireita para me olhar — e então, sem soltar a arma, ergue uma mão e puxa o capuz para trás.

Prendo a respiração. Reconheço aquele cabelo curto e encaracolado — ela tira a máscara e deixa o tecido cair ao chão.

Ina.

27



Eu me sento sem querer, e a faca gira de novo para ser apontada em minha direção. Ina Gold, minha irmã, a rainha de Sempera, está parada diante de mim, seu rosto ao mesmo tempo calmo e iluminado de fúria. Ela está respirando forte através dos lábios entreabertos, e suas bochechas estão coradas. Mas sua mão, apontando a lâmina para mim, está absolutamente firme.

— Ina. — Minha respiração sai rouca. Alívio e alegria e medo se torcem fazendo um nó em meu peito. — Ina, como…?

— Não fale — sibila, furiosa. — Como ousa? Como ousa vir aonde Roan está enterrado?

Fecho a boca e a abro de novo, tentando respirar, tentando pensar. Ina. Minha amiga, minha irmã. Por onde posso começar, quando ela está me olhando com tanto ódio? Arrependimentos tomam conta de mim; pensei que mentir para ela a protegeria. Fiz isso por amor — mas nunca devia a ter deixado pensar que eu era a assassina. Porque agora o ar entre nós está denso e impenetrável, e a raiva e o ódio em seus olhos são mais dolorosos do que todos os golpes que acabamos de trocar.

— Eu não o matei. — É o que acaba saindo. Em voz alta, as palavras soam patéticas, embora eu saiba que são verdadeiras.

A mão dela se contrai, mas seu olhar continua firme e ardente sobre mim.

— Claro que não — diz, a voz pingando de acidez. — Suponho que ele e a minha mãe só decidiram se assassinar sozinhos.

— Ina, você poderia ter me matado. Agora, e no rio — digo, rouca. Meu corpo inteiro dói, mas eu me levanto da grama. Devagar, bem devagar, sem tirar os olhos dela. — Mas não me matou.

— Não. Você vai ter um julgamento. — Os olhos de Ina passam brevemente por mim até a lápide de Roan, depois voltam para mim. De novo, por um momento, sinto a presença dos mortos ao meu redor, os olhos de Roan e de lorde Ever e de todos os outros, os mortos presentes e não presentes, nesta vida e na última e naquela antes dessa, estendendo-se por quinhentos anos. Ina quer a mesma coisa que eu. A verdade.

— Roan era meu amigo — falo. A emoção embarga minha voz, mas me obrigo a engoli-la e ser forte por ela. Ela também perdeu tudo, e lhe devo não desmoronar. Como Liam fez por mim quando me contou sobre a Alquimista pela primeira vez, dou-lhe a verdade em pequenos goles. — Ele foi morto para me atingir. Porque alguém pensou que me machucaria.

— Quem? — exige saber Ina com desdém, embora lágrimas tremulem em seus olhos, ameaçando transbordar. Dá um passo em minha direção; eu me obrigo a não recuar, ainda que a faca se aproxime. — Eu falei com os outros criados. Eles me contaram que você odiava os Gerling. E como tantos pensavam que você amava Roan desde que criança.

Obrigo minha voz a ficar firme.

— É verdade. Eu não odiava Roan. Nunca odiei. A pessoa que o matou… — Como posso contar isso a ela? Como ela acreditaria em mim? Mas os olhos de Ina estão fixos em mim, firmes e inquisidores, então sustento seu olhar e falo: — Caro o matou, Ina. Ela o matou e matou sua mãe também.

A cor foge de seu rosto, embora ela não abaixe a lâmina. Observo-a com atenção, com medo de começar a ter esperanças enquanto ela processa minhas palavras. Os pensamentos cruzam seu rosto como nuvens velozes no céu.

Por quê? — Ina murmura enfim. Sua voz sai baixa, mas sorte facilmente

— Por que? — Ina sussurra enfim. Sua voz sai baixa, mas corta facilmente o silêncio pesado e tenso que nos cerca no cemitério. — Por que ela faria algo assim?

Aferro-me ao fato de que ela não disse que eu enlouqueci, agarrando esse fiapo de esperança com toda a força. Coisas que posso dizer chacoalham em minha mente, uma soando mais absurda que a outra. Mas agora que comecei a contar a verdade para Ina, não posso parar. Seria errado negar isso a ela. Respiro fundo e viro a palma das mãos em direção à minha irmã.

— Ela queria me ferir — digo devagar. — É difícil explicar, mas Caro e eu nos conhecemos há muito tempo. Desde antes de você chegar a Everless. Não posso dizer que entendo, mas venho tentando entender. — Respiro fundo. — Mas pense. Consegue se lembrar do dia em que conheceu Caro?

Os olhos de Ina se estreitam. Ela não entende. Mas, enquanto o silêncio se estende, seu rosto começa a se franzir e seus olhos se arregalam. Posso adivinhar o que está fazendo, vasculhando sua memória em busca do dia em que a criada bonita, de voz branda e olhos verdes, entrou em sua vida. E não consegue achar uma resposta, porque…

— Ela estava lá o tempo todo — digo, hesitante, deixando o final da frase erguer-se como uma pergunta. — Ela estava lá o tempo todo, não estava?

Ina não responde, mas posso ver que as palavras a atingem. A verdade nelas a faz se encolher de leve.

Continuo:

— Porque ela sempre *esteve* lá. Ao lado da sua mãe desde que qualquer uma de nós tivesse nascido. Nunca mudou. Sempre vigiando tudo. Observando. Esperando.

Ina fica em silêncio por mais um momento, apertando o cabo polido da faca com as mãos, e não posso imaginar como deve ter sido para ela crescer sozinha em um palácio, com tanto a mãe como a amiga desaparecendo a intervalos estranhos. Lembro como a antiga rainha e Caro se comportavam juntas, a sua interdependência esquisita e silenciosa, orbitando uma à outra enquanto mal trocavam uma palavra. Imagino que Ina se acostumou com a

dinâmica após vê-la todos os dias, mas posso ver as perguntas se formarem em sua mente enquanto revira minhas palavras.

Então, no entanto, parece deixá-las de lado. Empina o queixo para mim.

— Esperando pelo quê?

— Por mim — digo. É verdade, de certa forma. — Caro e eu… Nós somos inimigas. Não a reconheci quando ela chegou em Everless, nem ela me reconheceu, mas por fim percebeu quem eu sou. — Respiro fundo até meu peito doer, tentando conter as lágrimas brotando em meus olhos. — Ela matou Roan para me ferir, porque achava que eu o amava. E sua mãe, a falecida rainha, sabia disso, então ela a matou também, certificando-se de que eu levaria a culpa.

Uma lágrima cai silenciosamente pelo rosto de Ina, e penso que vejo suas mãos se abaixarem um pouco.

— Quem é você, então? — sussurra.

— Ina — começo, tentando achar um jeito de entrar no assunto, um jeito que não fará minha irmã sair correndo ou reconsiderar usar a arma. — E se eu dissesse que o Alquimista e a Feiticeira ainda vivem?

Ela me olha confusa.

— Minha mãe me criou para acreditar nas velhas histórias, mas…

— Meu pai também — digo, minha voz se reduzindo a um sussurro involuntariamente. — E você acredita que os dois podem ainda caminhar pela terra? Que podem estar entre nós?

Ina troca o pé de apoio, desconfortável.

— O que está dizendo?

— Isso vai parecer loucura — falo. — Eu ainda me sinto louca, mas por favor, acredite em mim, Ina. — Engulo em seco. — Eu sou a Alquimista. E Caro… Caro é a Feiticeira.

Ina me encara inexpressiva. Um minuto inteiro parece passar em um silêncio tenso.

Por fim:

— O que senti no vale… quando atacamos você e seu amigo. Aquilo era… magia antiga?

Assinto vigorosamente. As lágrimas enchem meus olhos de novo.

— Ina, você conhece a história em que o Alquimista oferece devolver à Feiticeira o coração dela e ela dá a ele doze pedras para comer?

Ela dá um aceno curto. *Sim*. Sua mão se abaixa um pouco.

— As pedras eram o coração da Feiticeira, quebrado em doze partes. Eu nasci novamente depois de morta.

Os olhos dela reluzem.

— Sou a Alquimista — digo, sem nada da autoridade retumbante que deveria acompanhar essa declaração. Envolvo os braços ao meu redor, como se pudesse me impedir de desmoronar. — A décima segunda, a última. Caro quer me matar e recuperar o que roubei dela em minha primeira vida.

— O coração dela — responde Ina.

— Sim, mas primeiro ela tem que parti-lo. Foi por isso que… — Mas não consigo continuar. As lágrimas que estavam ameaçando se libertar finalmente escorrem pelas minhas bochechas, uma após a outra.

— Foi por isso que ela matou Roan — conclui Ina por mim, com uma voz suave e incrédula. — Porque você se importava com ele.

Confirmo com a cabeça. Não consigo fazer nada mais, não posso perguntar a ela se acredita em mim e arriscar que diga que não.

— Jules… — Dá um passo em minha direção. Estende as mãos, sem me tocar, mas algo mudou nela, entre nós. Seus olhos estão mais suaves, ainda incertos, mas o ódio que queimava tão forte se dissolveu. Ela não é mais o Caçador, não é mais a rainha, só uma garota, só minha amiga, pálida e perdida.

— Sinto muito por não contar antes — digo, com a voz embargada. — Devia ter contado, devia ter tentado mais, mas não sabia, eu…

A confusão lampeja em seus olhos.

— Por que para mim? Por que você contaria para mim?

Quase rio, porque essa é a parte da verdade que parece mais assustadora. Mas reúno coragem e continuo.

— Quando nos conhecemos, você confiou em mim… Você queria descobrir os segredos sobre o seu nascimento. Ainda quer saber?

Ela dá um aceno hesitante.

— Acho que sim.

— Lembra quando fomos ao orfanato e o homem de lá me contou sobre Briarsmoor? Nós nascemos lá, Ina, nós duas, no mesmo dia. Da mesma mãe. — Puxo o ar, trêmula. — Somos irmãs gêmeas, e nossos pais morreram durante as perturbações temporais sobre as quais ouvimos.

— A rainha me encontrou lá — diz Ina. Sua voz ainda está impassível, desprovida de sentimento, mas tenho que contar como uma vitória o fato de ela ainda não ter fugido ou me atacado. Ainda está aqui, ainda está ouvindo, e isso tem que significar alguma coisa. — Eu tinha uma pedra na boca.

— Um sinal da Alquimista — explico. — E era eu, eu tinha a pedra, se é que ela existiu. Mas papai… Meu tio… *Nosso* tio — percebo com uma fisgada de dor o que Ina nunca teve — me levou embora. Deve não ter se dado conta de que a rainha levaria você no lugar.

— Então Caro pensou… — começa Ina, tropeçando em cada palavra. — Ela pensou que… Eu…

— Sim. — Arrisco dar um passo adiante, ficando perto o bastante para tocar em Ina, e ela não se afasta. — Ela ia matar você, mas descobriu que eu era a Alquimista, e não você.

Ina me contempla por um longo momento, medo e descrença e alguma outra coisa lampejando sob a cortina transparente do seu rosto. Meu coração dói ao ver como as suas emoções estão à flor da pele. Quão terrível essas últimas semanas devem ter sido para ela, enquanto eu corria por Sempera perseguindo minhas lembranças, abandonando-a com Caro. Mas então, tão depressa quanto uma tempestade se formando, suas feições se contraem de raiva.

— Mentirosa. *Mentirosa*. — A faca está novamente em minha garganta. — Achou que eu acreditaria nisso?

Fecho os olhos. Talvez seja o fim — de modo sombrio, penso que morrer nas mãos de Ina é bem melhor que nas mãos de Caro. Mas talvez o medo da morte afete meu cérebro, porque outra ideia me ocorre.

— Ina, posso tentar mostrar a verdade a você? Se conseguir fazer isso, você vai acreditar em mim?

Ela me olha, confusa.

— Como?

Ina quer acreditar, tenho certeza. Fecho os olhos e, com gentileza, tomo a mão dela. *A memória são momentos, e os momentos são o tempo*, penso, canalizando as palavras de Stef, e imagino-me puxando Ina para dentro.

Lentamente — muito lentamente —, começa a funcionar.

Segurando a mão de Ina, vadeio por lembranças, uma após a outra entrando e saindo de foco em minha mente. Caro em Everless, observando o ouro líquido do meu tempo dançar pelo chão; Briarsmoor, primeiro o esqueleto da cidade, depois o grito alto e lamurioso de nossa mãe, Naomi; Roan de joelhos, com a lâmina de Caro pressionada à sua garganta.

Solto a mão de Ina e cambaleio para a frente, de volta no cemitério. Diante de mim, Ina está me encarando com os olhos vítreos e arregalados.

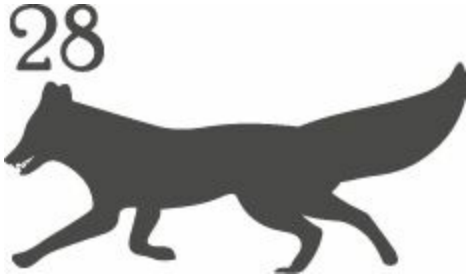
— Sinto muito, Ina — digo e toco seu braço com delicadeza, sentindo a solidez da armadura sob a capa do Caçador. Sei que as palavras não podem, de forma alguma, transmitir tudo que sinto, meu arrependimento e luto por Roan e até pela rainha, e como sinto muito por ela ter sido arrastada para o meio de tudo isso e, como consequência disso, ter se machucado. — Sinto muito por tudo.

As pálpebras dela se fecham por um momento, seu peito se erguendo e caindo rapidamente sob a capa. Vejo-a tentar se controlar, e isso retorce algo dentro de mim. Mas, por fim, ela cede e deixa a emoção transbordar em seu

rosto. Suas pernas vacilam e ela desaba contra meu peito de um jeito que me faz ter certeza de que esperou um longo tempo para poder desmoronar.

Eu a seguro. Eu a seguro e não solto mais.

28



Ficamos por horas no jazigo dos Gerling. Conto a Ina o que aconteceu desde a noite em que visitamos a bruxa em Laista. Ela me diz que Elias vai se recuperar — e, mesmo que seja só por sua força de vontade radiante, acredito. Quando não há mais nada a dizer, o dia desbotou e a lua brilhante está se erguendo. Meu lado irônico fica espantado que doze vidas e tudo pelo que passei desde escapar de Everless possam ser detalhados tão brevemente.

Ina continua:

— Sempre pensei que havia alguma coisa de diferente em você. Desde que a conheci em Everless. Algum segredo, alguma tristeza.

A lembrança do nosso tempo juntas em Everless — tão simples, comparado ao presente — aperta meu coração, e eu abaixo os olhos. Talvez, como Ina, eu também carregue as emoções no rosto. Só que, como nunca experimentei nenhuma exceto dissimulação e tristeza, não saberia a diferença.

— Eu não sabia, naquela época… Sobre mim. Meu pai tinha acabado de morrer. Eu estava começando a entender, mas não sabia.

— Você não tem que se explicar para mim. Não entendo tudo sobre essa história de Alquimista e Feiticeira, mas acredito em você.

Quase pergunto a ela por quê. O mais inacreditável de tudo é o pouco de confiança que ela está me dando. Mas as lágrimas tapam minha garganta e eu não digo nada.

— Pelo menos isso explica por que Caro mudou desde a morte da minha mãe — continua Ina. — Ela só fala sobre vingança agora. Quer que eu reúna um exército, Jules, recrutando soldados de todas as cidades e vilarejos de Sempera. Está falando sobre invadir outras nações, espalhar o ferro-sanguíneo para as terras deles. Ela sangrou tempo de pessoas inocentes. Nunca foi tão sedenta por sangue.

— Foi, sim. — De repente, não consigo encarar os olhos de Ina, então os abaixo para a grama. — Ela só não tinha revelado até agora. Caro disse que mataria até encontrar a pessoa que iria me quebrar. Todos que eu amo, ou que me amem, estão correndo perigo. Tantas pessoas que tentaram me proteger morreram por causa disso.

Ina me encara, depois desvia os olhos.

— Você acha que foi tudo mentira?

— Não sei. — Minha amizade com Caro em Everless só durou algumas semanas antes de descobrir quem ela realmente era, mas Ina a conhece há anos. Invoco o rosto da garotinha que se aproximou de mim junto ao rio. Doce, honesta. Mas, não importa quanto eu tente me agarrar a essa imagem, uma Caro mais velha a dissipa.

Ina abre um sorriso triste.

— Quando penso no que compartilhamos, tenho certeza que era real. Algumas partes, pelo menos. Ela se importava comigo.

— Ela colocou você em perigo, enviando-a como o Caçador.

Ina balança a cabeça.

— Eu *queria* ir atrás de você. Foi ideia minha pôr essa fantasia. — Devias os olhos. — Apesar das coisas terríveis que fez, Caro sempre enxergou uma parte de mim que os outros não viam. Era a única pessoa que não me tratava como uma boneca de vidro. É como se… Visse o poder em mim. — Pausa, pensativa. — Provavelmente porque pensou que eu era a Alquimista por tanto tempo.

Tenho certeza que não — fala depressa, com sinceridade, com todo o

— Tenho certeza que não — falo depressa, com sinceridade, com toda a convicção.

Ina suspira.

— Saber que não era tudo mentira só piora as coisas. Ela devia ser minha amiga — sussurra, com a voz suave e falhando. Suas bochechas brilham com lágrimas.

Encaro o rosto dela por um momento mais demorado, ainda zonza com o fato de que acredita em mim — de alguma forma, apesar de tudo, ela acredita em mim, como Amma. Está me olhando com confiança e expectativa, como se eu soubesse o que fazer em seguida. Uma pontada súbita e feroz de saudades de Liam me atravessa. Liam, que sempre sabe o que fazer em seguida.

— O que você vai fazer sobre Liam? — pergunta. Será que consegue ler o pensamento por meio do meu rosto? — Você se importa com ele, não é? Você ama…

— Não diga isso — corto, rápido, e o medo puro em minha voz a cala. — Por favor.

Mas Ina nunca foi de ficar quieta. Suavemente, pergunta:

— Você acha que ele é o único que, se morrer, vai partir seu coração?

Engulo em seco.

— Não sei. — Mas todos os meus instintos gritam que é uma mentira.

— Mas e agora, Jules? Como posso ajudar você?

— Preciso encontrar a arma capaz de matá-la — digo baixinho.

Ina cerra a mandíbula.

— Você tem que voltar para Everless.

Aperto a mão dela, não querendo nada além de ficar aqui, ao lado da minha irmã. Não é que não quero ir — quero mais do que tudo —, mas também quero ficar com Ina por mais um tempo, com a incerteza do que Caro pode fazer comigo quando nos enfrentarmos.

Você só quer que eu encontre Liam — murmuro, para esconder meus

— Você só quer que eu encontre Liam — resmungo, para esconder meus pensamentos. Caro me conhece. Sabe que, mais cedo ou mais tarde, vou voltar ao lugar onde tudo isso começou.

Ina ri e apoia a cabeça em meu ombro.

Um fio de fumaça atrai a minha atenção, erguendo-se no ar diante da lápide de Roan. Intrigada, vou até lá e vejo que a pedra com que Stef me presenteou está caída em uma poça de vinho derramado. Dissolvendo-se.

Ina me segue.

— É ferro-sanguíneo estragado?

— Não. Foi um presente, herdado da Alquimista há muito tempo, para mostrar a verdadeira face do mal. — A fumaça paira acima dela, sem se dissipar. Tomada por uma ideia, reúno mais algumas canecas de vinho no túmulo de Roan, verto o líquido em um único recipiente, então jogo o que restou da pedra preta no interior. Como se estivesse colocando um ferro-diário no chá da tarde de lady Sida.

Imediatamente, o vinho começa a chiar e soltar faíscas. A fumaça se torna mais espessa, retorcendo-se. Para meu choque completo, parece tomar forma no ar diante de nós, assumindo devagar o semblante de um homem. Seus lábios são finos. Há órbitas profundas e escuras onde os olhos deveriam estar. Ina e eu ofegamos ao mesmo tempo.

— Este é… Quem é este? — pergunta Ina, sem fôlego. — Nunca vi nada assim.

— A face do verdadeiro mal — respondo, encolhendo-me quando o rosto parece abrir a boca para rir. Mas então esvanece de uma só vez, desaparecendo como se nunca tivesse existido. Pisco.

Quem mais poderia ser, exceto Ever?

Ina aperta minha mão, e me distrai dos meus pensamentos.

— Você tem razão, vou voltar para Everless — digo, imbuindo intenção nas palavras desta vez. — Se a arma não estiver lá, pode haver algum outro fato que me ajude a derrotá-la.

Faz sentido de um jeito sombrio. Preciso acabar com isso onde tudo começou — tanto a minha compreensão de tudo isso como a história da Alquimista e da Feiticeira.

— E o que vai fazer depois, Jules?

Olho para Ina e vejo meu próprio medo e esperança refletidos em seus olhos.

— Depois, vou pôr fim a isso — sussurro.

Ina parece solene.

— Você não tem que a enfrentar se não estiver pronta, pelo menos ainda não. Pode voltar para Shorehaven comigo…

— Tenho certeza. — É a única coisa de que tenho certeza e me agarro a ela, ainda que o terror me domine. A ideia do que Caro pode fazer se descobrir que Ina sabe a verdade me abala até o âmago. — Estou pronta.

— Bem, vou ajudar você. — Ina fica parada por mais um momento, depois afasta as mãos. Solta alguma coisa em seu peito e tira a capa preta dos ombros, uma sombra transformada em matéria. Embaixo dela, está usando uma túnica simples e calças justas, algo que eu e Amma poderíamos usar em Crofton. Ela joga a capa sobre o braço e estende a mão para sua nuca, para desatar o pedaço de seda escura que cobria seu nariz e sua boca — e estende seu disfarce para mim.

— Para você poder entrar em Everless — diz, em resposta ao meu olhar confuso. — Eles não vão impedir o Caçador de entrar.

Sinto uma onda de calor. Ninguém nunca duvidou tão pouco de mim quanto Ina agora, ainda que retornar a Everless seja a coisa mais perigosa que já fiz.

— Isso é genial, Ina. Obrigada.

Ela morde o lábio, pensativa.

— Vou mandar uma mensagem para tirar Caro de lá. Vou pensar em algo. Não posso garantir muito tempo para você, mas… É melhor do que nada. Você vai ter um tempo para procurar, pelo menos.

Olho para Ina — realmente olho para ela. Não é mais a princesa inocente e sorridente que chegou em Everless há pouco menos de um mês. Há uma gravidade nela agora, uma determinação forte como ferro em seus ombros aprumados e no modo como mantém o queixo erguido.

Mesmo com esta roupa simples, ela parece uma rainha.

Percebo que não tenho que temer por ela — ou, pelo menos, que posso temer por ela, mas que não é uma criança a ser protegida.

Minha irmã sustenta meu olhar, firme e forte.

— Fique a salvo, Jules. Feiti… — Ela se interrompe bruscamente com uma risadinha, depois me puxa para um abraço apertado. — Suponho que não preciso mais da Feiticeira, Jules. Tenho você.

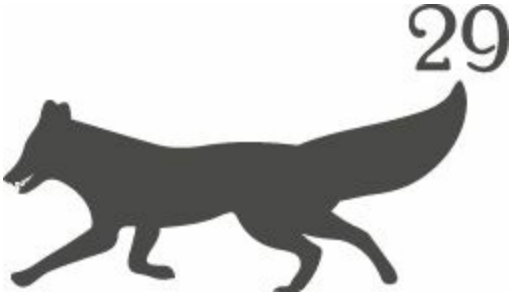
***

Quando monto em meu cavalo, Ina já se afastou, e a confiança que ela me trouxe é soprada para longe com o vento feroz. Everless paira à distância, como uma mancha preta no céu. Foi aqui que vinculamos o tempo ao sangue pela primeira vez. Desde então, algum poder antigo e inexorável tem me chamado de volta à propriedade — talvez venha me atraindo, sem parar, desde que papai e eu saímos de seus muros há tantos anos. Um fio de seda que corre entrelaçado por estes jardins e torres e corredores, com a outra ponta enterrada profundamente em meu coração, agora puxando-me de volta.

Se há uma resposta em algum lugar de Sempera, alguma arma enterrada, algum modo de derrotar Caro escondido, parece certo que esteja aqui.

Puxo as rédeas da égua e a impulsiono adiante, em direção à propriedade dos Gerling.

29



Cavalgo sozinha, em um ritmo regular, através do espaço escuro entre mim e Everless. A cada passo, a atração da propriedade puxa cada vez mais forte atrás do meu osso esterno. Uma quietude estranha expulsou todos os outros sentimentos, todas as outras fraquezas do meu corpo. Como se meus próprios ossos soubessem que estou me aproximando do fim da jornada.

Depois de me esgueirar por tanto tempo nas sombras, é estranho viajar sem me esconder, ainda que usando o uniforme do Caçador. A fantasia me serve perfeitamente: a capa preta é fresca e leve, e o capuz cobre meus olhos. É a primeira vez em muito tempo que viajo por uma estrada, à medida que o dia se torna noite. As pessoas e carruagens que passam mantêm uma distância segura de mim.

Pensamentos rodopiam em minha mente, planos e contingências sobre o que vai acontecer quando eu chegar à propriedade dos Gerling. Dentre tudo que ocorreu entre mim e Ina no cemitério, uma resposta está fixa no centro do turbilhão, um núcleo ao redor do qual tudo gira.

Os segredos de Everless vão pôr fim a tudo isso, para sempre.

A visão da propriedade ainda tira meu fôlego, mesmo após todo esse tempo, mesmo depois de tudo que vi. Meu primeiro lar como Jules, o lugar onde a Alquimista e a Feiticeira sofreram e se livraram das garras daquele

primeiro lorde, de acordo com as histórias. Afasto a lembrança remanescente da infância. Tenho que me concentrar no que está à frente, não atrás.

Mal percebo que contive o cavalo, parando de supetão no meio da estrada aos pés de Everless. Parece tão escura, tão vazia, com poucas luzes tremeluzindo nas janelas. *Caos*, Liam disse, os cofres foram esvaziados, e os criados que não foram dispensados vivem num limbo enquanto os abutres que Liam tem como parentes competem pelo poder. Será que ele está lá dentro, em algum lugar? Agora que restaram ele, o pai e a mãe, como é caminhar por aqueles corredores, cheios dos ecos do falecido irmão?

Uma brisa fria me envolve e meu coração se aperta. Liam está lá dentro agora. Olho para a luz baça e tremeluzente em sua torre de Everless e, de repente, meus sentimentos se transformam em algo puro e limpo e simples.

Eu o amo.

Meu cavalo segue em frente.

***

É como Ina disse que seria. Envolta nas vestes do Caçador, sigo diretamente até os portões de Everless. Seis guardas com o uniforme verde e dourado familiar flanqueiam a entrada, três de cada lado, e assumem uma posição de alerta quando o som dos cascos nas pedras do caminho os alcança. Sinto um pouco como se estivesse flutuando acima do meu corpo, como se observasse a cena à distância, como acontece tantas vezes quando controlo o tempo. Posso ver o medo deles quando entro em seu campo de visão — uma figura que acabou de emergir da calada da noite. O medo não se dissolve quando me aproximo o suficiente para verem o capuz do Caçador.

Por sorte, antes que eu tenha que falar qualquer coisa, eles fazem continência em conjunto. Outro guarda sinaliza de maneira frenética a seus compatriotas no topo da muralha. Um momento depois, os grandes portões abrem-se apenas para mim.

Com os cascos ecoando no forro de um cercadinho, eu entro em

Com as costas eretas e sozinha na forma de um guerreiro, eu entro em Everless.

O castelo parece respirar à minha frente, sua forma escura parecendo uma criatura viva enquanto cruzo os jardins, o som dos passos do cavalo sendo engolidos no silêncio. É primavera — deveria haver flores explodindo de canteiros nas janelas e nos jardins que contornam o castelo. Jardineiros deveriam estar se movendo entre eles agora mesmo, realizando sua bela magia noturna para que os Gerling encontrem um jardim imaculado ao acordar, uma colcha perfeita de flores e folhas verdes. Em vez disso, tudo está escuro e quase silencioso. Tão quieto que consigo ouvir o som abafado do lago do outro lado do terreno, as ondas batendo monótonas e constantes contra o litoral rochoso onde, apenas um mês atrás, lamentei a morte de papai.

No entanto, não está vazio. Enquanto me aproximo, as formas de guardas se tornam visíveis por toda a propriedade, percorrendo as laterais da construção e o topo dos muros, aninhados nos vários pequenos afloramentos do castelo e passando diante de janelas. Meu coração martela. Há mais guardas do que nunca vi aqui antes, mesmo quando Ina e a rainha vieram pela primeira vez no final do inverno. E sei que estão aqui por mim. Esperando que o coelho retorne à armadilha. De repente, a capa de Ina parece uma armadura muito frágil.

Mas me obrigo a não demonstrar medo enquanto me aproximo do pátio que separa o jardim do castelo. Os guardas ao redor da entrada me fitam com o mesmo medo que os do portão. Antigamente, poderia ter me sentido poderosa, mas agora isso só me enche de pavor. Apeio do cavalo emprestado e entrego as rédeas ao soldado mais próximo, que toma o cuidado de não tocar em minhas mãos ao pegá-las. Quando por fim adentro o castelo, respiro aliviada, e parte da tensão flui do meu peito.

Estou em casa.

Além de um guarda ocasional em um canto ou patrulhando alguma área, os corredores estão completamente vazios. Grande parte do trabalho dos criados é feita à noite — os corredores são varridos e lavados, as lareiras

estocadas com lenha, as tochas mantidas acesas. Mas nada disso está sendo feito agora. Everless mudou, até mais do que quando voltei após uma ausência de dez anos. A propriedade sempre foi dura e cruel aos que estavam mais baixo na hierarquia, sei disso. Mas agora é diferente; os corredores estão vazios e mortos, as portas fechadas contra uma ameaça mais sombria e perigosa do que a crueldade aristocrática. E apesar de todos os cantos estarem desertos, sinto-me vista — observada. Um calafrio desce pela minha espinha, crescendo sem parar até engolir todos os meus planos.

Fuja, Jules, uma voz familiar me diz. *Fuja e não olhe para trás.*

Eu a abafo, mas ela continua sussurrando para mim de um canto escuro de minha mente.

Controlo-me e sigo pelo corredor principal. As cortinas estão abaixadas e empoeiradas, e as urnas nas alcovas não têm flores. Fico tão alarmada que, quando encontro outro guarda, andando de um lado ao outro na ala leste, sou tomada de alívio. Pego o braço dele.

Ele se assusta e tenta pegar a adaga, mas abaixa as mãos ao olhar para meu capuz e máscara. É jovem, com a penugem de um bigode aparecendo sobre o lábio superior, e o emblema de Shorehaven lampeja em seu colete. Um homem de Caro, não dos Gerling.

— Onde estão todos? — pergunto sem pensar, o medo instintivo dos soldados sendo enterrado por um pânico ainda maior.

— Mi… Milady — gagueja o homem. — É o toque de recolher que a senhora ordenou. Nenhum residente de Everless deve sair do quarto após o pôr do sol.

Solto o braço dele, um terror se revirando em minhas entranhas. Quanto as pessoas de Everless — tanto nobres como criados — sofreram em meu nome?

Afasto-me dele, forçando-me a manter a cabeça levantada e o passo regular, por mais assustada que esteja. Nomes e tarefas tamborilam em minha mente — *Tam*, *Bea*. Sinto-me dividida, puxada em direções opostas — as

cozinhas, o dormitório dos criados, os estábulos. Mas algo me atrai com mais força e urgência que o resto, a certeza fincando as garras em meu peito. Liam.

Tenho que encontrar Liam. Contar a ele o que sei. Certificar-me de que está a salvo.

Embora tudo em mim grite para encontrar a arma primeiro, sei que, se as coisas não terminarem bem para mim, essa pode ser minha última chance de vê-lo e dizer-lhe como me sinto. De me despedir.

Quando tenho certeza de que estou fora da vista do guarda, começo a correr. Só paro quando chego na ala que contém os aposentos de todos os Gerling, tão escura e silenciosa quanto o resto da propriedade.

Não subo aqui desde que era menina, e mesmo então só vim uma ou duas vezes — quando Roan estava confinado em seu quarto depois de ter feito alguma travessura e recrutava os seus amigos entre os criados para trazer-lhe doces da cozinha. A lembrança emerge do nada, e o luto por nossa infância perdida me atinge como um aríete nas costelas. Reclino-me contra a porta para aguentar a dor — e congelo quando vozes altas chegam da outra ponta do corredor.

Olho nessa direção e percebo que a maior e mais grandiosa porta, que só pode levar aos aposentos de lorde Nicholas, está entreaberta, e uma luz fraca brilha lá dentro.

— Pergunto outra vez — rosna alguém, com uma voz espessa de bebida que reconheço como sendo a de lorde Nicholas —, como você espera ter qualquer autoridade após esses eventos? O nome Gerling está na lama.

— Este ainda é o meu lar, não o de Caro ou de Ivan. — A voz de Liam. Alívio e um medo renovado se misturam em mim, e me aproximo devagar da porta de lorde Nicholas quase sem perceber. Um arrepio terrível me atravessa quando há uma batida lá dentro, como um copo sendo colocado com força sobre uma mesa. Depois, passos e, antes que eu tenha tempo de pensar direito ou me mover, Liam sai furioso no corredor. Só consigo reparar que ele parece exausto, olheiras escuras como hematomas escurecendo a área sob seus olhos,

antes que vire no corredor, preocupado com algum sofrimento particular e completamente alheio a mim.

Eu me movo involuntariamente, perseguindo sua sombra até o corredor — e o quarto dele. A porta está escancarada e revela um cômodo grande que parece menor devido às estantes que revestem cada parede, os livros transbordando delas para pilhas sob as janelas. Quando a porta se fecha atrás de nós, por um momento tudo que consigo ouvir são as batidas do meu próprio coração, o rugido do sangue fluindo em meus ouvidos; tudo que consigo ver é Liam virando-se para mim, seu rosto sombreado pela luz tremeluzente de sua lâmpada de cabeceira, mas não oculto o suficiente para esconder o medo que cresce em seus olhos antes que ele o suprima.

Um arrepio o percorre visivelmente e ele recua para o centro do quarto iluminado por velas. Sigo-o de maneira quase inconsciente. Nunca estive neste quarto e, com uma fisgada de dor, lembro quão pouco sei da vida dele. Mil considerações ávidas me atingem de uma vez. Tudo é mais bagunçado do que eu esperava. Um canto do tapete está erguido; ele provavelmente tropeça nele a toda hora, com a cabeça enterrada em um livro. Há uma escrivaninha e uma mesa de cabeceira, ambas com pilhas de papéis, e uma cama. As cobertas são antigas mas não estão puídas, e me pergunto se ele as tem desde criança. Também estão amarrotadas e retorcidas, o que, combinado com as olheiras escuras, me faz pensar que ele não anda dormindo.

— Liam — sussurro.

— Pensei que a veria aqui em breve — diz, com a voz baixa e rouca. — Veio me matar, Vossa Majestade? Ou é você, Caro?

Primeiro fico confusa, mas então percebo que ele acha que sou o Caçador. Dá um passo em minha direção, as mãos abertas caindo ao lado do corpo. Está tremendo um pouco, mas seus olhos queimam com raiva e vivacidade.

— É verdade o que andam dizendo — sibila. — Ajudei Jules Ember a fugir de Everless. Fugi com ela. Eu a amo.

O ar congela em meus pulmões quando as palavras de Liam aterrissam, uma por uma, no fundo do meu peito. *Amo*. O impacto dessas duas sílabas me abala, soltando meus membros de sua imobilidade. Ainda sinto um nó na garganta, mas ergo as mãos e solto a máscara. Em seguida, livro-me do capuz, tirando ambas as peças ao mesmo tempo, e ergo o rosto para a luz das velas.

Liam recua, cambaleante.

— Jules… — Meu nome escapa da boca dele em um sussurro. — Achei que…

As palavras vêm rápido demais, em uma exalação apressada.

— Era o único jeito de entrar, eu…

Em três passos velozes, ele cruzou o espaço entre nós e me tomou nos braços, apertando o rosto contra meu cabelo. Meus braços circundam sua cintura e eu o seguro, sentindo-o tremer. Parece que se passaram anos desde que nos separamos — uma vida inteira, uma eternidade de palavras não ditas. Respiro fundo com o rosto no peito dele, depois ergo a cabeça e encontro seus lábios com os meus.

Ele ofega ao encontrar minha boca, uma mão voando para apertar o balaústre da cama enquanto a outra envolve meus ombros com mais força, puxando-me apertado contra ele. Coloco os punhos nas costas da camisa dele e a levanto, roçando os nós dos meus dedos em suas costas nuas, quentes e surpreendentemente macias. Enquanto nossos lábios se movem juntos, ele puxa a capa do Caçador, quebrando o fecho e fazendo uma poça de seda preta aos nossos pés. Eu arquejo — não consigo evitar —, e ele me segura ainda mais apertado.

Nosso último beijo aconteceu em uma cena onírica de pânico, para mim, e de sono, para ele, com um sentimento de ilusão envolvendo nós dois e amortecendo qualquer noção das consequências.

Não é assim agora.

Ainda que estejamos no meio da noite, nós dois estamos feroz e dolorosamente despertos. Não é suave e não é lento. Há uma ponta de

desespero no modo como os lábios de Liam se movem contra os meus, formando algo que pode ser o meu nome, mas meu sangue está fluindo alto demais para que eu o ouça. Mas respondo capturando seu lábio com os dentes, afundando os dedos em suas costas para puxá-lo ainda mais perto de mim. Posso senti-lo por inteiro, a forma do seu corpo pressionada contra o meu. E ainda o quero mais perto, para compensar por todas as vezes que o afastei.

Abro as mãos nas costas dele, sentindo seus músculos se moverem sob a pele nua. Ele rompe nosso beijo e um gemido de protesto escapa de mim — mas então seus lábios vêm parar na minha bochecha, no meu maxilar. Ele inclina minha cabeça para trás com as mãos no meu cabelo e beija meu pescoço, seus lábios deixando um rastro de fogo em minha garganta, e todos os motivos pelos quais eu o temia, e temia por ele, todos os motivos que nos mantiveram afastados, desmoronam até virar pó.

Neste momento, não sou a Alquimista. Sou só Jules, sozinha e assustada, cheia de esperança e desejo, e Liam Gerling vem até mim, uma mão estendida através da escuridão. Ela esteve lá desde que eu o beijei em Montmere — ou talvez até antes disso, talvez desde que ele me encontrou em Shorehaven, quando me resgatou de Everless. Há uma parte do meu coração que ainda é humana, inteiramente minha, e, em algum lugar do caminho, ela passou a pertencer a ele.

Há trepidação, até medo, na respiração ofegante que compartilhamos agora. Há um centenar de modos pequenos e humanos em que ele poderia me quebrar. E a mesma quantidade em que eu poderia — e provavelmente vou — quebrá-lo. Talvez o amor seja assim, talvez não haja nada a fazer exceto abrir os braços para recebê-lo. Então abro os meus, sem medo do trovejar no coração dele.

Tudo que sei é que cansei de esperar.

***

Por um tempo, durmo serenamente, o melhor sono que tenho no que parecem anos.

Mas não pode durar.

Cedo demais, eu acordo. Por um momento, não lembro onde estou nem por quê — só sei que me sinto segura. Feliz. Mas é uma segurança condicional, uma felicidade condicional. Consciente de que, fora dos limites deste pequeno quarto, o mundo ainda me espera, pronto para me emaranhar em seus perigos.

Liam se remexe ao meu lado e o resto da memória volta de uma vez. Está virado de lado, de costas para mim, seus ombros lavados de prata pelo luar que entra pela janela. No escuro, sua respiração é suave, o calor do seu corpo tangível, embora eu esteja a alguns centímetros dele, e a proximidade é dolorosa. Estendo a mão e a apoio entre suas escápulas. Ele se remexe, mas não acorda.

Quero me deitar de novo. Só uma vez, permitir-me mergulhar em sonhos. Deixar esse momento durar mais um pouco. Mas não posso esquecer a verdade. Meu tempo até que Caro volte para Everless — talvez todo o tempo que me resta, penso com um arrepio, porque não sei o que vai acontecer quando a enfrentar — está se esgotando. E mesmo se eu fechasse os olhos novamente, não conseguiria dormir, sabendo que a chave para partir meu coração está tão perto.

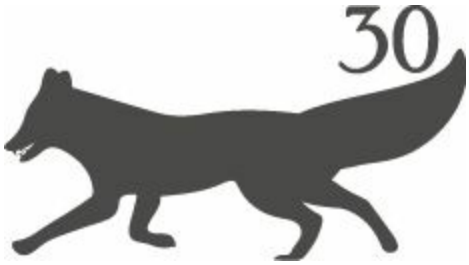
Minha consciência me pressiona, a ameaça de uma dor desconhecida constringindo meus pulmões. Não posso esquecer o que tenho de fazer — encontrar a arma que vai matar Caro. Mas por onde começo?

Meu coração bate mais devagar, cada pulso soando de repente como a batida agourenta de um tambor antigo.

Mas não é meu coração. Um som sobe até o quarto: o rangido do portão de Everless, seguido por gritos urgentes. Eu me levanto, corro para a janela de Liam e olho.

Meu sangue congela. Caro está de volta.

30



Engulo o pânico crescente enquanto recuo da janela, meu coração martelando no peito. Caro está aqui. Caro está aqui e vai me encontrar. Vai encontrar Liam.

Pense. Preciso achar algum significado, alguma pista escondida, como a que encontrei na clareira e no vale… mas tenho muitas lembranças de infância de Everless. É provável que meus pés me guiem aos esconderijos preferidos onde brincava com Roan, ou até a forja que acidentalmente incendiamos. Liam disse que ele também revirou Everless e não encontrou nada.

Por um momento, considero acordá-lo. Mesmo com Caro vindo atrás de mim, ele gostaria do enigma. Eu poderia arrastá-lo para essa jornada comigo, aproveitar cada segundo do tempo que tenho com ele antes de Caro chegar. Mas ele parece tão sereno ali, deitado, sua fronte lisa e seus olhos livres das sombras que marcaram seu rosto — mesmo enquanto dormia — durante todo o tempo desde que o conheci. Ele perdeu quase tudo nas minhas mãos; não quero tirar o seu descanso também.

Além disso, algo em mim sussurra que tenho que fazer isso sozinha.

Então saio de baixo das cobertas. O frio me envolve imediatamente, a noite mais gélida do que uma madrugada de primavera tem direito de ser, como se quisesse me convencer a voltar aos sonhos por mais algumas horas.

Mas essa sensação de oposição — como se Everless em si estivesse ciente de mim e tentando me atrapalhar — só me deixa mais determinada a encontrar a verdade.

Afasto-me da cama e hesito. Se Liam acordar e não me vir, não duvido que venha me procurar. Mas não poderia estar vagando pelo castelo quando Caro chegar. Apesar de toda sua coragem, não seria páreo para ela.

Antes que possa mudar de ideia, estendo as mãos para ele, deixando as lembranças de poucas horas saírem dele e chegarem até mim. Fecho os olhos e ordeno ao tempo que o cubra suavemente, como um cobertor, acomodando-se em sua pele e congelando-o no lugar, em meio a um respiro. O movimento suave de suas costas se aquieta, e eu sinto um arrepio. Mas pelo menos, enquanto estiver congelado, estará a salvo. É a única proteção que posso fornecer a ele até matar Caro — ou ser morta por ela.

Encontro minha combinação, meu vestido e as botas. Pego a máscara e a capa do Caçador e as visto de novo, fechando-as o melhor que consigo e torcendo para que ninguém olhe de perto e perceba como está torta. Olho para Liam uma última vez — o desejo incendiando internamente cada centímetro da minha pele —, mas me obrigo a dar as costas para ele.

Se eu sobreviver ao próximo encontro com Caro, a próxima vez que dormir ao lado de Liam será ainda mais doce, porque estaremos seguros. É o que digo a mim mesma enquanto saio furtivamente para o corredor, levando a única lâmpada do quarto dele. Se Caro vier procurá-lo, verá apenas a escuridão e pensará que o quarto está vazio.

Tenho que acreditar nisso, senão nunca vou conseguir me afastar.

Das janelas do corredor voltadas para o leste, posso ver que a aurora está mais próxima do que imaginei, o céu cor de fuligem clareando para cinza pálido no horizonte. Essas janelas dão para Laista e, depois, para uma extensão de terras aráveis, rodeadas por bosques. Examino o horizonte, como se pudesse ver Caro chegando majestosamente. Mas o único movimento são algumas luzes tremeluzentes nas janelas, dos madrugadores de Laista e, bem

distante, um rápido voejar no céu, uma revoada de pássaros contra a aurora próxima.

Eu me viro e começo a andar. Assim como quando entrei, os corredores de Everless estão sem os criados que geralmente os encheriam a esta hora. Mas também não vejo guardas; talvez haja um respeito residual suficiente pelos Gerling e seu luto que faz os homens de Caro manterem distância da ala residencial. Talvez.

Desço dois lances de escada e me encontro na ala leste do andar principal. Tenho uma vaga noção de que estou perto da biblioteca, mas o castelo parece diferente, e eu hesito. O silêncio é macabro. Sinto que devia haver sons noturnos — a comoção distante de alguém realizando suas tarefas ou andando em seu quarto, o crepitar das lareiras e o rangido das paredes estalando. Mas não se ouve nada, como se algo tivesse descido sobre a propriedade e abafado todos os seus pequenos barulhos.

Ou talvez seja só eu. Meus sentidos parecem ter sido embaralhados e rearranjados, os extremos entre os quais oscilei nas últimas horas — o êxtase com Liam, o terror de Caro — puxando-me e abrindo fissuras em minha percepção. Minha visão parece mais aguçada, e cada vislumbre de movimento — uma cortina esvoaçando, uma lâmpada se apagando — faz eu me virar depressa. Mas minha audição está abafada, e não consigo sentir o chão sob meus pés ou o ar frio ao meu redor. Como se meu tato estivesse dominado pela lembrança das mãos de Liam em mim e das minhas nele, com aquele calor selvagem.

Penso em analisar meus arredores e percebo que estou perto do cofre. A porta entalhada do tesouro dos Gerling fica na outra ponta do corredor, onde dois guardas de cada lado observam minha aproximação com os olhos arregalados. Lembro-me, com uma pontada de gratidão, de Liam dizendo que o cofre está vazio, drenado, e espero que os soldados não achem minha presença muito estranha. Um assente para o outro, com um movimento

rígido e apressado, e eles giram nos calcanhares e se afastam na direção oposta.

Fico sozinha.

Sem saber bem o que estou fazendo, sigo até a porta do cofre e apoio as mãos na madeira. Está escuro demais para distinguir os entalhes, mas não importa — posso sentir sua complexidade sob os dedos, suplementando as imagens gravadas em minha memória. As joias caindo, as mulheres dançando com suas sedas esvoaçantes.

O rosto de papai lampeja em minha mente. Nunca vi seu corpo após sua morte, nunca vi as manchas de mava em suas mãos, as marcas que provavam que ele tentou entrar aqui. Ele deu a vida para tentar recuperar um caderninho — ou talvez, penso com um arrepio de empolgação, o que mais esteja escondido ali. E cá está ele, praticamente aberto.

Sinto uma convicção: foi aqui que tudo começou.

Tanto minha jornada para descobrir que sou a Alquimista como a história da Alquimista em si — a minha história. Alguma coisa me chama para além desta porta entalhada e lustrosa, algum instinto animal, vindo de algum lugar mais fundo que a alma. Fecho os olhos e procuro em minha mente, a esta altura conhecendo o sentimento que significa que estive aqui antes de ser Jules. Muito antes.

O que está escondido aqui?

Vejo correntes, as barras de alguma cela antiga. O rosto cruel de um homem, duro e enrugado, espiando-nos através dos vãos. Mas não sei dizer o que é apenas a história que ouvi tantas vezes e o que é real.

E, então, enquanto penso, o terror me domina, subindo sem aviso de algum ponto das minhas entranhas. Fluindo tão profundamente quanto o ímpeto de entrar no cofre — mais fundo ainda. As imagens voam da minha mente em uma onda de escuridão, a lembrança de um grito muito antigo ecoando em meus ouvidos. Como se a lembrança de o que quer que esteja atrás desta porta seja terrível para carregar comigo, como se minha mente

estivesse tentando me proteger, escondendo parte da lembrança por trás de uma cortina espessa.

Afasto bruscamente as mãos da porta, meu coração batendo forte nos meus ouvidos, mas o terror não se dissipa. O castelo parece se mover e se rearranjar ao meu redor, a luz fraca da aurora recuando, as paredes se aproximando, o mundo se contraindo em volta do meu corpo como se eu estivesse presa no ventre de alguma fera enorme e ofegante. Ouço, como se viesse de um longo túnel, uma risada baixa de mulher; ouço o trovejar dos cascos dos cavalos. Como se Caro e todos os seus soldados já estivessem aqui, disparando pelos corredores de Everless em minha direção.

E ainda assim a porta espera à minha frente, parecendo ter vida.

Há um torvelinho vermelho no sulco no meio da porta — talvez seja só uma ilusão criada pela luz, mas é como se alguém tivesse recentemente colocado as mãos na lâmina que se projeta dali, deixando seu sangue, seu tempo, escorrer pela porta. Pagando para entrar com… Com…

Com um rio vermelho.

Minhas mãos se movem por vontade própria, erguendo-se para a porta. Pressiono a palma contra a lâmina, mal dando atenção à dor enquanto o sangue jorra e escorre. O mundo estremece ao meu redor enquanto meu sangue preenche esse fino canal, brilhando como rubi líquido enquanto corre em direção ao piso.

Ouço um *clique* profundo na porta, o som baixo ecoando incrivelmente alto em meus ouvidos. E quanto tiro a mão e empurro a porta, ela se abre com um mínimo de força. Ainda como se estivesse num transe, ou num sonho, adentro a escuridão.

Subo as escadas me sentindo como uma sonâmbula em meus próprios sonhos, como se meus pés estivessem presos em uma rota predeterminada e eu estivesse apenas observando. E isso não é verdade? Não é assim que sempre foi, desde que voltei para Everless, transbordando de desespero e pesadelos? Cada movimento que fiz não foi imaginado e antecipado por Caro

muito antes de eu nascer, até antes de ela saber quem eu era? Nunca consegui fugir dela ou ser mais esperta, nunca tive nenhuma esperança exceto a de que me provasse mais forte quando ela tentasse me quebrar. E agora tenho a impressão de que, apesar de todas as histórias e livros com que papai e Liam me armaram, estou me aproximando de um final terrível.

O fim do mundo se desenrola em lampejos em minha mente quando atinjo o topo da escada em espiral. Se não for forte o bastante, se eu perder, Sempera não só vai permanecer presa neste rumo, mas o caminho vai se tornar mais sombrio sob o reinado de Caro. Vinculado ao ferro-sanguíneo, o tempo vai permanecer conectado ao sangue até que o frágil equilíbrio de paz se rompa e ataquemos uns aos outros como lobos sob o olhar vigilante dela.

O interior do cofre é mais escuro, somente iluminado pelo brilho da lâmpada que carrego — mas consigo discernir o bastante para ver que, como Liam disse, não há nada de valor. Baús vazios estão espalhados no chão. Movida apenas por instinto, movo a luz da lâmpada pelas paredes, procurando qualquer pista que me leve a uma masmorra ou porta secreta.

Alguma coisa chama a minha atenção. É quase imperceptível — uma minúscula imperfeição na pedra, mas paro e examino melhor. E percebo que não é um defeito natural, mas um símbolo entalhado. Uma árvore florida, mal discernível à luz da tocha. Levo um momento para lembrar onde a vi antes, mas então — a memória cruza minha mente, a versão menina de Caro no rio e o túmulo de lorde Ever.

O medo perfura minha garganta e meus pulmões, mas não é o suficiente para me impedir. Aperto o símbolo, movendo-me mais por instinto do que qualquer outra coisa, e uma pequena porta no teto se abre com um estremecimento e um grunhido profundo. Chove pó sobre meu capuz, fazendo meus olhos arderem e lacrimejarem. Mas limpo as lágrimas e a poeira e ergo os olhos para o pequeno túnel vertical, quase estreito demais para os meus ombros. Um buraco oco na torre de Everless, uma cela escondida no céu.

Estou mais apavorada do que nunca enquanto encaro a escuridão. Não é uma masmorra, então, mas, ainda assim, é uma cela.

Uma espécie de escada está entalhada na própria pedra, uma série simples de apoios para as mãos e os pés esculpidos na parede. O ar que me atinge é frio, embora não devesse ser, e o som também parece se espalhar ao meu redor, um barulho profundo e indefinível, como uma corrente de vento e água e uma voz suspirante que une os dois. É baixo e distante, mas presente.

Quero me virar e fugir, mas aonde eu iria? Esconder-me na cozinha como quando era menina?

Não. Não há mais nada para mim, aqui em Everless ou em qualquer outro lugar no mundo que Elias descreveu. Nunca houve, percebo com um pesar quase insuportável.

Há um senso de inevitabilidade quando estendo a mão para o túnel. Engancho a lâmpada de Liam no cotovelo e me estico até meus dedos encontrarem o primeiro apoio. Não importa as guinadas que minha vida tomou, ou poderia ter tomado, eu sempre terminaria de volta em Everless.

Como o sulco na parede que abriu esta passagem, cada degrau da escada entalhada está coberto de poeira. A princípio, quando começo a subir, são lisos, mas ficam mais ásperos conforme sigo — como se, ao longo dos milênios, as pessoas tivessem descoberto este lugar e começado a escalar, mas em algum momento sua coragem tivesse vacilado e elas recuassem, expulsas pelo pavor sombrio que parece emanar de cima como um ser vivo.

Sinto a frieza da pedra sob minhas mãos e ombros, quando roçam nas paredes. Mais fria do que deveria ser. E parece que o túnel está ficando mais estreito, embora possa ser minha imaginação, a claustrofobia me espremendo enquanto a luz abaixo esvanece até sumir, deixando apenas o tremeluzir precário da lanterna.

A escada sobe e continua a subir, até que chego o mais alto que consigo ir. O ar adquire a qualidade úmida e o cheiro de terra que reconheço das adegas embaixo da cozinha — o que não deveria ser o caso, já que estou tão próxima

do sol. Então, conforme meus membros começam a doer e meus dedos se contraem, ele muda de novo, ficando mais frio, o aroma da terra transformando-se em algo estranho, azedo e metálico como sangue velho. Minha respiração está ofegante, magnificada pela estreiteza do túnel, que aumenta meu medo e me faz sentir como se estivesse me anunciando ao que quer que aguarde acima.

Ninguém sobe esta escada há décadas, talvez séculos, como me diz o pó e a terra assentada que caem com cada roçar das minhas botas. E tampouco não estou subindo para o nada. Todos os meus instintos me dizem isso, fazendo minha pele formigar, impelindo-me a fugir, sussurrando que eu entendi tudo errado.

Mas não fujo. Continuo até sentir uma abertura acima de mim. Até meus dedos atingirem um piso.

Eu me puxo para cima.

Estou parada em uma câmara de tamanho mediano, a luz da lanterna alcançando só longe o bastante para iluminar a forma curva de suas paredes. As paredes e o teto são de pedra. O chão é de azulejos, mas enterrado sob um cobertor tão grosso de poeira e terra que meus passos cautelosos a partir da escada deixam como se fosse uma trilha na neve. O lugar cheira a terra e cinzas e…

E não está vazio. Uma longa mesa de madeira repousa ao longo de uma parede. Empenada pelo tempo, contém uma coleção de instrumentos de aspecto ainda mais antigo, o brilho de metal e de vidro desbotado sob a poeira. Mas vejo as lâminas afiadas de facas, o brilho de pós estranhos à luz da lâmpada. Ferramentas de vinculação de tempo, isso eu reconheço, mas estranhas e primitivas. Atrás dela, em vãos escavados diretamente na terra, há dezenas de garrafas — verdes e marrons e azuis, algumas ainda conservando vinho ou poções ou outros líquidos escuros.

Por fim, duas camas estreitas, ambas arrumadas como se seus donos tivessem só dado uma saidinha.

Viro para olhar o resto do quarto e vejo duas coisas ao mesmo tempo.

A parede atrás de mim está entalhada com algum tipo de mural cintilante. Uma cobra e uma raposa se encaram, agachadas e prontas para saltar, suas formas guerreiras capturadas na pedra em longas linhas e sulcos grosseiros, marcas que foram preenchidas com borrifos de vermelho, ouro e prata, que as fazem cintilar e se mover à luz da lâmpada. Mas a cobra e a raposa — eu e Caro — são muito menores do que a outra criatura que assoma sobre elas.

Não consigo conter um estremecimento no fundo da alma. Um cão de caça, com os pelos eriçados e a boca aberta num rosnado, está atacando a cobra e a raposa de cima — embora elas não pareçam notar o animal e o modo como seus lábios estão retorcidos de fome.

Com a boca seca, ergo a lanterna para examinar mais de perto as camas, ainda que elas pareçam ser as coisas menos interessantes aqui. Corro as mãos sobre as colchas grossas. Guiada apenas por um impulso vago, meus dedos se movem para baixo do travesseiro e batem em um objeto duro e frio.

Com o coração acelerado, puxo uma adaga de rubi com o cabo envolto por uma cobra.

Arquejo, deixando-a cair na cama como se fosse uma cobra de verdade. Pisco, porque, por um momento, tenho certeza de que isto é um sonho. Mas a arma permanece ali. Esperando por mim.

Passos soam abaixo.

Estendo a mão e tomo a adaga.



O medo me preenche e eu congelo, escutando atenta. Aperto o cabo retorcido, tentando expulsar a sensação incômoda de que já fiz isso antes.

Há um som fraco de metal vindo de baixo que só pode ser alguém subindo a escada. O túnel amplifica os passos suaves, de modo que o que me alcança são batidas sobrenaturais, vazias e ecoantes, que ficam cada vez mais altas. Não há nada que eu possa fazer, nenhum lugar para ir. Nenhuma saída deste quarto exceto uma grande queda.

Olho para a arma em minha mão, apertando-a como se pudesse extrair coragem dela.

Minha respiração fica acelerada e superficial enquanto o som vindo do túnel se torna cada vez mais forte.

Mas não há tempo para dúvidas nem arrependimentos. Porque alguém está emergindo do túnel do cofre. À luz baça da lâmpada, vejo uma saia preta cintilante e pés com sandálias delicadas lampejando sob elas. Mesmo antes que o rosto da pessoa apareça, eu a reconheço, sua figura e movimentos intimamente familiares. *Caro*.

O pânico me asfixia. Na escuridão, ela parece feita de sombras. Seu cabelo preto solto cai ao redor dos ombros se mesclando com o vestido da mesma cor. Ela se vira e me vê, abre um sorriso, seus dentes brilham brancos no escuro. Leva a mão à cintura e saca, de algum lugar, duas adagas tão longas

quanto seus antebraços. Segura-as com naturalidade ao lado do corpo, girando-as devagar para que reflitam a luz tremeluzente da lâmpada. Aí ergue uma mão, ainda segurando a faca, e algo acima de nós se move. Sobre nossas cabeças, um disco de pedra começa a deslizar até a entrada do túnel do cofre, bloqueando a pouca luz que se infiltrava por baixo, selando-nos aqui dentro. Um quarto que se tornou uma cela que se tornou uma tumba.

Um pavor terrível me percorre enquanto nos encaramos. O sorriso dela esvaneceu, mas sua postura é tensa, pronta para uma luta. Eu não me sinto mais corajosa do que de costume ao ver que sua confiança fria usual foi substituída por um olhar de fome voraz.

Pela primeira vez desde que matou Roan, sinto uma pontada de tristeza por Caro, distorcida e profunda e inegável — porque ela também tem vagado por Sempera procurando um modo de me destruir. Ao contrário de mim, está tentando há séculos.

Afasto a compaixão. Chegou a hora de nossa história acabar.

Vejo os pensamentos passando por seus olhos enquanto ela avalia o quarto em que estamos. A mesa com os instrumentos cruéis, o mural, as camas simples. Pelo seu olhar espantado, sei que não esteve aqui desde o nosso rompimento.

Seus olhos caem na adaga em minha mão, depois voam de volta para mim. Sua mandíbula está cerrada; seus olhos, selvagens.

Se algo a estava afetando antes, parece ter se dissipado.

— Meus guardas cercaram Liam. Sua magia não vai durar muito tempo.

Vagamente, noto que ela pulou as cortesias perversas de costume, embora sua voz ainda tenha um resquício de doçura venenosa. Ela ergue a faca na mão direita, inclinando-a contra um pescoço imaginário.

— Por que prolongar isso? Para conversar um pouco?

Respiro fundo, tentando manter a calma. O ar parece rasgar minha garganta ao entrar.

— Não.

— Assim você me magoa — diz, sua voz parecendo mais alta e grave no espaço pequeno. Dá um passo em minha direção, seus olhos caindo na adaga que seguro. — O que é isso?

Hesito, alarmada com a ignorância dela. *É fingimento*, decido.

— A arma com que vou matar você.

— Viver com as minhas sobras embotou sua mente, minha amiga. — Ela ri, uma risada curta e alta, depois suspira. Os sons se misturam no espaço entre nós, fazendo meus joelhos tremerem. — Temos que fazer esse joguinho de novo?

— Não é isso que você quer, um jogo? — Faço minha voz soar como a dela, como seda congelada. É tão fácil que sinto o estômago embrulhar, assim como o peso da adaga em minha mão. Tudo que preciso fazer é avançar e usá-la. — Não é por isso que me persegue por Sempera há séculos, assassinando todos que amo, todos que me protegeram?

Ao ouvir isso, os olhos claros de Caro ficam ainda mais gélidos.

— *Protegeram* você? Você nunca quis ser protegida, nem quando era Antonia, nem agora. Se quisesse, acha que estaria aqui comigo sozinha?

Estremeço com a verdade nas palavras dela.

— Acha que teria corrido de volta a Everless quando descobriu quem era? — continua ela.

— Eu voltei para Everless para proteger Ina de você — cuspo.

— Talvez. Mas não é só isso, é? Você descobriu quem era. Porque, a cada morte sua, e a cada vida, meu coração era a única parte sua que permanecia verdadeira. A parte sua que era eu. Você sempre achou o caminho de volta para a Feiticeira.

— Isso está quase acabando — digo, com a voz trêmula.

Seus olhos encontram os meus, lampejando com algo que parece mágoa.

Caro já se aproximou o suficiente para pressionar a ponta da faca no meu peito. Engulo com esforço, incapaz de me mover, de impedir as palavras dela

com as minhas, de erguer minha arma. Se isso for outra armadilha, outra bela mentira, ela me apanhou numa teia de aranha bruxuleante.

— Não quero mais seu coração, Caro — sussurro. — Tentei devolvê-lo antes… Eu tentei, mas…

Agora sou fluente na linguagem sutil do rosto de Caro, de seus movimentos. Posso ver, pelo modo como seus lábios se curvam para baixo, que está perdendo a paciência. Sei, pelo jeito como sua coluna se endireita, que tomou uma decisão.

— Que tal se eu tentar matar Liam Gerling e vermos aonde isso nos leva? — diz com um giro casual da lâmina que faz um rasgo ao pressionar meu vestido.

O desespero me domina e meu corpo assume o controle, movendo-se sem autorização. Giro, pego uma garrafa velha da mesa e a quebro na mão dela que segura a faca. A lâmina corta meu peito, mas ignoro a dor. Ela pula sobre mim ao mesmo tempo que eu faço o mesmo movimento, nenhuma de nós tentando convocar a ajuda da magia. Esta não é uma batalha de poder, mas de vontade, percebo de repente. Não se trata de magia. Trata-se de *nós*.

Lutamos, mas Caro reúne sua força e, com os dois braços, empurra-me contra a parede do mural da raposa, da cobra e do cão de caça.

Tudo que vejo por um momento atordoante é o cão acima de mim, com os dentes expostos num rosnado, antes de cravar a adaga na pele de Caro.



O sangue verte ao redor da lâmina de rubi. Antes que eu compreenda o que está acontecendo, uma fumaça cintilante começa a se erguer do ferimento de Caro, curvando-se em fitas que começam a nos envolver. Os olhos dela refletem minha confusão — mas então o aroma agridoce de ferro-sanguíneo enche meu nariz e acho que entendo.

A joia está se derretendo, dissolvendo-se ao encostar no sangue de Caro como uma moeda-horária em vinho.

A fumaça fica mais espessa, mudando de vermelho para azul com tons de dourado para verde. Lembrando da regressão de sangue, deixo a fumaça fluir para a minha boca como água. É fria na boca, e meus olhos se fecham.

— Jules — sussurra Caro. Sua voz está suave e surpresa, indicando que não estava esperando isso.

O mundo desmorona enquanto momentos cascateiam por mim, vislumbres que não entendo por completo a princípio. Mas então uma resposta se ergue em minha mente: a lâmina não contém tempo, não contém força — e sim lembranças. Momentos tirados do próprio tempo.

Uma garota me encontrando na floresta, estendendo a mão para me levar para casa.

Duas garotas perseguindo-se, gritando “Raposa!” e “Cobra!” sem precisar de qualquer magia exceto a música dos pássaros e o vento soprando pelos bosques.

A propriedade de lorde Ever sendo construída, os trabalhadores partindo de noite, abandonando o castelo inacabado para o nosso desfrute, pilhas de pedras por todos os lados e alguns cômodos ainda abertos para o céu. Caro e eu, movendo-nos furtivamente pela noite. Eu correndo desabalada pelos corredores escuros seguindo a voz dela, pegando vislumbres das estrelas. Caro me dizendo:

— Papai tem espaço para duas, mas vamos dividir um quarto, para nunca ficarmos separadas.

Eu me esgueirando até Caro junto à mesa de trabalho de lorde Ever, mal tendo altura o bastante para ver por cima da beirada. O modo como os olhos dela brilham com curiosidade intensa enquanto estende a mão para as coisas belas, afiadas e brilhantes espalhadas pela superfície.

Nós duas escapulindo para o vilarejo para brincar com as crianças que moram lá, juntando-nos às suas brincadeiras de pega-pega e cartas e pega-varetas, sem nunca contar nosso nome a ninguém nem sair de perto uma da outra.

Eu boiando de costas naquela clareira na floresta, com Caro ao meu lado, minha mão direita e a esquerda dela estendidas e nos ancorando juntas enquanto as ondas tentam nos afastar gentilmente.

Testando nossa magia em árvores, de mãos dadas enquanto apertamos os olhos com força, concentrando-nos em encontrar a corrente de tempo que flui pela madeira. Um broto irrompendo para cima, galhos desdobrando-se para o céu como braços que se abrem, folhas surgindo em uma tempestade verde, e então, no momento seguinte, tornando-se douradas e caindo.

Eu parada ao seu lado no topo de um penhasco, um vento frio açoitando nossos rostos, sem nada além de céu azul por todos os lados. O cabelo dela esvoaçando às suas costas como uma bandeira brilhante, seu sussurro animado em meu ouvido.

— Podemos fazer qualquer coisa, Antonia. Poderíamos voar, se quiséssemos.

Uma nova história da Alquimista e da Feiticeira se desdobra diante dos meus olhos em um fluxo rápido de momentos, tão depressa que não consigo contá-los. Em meros segundos — ou horas, não sei ao certo — uma amizade inteira, a *nossa* amizade, desabrocha em minha mente. E, paralela, outra história toma forma.

Lorde Ever, observando. Treinando. Sempre insistindo e punindo. Por mais forte que nos tornássemos, ele ficava ainda mais forte.

Corro atrás de Caro pelo castelo, sem saber por que ela está brava, mas sabendo que devo confortá-la. Tomo o braço dela e vejo o brilho das lágrimas em suas bochechas conforme ela se vira. Sinto o peso de sua cabeça em meu ombro quando se joga em meus braços.

Um dia de primavera, sentados ao redor da mesa:

— Encontramos você sozinha no rio — diz lorde Ever devagar, olhando para mim. — Quando disse a você que eu era o último e mais poderoso feiticeiro de toda esta terra, que morava com a minha filha em uma casa de pedras escuras no topo de uma colina rodeada por bosques, você implorou para vir para casa conosco.

Ever e a pequena Caro me levando para a casa de pedra, que é repleta de luz: o sol durante o dia, o brilho das estrelas de noite. Lorde Ever diz que consegue sentir o poder vivendo em mim, assim como vive em Caro.

— Vocês equilibram uma à outra; medo e ousadia, doçura e força — conta-nos ele enquanto demonstra como convocar nosso poder para transformar chumbo em ouro, como segurar uma chama em nossas mãozinhas em concha. Ela queima a nossa pele, e ele então nos diz que o preço do poder é a dor. Caro assente, e reparo em como seus olhos reluzem vorazes. Lorde Ever também percebe. E sorri.

Mais velha agora, estou escondida atrás de uma cortina, espiando através do vão enquanto Ever recebe uma fila de peticionários no grande salão. Ele conjura objetos com sua feitiçaria — seda e ouro, especiarias e joias. Não significa nada para ele, mas as pessoas derramam, de boa vontade, seu sangue

em pagamento, que se transforma em metal brilhante antes de atingir o chão de pedra. Caro está ao lado dele, reunindo o ferro-sanguíneo e fazendo ataduras em cada um, sorrindo alegremente enquanto eles se afastam. Às vezes, ela os deixa só com um dia, só com uma hora. Um dia, estou brincando de pega-pega com Caro nos bosques quando tropeço em algo. Um corpo. A mulher nem conseguiu voltar ao vilarejo.

Durante uma sessão de treinamento, vinculo força a uma adaga e tento matá-lo. A força da lâmina — a de dez homens — mal o arranha. Desesperada, corro até uma bruxa local e imploro por ajuda. Ela me diz:

— O único modo de matar o puro mal é com o puro amor. — Então embrulha suas coisas e foge.

Em seguida, estou parada junto à janela de cristal no quarto que eu e Caro dividimos, implorando a ela que faça seu pai pôr fim a tudo isso. Ossos descorados espalham-se pelo jardim iluminado pelo luar; lobos rondam a orla dos bosques. Os vilarejos à distância são só fantasmas, sem luz ou fumaça.

— Temos que fazer alguma coisa, Caro. Temos que pôr fim nisso — sussurro. Em resposta, ela vira para mim aqueles olhos, de um verde tão forte quanto a grama já foi, depois se vira e os fecha. Sinto uma agonia quando percebo como estou sozinha. — Por que você não escuta?

Em minha cama, sozinha, resolvo impedir Ever pessoalmente.

E o último momento se desenrola em detalhes vívidos.

A luz de lâmpadas ao meu redor dá lugar à luz de tochas. Caro dorme ao meu lado. Nosso quarto está escuro e quieto, o quarto dela, no castelo que o pai construiu para ela. Não — *para nós*, sussurra uma voz dentro de mim, e sei que é verdade. Ele já foi como um pai para mim. No passado. Não importa o que pense de lorde Ever agora, não importa como seja maligno, Caro ainda o ama.

O que torna o que estou prestes a fazer muito mais difícil.

Lentamente, sento-me na cama, tirando a faca de rubi debaixo do travesseiro. O luar reflete na lâmina, tão forte que fico surpresa por não ser

acompanhado por algum tipo de som. Segurando o fôlego, olho Caro dormindo ao meu lado.

Seu cabelo espalhado contrasta fortemente com o luar. Ela dorme de lado, com as costas para mim, seus ombros subindo e descendo em movimentos lentos e regulares. Sua respiração suave é o único som no quarto.

Ela me odiará para sempre por isso.

Se é que vai sobreviver.

Não. Isso não pode acontecer. Não deixarei o medo tomar conta de mim, não agora. Ele vai se infiltrar sob a minha pele e me impedir de fazer o que é preciso. Mesmo enquanto permaneço sentada aqui, imagino ouvir choros por toda Sempera à medida que as pessoas percebem a terrível barganha que Ever as forçou a fazer, enquanto sangram seu tempo e os milênios se acumulam nas veias dele. Ele é puro mal, e tem que ser derrotado.

O pai dela está perdido. Mas não posso derrotá-lo sozinha. Preciso da ajuda de Caro. Preciso do poder dela e, então, assim, vou poder criar a arma que vai derrotar o puro mal.

Algum dia, ela vai entender. Tem que entender.

Digo isso a mim mesma enquanto ergo a mão e congelo o tempo ao redor dela, parando-a no meio de uma respiração.

Sinto um calafrio quando os ombros dela ficam imóveis. Seus olhos pausam, entreabertos. Não importa quantas vezes faça isso — estive praticando por semanas e mais semanas, tentando me preparar —, sempre fico enjoada e aterrorizada. Ela não está morta, mas aparenta estar quando eu a viro de costas, sem pulsação ou movimento sob as pálpebras.

Não é tão difícil, agora, abaixar a faca — a lâmina brilhando forte com algo que não lembro o que é — e posicioná-la sobre o peito dela, apoiando-me com a mão esquerda em sua clavícula. Imagino-a como um mapa, as estradas de veias subindo pelos braços, através do peito, até o espaço brilhante em que fica seu coração. Em vez de batidas, Caro emana uma espécie de calor constante, quase flamejante quando está feliz ou furiosa. Posso senti-lo agora

através de sua pele, leve mas presente, como se eu estivesse segurando a palma a alguns centímetros de uma vela.

Aperto os olhos e abaixo a arma. Ainda congelada no tempo, ela não faz nenhum ruído ou movimento enquanto a adaga se afunda entre suas costelas. Mas sei que, se abrisse os olhos, veria músculos e ossos e sangue. E, então, abaixo deles, algo menos humano.

Ali. Puxo a faca de volta, obrigando-me a não pensar no sangue, e chamo seu coração para cima.

Algo encontra meus dedos, erguendo-se dela. É duro e liso como vidro, como uma joia, e o calor que emana dele é quase insuportável. Mas, quando envolvo os dedos ao seu redor, é tão leve quanto ar. O coração de Caro vem com facilidade, como se estivesse sempre esperando apenas que eu o tomasse.

Quando sinto o último fio invisível dele se quebrar do peito dela, finalmente ouso abrir os olhos. O objeto em minhas mãos parece uma gema, um tesouro — mas seu brilho faz todos os diamantes que já vi parecerem um torrão de terra opaca. É brilhante, brilhante demais para ser apenas a refração da luz das tochas em seu corpo vítreo. Não, o coração de Caro verte luz como um coração normal verteria sangue, líquido e tangível, a luz branca preenchendo minhas mãos em concha e…

A luz, o poder em si, derrete-se dourada e vermelha e em cores que não consigo nomear, até que deixa de ser uma coisa sólida em minha mão e se transforma em algo mais parecido com uma criatura — movendo-se, viva, em gavinhas de luz e poder que se entrelaçam em meus dedos. Queimam, mas mal consigo sentir a dor enquanto ele afunda através da minha carne e *entra em mim*, o calor fluindo para o meu corpo e a luz brilhando através da minha pele. Poder. Mais poder que jamais senti, preenchendo meu coração, a minha força e a de Caro entrelaçando-se para criar alguma coisa maior.

Arquejo. Tanto poder flui por mim. É fácil, a coisa mais simples do mundo, curar o ferimento no peito de Caro, costelas e músculos e pele se costurando sem qualquer indicação de que não há nada embaixo. E, em

seguida, faço o sangue ao nosso redor desaparecer, até que não haja mais vermelho no quarto, só preto e prata. Minhas mãos tremem de poder, não de fraqueza, quando viro Caro de lado, como se algo maior do que eu estivesse preso sob minha pele e se contorcendo para sair.

Quando solto o controle sobre as cordas de tempo que a amarram, os ombros dela começam a subir e baixar como se nada tivesse acontecido, embora ela pareça um pouco mais pálida.

Agora, preciso fazer a arma. Um instrumento de puro amor.

Olho para o rosto de Caro e extraio das profundezas a primeira lembrança que tenho dela, um rosto pequeno emergindo do escuro. Ela tomou minha mão e uma centelha passou entre nossas palmas. A primeira vez que nosso poder foi compartilhado. Fechando os olhos, com o coração dela batendo dentro do meu, evoco a lembrança, tornando-a material, como lorde Ever me ensinou a fazer tanto tempo atrás. Imagino que a estou extraindo da minha mente e, portanto, do próprio tempo, como colhi horas, dias e anos para ajudar Caro a trançá-las no sangue.

Quando abro os olhos, consigo ver uma névoa branca e cintilante entremeada com raios. Ergo a faca e a giro, a lembrança agregando-se à lâmina como os fios de uma aranha. Após um momento, ela permeia a superfície do metal, deixando apenas radiância.

Momento após momento, imagem após imagem, memória após memória. Extraio as recordações de nossa amizade. Vinculo todas elas à lâmina brilhante.

Também tomo as lembranças de Caro — as lembranças do pai dela. Uma névoa clara se ergue de seu cenho imóvel e se une às memorias na arma. Imagens lampejam através da minha mente, e não sei se estou vendo uma memória de Caro ou a minha, meus pensamentos desesperadamente se aferrando às coisas preciosas conforme as roubo.

Por fim, quando reviro minha própria mente, não sobrou nada ali exceto sombras, imagens fragmentadas que sinto, mas não entendo.

E, quando olho para Caro, não sinto nada. Sei que ela é minha companheira, que passamos muitas estações aqui, juntas, em conforto. Mas também me lembro do pai dela — que se transformou em seu captor — e de sua ganância, e de como devo ser forte o suficiente para impedi-lo de consumir todas as vidas de Sempera.

— Puro amor — sussurro, apertando a adaga na mão.

***

Lorde Ever está acordado quando entro em seus aposentos, completamente vestido e debruçado sobre sua escrivaninha, uma versão em miniatura do grande laboratório lá embaixo. Pedaços de ferro-sanguíneo brilhantes cobrem o chão ao redor dele.

— Antonia. — Surpreso, ele ergue os olhos, brilhantes e febris. — Por que está acordada? — Contorna a mesa, abrindo a mão para revelar um punhado de joias brutas. — Veja, tempo de crianças. Quem sabe as propriedades que pode conter.

Seus olhos reluzem, cheios de planos e cobiça.

Eu me aproximo dele, segurando a faca às costas, com a boca seca e o coração pesado. Não cedi as minhas lembranças dele, como fiz com aquelas de Caro — não todas. Lembro como ele mandou seus arautos para anunciar aos semperanos que podiam viver para sempre, contanto que visitassem sua propriedade e lhe dessem um pouco do seu sangue. Lembro dos corpos espalhados no assoalho do grande salão, drenados de sangue e de tempo, enquanto Ever ficava entre eles, com um cálice na mão e a cabeça reclinada em exultação à medida que séculos entravam em seu corpo.

Agora ele me dá um olhar estranho, inclinando a cabeça.

— Antonia?

O poder de Caro vibra através de mim, assim como minha própria determinação. A adaga vibra em minha mão.

Ele vai drenar o mundo inteiro para que nós três possamos viver para

Ele vai drenar o mundo inteiro para que nós três possamos viver para sempre.

Não posso deixar isso acontecer.

Ergo a faca e corto seu pescoço. A lâmina chia, e lorde Ever cai morto aos meus pés.

***

Caro me encontra no salão, voltando cambaleante para o nosso quarto, coberta com o sangue do pai dela, a faca presa frouxamente na minha mão. Paramos e nos encaramos, e um pavor terrível toma conta de mim quando vejo a expressão dela. Uma fúria terrível e flamejante.

— O que você fez, Antonia? — sussurra. Sei que pode ver o corpo quebrado de Ever pela porta atrás de mim. A angústia enche seus olhos, mas, quando ela abre a boca, só fala em silêncio: um silêncio engasgado e confuso. Afastando os olhos do cadáver dele, ela leva uma mão ao peito, apertando-o frouxamente, como se tentasse pegar algo que está vazando. — O que você fez comigo?

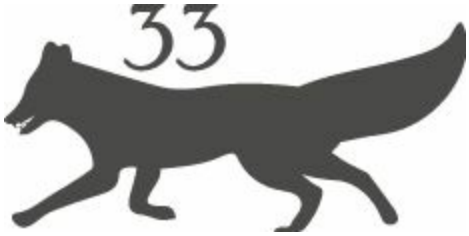
Meus olhos ardem. Meu peito ameaça arrebentar — com o luto, com a magia, com o coração da Feiticeira.

— Você queria meu poder. — A voz dela treme com raiva mal contida. — Você o *tomou*. Como pôde? — Estica os braços como se quisesse me atacar com magia, mas nada acontece além de um leve tremor no ar. Ela bufa, furiosa.

Seu rosto se contorce em uma máscara de ódio e ela corre atrás de mim, com os dedos contorcidos.

Eu me viro e corro.

33



Eu me levanto abruptamente na torre em Everless, gritando.

Caro está parada diante de mim — a adaga enterrada em seu corpo, o terror inscrito em seu rosto. Ao contrário de quando a apunhalei em Shorehaven, o sangue não retorna para ela. Seus olhos reluzem quando ela me encara, com malícia e suspeita e o que acho que é ódio. Mas como poderia deixar ser, dado o que fiz?

Como pude ter esquecido?

Uma arma de puro amor contra o puro mal.

Ofegando, percebo que ainda estou agarrando o cabo da adaga. Tento puxá-la do peito de Caro, mas descubro que não há lâmina. O rubi se dissolveu completamente no que continha: os momentos de nossa amizade, tirados de nossa mente pela Alquimista, por *mim*, logo após eu roubar seu coração.

Os olhos de Caro se fecham, estremecendo sob as pálpebras, como se morrer não fosse nada mais que um sonho.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Em minha primeira vida, criei uma arma vinculada ao amor a fim de destruir o mal — lorde Ever. E agora a usei para matar a filha dele, a Feiticeira.

— Caro. — Minha amiga, minha inimiga. Seu nome escapa dos meus lábios em um sussurro angustiado. Uma dor aguda perfura meu peito, pela

garota que ela era, a amizade que perdemos, a amizade que vinculei a uma lâmina. A garota sorridente, amorosa, viva.

Ela pisca uma, duas vezes. E então vejo o fogo do ódio crescer e arder em seus olhos, junto com a meia-vida que o sustentou. A névoa prateada ao redor dela evapora com um sussurro suave e quente. Quando não há mais rastro dela, Caro tomba para a frente.

O medo me inunda e meu corpo assume o comando, movendo-se automaticamente para segurá-la. Estendo a mão esquerda e ela encontra meu braço, agarra-o e se apoia em mim.

Caio de joelhos com ela. A mão dela voa para o peito. Os rostos estão a centímetros de distância, tão próximos que mesmo através das lágrimas consigo ver, na expressão dela, um sentimento perseguir o outro, como nuvens no céu.

Choque.

Raiva.

Tristeza.

Medo.

— Você o matou, Jules — sussurra. — Você me matou.

Só posso assentir. Ergo a mão ao rosto dela, querendo enxugar lágrimas que ela ainda não chorou. E ela não se encolhe. Levanta a própria mão para cobrir a minha, e sinto a frieza de sua pele. Minha mais antiga companheira. Minha melhor e mais antiga amiga.

— Jules — sussurra ela de novo. — É tão lindo.

Minha garganta arde como fogo.

— O quê, Caro?

Ela olha para o meu peito. Suor escurece meu vestido, mas alguma outra coisa está jorrando da ferida que a lâmina dela deixou sobre meu coração. Luz. Dourada, uma luz quase líquida, cintilante, como o puro tempo que derramei em Everless, mas mais forte. Caro estende a mão e toma um pouco

da luz nos dedos, e a vejo fechá-la dentro do punho enquanto me dou conta da resposta de uma vez, em um estremecimento nauseante.

É o coração dela, quebrando-se do meu, como o selo de magia que o mantinha ali. Finalmente livre.

Meu corpo balança. Nunca foi a morte de Liam que eu tinha que temer, assim como não foi a de Roan nem a de qualquer outra pessoa que Caro tentou matar ao longo de nossas vidas.

Em primeiro e último lugar, sempre, era a morte da minha amiga mais antiga que partiria meu coração.

Ao longo de cada vida, a única coisa que manteve meu coração intacto foi esquecer nossa amizade, removendo-a da minha mente com a mesma facilidade de roubar uma bolsa de ferros-sanguíneos.

Como isso pode ser verdade?

Mas como pode ser diferente? O que mais poderia explicar doze vidas assim, séculos em que meu coração permaneceu inteiro e intacto?

A resposta está aqui: ouço o riso de Caro na clareira; vejo sua mão pegando a minha na floresta; vejo meu coração abrindo-se para ela, minha amiga mais querida, a única que podia me entender, que podia me incentivar e me ajudar a me tornar quem sou.

Minha visão está ficando embaçada, a escuridão rapidamente a invadindo. A coisa mais clara que posso ver é a luz que se derrama do coração dela, espalhando-se em um círculo dourado ao nosso redor. Espalhando-se sem parar, ficando cada vez mais fina, mas nunca menos bela.

Olho para Caro para ver se ela está assistindo — mas seus olhos estão vazios, e percebo que é tarde demais. Ela já se foi.

Epílogo



O que acontece em seguida me vem em lampejos.

Estou jogada sobre as costas de Liam, com a capa de caçador de Ina transformada em uma tipoia improvisada enquanto ele desce o túnel para o cofre. Cada um de seus passos penosos na escada manda uma pontada de dor por meu corpo, e meus membros estão pesados e frios. Mas, através da névoa, posso ver uma luz dourada agarrando-se ao cabelo de Liam, em seus cílios, brincando sobre o nó de seus dedos enquanto ele me carrega.

Estou deitada em uma das mesas de carvalho na cozinha onde passei tantas horas trabalhando depois de voltar a Everless. Um pastiche de rostos meio familiares e altamente preocupados paira sobre mim, e Lora atando meu corpo no lugar de onde o coração de Caro foi arrancado. A luz dourada também os cobre, agarrando-se à sua pele como orvalho, pulando de pessoa para pessoa como algo vivo. Ninguém parece reparar nela.

Alguma coisa está mudando, penso.

Dias depois, estou parada no jardim de verão de Everless, observando um rio de luz dourada fluir pelos portões. Não sei o que significa — só que, quando cortei minha palma numa visita a um credor de tempo de Laista, tudo que saiu foi sangue; as chamas e os frascos não produziram nada. Liam visitou o cofre de Everless e encontrou metade do ferro-sanguíneo ali transformado em pó. Pergunto-me se, em breve, todas as pessoas do reino serão como

Elias, não vinculado, conforme a magia recua de Sempera como as marés da praia. Se, agora que a Feiticeira se foi e o elo entre mim e ela foi quebrado, o ferro-sanguíneo também vai esvanecer.

É aqui que finalmente conto a Liam o que aconteceu na torre do cofre de Everless. Sobre como vi a luz deixar os olhos de Caro antes que o coração pudesse enterrar-se de volta no peito dela, o que há tanto tempo desejava.

Quando Ina e Elias voltaram juntos para Everless, fez sentido: a coragem dele, o fogo dela. Minha irmã supervisionou o enterro de Caro, concordando com o meu pedido de que ela não fosse enterrada no cemitério Gerling, mas no jardim mais interno de Everless, onde cresce a amada planta da Feiticeira, azevinho-de-gelo. Liam me ajudou a reservar um canto para ela, longe dos caminhos onde os nobres perambulam. Um lugar aonde posso ir todos os dias, se quiser, para refletir ou chorar ou conversar. Estamos no o auge do verão agora, mas o azevinho-de-gelo já cresce em seu túmulo.

Eu conto a ela o que está acontecendo no mundo, tudo que nunca tive a chance de contar, tanto o lado bom quanto o mau, a respeito da jornada que me trouxe de volta para ela.

Quando acordei chorando pela perda da minha amiga, Liam só me puxou para si, envolvendo o corpo no meu, com cuidado para não tirar do lugar as ataduras envolvendo meu peito onde o coração da Feiticeira me deixou. Sussurrou no meu ouvido que ficaria tudo bem, claro que ficaria, enquanto lágrimas pingavam da ponta do meu nariz.

Acreditei nele naquele dia, e em todos os dias que vieram depois, porque nada mais permaneceu não dito entre nós. Nenhuma meia verdade nem mentira nos separa.

Exceto por uma.

***

Ina é a única pessoa que entenderia. Um dia, confesso a ela.

Conto durante uma das nossas longas caminhadas pelos jardins, a

Conto durante uma das nossas longas caminhadas pelos jardins e gramados de Everless e para fora dos muros da propriedade, até Laista, os bosques e além. Geralmente mais escuto do que falo nesses passeios, tentando ajudar enquanto Ina me explica os problemas de Sempera — dinheiro, inquietação popular, transformações. Não a invejo por esses dilemas, nem ela inveja os meus.

Então conto a verdade à minha irmã, o que não contei a Liam — que, no dia na torre, Caro tomou um pouco da luz do seu coração nas palmas enquanto sua respiração diminuía. Que eu sei, com toda a certeza, que ela a engoliu, e que morreu com um sorriso sagaz nos lábios. Que isso me lembrou de como, em outra vida, eu engoli as pedras do coração dela.

Que há modos de desafiar a morte, de retornar.

Modos para mim e para ela, e apenas nós. Porque somos diferentes.

Pelo menos, éramos.

Algo em mim — aquela parte que não teme mais ter esperança — sussurra que preciso esperar para ver. Que, algum dia, talvez consiga falar com minha amiga mais antiga de novo e tudo será diferente.

Algum dia não carrega o peso que já carregou, quando todo dia era conquistado a duras penas. Minha vida se estende à minha frente, como a luz do sol na água. *Eu* estou me curando. Com segurança, com paz, com Liam e Ina ao meu lado — não olho para o futuro com terror, mas com esperança.

Tenho um futuro. Não é infinito, mas é suficiente.

Agradecimentos



A existência deste livro se deve a uma série de pessoas cujo amor, trabalho duro e dedicação estão gravados de maneira invisível em suas páginas. Devo um agradecimento enorme às seguintes pessoas:

À equipe incrível da Glasstown Entertainment, no passado e no presente: Lauren Oliver, Rhoda Belleza, Kamilla Benko, Tara Sonin, Adam Silvera, Kat Cho, Diana Sousa e Lexa Hillyer, que é sempre sábia e perceptiva sobre o panorama geral; Emily Berge, minha guia destemida no mundo selvagem das mídias sociais; e, em especial, Alexa Wejko. Alexa, com o risco de soar como um disco riscado, este livro devia trazer seu nome também. Você é a melhor!

À genial e paciente Erica Sussman, cujas notas de comemoração e surpresa nas margens me mantiveram escrevendo durante os piores bloqueios; às superestrelas da publicidade, Olivia Russa, Sabrina Abballe e Ebony LaDelle, por despejar tanto amor nestes livros; e a toda a equipe da Harper Teen, que trabalhou para apresentar Jules e companhia para o mundo.

À minha equipe incansável na InkWell Management: Stephen, Lyndsey e Claire, por trazerem *Everless* e *Evermore* ao mundo — nunca vou parar de me espantar pensando sobre todos os lugares em que esta história chegou!

Às pessoas maravilhas da Orchard Books: Jess Tarrant, Stephanie Allen, Naomi Berwin e Nicola Goode; da Blossom Books: Myrthe Spiteri e Lotte

Dijkstra; e a todos os editores pelo mundo que ainda não tive o privilégio de conhecer, mas espero conhecer um dia em breve.

A Jenna Stempel-Lobell e Billelis por duas capas incríveis.

Às minhas primeiras leitoras betas: Korinne S., Kaitie C., Katelyn G. e Megan M., cujas sugestões e incentivos me ajudaram a criar *Evermore*. Espero conhecê-las pessoalmente um dia!

A todos os meus amigos: Patrice, Laura, Sarah, Kit, Mark, Jeffrey, Jeremy, Cristina, Arvin, Kheryn, Lauren, Emily e outros. Fico encantada com vocês todos os dias, e sua amizade e apoio significam muito para mim.

À minha família: mãe, pai, Rachel, Bem e Hannah, meus primeiros e melhores fãs. E a Henry — sabia que você é o meu preferido?

E acima de tudo, a você, leitor. É você quem torna isso real.

Sobre a autora



©Sub/Urban Photography

SARA HOLLAND cresceu em uma cidade pequena de Minnesota em meio a centenas de livros. Graduou-se na Wesleyan University e já trabalhou em uma loja de chá, em um consultório odontológico e na administração pública antes de ir para Nova Iorque e se dedicar à literatura. Atualmente, pode ser vista explorando livrarias da cidade ou buscando novas maneiras de colocar cafeína em sua corrente sanguínea. *Everless* é seu livro de estreia.

Copyright © 2019 by Glasstown Entertainment, LLC
Edição original publicada em 2019 por HarperTeen, um selo da HarperCollins Publishers.
Edição brasileira publicada mediante acordo com Glasstown Entertainment, LLC e Inkwell Management LLC.

Título original em inglês: EVERMORE

Direção editorial: VICTOR GOMES
Coordenação editorial: ALINE GRAÇA
Tradução: ISADORA PROSPERO
Preparação: MARINA CONSTANTINO
Revisão: TÁSSIA CARVALHO
Adaptação de capa e projeto gráfico: EDUARDO KENJI IHA
Diagramação: VANESSA S. MARINE e EDUARDO KENJI IHA
Diagramação para ebook: CALIL MELLO SERVIÇOS EDITORIAIS
Imagens de miolo: © USPLASH, © VECTEEZY e © FLATICON

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. NOMES, PERSONAGENS, LUGARES, ORGANIZAÇÕES E SITUAÇÕES SÃO PRODUTOS DA IMAGINAÇÃO DO AUTOR OU USADOS COMO FICÇÃO. QUALQUER SEMELHANÇA COM FATOS REAIS É MERA COINCIDÊNCIA.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTES, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS. OS DIREITOS MORAIS DO AUTOR FORAM CONTEMPLADOS.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

H734e Holland, Sara
Evermore : prisioneiros do tempo e do sangue / Sara Holland; Tradução Isadora Prospero. – São Paulo: Editora Morro Branco, 2022.
p. 352; 14x21cm.

ISBN: 978-65-86015-50-8

1. Literatura infanto-juvenil americana – Romance. 2. Ficção Young Adult. I. Prospero, Isadora. II. Título.
CDD 813

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À:



EDITORA MORRO BRANCO
Alameda Santos, 1357, 8º andar
01419-908 – São Paulo, SP – Brasil
Telefone (11) 3373-8168
www.editoramorrobranco.com.br
Produzido no Brasil
2022



MORROBRANCO

EDITORA